

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Rosalinda Carneiro de Oliveira Ritti

*"A gente cria todo dia! A gente cria vida!"
Pesquisar com mulheres mães na periferia*

Juiz de Fora

2015

Rosalinda Carneiro de Oliveira Ritti

*"A gente cria todo dia! A gente cria vida!"
Pesquisar com mulheres mães na periferia*

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora como um dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Educação Brasileira: gestão e práticas pedagógicas.

Linha de Pesquisa: Linguagem, Conhecimento e Formação de Professores.

Orientador: Prof. Dr. Anderson Ferrari

Juiz de Fora

2015

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Ritti, Rosalinda Carneiro de Oliveira.

"A gente cria todo dia! A gente cria vida!" : Pesquisar com mulheres mães na periferia / Rosalinda Carneiro de Oliveira Ritti. -- 2015.

285 f.

Orientador: Anderson Ferrari

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2015.

1. Subjetividades. 2. Mulheres. 3. Mães. 4. Periferia. 5. Experiência. I. Ferrari, Anderson, orient. II. Título.

Rosalinda Carneiro de Oliveira Ritti

*"A gente cria todo dia! A gente cria vida!"
Pesquisar com mulheres mães na periferia*

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Anderson Ferrari
Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Prof. Dr. Márcio Fagundes Alves
Faculdade Metodista Granbery

Prof. Dr. Marcos Lopes de Souza
Universidade Estadual do Sudeste da Bahia - UESB

Prof^ª. Dr^ª. Margareth Aparecida Sacramento Rotondo
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Prof. Dr. Pedro Benjamim Carvalho Silva Garcia
Universidade Católica de Petrópolis - UCP

Prof. Dr. Roney Polato de Castro
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Juiz de Fora, 02 de outubro de 2015

*À Januária, Vânia, Ana, Jane e a
todas as mulheres que, como elas, têm
tantas histórias p'ra contar.*

*Ao meu esposo, Haroldo. Aos filhos,
Gabriel e Lucas, e à filha, Julia.*

À minha mãe, Irene.

AGRADECIMENTOS

Ao meu esposo, Haroldo, querido companheiro de vida, com quem divido sonhos, projetos, alegrias e dores, repouso e cansaço. Você faz toda a diferença. Te amo!

Aos meus filhos Gabriel e Lucas e à minha filha Julia. Em vocês se encontra toda a minha riqueza. Quantas coisas deixamos de fazer para que este momento pudesse acontecer! Amo vocês!

À minha mãe, Irene e ao meu pai, Aldemar, presenças fortes e a quem devo a oportunidade desta vida.

Ao Prof. Anderson Ferrari, orientador querido, que se dispôs a dividir comigo esta experiência transformadora. Sempre impulsionando, potencializando, provocando, esperando e confiando, dando as condições para que a pesquisa se fizesse de forma suave e prazerosa. Aprendi muito com você! Obrigada!

Aos amigos e amigas do GESED (Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade) com quem dividi minhas dúvidas e angústias e de quem sempre recebi incentivos, sugestões e amizade. Especialmente, agradeço a Zaine, Filipe, Roney, Cláudio, Claudete, Jairo, Nathalye, Vitória, Bruna, Marlus, Thiago, Gláucia e Michele que, carinhosamente, se disponibilizaram a fazer parte das “pré-bancas”, fazendo leitura atenciosa e trazendo contribuições importantes para o meu trabalho.

Às professoras Maria Simone Vione Schwengber e Margareth Aparecida Rotondo Sacramento e aos professores Roney Polato de Castro e Marcos Lopes de Souza pelas observações e sugestões que muito contribuíram para minha pesquisa. Obrigada por comporem as bancas de qualificação e por estarem presentes neste momento final.

Ao professor Pedro Benjamim Garcia, que desde o Mestrado, como meu orientador, tem sido inspirador em meus caminhos pelas pesquisas e agora traz sua presença e suas contribuições para a defesa da tese. Obrigada pelo carinho de sempre!

À professora Sônia Maria Clareto e ao professor Márcio Fagundes Alves, por também ajudarem a compor este momento.

Aos amigos e amigas da disciplina Filosofias da diferença e do grupo de Estudos Foucaultianos pelo grande contributo ao meu pensamento. Em especial às professoras Sônia Maria Clareto, Margareth Rotondo e ao professor Tiago Adão Lara. Foram potentes os encontros!

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora por compartilharem conhecimentos e experiências.

Aos/às funcionários/as e bolsistas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora por se mostrarem sempre solícitos/as às minhas necessidades.

Aos companheiros e companheiras de trabalho do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora, por torcerem por mim e me auxiliarem nos vários momentos em que necessitei.

Às moradoras e moradores do bairro onde se realizou a pesquisa. Obrigada por estarem sempre abertas/os à minha presença. Obrigada pelo carinho e generosidade.

A todas as companheiras e companheiros de trabalho na Instituição Espírita que, confiando no meu trabalho, cederam tempo e espaço para que ele se realizasse. Em especial, à Ana Paula Pontes de Castro, que esteve presente, dando seu apoio, em alguns encontros da pesquisa.

À Universidade Federal de Juiz de Fora, instituição em que trabalho e que abriga o Programa de Pós-Graduação a que me vinculo.

À Januária, Vânia, Ana e Jane, mulheres lindas que surgiram em minha vida e generosamente se dispuseram a me acompanhar nesta experiência. Obrigada pela confiança e por me ajudarem a pensar diferente do que eu pensava e a ser outra de mim mesma.

A todos/as os/as familiares pelo carinho e compreensão.

Aos amigos e amigas sempre presentes. Tantos são os nomes! Não cabem aqui!

A Deus, Movimentos, Fluxos, Energias, Vidas, Criações...

*Quando escrevo, não escrevo só!
Escrevo com outras escritas,
Outras falas,
Outras mãos,
Outros pensamentos,
Amigas,
Amigos,
Com choros e risos
Escutas,
Olhares,
Escrever é desenhar palavras
Que vibram na alma e “paisageiam” o mundo
E escrevem o mundo,
E eu, junto dele.
Por isso sou grata a todas e todos que me passam
E tornam possível a minha escrita!*

Rosinha

Mulheres na periferia ou a arte de dizer sim à vida

Primeiro ato:

Ante o espetáculo cotidiano do não, ante a constante chamada de nomes que se apresentam ou se ausentam elas se multiplicam em um imenso colar que se difunde e se estende em círculo girando ao compasso do sim que se extingue e se reproduz na teimosia do existir.

Segundo ato:

Querem destituí-las dos bens terrestres com seus enredos tortuosos em fotos que retratam pés que contornam abismos cotidianos; saltos no escuro à improvável sobrevivência; água que goteja; carne que se exaure e não se consome; feijão pálido; fome que tudo engole sem alimentar.

Ato final:

Mas não conseguem destituí-las do dom da vida posta na cadeia do sim que a todo instante renasce em improváveis recantos ante o choro inaugural que anuncia a alegria dançarina do existir.

Pedro Garcia

RESUMO

"A gente cria todo dia! A gente cria vida!"

Pesquisar com mulheres mães na periferia

Somos todas mulheres e mães. Em nossos encontros, conversamos, rimos, nos emocionamos, nos divertimos, discutimos coisas sérias, passeamos, cozinhamos... convivemos! Elas me falaram de suas vidas, contaram suas histórias. Às vezes, eu falei de mim, contando, também, um pouco do que tenho como história. Convivendo, observamos umas às outras. Fomos nos conhecendo... e nos transformando. Então, construímos algo juntas a partir de nossas experiências, alguma coisa que escrevo e que chamo de tese e para a qual contei com outras pessoas que me ajudaram a produzir um pensamento do que experienciei nesta pesquisa. Foucault, Guacira, Joan Scott, Judith Butler, Margareth Rago, Tomaz Tadeu, Veiga-Neto, Stuart Hall, Silvio Gallo, Dagmar Meyer, Jorge Larrosa... São muitas as pessoas que me inspiraram – e ainda inspiram. Autoras e autores do Pós-estruturalismo, dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais, sem, contudo, desprezar outras linhas de pensamento que também me ajudaram e ajudam. Meu campo foi um bairro na periferia de Juiz de Fora. Minha atenção voltou-se para discursos e representações produtores de sentidos e significados que forjam identidades e constituem as subjetividades das mulheres mães que vivem ali. Nesse processo, busquei responder à questão: “Como vão se constituindo as subjetividades de mulheres mães na periferia?”. Acredito que a educação não se faça só nos bancos da escola. Ela se dá em todos os lugares, está na cultura que forma os homens e as mulheres no mundo. Acredito também na importância de procurar diversas instâncias culturais para podermos pensar a Educação, problematizar a ordem posta, compor novas formas de viver. É com esse olhar, junto a todas essas pessoas e por esses caminhos, que segui pesquisando, sem planos fechados, buscando mudar, em primeiro lugar, a mim mesma. As produções foram se dando e, neste texto, as entrego entendendo-as como inconclusas pela falta de possibilidades de haver qualquer conclusão. Aqui, trago histórias de mulheres que lutam por suas construções a cada dia, em meio a um contexto que ainda impõe regras árduas para as relações. Regras que se mostram herdeiras de uma estrutura de poder em que os homens são privilegiados em relação às mulheres, produzindo desigualdades que se potencializam quando atravessadas por questões de raça e classe social. A pesquisa deu visibilidade a subjetividades que se constituem de maneiras distintas, rompendo, resistindo e também aderindo a discursos e representações que já vêm sendo problematizados por movimentos diversos que tentam desconstruí-los. Contudo, diante de paradoxos e muitas lutas, produz-se um estilo de vida em que as mulheres se destacam como aquelas que se ajudam e “tocam” o bairro em que vivem. Não trouxe desta pesquisa a consolidação de um tipo de feminilidade ou maternidade único e hermético. Ao contrário, o que se apresentou aponta para multiplicidades. A periferia é lugar de muitas formas de vida. Vidas que se criam todos os dias.

Palavras-chave: Subjetividades. Mulheres. Mães. Periferia. Experiência.

RÉSUMÉ

" On créé tous les jours! On créé la vie !"

Recherche réalisée avec les femmes mères vivant dans la banlieue

Nous sommes toutes des femmes et des mères. Lors de nos rencontres, on discute, on rit, on s'émeut, on s'amuse, on parle de choses sérieuses, on se promène, on cuisine... on vit ensemble ! Elles m'ont parlé de leurs vies, elles m'ont raconté leurs histoires. Il m'est arrivé de parler de moi, de raconter aussi un peu de mon histoire. En vivant ensemble, on s'est observé les unes les autres. On a fait connaissance peu à peu... et on a changé. Alors, nous avons construit quelque chose ensemble, à partir de nos expériences, quelque chose que je mets par écrit, que j'appelle thèse et pour laquelle j'ai pu compter sur le soutien d'autres personnes qui m'ont aidé à produire une pensée que j'ai pu expérimenter tout au long de cette recherche. Foucault, Guacira, Joan Scott, Judith Butler, Margareth Rago, Tomaz Tadeu, Veiga-Neto, Stuart Hall, Silvio Gallo, Dagmar Meyer, Jorge Larrosa... Nombreuses sont les personnes qui m'ont inspirée – et qui m'inspirent toujours. Autant d'auteurs et d'auteurs du post-structuralisme, des études de genre et des études culturelles, mais sans jamais mépriser d'autres courants de pensée, qui m'ont aidé et qui m'aident toujours. J'ai choisi un quartier situé dans la banlieue de Juiz de Fora comme champ de recherche. Mon intérêt s'est porté sur les représentations et les discours générateurs de sens et de significations forgeant des identités et constituant les subjectivités des femmes mères qui y vivent. Tout au long de cette démarche, j'ai cherché à répondre la question suivante: "Comment se constituent au fil du temps les subjectivités des femmes mères qui vivent dans la banlieue?". Je suis de l'avis que l'éducation ne se fait pas qu'à l'école. Elle a lieu partout, elle est présente dans la culture qui forme les hommes et les femmes du monde entier. Je crois également à l'importance d'engager plusieurs acteurs culturels dans la démarche de réflexion sur l'éducation, de problématiser l'ordre établi, ainsi que de composer de nouvelles formes de vie. C'est avec ce regard, par ces voies et avec ces gens que j'ai réalisé mes recherches, sans projets arrêtés, tout en cherchant à me changer, à moi, avant tout. Les résultats se sont produits peu à peu et je les présente dans le présent texte, tout en le comprenant d'ores et déjà comme des résultats non concluant, de par l'impossibilité d'arriver à une conclusion. Je présente ici des histoires de femmes qui luttent pour leurs constructions quotidiennes, dans un contexte qui impose encore aux rapports des règles rudes. Des règles qui s'avèrent héritières d'une structure de pouvoir dans laquelle les hommes sont privilégiés au détriment des femmes, générant ainsi des inégalités qui sont davantage intensifiées, lorsque interviennent des préjugés de race et de classe sociale. La présente recherche a rendu visibles les subjectivités qui se constituent de multiples façons, à travers la rupture, la résistance, mais aussi l'adhésion à des discours et à des représentations qui se voient déjà menacés de déconstruction par la mise en question de la part de mouvements divers. Cependant, face aux paradoxes et aux combats multiples, les femmes vivant dans la banlieue produisent un mode de vie propre, basé sur l'entraide et sur la gestion quotidienne de la vie dans le quartier dans lequel elles vivent. Cette recherche ne vise pas à établir la consolidation d'un type de féminité ou de maternité unique et hermétique. Bien au contraire, ses résultats orientent plutôt vers des multiplicités. La banlieue est l'espace de plusieurs formes de vie. De vies qui se créent chaque jour.

Mots-clés : Subjectivités. Femmes Mères. Banlieue. Expérience.

ABSTRACT

"We create every day! We create life!"
Research with women-mothers in the periphery

We are all women and mothers. In our meetings, we talk, we laugh, we get excited, we have fun, we discuss serious things, we walk around, we cook ... we live together! They told me about their lives, told their histories. Sometimes I talked about myself, telling, also, a bit about my history. Living together, we have observed each other. We knew about one another ... and we have transformed ourselves. So, we built something together from our experiences, something that I write and what I call the thesis and for which I relied on others who helped me producing a thought of what I experienced on this research. Foucault, Guacira, Joan Scott, Judith Butler, Margareth Rago, Tomaz Tadeu, Veiga-Neto, Stuart Hall, Silvio Gallo, Dagmar Meyer, Jorge Larrosa ... There are many people who inspired me - and have still been inspiring me. Authors from the Post-structuralism, the Gender Studies and Cultural Studies, without, however, despising other lines of thought that also helped and help me. My field has been a neighborhood on the periphery of Juiz de Fora. My attention turned to discourses and representations that produce the senses and meanings that create identities and shape subjectivities of women-mothers who live there. In the process, I sought to answer the question: "How will the subjectivities of women-mothers in the periphery be constituted?". I believe that education does not only happen on school benches. It happens everywhere, it is culture that shape men and women in the world. I also believe in the importance of seeking various cultural bodies in order to think Education, problematize the order placed, compose new ways of living. It is with this look, together with all these people and through these paths that I followed researching without close-ups, seeking change, first of all, on myself. The productions became and, in this text, I give them understanding that they are inconclusive by the lack of possibilities of having any conclusion. Here, I bring stories of women who fight for their constructions every day, in a context that still imposes tough rules for relations. Rules that come, as heiresses, from a powerful structure in which men are privileged over women, producing inequalities that are enhanced when crossed by issues of race and social class. The survey gave visibility to subjectivities that are constituted in different ways, breaking, resisting and also adhering to discourses and representations that have already become problems by many movements that try to deconstruct them. However, facing paradoxes and many struggles, it is produced a lifestyle in which women stand out as those who help themselves and manage the neighborhood in which they live. I have not brought from the research the consolidation of a kind of femininity or motherhood unique and hermetic. Rather, what is presented has been pluralities. The periphery is the place of many life forms. Lives which have been created every day.

Keywords: Subjectivities. Women-mothers. Periphery. Experience.

PARA LER O TEXTO

- ✓ *Utilizo esta formatação para apresentar anotações do meu diário de campo.*
- ✓ *Utilizo esta formatação para apresentar as falas.*
 - ✓ *Quando oriundas de transcrições diretas (a partir de gravações em áudio ou vídeo), as falas virão entre aspas;*
 - ✓ *Quando oriundas de anotações feitas através de recordações minhas não apresentarão as aspas. Nesses momentos, procurarei usar do máximo de fidelidade possível.*
- ✓ *Nas falas utilizo os seguintes símbolos para as condições apresentadas:*
 - [...] corte na fala feito por mim;*
 - (*) fala inaudível ou incompreensível;*
 - ... tom de continuidade ou fala interrompida por outra pessoa;*
 - [] informações sobre o contexto. Por exemplo, [risos]*
- ✓ *O que aqui omito, com algumas exceções estéticas, segue as normas da ABNT postas para trabalhos acadêmicos.*

SUMÁRIO

P'ra começar!.....	13
Constituições: a pesquisadora, o campo, a questão	19
Era uma vez... ..	20
Um encontro com Foucault	25
E nasce uma pesquisa	27
Voltando à periferia e sobre as estradas percorridas	29
Na aventura da pesquisa	37
Angústia.....	39
Mudanças à vista	40
Outras coisas vão acontecendo	44
Na orientação toma-se um rumo.....	46
Minha questão: a mesma e tão diferente?!... ..	50
Algum objetivo?	52
Linhas, desvios, curvas, abismos... rigor, tudo junto: os caminhos da pesquisa e quem vem comigo	54
Os caminhos da pesquisa.....	56
...Quem vem comigo?.....	70
As mulheres, por elas mesmas!	76
Trabalhando a questão da pesquisa	86
Subjetividades: discursos, poder e relações consigo	86
Um pouco sobre discursos e poder	89
As relações consigo na constituição das subjetividades	95
No primeiro encontro, uma pergunta: o que é ser mulher?	100
Quando gênero, raça e classe se atravessam.....	108
Em meio a identidades e diferenças	119
Mulheres negras e pobres: os atravessamentos	127

Mas, resistir é possível!	132
... E agora, as mães!	135
Instinto é quando todo mundo faz tudo igual	138
Construções múltiplas na História.....	140
Do instinto ao amor materno	143
Como podemos pensar o presente?	146
Múltiplas mães na periferia	148
Presenças	154
<i>“As mães da gente fazem muita coisa com a gente”</i> : elas, as mães, as filhas	156
<i>“Os erros dela são meus acertos, hoje... e muitas das vezes os erros dela são meus erros de hoje “</i> : Capturas e resistências – Repetições e tentativas de se romper com o que marcou e doeu	168
<i>“Meu pai? Ah...”</i> : Elas e os pais	177
<i>“No meu caso, eu não tive esse pai!”</i> : Na ausência paterna, alguns desdobramentos....	191
<i>“Sempre cuidei do meu irmão”</i> : pensando as relações com irmãos e irmãs.....	197
Elas e eles	207
No trabalho	232
Entre elas	244
<i>“A gente cria todo dia, a gente cria vida!”</i>	259
Não chegando ao fim.....	263
Referências	272
Apêndices	280

P'ra começar!

O texto que se segue é uma produção realizada em minha pesquisa de doutorado junto a muitas anotações, gravações, transcrições, e memórias que às vezes saltavam para o papel e iam compondo isto que chamamos de tese.

Logo no início do doutorado, fui provocada, junto a outras/os amiga/os, mestranda/os e doutoranda/os, a escrever *textosexperiência*¹, textos em que a experiência aparecesse. Mas o que é experiência no contexto epistemológico em que caminho? A história nos oferece vários usos para o termo experiência (SCOTT, 1998), entre eles, um muito comum é a experiência como experimento, observação de processos repetitivos ou sequências de testes para se chegar a uma conclusão que seja a mais universal possível. Esta é a base para o método indutivo, tão utilizado pelas ciências positivas. Mas não será este o sentido que teremos com e nesta pesquisa. Larrosa (2002a, 2004, 2014) nos diz da experiência como aquilo que nos atravessa e nos forma e transforma, nos torna outra/o. “São as experiências que concretizam as subjetividades e que dão vida aos processos de subjetivação” (FERRARI, 2010a, p.10). A experiência me faz ser o que sou, mas, também, faz com que deixe de ser o que sou para ser outra, pela força que tem de me transformar. A experiência subjetiva e dessubjetiva, faz o sujeito se desprender de si mesmo de maneira que já não seja mais o sujeito como tal, mas um outro de si mesmo (FOUCAULT, 2009b). Assumindo tal perspectiva e voltando à provocação do início do doutorado, um *textosexperiência* precisaria ser um texto que nos transformasse, concretizasse algo em nós. Foi aí que começamos a navegar, todas/os nós, orientandas/os do Prof. Anderson Ferrari, nas águas da *pesquisaexperiência* e no desafio de escrever *tesesexperiência*.

Entrando na pesquisa, quando a experiência se daria? Nas leituras? No campo? Na escrita? Nas orientações? ... Seria certo que ela acontecesse? Não! Não seria certo que ela acontecesse. Aliás, a experiência não acontece, mas *nos* acontece. “Não se faz a experiência, mas se sofre” (LARROSA, 2014, p.68). E isto é difícil. “A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece [...] a experiência é cada vez mais rara” (LARROSA, 2004, p. 116). E, pensando com Larrosa, não nos acontece porque andamos

¹ E a grafia é propositalmente esta, *textosexperiência*. Da mesma forma, mais à frente se encontram os termos *pesquisaexperiência* e *tesesexperiência*. “Isso se faz a partir da compreensão de que não é possível me referir a eles em separado, muito menos ligados por um hífen. São termos mutuamente implicados que dizem de processos vividos em relação de mútua constituição. Quando ‘ajuntados’ possibilitam, inclusive, criar vocabulário, produzir sentidos, construir linguagens para a pesquisa. Inclui-se aqui também a tentativa de desconstruir algumas oposições binárias, tais como experiência e pesquisa, [...]”. (CASTRO, 2014, p.16)

apressados, queremos saber muitas coisas, queremos dar nossas opiniões em tudo o que há. A experiência precisa de nosso tempo e de nossa passividade para que possa nos afetar. Para que algo nos aconteça, precisamos estar abertos e atentos. E esse algo que nos acontece, não tem hora prevista ou marcada, não é, portanto, programável ou controlável por nós. Não podemos precisar o momento da experiência. “[...] o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar” (LARROSA, 2004, p.123). Por isso, além de tempo, precisamos de espaço para que a experiência nos aconteça. Aventurar-se em pesquisar e escrever na perspectiva da experiência como colocada aqui, exige de nós um bocado de posturas: ouvir mais, calar mais, ter paciência e lentidão, cultivar a atenção e a delicadeza, cultivar a arte do encontro, parar para pensar, olhar e escutar, demorar-se nesses gestos, como nos inspira Larrosa (2004). Quem sabe, assim, ela nos aconteça? Estremeça algo em nós? Nos tire do lugar? Nos transforme?

Mas será que esta é uma aventura só para quem pesquisa? Será que somente eu, enquanto pesquisadora, poderei passar por experiências assim? Desconfio que não. Outras pessoas se aventuraram comigo. Mulheres que também estiveram atentas, na escuta, abertas, disponíveis, sensíveis, expostas e, dessa forma, puderam receber as experiências da pesquisa em toda sua singularidade. Não posso precisar em que momento isto se deu, mas suspeito que tenha se dado. E de formas variadas para cada uma delas. A experiência é singular, irrepetível, não transmissível, não identificável. “A experiência é sempre do que não se sabe, do que não se pode, do que não se quer, do que não depende de nosso saber nem de nossa vontade” (LARROSA, 2014, p. 69). Por isso, falo em suspeitas e desconfianças, e não em certezas.

Nossas pesquisas são, assim, movidas por uma curiosidade, “não aquela que busca se assimilar ao que convém conhecer, mas a que permite desprender-se de si mesmo” (FOUCAULT, 2012a, p.191), aquela que, para além da produção de conhecimentos, busca produzir algo diferente em nós mesmas/os, na nossa forma de pensar, perceber... agir, podendo, ainda, afetar aquelas/es que topam se aventurar conosco. “Se a experiência é, de algum modo, singular, contextual, irrepetível, a *pesquisaexperiência* é de alguém, atravessado/a pelas questões da pesquisa” (CASTRO, 2014, p.23). Apostamos que, nas pesquisas, somos afetadas/os, atravessadas/os, transformadas/os... nos constituímos.

Importante, ainda, é atentar para a linguagem da *pesquisaexperiência*. Inspirada pelas leituras de Larrosa (2014), assumo a pesquisa como um *falar com* os sujeitos que nela se envolvem, quero dizer, as mulheres na periferia, mas também, autores e autoras e demais pessoas que me inspiram na produção do meu texto. É, ainda, um *falar com* você, leitor ou leitora, que entrará nesta leitura podendo também se abrir, se expor e ser afetado/a

por ela. Um *falar com* implica no abandono de verdades e certezas que se generalizam e abarcam a realidade tentando explicá-la a partir de uma posição de autoridade ou assumindo linguagens homogeneizantes e totalizadoras. Um *falar com* é uma composição. É, ao mesmo tempo, admitir a linguagem em sua fragilidade e insegurança e arriscar-se a um dizer na primeira pessoa, falando a partir de mim mesma, colocando-me no jogo do que penso/falo/escrevo e me dirigindo a você, que passa, então a fazer parte deste jogo. E isto é um convite! Sinta-se, então, convidada/o! E que alguma experiência possa se dar!



Organizei este trabalho em dois movimentos. No primeiro, procuro mostrar os caminhos percorridos para a definição do tema investigado e trago leituras baseadas nas perspectivas foucaultianas e pós-estruturalistas, dos Estudos de Gênero e Estudos Culturais entre outras que me ajudam a pensar. Ao fazer isso, procurei dialogar com o meu campo, buscando acontecimentos, conversas e observações realizadas na pesquisa. É um texto que vai nascendo de uma certa forma de indagar provocada por aquela curiosidade que busca a minha própria transformação (FOUCAULT, 2012a, p.191). É assim que já começo aproximando-me de Foucault, assumindo algumas de suas palavras, tornando-as minhas também; buscando seus conceitos, seus pensamentos, apropriando-me deles num misto de fidelidade e infidelidade que movimentam as forças que me subjetivam.

Organizei este primeiro movimento em três momentos distintos:

Constituições: a pesquisadora, o campo, a questão
Linhas, desvios, curvas, abismos... rigor, tudo junto: os caminhos da pesquisa e quem vem comigo
Trabalhando a questão da pesquisa

Em *Constituições: a pesquisadora, o campo, a questão*, são muitos anos de minha vida que estão em jogo. Traço a trajetória que inclui desde o meu primeiro contato com a periferia até a formulação da questão de pesquisa: “**Como vão se constituindo as subjetividades de mulheres mães na periferia?**” É um texto em que trago muito de mim, de minhas dúvidas, angústias, meus conflitos, encontros e desencontros, de minhas transformações num caminho já trilhado, mas que está presente naquilo que tenho sido. Falo de Foucault e do Espiritismo, religião que adoto, não sem críticas; falo das mudanças com as quais tive que lidar e dos meus objetivos ao me envolver nesta pesquisa. Essas são condições importantes para uma pesquisa que se pretende experiência já que dizem de constituições que

se fizeram e ainda estão em fluxo, narram o já vivido e se constituem também, enquanto narrativas, em uma nova experiência, fazendo parte, portanto, do meu processo de (des)subjetivação (LARROSA, 2002b; RAGO, 2013).

Em *Linhas, desvios, curvas, abismos... rigor, tudo junto: os caminhos da pesquisa e quem vem comigo*, discuto a minha forma de pesquisar e apresento as perspectivas teórico metodológicas que a provocam e possibilitam pensar os temas de minhas investigações. É aqui que apresento as mulheres com as quais pesquisei, entendendo que elas, junto com autores e autoras, também são minhas companheiras nesta jornada.

A seguir, em *Trabalhando a questão da pesquisa*, discuto as palavras que compõem a questão investigada – “**Como vão se constituindo as subjetividades de mulheres mães na periferia?**” – no intuito de trabalhá-las tanto uma a uma quanto em conjunto. Primeiramente ocupo-me das palavras “**como**” “**vão se constituindo**” “**as subjetividades**”. Trago a concepção foucaultiana de constituição de sujeitos discorrendo um pouco sobre a subjetivação pelo saber, pelo poder e pelas relações do indivíduo consigo mesmo, os momentos tratados como Arqueologia, Genealogia e Ética, em Foucault. Em seguida, trabalho minhas principais categorias de análise – gênero, raça e classe – trazendo-as para os campos social e cultural e defendendo a ideia de que esses conceitos se atravessam na formação dos sujeitos. Aqui, as palavras “**mulheres**” e “**periferia**”, que também compõem a minha questão, são pensadas. Finalmente, trabalho a palavra que resta dessa questão de pesquisa, “**mãe**”, discutindo-a dentro das possibilidades dos meus referenciais teórico-metodológicos, pensando sobre o instinto e o amor maternos, na tentativa de desconstruir a ideia, não só de uma natureza feminina, mas de uma natureza feminina necessariamente maternal.

Num segundo movimento, apresento produções que se deram quando já havia “encerrado” a inserção no campo para a realização da pesquisa. É um movimento em que privilegio as narrativas das mulheres com quem pesquisei, para pensar com elas os seus processos de subjetivação. Foram muitos encontros, quinze no total, além das entrevistas individuais com as quatro mulheres que seguiram comigo. Aquilo que foi realizado no primeiro movimento possibilita a produção deste segundo em que paro para, devagar e atenciosamente, escutá-las e olhá-las, trazendo as marcas dos nossos encontros.

Organizei este segundo movimento em dois momentos distintos:

Presenças
"A gente cria todo dia, a gente cria vida!"

Em *Presenças*, penso os processos de subjetivação das mulheres com as quais pesquisei. Entendendo que as subjetividades se dão em relação com outras subjetividades, trago, neste momento, suas relações com as mães, madrastas, pais, padrastos, irmãos, irmãs, patroas, amigas, filhos e filhas. Estas foram as presenças mais marcantes em suas subjetividades e surgiram com muita força durante a pesquisa. Destacam-se, neste momento, as relações de gênero e os atravessamentos de classe e raça contornando as relações de poder em que, por vezes, a violência acaba se constituindo e fazendo suas marcas e, por outras, as resistências e rupturas aparecem como força transformadora e criadora de outras maneiras de existir na imanência de suas vidas.

Depois, em *"A gente cria todo dia, a gente cria vida!"* trago o sentido que dei ao título de minha tese.

Após esses dois movimentos, encerro esta tese em *Não chegando ao fim*, entendendo que minhas investigações, o campo, os processos que envolvem as subjetividades das mulheres estão longe de se esgotarem. Este é o lugar em que aponto algumas lacunas, entre outras tantas, deixadas nesta pesquisa. Finalmente, seguem as *Referências* e os *Apêndices*.

Primeiro movimento da pesquisa

- ✓ *Constituições: a pesquisadora, o campo, a questão*
- ✓ *Linhas, desvios, curvas, abismos... rigor, tudo junto: os caminhos da pesquisa e quem vem comigo*
- ✓ *Trabalhando a questão da pesquisa*

Constituições: a pesquisadora, o campo, a questão

As palavras produzem sentido, criam realidade e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação. Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente 'raciocinar', 'calcular' ou 'argumentar', como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido e o sem sentido é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros, diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos com relação a tudo isso.

(LARROSA, 2004, p. 114-115)

A epígrafe de Larrosa é de grande importância para este momento de escrita. Por isso, não ousei cortar nenhuma frase, nenhuma palavra para diminuir seu tamanho. Resolvi abusar para não deixar escapar sua grandiosidade. Larrosa é um dos meus inspiradores e me acompanhará bastante na escrita deste texto.

Virão, a seguir, muitas palavras. Palavras que dizem de mim, do/a outro/a... que dizem do mundo. Ao dizer de mim, estou em processo de criação de mim mesma com as palavras que uso. Ao dizer do/a outro/a o/a crio também. Ao dizer do mundo, invento um mundo. As palavras que virão me constituem e constituem aqueles/as com os/as quais caminho. Estamos imbricados/as, colados/as. As palavras que virão dizem de mim enquanto mãe, esposa, professora, companheira, amiga, filha, irmã, pesquisadora... mulher. As palavras que se seguem dão sentido ao que sou.

Quando fazemos coisas com as palavras, do que se trata é de como damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos, e de como vemos ou sentimos o que nomeamos. (LARROSA, 2004, p. 115)

E o bom de tudo isso é que, ao dizer e dar sentido, outros movimentos se fazem e tudo, então, já é diferente.

Nesse jogo de palavras e sentidos deu-se uma escrita não planejada, uma escrita em fluxo, em que acabei dizendo de uma trajetória/travessia. Trouxe aquilo que ia sentindo como significativo na constituição do campo de pesquisa e na minha própria

constituição enquanto a pesquisadora que ora tenho sido. Foram muitos acontecimentos, encontros, desencontros, tensões, conflitos... que, por suas singularidades e potencialidades, possibilitaram a pesquisa realizada. Este, então, é um momento de escrita que ajuda a pensar que um problema não está lá no campo esperando para ser investigado. “Em outras palavras, não há problemas em si [...] pairando numa exterioridade, inertes, num grande depósito à sombra, à espera de serem, antes, encontrados [...]” (VEIGA-NETO, 2002, p. 30). Um problema se constitui a partir dos sujeitos que estão em circulação, a partir de experiências múltiplas e singularidades que constroem saberes subjetivos, particulares, locais e provisórios, a partir da forma como olhamos tudo isso. É isto, então, que será encontrado nas próximas páginas. Um texto que diz de mim, de minhas experiências, de minha entrada na periferia, de meus encontros e desencontros. Diz das inquietações que foram me movimentando em direção à minha própria constituição como pesquisadora, à constituição do campo de pesquisa com suas múltiplas subjetividades, à constituição da questão da qual me ocupei nesta tese e aos objetivos que tenho ao tentar respondê-la. Neste texto, narro a minha experiência, que se desdobra em pesquisa, que se desdobra em texto... outra experiência. *Pesquisaexperiência, tесеxperiência*, outras de mim.

Proponho, assim, começar dizendo:

Era uma vez...

... uma jovem, casada com uma pessoa bacana (Haroldo), mãe de um menino (Gabriel) e uma menina (Julia), crianças lindas – essa mãe é um pouco coruja, pouco não, bastante! Professora em uma escola de formação profissional, a jovem vivia em muitas lutas, pois não tinha formação pedagógica e aprendia com a sala de aula a resolver os problemas que apareciam, a criar formas de ensinar a turma a programar computadores, desenhar sistemas, projetar bancos de dados, operar aplicativos. Um trabalho que não a satisfazia, pois lidava com assuntos muito técnicos, embora tentasse fazer o possível para ampliar o relacionamento com seus/suas alunos/as. Assim, envolvia-se em várias atividades no colégio em que lecionava. Vivia às voltas com plantações de jardins, pomares, coordenando atividades em que os/as alunos/as participavam: concursos de caricaturas, capas de agenda, logotipos para o uniforme, varal de poesias, campanha para a conservação do espaço físico da escola... Enfim, muitos eram os projetos em que se envolvia, tendo sempre a parceria do marido que também lecionava lá.

Ainda jovem, no início de seu casamento, com o primeiro filho em gestação, conheceu o Espiritismo, apaixonando-se pelas coisas que aprendia e vivenciava, sentindo a necessidade cada vez maior de se movimentar para atividades em que pudesse atuar para além daquelas profissionais. A vontade crescia, algumas tarefas surgiam na casa espírita que frequentava no bairro de sua residência, mas ainda não era o que queria. Também não sabia o que queria, mas buscava algo.

Um dia, em conversa com uma amiga, comentando sobre as atividades exercidas na casa espírita, disse: *Gosto do que faço lá, mas ainda não é o que procuro. Quero colocar a mão na massa.* Ao ouvir isso, a amiga faz o convite: *Quer colocar a mão na massa? Tenho um lugar para você fazer isso, topa?.*

Claro que topei! Na semana seguinte estava lá! Era um bairro de periferia na cidade, um lugar muito próximo daquele em que nasci e fui criada, mas ainda ignorado por mim. De início, um susto!

Mas, por que o susto?

Estranhamento!

Pés no chão,

Vida na rua,

Cães, lixo, crianças...

Tudo muito misturado!

Ah! E o esgoto vazava!

Cheiro ruim! Huummmm!

Mas ninguém ligava!

Passava de um lado pro outro

Me olhando desconfiada

Aquela gente

Tão diferente

Que antes eu não enxergava.

Aproxima-se um menino

Cinco ou seis anos apenas

Manchas no rosto

Franzino

Levanto a mão pr'um carinho

Ele levanta também

Com a palma pro meu lado
 Se afastando, se agachando
 Com medo do que vou fazer
 Calma! Pensei comigo
 Eu não quero te bater!
 E o carinho é feito
 Assim, meio sem jeito...²

Naquele momento, coração apertado, medo do lugar, das pessoas... Vejo uns jovens encostados na parede, com olhar desafiador. Estranhei! Logo fui informada que o ponto de venda de drogas funcionava ali, bem na calçada do Centro³. Tijolos de maconha eram cortados aos olhos de todos/as, sem nenhum pudor. Normal! Fazia parte da rotina, das vidas que ali viviam.

Mas para mim, tudo era novidade. Fiquei assustada. Via hostilidade em tudo e em todos/as. Era janeiro de 1997. O Centro já estava em funcionamento no bairro desde 1989 e já conquistara a confiança dos moradores. Mas mesmo assim, em determinados momentos, sofria alguns ataques, como arrombamentos e roubos de objetos que representavam algum valor, como bujões de gás e aparelhos de som.

O cenário espantava muitos/as que tentavam se engajar nas tarefas do Centro. Pessoas que passavam e não voltavam. Mas eu fiquei. A vontade de mudar tudo era grande e maior que o medo que de vez em quando vinha. Saía de minha casa como se saísse de um mundo para chegar lá, num mundo diferente do meu. Não me conformava com aquelas vidas. Deveria ser possível mudar.

Assim, entrei nas atividades do Centro. Nosso conceito de evangelização girava em torno do conviver. Entre brincadeiras, contação de histórias, teatrinhos, jogos, ruas de lazer, artesanatos, conversas, receitas gostosas, passeios, lanchinhos... ia convivendo com aquelas pessoas. Misturava, aos poucos, nossos mundos, ou, antes, passava a entender que não havia dois mundos, mas um mundo onde múltiplos e potentes modos de existir se dão. Porém, o que infelizmente temos feito é dividi-lo e hierarquizá-lo pela marcação das diferenças criadas por nós mesmos/as por meio da nossa pretensão, do nosso egoísmo, da

² De vez em quando chega uma inspiração e arrisco alguns versinhos. Quando não houver referência, tomo para mim a autoria.

³Tratarei a casa espírita como Centro (com C maiúsculo), que é a forma como costumamos chamá-la.

adesão a discursos preconceituosos e a uma moralidade julgada boa para todos sem nos darmos conta da violência que produzimos com isso e da exclusão que possibilitamos que aconteça.

Os anos foram-se passando. A hostilidade antes percebida foi-se amenizando. Muitas coisas estranhadas no início foram, de alguma forma, se “naturalizando”. Ao mesmo tempo, ia me dando conta de que muita coisa em mim mudava. Ideias e sentimentos antes presentes se diluíam, se alteravam, eram suspensos, substituídos, transformados... Fui até mãe, mais uma vez! Em 1998, nasce o meu caçulinha, Lucas, que, desde bebê participou, junto com a irmã e o irmão das atividades na periferia.

O trabalho no Centro contava mais com as crianças até nove, dez anos. A partir dessa idade elas iam se dispersando um pouco. Não era fácil, para nós, reunirmos os/as adolescentes, pelos/as quais me interessava bastante, tendo em vista que, como professora, era com essa faixa etária que eu trabalhava. O passar do tempo, porém, foi mudando também essa condição. As crianças cresciam e se afeiçoavam à casa, a nós... e acabaram ficando. Formamos nosso grupo de adolescentes. Pude perceber neles/as muitas diferenças quando comparado/as com aqueles/as com os/as quais eu trabalhava. Não tinham qualquer interesse pela escola. Não sonhavam com o que a escola pudesse oferecer e não faziam planos que a incluíssem, como eu ouvia muitas vezes de meus alunos e alunas. Isso me intrigava. Por que a indiferença?

Parece-me ser interessante, aqui, nos atermos um pouco naquilo que Elizabeth Ellsworth (2001) nos traz como modos de endereçamento. Pensando com esse conceito tanto o cinema quanto a educação, a autora nos diz que

o conceito de modo de endereçamento está baseado no seguinte argumento: para que um filme funcione para um determinado público, para que ele chegue a fazer sentido para uma espectadora, ou para que ele a faça rir, para que a faça torcer para um personagem, para que um filme a faça suspender sua descrença [na ‘realidade’ do filme], chorar, gritar, sentir-se feliz no final – a espectadora deve entrar em uma relação particular com a história e o sistema de imagem do filme. (ELLSWORTH, 2001, p.14)

Seguindo a linha de seus argumentos temos que “os filmes visam e imaginam determinados públicos. Eles também desejam determinados públicos” (ELLSWORTH, 2001, p.14). E é para esses públicos que convergem todos os esforços, as cenas, os diálogos, as tramas do filme. Os sujeitos têm uma posição marcada. Espera-se um determinado tipo de espectadores e espera-se fazer algo com eles, com suas identidades, com suas subjetividades. O cinema faz isso, a educação também o faz (ELLSWORTH, 2001).

Penso que, naquele momento, dava àqueles/as adolescentes uma posição de sujeito, afinal de contas, o que entendia como adolescência passava por ser uma fase da vida em que se prepara um futuro. Incomodava-me não vê-los envolvidos com isso da forma que eu acreditava ser a melhor. Foi assim que, por várias vezes, junto com meus/minhas companheiros/as, fomos endereçando ações na tentativa de incentivá-los/as aos estudos. Entendíamos que, dessa maneira, pudessem vislumbrar um futuro de maior inserção social, num trabalho que pudesse trazer mais conforto material e que possibilitasse o desvio do narcotráfico, caminho que, infelizmente, muitos dos meninos tomavam – e ainda tomam – como natural e único.

Mas, assim como no cinema há uma variedade de espectadores/as para além daqueles/as a quem o filme se dirige e, também, a possibilidade de diferentes sujeitos vivenciarem a experiência do filme de formas diferentes (ELLSWORTH, 2001), poderíamos dizer que os sujeitos para os quais endereçamos nossas práticas educativas não formam um público único e homogêneo e não vivenciam uma mesma prática de uma mesma forma. Aqueles/as adolescentes/as não eram como muitos/as dos/as que eu conhecia no meu exercício profissional. Nesse aspecto, considero que erramos o alvo e não conseguimos êxito em nosso objetivo. Eles/as não eram como aqueles/as alunos/as que assumiam a escola como forma de se conquistar um futuro melhor. Eles/as a tinham como mera obrigação, que cumpriam até certo ponto em que, não aguentando mais, depois de um caminho tortuoso, entre reprovações, desistências e retornos frustrados, abandonavam de vez. Tratava-se, então, de outro público, entre outros tantos que pudessem ainda existir, o que nos ajuda a entender que a adolescência não é singular, mas plural, com “diferentes formas possíveis de se colocar [no] mundo” (CESAR, 2008, p.157), adolescências multifacetadas e que necessitam de outras e distintas formas de serem tocadas por aquilo que para elas queremos endereçar, enquanto educadoras/es. De certa forma, a escola também erra o alvo, e acaba afastando esses/as adolescentes, que não dão a resposta que ela espera. Talvez, para eles e elas, esta seja a forma de resistir, de dizer: *eu não sou bem quem você pensa que sou*.

Estamos diante de um tema interessante, mas sobre o qual não cabe nos aprofundarmos neste momento.

► Uma pausa para um encontro.

Um encontro com Foucault

Uma rede, uma revista de Filosofia, uma tarde preguiçosa de domingo. Um soninho leve começando a chegar. Foi assim o meu encontro com Foucault, o “pensador transversal”. Um artigo de Silvio Gallo (2006) trouxe-me um pensamento muito perto do meu, mas, por outro lado, cheio de desafios. Afinidades, delícias e perturbações. Dificuldade de entender... Mas, também, uma sensação boa. Tudo misturado afugentou o sono e despertou o interesse pela leitura que não quis mais cessar. No artigo, lia-se:

Ele investiu numa espécie de micropolítica, que pretendia fazer intervenções e produzir transformações no cotidiano. Esse pensamento que se faz militância e essa militância no pensamento [...] teoria e prática que já não podem ser dissociadas. (p.34)

Em lugar de comentar obras clássicas da História da Filosofia ou de especializar-se no pensamento de determinado autor, ele produziu uma obra plural e diversa, abordando temas como as instituições modernas – do hospital à escola e à prisão – o saber, os jogos de poder, a Literatura, a sexualidade. (p.35)

Além disso, afirmava: *filosofar consiste em pensar não no verdadeiro e no falso, mas em nossas próprias relações com a verdade.* (p.35)

Assim, ele vê a Filosofia como experiência de pensamento, que implica em operar modificações no pensamento e na experiência. Recebemos uma tradição, e mantê-la viva não significa reverenciá-la, mas sim pensar, com ela e contra ela nossos próprios problemas, interrogando-nos sobre como devemos conduzir nossas vidas. (p.35)

Palavras interessantes para uma recém-formada em Filosofia, muito perdida, que até então tinha visto a área como uma mera tentativa de se entender os pensamentos já pensados e que se desdobrava em pensar como levar a filosofia para o Ensino Médio, acostumada com as aulas técnicas de Informática até então! Sim! Minha licenciatura em Filosofia se deu em 2004 e o bacharelado em 2005. Queria muito trabalhar com a disciplina, saindo daquelas aulas práticas em que circulava por um corredor de computadores vendo meus/minhas alunos/as de costas ou de lado, olhando para as telas e quase não os/as reconhecendo em outros ambientes quando passavam e me olhavam de frente. As atividades desenvolvidas no Centro Espírita me incentivaram a buscar uma nova formação e escolhi a Filosofia por acreditar que fosse importante o exercício do pensar. Pensar a vida, o mundo e a si próprio era uma atividade vista por mim como muito importante e necessária. Antes mesmo de conhecer Foucault, já tinha em mente uma preocupação com aquilo que ele chama de

“cuidado de si”, a *epiméleia heautoû*, como “um certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro” (FOUCAULT, 2011, p.11), buscando algumas práticas que possam nos modificar. Mas a faculdade não alimentou muito meus sonhos e não me ajudou a construir caminhos nesse sentido. Na universidade em que me formei, a Faculdade de Filosofia está afastada da Faculdade de Educação, onde acontecem as aulas das disciplinas de licenciatura. Os/as professores/as não se entrosavam e, no caso dos/as primeiros/as, estes/as, em sua maioria, não incentivavam o ensino da disciplina no Ensino Médio. O jeito era “me virar”. Silvio Gallo e Walter Omar Kohan foram autores a quem eu sempre recorria para buscar dicas e pensar o ensino de Filosofia e, por isso, logo me interessei pela leitura do artigo em questão e que para mim foi um encontro, no sentido de produzir movimentos, buscas por novas leituras e até mesmo a proposta, em 2008, de uma pesquisa de Mestrado.

Mas o artigo ainda me provocava mais! A discussão sobre o conceito de episteme marcando os saberes como “historicamente produzidos com base [num] campo de possibilidades” situado “em uma cultura e num dado momento” (GALLO, 2006, p.38) era algo como aquele refrão da música dos Engenheiros do Hawaii “Somos quem podemos ser / Sonhos que podemos ter”! E que história era aquela da “bela imagem do sujeito moderno como um rosto de areia numa praia, prestes a ser varrido pelas ondas” (GALLO, 2006, p.39)? E o poder “não como algo que se possui ou não, mas como imanente às relações humanas. [...] microfísica do poder, que procura compreendê-lo nas relações, como resultante de conflitos de forças, não como simplesmente repressivo, mas também como instância de produção” (GALLO, 2006, p.40)? “Poder de soberania”? “Poder disciplinar”? “Biopoder”? (GALLO, 2006, p.41-42) Ficava pensando: *Será que eu dormi em alguma aula na Faculdade de Filosofia? Ou eu não vi nada disso lá? Ou passou em branco?* Nada! Simplesmente, eu não estudei Foucault na Faculdade de Filosofia! E nem fui provocada para tal leitura! Vi um pouquinho de Nietzsche, sem aprofundamentos, mas Foucault, não! Era ali, naquele artigo que eu o encontrei!

“A existência como obra de arte”! Foi aí, nesse ponto, que eu fui laçada! “Tecnologias do eu”, sobre a relação entre “o ocupar-se de si mesmo e o conhecer-se a si mesmo”, o “perigo do corpo” e o “renunciar a si mesmo” (GALLO, 2006, p.44-45). Ética, Estética, tudo junto! Pensar e fazer da vida uma obra de arte... Isso era algo que realmente me interessava! E muito! E fui atrás de Foucault,

uma filosofia que não se contenta em viver da tradição, do já pensado, mas que está sempre apta a fazer novas experiências de pensamento. Penso ser esta a principal lição deste mestre do século 20, lição que ele não se contenta em proferir, e por meio da qual nos convida o tempo todo a fazer, mesmo contra ele, o movimento do pensamento. (GALLO, 2006, p.45)

Foi assim, numa tarde preguiçosa de domingo, buscando uma rede, com uma revista de Filosofia na mão, querendo tirar uma sonequinha sossegada... que me desassosseguei! Que comecei a concordar com Foucault e, também, a brigar com ele, a discordar, a fazer acordos, a gostar, a detestar, a olhar para mim, revirar meus pensamentos, pensar minha vida, questionar minhas verdades, sair do lugar, perder o meu conforto, encontrar apoio, pensar de outras formas...

Entre delícias e tormentos: assim convivo com Foucault!

► E vou prolongar um pouquinho a pausa, para logo voltar à periferia.

E nasce uma pesquisa

As inculcações com relação ao ensino de Filosofia e o encontro com Foucault me fizeram pensar em uma proposta para o Mestrado. Foi assim que inscrevi, para a seleção de 2008, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), o anteprojeto: “Filosofia no Ensino Médio: a formação ética em questão”, em que tinha como questão de investigação: “De que forma devem ser trabalhados os fundamentos filosóficos visando uma formação ética aos estudantes do Ensino Médio?” e trazia como referencial teórico o pensamento foucaultiano no que diz respeito à formação de subjetividades. Nessa seleção, fui aprovada na prova escrita, mas o anteprojeto não foi aprovado.

Na busca por outros programas, encontrei, no mesmo ano, a seleção para o Mestrado em Educação da Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Nesse programa veio a aprovação na prova escrita e a aceitação do anteprojeto. Fui para a entrevista, com uma banca composta por duas professoras (Cléia Zanatta (UCP) e Maria Luíza Oswald (PUC-Rio)) e um professor (Pedro Benjamim Garcia (UCP)). A entrevista corria bem. Falava do meu anteprojeto, respondia a questões diversas, quando a Prof^a Maria Luíza me coloca uma questão que parece ser de praxe em processos seletivos: *Se houver necessidade, você admite fazer mudanças no seu anteprojeto?* Não só respondi que sim, como disse que até tinha um plano B. E falei da minha experiência na periferia e da vontade que tinha em conhecer mais aquela “realidade”. O assunto girou, então, em torno desta segunda proposta e já saí da

entrevista com bastante esperança em ser aprovada e sabendo que não trabalharia com o projeto original, mas sim com aquilo que chamei de plano B.

Fui aprovada! O curso iniciou-se em agosto. Logo no início, houve um momento em que os professores se apresentaram e abriram espaço para que pudéssemos nos inserir nos grupos de pesquisas que eles coordenavam. Interessei-me pela pesquisa da Profª Cléia Zanatta, sobre violência na adolescência. Essa escolha implicava, de certa forma, na escolha da professora como orientadora da minha pesquisa. Nos encontros do grupo, pudemos discutir muitas questões de extrema importância e que contribuíram bastante para reflexões acerca do meu projeto, mas tinha um problema: a professora não queria assumir o meu referencial teórico. Ela tendia mais para as questões psicológicas e trabalhava com outros referenciais. Não queria trabalhar com Foucault. No primeiro semestre do curso participei de sua pesquisa, mas já comecei a “namorar” outro orientador. Era o professor de Metodologia de Pesquisa que me apresentou os “Caminhos Investigativos” de Marisa Vorraber Costa, trouxe textos de Jorge Larrosa, Alfredo Veiga-Neto e, adivinha!... Foucault! Além disso, apresentou seu trabalho com rodas de leitura com afrodescendentes na Favela do Cerro Corá, no Rio de Janeiro (GARCIA, 2007). Tudo a ver comigo! No final do semestre, na hora de definir o/a orientador/a, foi a ele quem eu escolhi, contando com sua aceitação e a compreensão e o apoio da Profª Cléia. Foi assim que começou a parceria com o Prof. Pedro Benjamim Garcia, um homem com cara de bravo (eu não falei, mas eu fiquei com medo dele na entrevista!), mas pleno de sensibilidade, delicadeza, generosidade e grande inteligência (Sabe aquela pessoa que você quer ser quando crescer? É ele!). Disciplinas mais específicas de Foucault e que muito contribuíram para a minha pesquisa, vim estudar na UFJF, com o Prof. Anderson Ferrari.

Assim, nasceu a pesquisa: “Adolescentes de periferia: subjetividades construídas entre o poder e a violência”, que defendi em agosto de 2010 para uma banca composta pelos professores Pedro Benjamim Garcia, Antonio Flavio Barbosa Moreira (UCP) e pela Profª Sonia Kramer (PUC-Rio).

- ▶ Volto, à periferia, mas ainda trazendo um pouco mais da minha pesquisa de Mestrado.

Voltando à periferia e sobre as estradas percorridas

Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada o que fazer; espiara uma ou duas vezes no livro que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogo, “e de que serve um livro”, pensou Alice, “se não tem figuras nem diálogo?”

Assim, refletia com seus botões (tanto quanto podia, porque o calor a fazia se sentir sonolenta e burra) se o prazer de fazer uma guirlanda valeria o esforço de se levantar e colher as flores, quando de repente um Coelho Branco de olhos cor de rosa passou correndo por ela.

Não havia nada de tão extraordinário nisso; nem Alice achou assim tão esquisito ouvir o coelho dizer consigo mesmo: “Ai, ai!, Ai, ai! Vou chegar atrasado demais!” (quando pensou sobre isso mais tarde, ocorreu-lhe que deveria ter ficado espantada, mas na hora, tudo pareceu muito natural); mas quando viu o Coelho tirar um relógio do bolso do colete e olhar as horas, e depois sair em disparada, Alice se levantou num pulo porque constatou subitamente que nunca tinha visto antes um coelho com bolso de colete, nem com relógio para tirar de lá e, ardendo de curiosidade correu pela campina atrás dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda pressa numa grande toca de coelho debaixo da cerca.

CARROL, 2010, p. 13-14

Como ia dizendo, o desinteresse dos/as adolescentes daquele bairro pelos estudos me provocava para entender um pouco sobre a construção de seus projetos de vida. O que queriam para o futuro? Com o que sonhavam? Por que não gostavam da escola? O que acontecia ali? Mesmo entendendo, agora, que os/as estava enxergando em um padrão de adolescência no qual não se inseriam e não se inserem, eram estas as minhas questões naquele momento.

Fui para o campo ansiosa, com tudo isso a girar na minha cabeça. Enquanto pesquisadora queria transformar o campo em problema, dar um passo atrás, como nos fala Foucault, desprendendo-me de mim mesma e do que eu pensava saber. Mas era tudo muito difícil. Em 2009, quando efetivamente comecei a trabalhar na pesquisa, já havia quase treze anos que eu frequentava o bairro. Já julgava conhecer os/as adolescentes mesmo tendo muitas dúvidas sobre como se subjetivavam. Isso atrapalhava bastante, porque eu quase podia falar com eles como uma tia, uma parente próxima, quase como mãe (eu até recebia bilhetinhos de alguns/mas deles/as nos dias das mães!). Este foi meu grande desafio. Dar um passo atrás!

Mas a pesquisa tinha que acontecer. Fui para o campo com uma novidade metodológica. Como principal instrumento de pesquisa, utilizava rodas de leitura⁴ para

⁴ Uma roda de leitura é composta por um círculo ou semi-círculo, reunindo um determinado número de pessoas em torno de um/a leitor/a-guia que coordenará discussões em torno de um texto, preferencialmente literário, acreditando-se que “a literatura nos conduz a uma busca de nós mesmos, do que fomos, do que somos, do que

provocar as discussões no grupo formado pelos/as adolescentes. Levava textos, a princípio literários, que suscitassem o tema que queria discutir. Tentava trazer as questões da escola, dos projetos de vida. Mas havia duas grandes dificuldades: primeiro, os textos literários pareciam uma abstração; segundo, os/as adolescentes não queriam falar de escola. Essas duas dificuldades faziam o assunto “morrer” e eu precisava ficar interferindo muito com perguntas que pudessem provocar que falassem alguma coisa. Julgava que vivenciava um insucesso na minha pesquisa.

Dividindo as angústias com meu orientador, ele, calmamente orienta: *Rosa, deixe o campo falar!*. Entendi o que o Pedro me dizia. O campo tem voz própria, existe independente das minhas questões e se diz independente daquilo que eu queira ouvir. Revi o conteúdo das duas rodas de leitura que havia realizado até então com o grupo de adolescentes e percebi que ali tinha muita fala do campo. E eu achando que o campo estava mudo!

Os coelhos falantes passavam por mim e eu não os ouvia

Não os via!

Mas alguém me ajudou a perceber que também tiravam relógios

Do bolso do colete

Coelhos falantes com coletes, bolsos, relógios...

Vidas que se contam

E vivem!

No tempo que têm!

E eu ali, tentando ver e ouvir o que acontecia,

Comecei a correr atrás dos coelhos...

Para ver o que eles tinham pra mostrar!

No instante seguinte, lá estava Alice se enfiando na toca atrás dele, sem nem saber de que jeito conseguiria sair depois.

CARROL, 2012, p.14

Os/as adolescentes não falavam de escola e projetos de vida, mas falavam de vida, da vida que viviam, do que havia para eles de concreto: o medo de apanharem, de serem perseguidos por rivais, do quanto se sentiam pequenos diante da violência que vivenciavam na família, nas relações com a polícia...

Quando ouvi o campo, a pesquisa se fez outra. Desengessada, instigante, foi traçando seus próprios caminhos, constituindo-se e constituindo-me enquanto pesquisadora. Fui percebendo coisas que jamais imaginava e, principalmente, fui entendendo o quanto que, nos treze anos que se passaram, deixei de ver e ouvir (coelhos falantes), talvez pela minha arrogância de querer falar demasiadamente, pensando ter muitas coisas para ensinar. Querendo falar e ensinar tanto, deixava escapar muito aprendizado. As experiências não me aconteciam. Mas agora era diferente. Encontrava-me mais aberta. Estava aprendendo a ouvir. (Passei a perseguir os coelhos e a entrar em suas tocas, às vezes, ainda um pouco apertadas para mim). Ouvindo-os/as, mudava a maneira de pensá-los/as e abalava a forma como entendia seus sonhos, abalando, também, aquilo que eu gostaria que eles/as sonhassem. Muitas vezes saía muito “mexida” dos encontros e, em dez rodas de leitura, consegui aprender o que tantos anos não me ensinaram. E quantas coisas ainda me escapavam? Nem posso imaginar!

O Mestrado tem um tempo curto e chegou a um momento em que precisava ser concluído. E foi. Mas a sensação de que precisava continuar ficou em mim, ficou no orientador e foi explicitada pela banca de defesa. Assim, encharcada com questões que ainda ficaram, no mesmo ano da defesa da dissertação, entrei com um projeto de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Era uma proposta de desdobramento da pesquisa feita no Mestrado. Queria continuar estudando a vida daqueles/as adolescentes. Tinha muitas questões, mas a banca, na defesa do projeto, julgou que eu tinha muitas certezas. Não soube me expressar. Excesso de empolgação, talvez. Precisaria tentar novamente.

O fim do Mestrado marcou o início da experiência como professora em outra escola. O Colégio Técnico Universitário (CTU) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), onde há tanto tempo eu trabalhava, se transformou em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFET). Meu concurso para o CTU foi realizado para disciplinas de Informática, mas queria dar aulas de Filosofia. Por seis anos atuei também como professora de Filosofia e Ética, mas de forma extraoficial e não consegui a remoção de departamento para me oficializar como professora nessas disciplinas. O processo de transformação do CTU em IFET possibilitava que escolhêssemos entre permanecer na UFJF, e aí, no Colégio de Aplicação João XXIII, ou migrar para o IFET. Como no João XXIII não havia professor/a efetivo/a de Filosofia, solicitei minha remoção condicionando-a à minha aceitação pelo Departamento de Ciências Humanas. Levaria minha vaga, ao mesmo tempo em que ela ficaria disponível para nova contratação no IFET. Assim, todos nós saímos ganhando. O Colégio de Aplicação ganhou a minha vaga, o IFET pode fazer um concurso para o cargo que eu ocupava

e eu, finalmente pude ser professora oficial de Filosofia! Tudo ótimo! Mas, tudo muito diferente do que tinha como prática gerou um árduo processo de adaptação e tentativa de mudanças. A organização da escola, a relação dos/as alunos/as com professores/as, a disciplina, as diferenças no trato pedagógico, o excessivo número de reuniões, os conflitos que tudo isso gerava, a angústia de ter saído de um espaço onde convivi por vinte e três anos de trabalho intenso e prazeroso... tudo isso junto, me fez sentir muito incomodada e cheguei a ter minha saúde abalada.

Veio, então, o desânimo, a vontade de desistir. Afinal, podemos fazer pesquisas independente de ganharmos um título para isso e o doutorado me demandaria um grande esforço, pois não poderia me afastar do trabalho e nem pretendia fazê-lo, por estar prestes a me aposentar e não querer me obrigar a cumprir o tempo de afastamento após a conclusão do curso (questões práticas!). Por outro lado, havia me inserido nos estudos de gênero e sexualidade, no GESED (Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade) do PPGE da UFJF. O grupo trabalha com as perspectivas pós-estruturalistas, os Estudos de Gênero, Estudos Culturais e o pensamento foucaultiano. Já tinha alguma leitura em Foucault, pois ele foi meu referencial teórico no Mestrado, mas não tinha leituras em Gênero.

Estávamos em 2011 e o plano do grupo era para que escrevêssemos artigos a partir de filmes a fim de lançarmos um livro. O Prof. Anderson Ferrari, coordenador do GESED, estava na Espanha, terminando seu pós-doutorado em que tinha como foco os estudos na área da Cultura Visual e adolescências. Enviava textos, dava ideias, participando, mesmo que a distância, das atividades do grupo que estava, naquele momento, sob a coordenação do Prof. Roney Polato de Castro, seu orientando no doutorado e professor na Faculdade de Educação. Todos nós precisávamos escrever e eu me vi um pouco “apertada” por causa da falta de leituras. Mas tinha que me virar. Fui estudar! Não sabia que filme escolher e alguém no grupo me sugere “Antônia”⁵. Gostei da ideia! Ia escrever sobre mulheres que viviam na periferia!

Os contatos com as leituras de Gênero e a escrita do artigo me proporcionaram uma outra análise da pesquisa de Mestrado. Pude perceber o quanto esse tema estava presente

⁵ Antônia é um longa-metragem lançado em 2006 dirigido pela cineasta Tata Amaral. É um filme que nos apresenta como cenário a vida em Vila Brasilândia, na periferia de São Paulo. [...] Antônia rompe com o que temos assistido frequentemente em filmes que retratam as periferias brasileiras, pois não mantém seu foco na violência do narcotráfico. Nele, assistimos a história de quatro amigas que cresceram juntas e enfrentaram diversos desafios para conquistarem o sonho de cantar e ganhar a vida com a música. (RITTI, 2012, p.149-150)

nela, e eu não me dava conta disso. Na pesquisa de Mestrado, os adolescentes do gênero masculino se sobressaíram, enquanto as adolescentes foram meras coadjuvantes. Havia uma questão de gênero ali e aquele campo me encantava. Tenho sempre em mente uma frase de Sandra Corazza (2002, p.111) em que diz “toda e qualquer pesquisa nasce da insatisfação do já-sabido”. Tenho para mim que nunca estarei satisfeita com os conhecimentos que tenho da periferia e suas gentes. Penso que ela será sempre o alvo das minhas investigações.

Periferia... um lugar invisível, que na maioria das vezes só é visto pela violência que parece estar enraizada lá. Que ganha destaque nos jornais pelas notícias das tragédias, do tráfico de drogas, assassinatos... lugar de dor, de miséria, de violência. Que não se quer ter por perto, que não se quer frequentar.

Periferia... lugar também de muita beleza! Beleza resistente que transborda exuberância, que fere os olhares dos que não podem ou não querem vê-la, nem senti-la. Lugar de gente que luta, trabalha, chora, sorri, canta, dança, sente, cai, se levanta, insiste, resiste, morre, vive... Lugar de tristezas e de alegrias, de dor e festas, de igrejas, crianças, jovens e velhos, vida na rua, funk... Reticências também, pois a periferia é múltipla. Talvez esta seja a identidade da periferia e não somente o que nossos olhos limitados conseguem enxergar. (RITTI, 2013a, p.169)

Como resistir e não continuar tentando? Estudando? Buscando conhecer?

Diante do silêncio feminino na minha pesquisa de Mestrado, agora percebido como um grito que precisava ser ouvido, busquei na minha memória, nos tempos de convívio no bairro, antes e durante a pesquisa, as mulheres com as quais me esbarrei.

E como se dá a mulher nesse contexto?

Na minha convivência nesse bairro, posso observar várias e diferentes feminilidades. Vejo a Jerusa, mulher forte, esteio da casa, cuidadora dos irmãos, filhos, netos e pai, ex menina de rua, o que, segundo ela, faz com que abra sua casa e divida o pouco que tem com todos que precisam; a Miriam, que lutou sozinha para conseguir ver sua filha entrar para a universidade e muitas vezes passou fome para não deixar faltar à sua “Flor”, como a trata, aquilo que ela necessita e solicita; vejo esta “Flor” que hoje frequenta a faculdade de Direito na Universidade, a única do bairro que alcançou tal posição; vejo a Ana, alcóolatra, procurando encaminhar seus quatro filhos, pelos quais demonstra grande preocupação; a Aline, jovem que adora discutir ideias e se sentindo fraca diante do vício do crack, buscou ajuda para se internar em uma clínica de recuperação e hoje luta a cada dia

para se manter “limpa”⁶ ; vejo a Mara e sua irmã Marina perambulando pelas ruas, entregues às drogas, se prostituindo por uma “pedra”; vejo as “meninas” que “curtem” o funk e passeiam com suas roupas curtas e apertadas, orgulhosas de seus corpos sensuais, numa sensualidade que resiste aos padrões impostos pela sociedade; a Rita, 22 anos, cinco filhos homens, sonhando em ser mãe de uma menina até que esta finalmente lhe chegou aos braços; vejo a Flávia, que violentada sexualmente aos 12 anos pelo padrasto, hoje se pergunta se é por esse motivo que é lésbica e sente nojo de homem; vejo as que brigam por seus homens, as que batem, as que apanham, as que abortam, as que vivem grávidas, as mães adolescentes... Múltiplos nomes, múltiplas feminilidades.⁷ (RITTI, 2013a, p.169-170)

Pensei, então, que seria muito interessante pesquisar essas feminilidades; as subjetividades das mulheres que vivem na periferia, buscando suas relações cotidianas, partindo do entendimento de que a educação não se faz só na escola, já que um sujeito se forma nas diferentes instâncias em que se insere, vive, convive, negocia, produz sentidos, escolhe, rejeita, adere, resiste...

Tal como a educação, as outras instâncias culturais também são pedagógicas, [...] também ensinam alguma coisa. Tanto a educação quanto a cultura em geral estão envolvidas em processos de transformação da identidade e da subjetividade. [...] Da perspectiva da teoria curricular, poderíamos dizer que as instituições e instâncias culturais mais amplas também têm um currículo. (SILVA, 2007, p.139).

Nesse sentido, amplia-se o conceito de educação para entendê-la presente em outros âmbitos “como [um] conjunto de processos pelos quais indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos de uma cultura” (MEYER, 2012, p.50).

E, ao querer pesquisar subjetividades, deve-se ter em mente que

uma analítica do sujeito [...] não pode partir do próprio sujeito. É preciso, então, tentar cercá-lo e examinar as camadas que o constituem. Tais camadas são as muitas práticas discursivas e não discursivas, os variados saberes, que, uma vez descritos e problematizados, poderão revelar quem é esse sujeito, como ele chegou a ser o que dizemos que ele é e como se engendrou historicamente tudo isso que dizemos dele. (VEIGA-NETO, 2007, p.112-113)

Tais investigações suscitam certos tipos de perguntas. Com relação às mulheres na periferia, poderíamos perguntar: Como vão se constituindo? Como se inserem nos jogos de verdade? Como são capturadas e como resistem ao poder exercido sobre elas? Produzem

⁶ Termo usado pelos/as dependentes químicos quando não usam a droga.

⁷ Todos os nomes citados são fictícios, mas as mulheres compõem-se em suas existências.

rupturas? Como se dão seus espaços de liberdade? Como produzem suas verdades? Entre sujeições e criações, como se tornam o que são?

Eh!... Mas, diante de tanta diversidade, tantas feminilidades, com que mulheres deveria pesquisar? Precisava fazer escolhas. Foi então que optei mais uma vez pelas adolescências. Tinha contato, nessa época, com algumas adolescentes muito ligadas ao funk. Sabia, a partir da visão produzida pela pesquisa de Mestrado, que o funk era muito significativo na vida dos/as adolescentes. Via o quanto o ritmo e as letras de funk traziam identidade para eles/as e ajudavam na constituição de suas subjetividades. Este é um movimento interessante e que rompe com questões que foram trazidas pela pesquisa pioneira sobre o funk carioca, de autoria de Hermano Vianna (1988), na década de oitenta. Nela, o pesquisador dizia que os dançarinos de baile funk mantinham uma relação descartável com as músicas que tocavam no baile, mesmo porque não conheciam suas letras nem possuíam os discos em casa. Sua relação com o baile terminava ali mesmo, no baile. Tomando de suas palavras,

para o dançarino, o funk não chega a contaminar suas outras atividades. Não se distingue um funkeiro andando pelas ruas da cidade [...] O público diz até que o 'baile é sagrado', que não pode faltar um único fim de semana. Por um lado, *a festa não produz nenhuma identidade mais forte*. Por outro, exige dos participantes total fidelidade. Arrisco-me a lançar uma hipótese: *os bailes conseguem essa fidelidade justamente porque são efêmeros, porque neles nada se produz, tudo é puro gasto* (VIANNA, 1988, p.105, destaques meus)

Mas, a despeito disso, o que se pode perceber é que o funk tem sido, hoje, o som da periferia e motor da vida de muitas/os dessas/es adolescentes. Nenhum outro som se ouve com tanta intensidade e com tanta frequência, pelo menos no bairro que venho frequentando. A partir dos anos 2000, com suas letras sensuais e erotizadas, diz de formas de ser mulher e, como as constituições de gênero se dão em relação, diz também de formas de ser homem. Entre letras de músicas, coreografias provocantes, roupas minúsculas, poses ousadas, caras, bocas, olhares bem peculiares, vão se produzindo, pelo funk, jeitos e modos de ser, estilos de vida. Hoje, podemos dizer: O funk produz!

A Lei nº 5543, de 23/09/2009, institui o funk como movimento cultural e musical de caráter popular no estado do Rio de Janeiro. Temos ainda, o manifesto do Movimento *Funk é Cultura*⁸ que diz:

O *funk* é hoje uma das maiores manifestações culturais de massa do nosso país e está diretamente relacionado aos estilos de vida e experiências da juventude de periferias e favelas. Para esta, além de diversão, o *funk* é também perspectiva de vida, pois assegura empregos direta e indiretamente, assim como o sonho de se ter um trabalho significativo e prazeroso. Além disso, o *funk* promove algo raro em nossa sociedade atualmente que é a aproximação entre classes sociais diferentes, entre asfalto e favela, estabelecendo vínculos culturais muito importantes, sobretudo em tempos de criminalização da pobreza.

Tais documentos, junto às experiências na periferia, me possibilitaram entender o funk como um artefato cultural produtor de discursos e representações que se entrecruzam em relações de poder; cantores e cantoras (MC's) sugerem comportamentos femininos e masculinos, desafiam formas de se exercer a sexualidade, escandalizam muitas pessoas e atraem outras tantas. Apropriando-me de um pensamento já comum entre os estudiosos culturais, posso inferir que o funk possui um currículo, uma pedagogia, sendo assim, cria identidades e produz subjetividades.

Vinha já pensando todas essas questões com relação às feminilidades constituídas na periferia e sua relação com o funk, quando a mídia local começa a anunciar que uma onda de violência feminina vinha tomando vulto nas relações das adolescentes. Estas, a exemplo dos meninos, se juntavam em grupos que denominavam “bondes” para transitar pela cidade e frequentar lugares, principalmente o baile funk. Os bondes assumiam nomes como “Bonde das Safadinhas” e “Bonde das Bandidas Convictas” e produziam vídeos diversos espalhando-os pela internet, gerando vasto material, ainda quase nada explorado por pesquisadores/as. Material sensual, material que mostra, também, as disputas entre as meninas. À época em que estava pensando no tema para o doutorado, um adolescente me disse a respeito dos bondes femininos: *Elas entra na nossa briga e briga igual home, fessora!*.

E poderíamos nos perguntar: seriam as ações das adolescentes vivenciadas como violência? Não estariam elas em experiências de disputa quanto ao exercício de poder? O que a mídia divulgava, poderia ser tomado como verdade? Haveria outras formas de

⁸ Manifesto aprovado em encontro de MCs e DJs realizado em 26/07/2008. Disponível em: <<http://www.observatoriodefavelas.org.br/userfiles/file/manifesto1.pdf>>. Acesso em: 08 jun.2011.

compreender as questões? Como elas se situavam nesses jogos? Como se relacionavam com as letras de funk? Como se inseriam nesse contexto que eu percebia como tão forte em seus processos de subjetivação? Essas questões foram ficando em mim, construindo dúvidas, gerando curiosidades, vontade de saber mais e mais. E assim, num misto de medo e ansiedade, por saber das dificuldades que encontraria com a escassez de tempo para pesquisar, mas já bastante envolvida com essas novidades, propus, pela segunda vez, ao PPGE da UFJF o projeto de pesquisa: “*SOU DO FUNK*”: *um olhar sobre feminilidades de adolescentes da periferia de Juiz de Fora*, em que tinha como questão principal: “Como vão se constituindo as subjetividades femininas de adolescentes da periferia de Juiz de Fora com relação à cultura do funk?”.

Ôpa! Desta vez deu certo! Entrei!!! Seria orientada pelo Prof. Anderson Ferrari!

Na aventura da pesquisa

Pronto! Novamente estava às voltas com os Coelho falantes com relógios, bolsos e coletes (será que eu os havia abandonado, um dia?). Seguindo pistas, falas, sons, visões... o que iria encontrar?

O primeiro ano de Doutorado envolve fazer disciplinas, escrever trabalhos/artigos, fazer leituras – nem sempre tão direcionadas para a pesquisa, mas buscando fazer relações com ela –, tentar ir a congressos e fazer algumas publicações. Foi um ano difícil, entre trabalho e curso. Conciliações, encontros e desencontros! E ainda tive o agravante de uma greve nas universidades federais. Estava em greve e, na medida do possível, tentando entrar no movimento, entre assembleias, passeatas, manifestações, acompanhamento de notícias... Lia sobre funk, favela, lia Deleuze, Foucault... Lia, discutia, pensava, escrevia...

Era cedo para ir para o campo. No entanto, essa periferia faz parte da minha rotina. Estou lá toda semana, pelo menos por duas ou três vezes. Assim, mesmo não estando oficialmente em campo, estava no campo, vivenciando minhas experiências. Falava delas nos encontros de orientação. Talvez por isso, o Anderson me incentivou a marcar um primeiro encontro com as adolescentes que eu tinha em mente no meu projeto de pesquisa. E as dificuldades começaram a aparecer.

Numa primeira tentativa de aproximação, decidi ir na terça-feira (22/05/2012), quando acontecem as atividades no Centro Espírita com as/os adolescentes. Cheguei por volta das 19:00 horas, com uma companheira, acessando o bairro por um caminho onde supunha

encontrar algumas das meninas. Não encontrei. Ao chegar ao Centro, pedi a alguns adolescentes que se aproximaram de nós que as procurassem. Eles foram, mas vieram com a notícia de que não as encontraram. Deixei recado com eles para que elas viessem me procurar.

Na quinta-feira seguinte, enquanto estava numa atividade no Centro, Carol, uma das adolescentes me chamou, perguntando se eu queria falar com ela. Eu perguntei:

- **Eu:** *Quero falar com as meninas que gostam de funk, você gosta?*
- **Carol:** *Eu gosto! Claro!.*

Expliquei que estava desenvolvendo uma pesquisa como a que tinha feito anteriormente (Mestrado), mas que queria falar agora de meninas e gostaria de encontrar com aquelas que vão ao baile funk. Então perguntei:

- **Eu:** *Você conhece as meninas do bonde daqui?*
- **Carol:** *Nóis é bonde, uai! [falou com certo orgulho].*

Combinei com ela que voltasse na terça para conversarmos e que era para ela chamar as outras meninas do bonde.

Entrei para a minha reunião.

Nesse mesmo dia uma amiga chegou com um contato de uma dançarina de baile funk. Liguei para ela no dia seguinte e marquei um encontro no bairro em que morava, na segunda-feira (28/05). A intenção era arrumar uma forma de conhecer um DJ para poder entrar num baile funk. Ela não foi e não consegui contactá-la depois. Não atendeu ao telefone. Insegurança, talvez?

Daí para frente, as dificuldades foram aumentando. Insistia em marcar alguns encontros em que ia, ficava esperando, sem que ninguém aparecesse. Por outras vezes, as poucas que apareciam demoravam muito a chegar. Consegui estabelecer algumas conversas, mas não vou me estender nessa questão agora. O Anderson me orientava no sentido de travar algumas relações mais informais, sentar na calçada com elas, procurar, eu mesma, encontrá-las pelo bairro e não me prender tanto ao Centro. Tentei seguir a orientação, mas não aconteceu. Simplesmente eu não as via mais como antes. Fazia caminhos diferentes para chegar ao bairro para ver se as encontrava, mas nada. Aos poucos, fui sabendo que umas estavam estudando à noite, outras arrumaram algum trabalho, cuidando de crianças ou outra coisa qualquer. Mas, a dificuldade maior estava no fato de que a maioria das adolescentes que eu conhecia e me inspiraram a pesquisa estavam se tornando evangélicas. Estavam abandonando o funk. Junto a isso, meu orientador insistia para que fôssemos juntos a algum baile. Olhar o movimento ao redor da festa, ver os/as adolescentes chegando... Poderíamos

começar assim, até chegar um bom momento em que entraríamos no baile para observações mais detalhadas. Várias vezes ele insistiu. Mas eu não sentia que era tão simples assim!

Angústia

Não deixava de viver certa angústia com relação ao tema de minha pesquisa. A possibilidade de visitar um baile funk, algo que nunca fiz antes, me trazia algumas tensões. Encharcada pelos discursos que o formatam como lugar de violência e pornografia, não podia, ainda, escapar de imagens que me amedrontavam. O que pensava encontrar lá, só na imagem, já me trazia desconforto. O que sentiria de fato? Não sei. Vivía a angústia por trabalhar com imagens prontas, pela dificuldade que sentia em esvaziar meus pensamentos, pensar sem imagens, como nos diria Deleuze (2006). Seria uma fuga da violência? Da violência enquanto representação sobre os bailes e também da violência enquanto aquilo que provoca um pensar diferente (DELEUZE, 2006)? Não sei, mas estava com essa sensação de angústia e, ao mesmo tempo, ansiedade por começar logo a pesquisa.

Meu foco eram as adolescentes e suas feminilidades, suas construções subjetivas. E, como mulher, constituída a partir de experiências, era também uma feminilidade, não pronta e acabada, mas em processo. Como esta experiência iria me passar? Como me afetaria? Como estaria depois dela? Sentia-me num abismo. Às vezes tinha vontade

de correr dele, fugir simplesmente. Mas havia algo de mais forte que me fazia ir ao seu encontro: a vontade de sentir.

Encontro... Sabia que este seria um encontro que propiciaria algo novo em mim enquanto mulher. Um novo pensamento, outro modo de estar no mundo. Sem novidades porém, porque constituído de mim mesma, como experiência vivida. Desafio... transformação. Ali havia pessoas, subjetividades que exigiriam de mim, pelo simples encontro, uma postura que traria tudo o que já tinha de constituído, mas que, para além disso, me possibilitaria um repensar em mim mesma e, então, uma forma outra de constituir-me. Era perigoso, mas era assim que queria estar. Aberta, “afetável”, disposta ao encontro... e às transformações... ao movimento.

Por um trecho, a toca de coelho seguia na horizontal como um túnel, depois se afundava de repente, tão de repente que Alice não teve um segundo para pensar em parar antes de se ver despencando em um poço muito fundo.

[...]

“Bem!”, pensou Alice, “depois de uma queda dessa, não vou me importar de levar um trambolhão na escada! Como vão me achar corajosa lá em casa! Ora, eu não diria nadinha, mesmo que caísse do topo da casa!”.

CARROL, 2010, p. 14-15

Será que poderia ousar e pensar como Alice, que depois disso tudo estaria pronta para tombos maiores? Estaria mais forte e corajosa? Sei lá!!! O que importa é que queria pensar... diferente! E para isso precisaria encontrar e sentir isso tudo. As dúvidas, as inseguranças, os medos, as afinidades, as repulsas, as angústias... E tudo isso intermeado por alguns momentos de alívio.

Há no mundo alguma coisa que força a pensar. Este algo é o objeto de um encontro fundamental e não de uma reconhecimento. O que é encontrado pode ser Sócrates, o templo ou o demônio. Pode ser apreendido sob tonalidades afetivas diversas, admiração, amor, ódio, dor. Mas, em sua primeira característica, e sob qualquer tonalidade, ele só pode ser sentido. É a este respeito que ele se opõe à reconhecimento, pois o sensível, na reconhecimento, nunca é o que só pode ser sentido, mas o que se relaciona diretamente com os sentidos num objeto que pode ser lembrado, imaginado, concebido. O sensível não é somente referido a um objeto que pode ser outra coisa além de ser sentido, mas pode ser ele próprio visado por outras faculdades. Ele pressupõe, pois, o exercício dos sentidos e o exercício de outras faculdades num senso comum. O objeto do encontro, ao contrário, faz realmente nascer a sensibilidade no sentido. [...] Não é uma qualidade, mas um signo. Não é um ser sensível, mas o ser *do* sensível. Não é o dado, mas aquilo pelo qual o dado é dado. [...] aquilo que só pode ser sentido (o *sentendum* ou o ser do sensível) sensibiliza a alma, torna-a “perplexa”, isto é, força-a a colocar um problema, como se o objeto do encontro, o signo, fosse portador de problema – como se suscitasse problema.

(DELEUZE, 2006, p. 203-204 – destaques do autor)

Numa pesquisa como a minha, o baile funk precisaria ser sentido e as imagens que tinha antes, desconstruídas e afastadas.

Mudanças à vista

As dificuldades iam se fazendo em minha pesquisa. Primeiro pelo próprio momento em que vivia. Reposição de aulas, devido à greve das universidades federais, ocupando um tempo enorme, dobrando minha carga horária em semanas intercaladas. Encurtando o que seria um trimestre para bimestre. Dez turmas, três séries, um módulo, quatro conteúdos distintos para preparar, estudar, aplicar avaliações, avaliar... E ainda precisava preparar os textos das disciplinas que cursava até então no doutorado, fazer artigos,

tentar publicar algo, buscar participações em congressos, fazer outras disciplinas. Minha vida estava em reviravolta, estava nas bordas do furacão, me mexendo, sendo jogada para lá e para cá...

Segue um recorte, produzido em 10 de outubro de 2012, de um dos registros que venho fazendo naquilo que chamo de “Diário de campo”:

Discutimos em nosso grupo de pesquisa (GESED). O assunto cai na modificação do campo e falo da modificação no meu campo em tão pouco tempo que se passou entre o projeto e hoje. Minhas funkeiras se tornaram evangélicas. Das minúsculas saias usam agora saias abaixo do joelho. Tenho tido dificuldades, nas visitas ao bairro, em encontrar as que ainda frequentam o funk. Será que está mudando o rumo de minha pesquisa? Será que preciso mudar de campo para continuar com o meu tema ou preciso mudar o foco e problematizar a própria mudança? Estou muito confusa, sem saber que escolha fazer. Será que preciso fazer escolha? As duas coisas não podem caminhar, de certa forma, juntas? Tenho opiniões do grupo. Marilda fala da realidade que enfrenta em sua escola, onde podemos encontrar os/as adolescentes de periferia, funkeiros e funkeiras de bairros diferentes, o que tem uma singularidade, pois os bondes são formados nos bairros e os conflitos entre os bairros são motores de violência entre os adolescentes, fato que vem se agravando, resultando em mortes e muito incômodo por parte dos moradores da cidade que acabam sofrendo com o que chamam de “brigas de gangue”. Lembro que não queria buscar adolescentes em instituições e o campo que objetivo é a própria comunidade. Mas quem sabe não posso constituir um caminho diferente? Parto da instituição – da escola da Marilda – e saio para a periferia com as próprias adolescentes. Pode ser muito rico para minha pesquisa. Sair do conforto do bairro em que de certa forma já mantenho um convívio, visitar outros lugares, onde elas possam me levar. Pode ser um risco interessante. Vou pensar. O Anderson – meu orientador – diz que tenho medo de ir ao baile funk. Tenho mesmo, mas também sei que posso enfrentar isso. Alguns colegas do grupo se oferecem para ir comigo, meu orientador é um deles. Penso que isso poderia causar um impacto. Estou na pesquisa, ensaiando passos, buscando coragem, tentando arranjar meu tempo que se enrolou com as reposições de aula por causa da greve nas universidades federais. Tenho dito ultimamente que meu nome é AULA. Carga horária dobrada semana sim, semana não, aulas aos sábados... Trabalho dobrado numa época em que esperava estar quase finalizando o ano letivo. Mas preciso esperar janeiro. Enquanto isso, leio os textos das disciplinas que curso. Aproveito

intervalos, “janelas” e todo tempo que consigo fazer. Sábados, domingos, feriados... Sinto certa angústia... Posso dizer: normal, né? E até: que bom! Tenho que me movimentar!

Num domingo, 18 de novembro de 2012, acordei querendo escrever de uma experiência que tive na tarde anterior e escrevi o que se segue:

É eis que algo muda: Temos desenvolvido um trabalho com as famílias das crianças e adolescentes que participam de nossa Casa Espírita. Um grupo de voluntárias se reveza para conversarmos com aquelas pessoas. As famílias que comparecem se reduzem em algumas mães de idades variadas (tem uma questão de gênero aqui!). Conversamos sobre tudo. É um espaço aberto, encaminhado a partir de assuntos que elas sugerem, de necessidades que apresentam. Ontem estive lá com mais duas companheiras e começamos a atender a um pedido delas de aprenderem a pintar caixinhas de MDF. Querem produzir algo que possa ajudar na renda e, a partir da experiência de uma delas – a Regina – que sabe pintar caixinha e já ganhou um “dinheirinho extra” com isso, pensaram que poderiam aprender também. A própria Regina ensinaria. Mas ela está grávida de quase nove meses e não pode comparecer. Como nós temos algum conhecimento sobre esse trabalho e o material já estava comprado, demos início à atividade. Todas lixando as caixas, entre brincadeiras, risos, perguntas sobre como fazer... o clima era de descontração, como na maioria das vezes acontece. Tintas, cores, combinações, pedidos de opiniões... “Como faz isso?”, “Está ficando bonito?”, “Acho que esta cor não vai ficar boa.”, “Pintar de preto? Ninguém vai comprar!”, “Nossa! Borrei minha mão!, Esta tinta sai, né? Tem baile funk amanhã!”. Então eu, despretensiosamente, disse: “É, acho que vou parar de procurar as adolescentes funkeiras e ir para o funk com vocês mesmo! Posso?” Essa foi a frase mágica. Eu já sabia que elas frequentam o baile funk, já conversamos sobre isso em encontros anteriores, mas a minha fixação pelas adolescentes não me deixava ir adiante, como se não tivesse nada a ver. As mulheres já me haviam dito que o baile funk é um lugar de diversão, lugar para ir sem marido, “sem encrência”, como elas mesmas dizem. Ficam com outros homens e até fazem aposta de quem vai beijar mais. É um lugar onde a casa fica em casa, digamos assim. Onde elas se isolam dos problemas, deixam tudo para lá, saem para respirar, vivem de outra forma (heterotopia? Vou pensar nisto!). Mas eu queria as adolescentes. Por quê?

Ontem “caiu a ficha”, gíria antiga, mas que ainda faz sentido. Por que tenho que me prender às adolescentes? Por que outros caminhos não podem se produzir? Por que limitar idades? Penso que ontem foi um daqueles bons encontros de que nos diz Deleuze. Lembro-me da fala de Carlos Skliar em uma palestra que assisti e busco minhas anotações. O que tenho anotado é:

Professor atenção: capacidade de atenção ao instante. Capaz de atender – não de explicar. Atender ao quê? Atender ao instante. Aquilo que nos permite parar, detenção, calma. A escola deve ser o lugar do instante em que a gente consegue demorar. O professor é um demorador do instante. Os poetas adoram o instante. O instante do mínimo, do pequeno, do que parece não ter importância.

Sensamentos: sensações pensadas, pensamentos sensíveis.

Educar é prestar atenção ao outro e fazer durar o instante.

Pedagogia do instante.

Poderíamos pensar a pesquisa assim, também? O(a) pesquisador(a) não deveria ser aquele(a) que se demora no instante? Que presta atenção no instante, se detém nele? Aquela pergunta, aquela brincadeira estão durando em mim, me fazendo pensar. Voltemos nele, então:

- Nossa! Borrei minha mão! Esta tinta sai, né? Tem baile funk amanhã!
- É, acho que vou parar de procurar as adolescentes funkeiras e ir para o funk com vocês mesmo! Posso?
- Pode, uai!
- Posso ir com vocês? Vocês não vão ficar sem graça?
- Por quê? Pode ir com a gente! Tem baile no Turunas amanhã! É só comprar o ingresso na feira. Cê vai lá pelas 11 horas e compra o ingresso por 10 reais. Se deixar pra comprar na bilheteria é 15.
- Como vocês acham que vai ser a reação das pessoas lá do baile? Não achar estranho eu chegar lá?
- Não, ué! Baile funk pode ir qualquer um!
- Mas e se eu for assim, com as minhas roupas?
- Uai, vai! Mas você não tem um shortinho?

- *Não! Se eu for vai ser assim, de Rosinha, com as roupas que eu sempre uso!*
- *Vai, vai! Tem gente que vai de calça também!*
- *Posso ir com vocês? Ver vocês se arrumando pra ir?*
- *Se você quiser! [a expressão no rosto era a de quem não estava entendendo muito o meu interesse]*
- *Vou pensar! Talvez amanhã, não, mas no outro domingo, se vocês forem... Vai ter baile no outro domingo?*
- *Vai!*
- *Tem briga nesses bailes?*
- *Sempre tem! Mas todo lugar tem briga!*

A conversa girou em torno disso, sem muita precisão, mas foi o que ficou dela. Estou agora com outro caminho se abrindo. No mesmo campo. Talvez, por essas mães eu chegue às adolescentes, talvez não e a pesquisa tome outro rumo. Preciso do meu orientador para me ajudar nisso. Neste momento, sinto-me à deriva...

Essas anotações datadas, não se fixaram lá, naquele 18 de novembro. Elas ficaram girando, me incomodando, fazendo pensar. Caminhos distintos se abriam para a minha pesquisa. Que campo rico eu tenho! Posso navegar por diferentes mares, num só oceano. Nesse momento da pesquisa, sentia-me numa trifulcação:

- 1) Assumia as adolescentes que tinha desde o início e iria seguindo seus rumos na igreja evangélica?
- 2) Saía em busca de outras adolescentes a partir da escola da minha amiga, Marilda, criando um grupo diverso e mantendo o foco nas adolescentes funkeiras?
- 3) Partia para uma pesquisa com essas mães que cruzavam meu caminho agora?

Precisava pensar, ponderar, decidir. Adolescentes, mães, mães adolescentes, mães funkeiras... Todas mulheres... mulheres na periferia. Com quem seguir?

Outras coisas vão acontecendo

Quanto às dúvidas que se instalavam, não ficava com elas só para mim. Entre orientador, amigos/as do GESED, analista (é claro que eu tive que buscar uma, pois a ansiedade morava em mim!), marido, filhos e filha, e quantos mais se interessassem em me

ouvir, fui colhendo impressões, ideias, opiniões. Diversidades! Cada um/a tendia para um lado. O funk tinha peso na minha pesquisa. Tive muitas ofertas de companhia para o baile. Ao falar que pesquisava funk, qualquer pessoa se interessava, queria saber motivos, objetivos... Não havia indiferença quando o assunto surgia. Sempre tinha um espanto, uma indagação e, às vezes indignação quanto ao meu tema. Mas, na maioria das vezes, havia uma aceitação bem interessante. Algo tão marginalizado é objeto da curiosidade de muitas pessoas! É também alvo de brincadeiras e ironias, mostrando preconceitos e afirmando as representações que já tinha comigo. Cheguei a ouvir coisas do tipo *Você tá doida? Por que não pesquisa outra coisa? Pesquisar funk na Universidade? Isso é importante?* Mas também ouvia: *Que legal, vai ficar muito interessante!* Quanto à minha dúvida, esta só crescia!

Chegou a época de me inscrever em congressos. Pelo menos dois deles eu precisaria tentar: O “Fazendo Gênero” que aconteceria em Florianópolis e a “36ª Reunião da Anped”, que aconteceria em Goiânia. Para o primeiro, encaminhei uma proposta de trabalhar o funk como currículo cultural atuando na formação das adolescentes de periferia. Para o segundo encaminhei um artigo que problematizava reportagens publicadas em alguns números de um jornal local. Foquei na situação das mães que perdiam seus filhos/as (a maioria do gênero masculino) na violência das “brigas de gangues”⁹. O que me incomodava nesse segundo tema era a solidão em que se encontravam as mães. No artigo, cheguei a escrever, na tentativa de problematizar algumas falas presentes nas reportagens.

Quando se fala em família, destaca-se a mãe. São elas que estão ao lado dos/as filhos/as. São as que temem, sentem culpa, raiva e impotência. São também elas que ‘ganham voz’ para falar do que tem acontecido nesse clima de ‘guerra urbana’. São as que tentam entrar em acordo para ‘apaziguar a situação’, as responsabilizadas por ‘soltar as rédeas’ e tentar ‘puxá-las’ de volta, e, ainda, por ensinar aos/às filhos/as a não levar ‘desaforo para casa’. Por que somente as mães são chamadas a falar? Poder falar sobre o que tem acontecido com seus filhos dá a essas mulheres uma posição de sujeito, pois, implica saber o que dizer e em poder dizer. São investidas de certa autoridade, pois não é qualquer pessoa que pode falar sobre qualquer coisa (FOUCAULT, 2009¹⁰, p.9). E por que são entendidas dessa forma? Os pais não podem dizer nada? Por que são chamadas à responsabilidade pela condução dos filhos? Morar na periferia determina certo tipo de maternidade e paternidade? (RITTI, 2013b, p.4)

Escrever esse artigo fez com que retomasse algumas questões levantadas na minha pesquisa de Mestrado. Naquela época, já havia observado a grande expectativa dos/as

⁹ Como frequentemente os conflitos violentos entre os adolescentes de periferia são denominados pelos jornais.

¹⁰ Ver nas referências FOUCAULT, 2009a.

adolescentes com relação às mães. Nas reportagens do jornal, assim como nas falas dos/as adolescentes o pai é ausente – porque morre na vida do crime, ou vive sob o efeito de drogas, entre elas o álcool, porque não presta nenhuma assistência ao lar ou simplesmente porque abandona a mulher com os/as filhos/as – e, quando presente, é produtor de muita violência doméstica. Causa medo, insegurança e sofrimento. Importante lembrar aqui que, tanto na minha pesquisa quanto nas reportagens trata-se de um tipo de adolescência na periferia, uma adolescência que se envolve na violência dos bondes, não correspondendo, assim, a todos os tipos de famílias que residem lá. As reportagens e as falas dos/as adolescentes em minha pesquisa somando-se ao atual trabalho com as mães no Centro Espírita que frequento apontavam para uma possibilidade de trabalho que estudasse a formação dessas feminilidades. As constituições subjetivas das mães na periferia.

Apesar de tudo isso, meus esforços para a pesquisa de Doutorado se concentravam nas adolescentes na cultura do funk. Estava tentando buscar caminhos para constituir um grupo de adolescentes. A escola da Marilda era uma opção bem viável. Outra opção se construía com a ajuda da minha manicure. Ela conhecia um bonde feminino que poderia me apresentar, com uma grande vantagem: as meninas moravam mais perto da minha casa. Assim, já pensava em algumas estratégias, num cronograma de leituras e até um pequeno sumário se construía nos meus planos. Já tinha assistido a alguns vídeos na internet, pesquisado algumas letras de funk mais tocadas num baile frequentado pelas adolescentes de Juiz de Fora. Estava às voltas com o meu problema inicial: as adolescentes e o funk. E chega o dia de uma orientação. E preciso falar um pouco disso agora!

Na orientação toma-se um rumo

Dia de orientação! 11 de abril de 2013. Chego com algumas novidades para o Anderson. Havia acontecido algo que pensava responder alguma coisa que ele sempre me instigava a pesquisar. Uma pesquisa difícil de fazer porque tinha que me colocar como problema. A questão era: *Por que eu estava na periferia?* Questão simples esta! A resposta imediata era: *Porque uma amiga me convidou.* Ele retoma a questão: *Mas, por que pesquisar na periferia?* E eu digo: *Porque eu estou lá, convivo na periferia, trabalho com adolescentes.* Mas, por que permanecer enquanto tantos foram embora, só passaram, acharam lindo o trabalho que fazemos, mas não ficaram? Por que me apaixonei, amo aquele convívio, não quero sair? Não sabia por que, mas precisava pensar. A questão ficou em mim, rodando em minha cabeça, buscando resposta. Às vezes pensava que não havia resposta. Precisava de

resposta? Gosto de adolescentes, trabalho com eles/elas ministrando aulas no ensino médio. Gosto da periferia. Mas tudo isso ainda era pouco. Meu orientador é exigente! Mas também muito paciente!

Sentia que as respostas não satisfaziam e continuava pensando. Pensei bastante. E de vez em quando recebia uma cutucadinha dele. *Você precisa saber o que faz você se interessar por tudo isso*. E aconteceu! Um dia, depois de tomar um banho, coloco um roupão, enrolo a toalha na cabeça. Saio do banheiro e me deparo com o espelho que sempre esteve ali, naquele mesmo lugar. Tudo bastante automático. Nem me lembro no que pensava. O fato é que, quando me olho no espelho, aquela resposta tão procurada cai “do nada, de lugar nenhum”. Estou na periferia e me interessa tanto por ela porque as vidas daquelas crianças se aproximam muito da minha própria vida e da minha infância. Não que sejam iguais, mas em muito se assemelham e até as contradições provocam aproximações.

Quando criança, era muito magra, caolha, desinteressante. Vivia exposta a discursos depreciativos, algumas vezes, percebia que pessoas zombavam de mim. Minha família não era de prosseguir muito nos estudos. Minhas irmãs e irmãos paravam logo de estudar. Meu irmão mais novo e eu éramos filhos de uma relação fora do casamento. Meu pai, muito mais velho que minha mãe, tinha outra família com duas filhas e três filhos com os/as quais não me relacionei, posso dizer que nem os/as conheço. Minha mãe, viúva, tinha quatro filhas e um filho do seu casamento. Fui criada na casa de minha mãe. Meu pai, embora tivesse outra família, vivia separado da esposa, mas sob o mesmo teto (complicado, mas era assim mesmo!). Assim, namorava minha mãe todos os dias. Ia nos ver e era muito presente, mesmo diante de tanta ausência (aqui há uma contradição que aproxima!). Quando completei doze anos, a esposa de meu pai faleceu e seis meses depois ele e minha mãe se casaram. Ele, então veio morar conosco. Enquanto a família por parte da minha mãe se contentava com os poucos estudos e a precoce inserção no trabalho, até pelas contingências da vida difícil que levávamos – minha mãe chegou a lavar roupas para outras famílias para o sustento da nossa –, meu pai incentivava para que todos/as nós estudássemos. Entre os discursos que se entrecruzavam e criavam a minha verdade, a maioria se dava no sentido de adesão à vida que meus irmãos e irmãs levavam. Mas o do meu pai era um discurso diferente e era com o dele que eu me identificava mais. Foi assim que fiz o possível para vencer o que o meu meio me impunha mais fortemente. Considero que consegui provocar rupturas. Daí, acredito na força dos discursos, na sua capacidade em criar realidades (É! Acho que descobri mais um pouquinho sobre minha identificação com o Foucault também!).

Os discursos que se entrecruzam e constroem a realidade na periferia são muito depreciativos, afinal, o que se diz sobre o negro? Sobre favela? Sobre violência? Sobre tráfico de drogas?... Tudo isso está relacionado com a periferia e seus/suas moradores/as. Será que se começarmos a construir discursos diferentes poderemos pensar em construir realidades diferentes?

Interessante é que eu já pensava isso antes. É nesse sentido que escrevi minha dissertação, é nesse mesmo sentido que escrevo meus artigos e meus trabalhos. É nesse sentido que conduzo minhas aulas de filosofia quando o assunto passa por essas questões e, como não poderia deixar de ser, é também nesse sentido que procuro interferir na educação de meus filhos e filha. Enquanto no início da minha convivência nessa periferia a minha vontade era a de mudar a forma como aquelas pessoas viviam, a convivência no bairro e as experiências vividas propiciaram atravessamentos. Afetei e fui afetada. Até sinto que ajudei em algumas mudanças lá, mas me transformei também. E muito! Hoje, vejo que não são aquelas vidas que precisam ser mudadas para que se enquadrem em um certo tipo de sociedade, mas é esta sociedade que precisa se transformar, quebrando seus preconceitos, mudando seus discursos, para que vidas em sofrimento não se constituam. Utopia? Pode ser... Mas essa forma de entender me leva a pensar que assumo ali, muito mais que um posicionamento religioso, uma vivência ética e política. Quero aprender com aquelas pessoas, saber sobre suas dores e alegrias, mas um saber que sente junto, que não quer julgar nem dominar, que pretende construir caminhos junto com elas, ali, naquele lugar, do qual também me sinto parte, agora. E se algo carrego em mim que possa tocá-las e também, de alguma forma, transformá-las, que seja pelo simples movimento de nossas relações.

Depois de me ouvir atentamente, o Anderson me sugere a leitura de “Alice”. Por isso é que de vez em quando eu estou escrevendo sobre coelhos falantes com bolso, colete e relógio! E tenho outras coisas ainda para falar! Mas a parte que ele queria mesmo era “Através do espelho”! Bom, eu li “Alice”!

Grande, pequena,

Grande Alice!

Do tédio do livro sem figuras

Ao mundo maravilhoso

Dos bichos que falam

Dos valetes, reis, rainhas

Dos baralhos embaralhados

Duquesa, bebê-porco
Do instante que dura para o homem do chapéu
Líquidos e bolos e cogumelos
Que fazem crescer e encolher!
Corre, se esconde, foge
Aparece, pergunta, pergunta...
Curiosa Alice!
Vai sem saber para onde, mas vai!
Corajosa Alice!
E quanta mudança acontece
Que faz até se cansar
Cresce, encolhe...
Do tédio do livro sem figuras
Ao mundo das maravilhas
Que cabe no seu sonhar!
E ainda não satisfeita
Caminha, Alice, de novo
Passando pelo espelho
Vivendo pelo avesso
Anda e não sai do lugar
Muda de direção para poder encontrar
O que do outro lado pensava estar
Vários encontros
Uns bons, uns ruins...
Por vezes se diverte
Por outras se aborrece
Até do seu nome se esquece!
Quanta coisa diferente
No mundo às avessas Alice conhece!
Se surpreende, estranha, procura, quer ir, quer ficar...
Sabe que vai mudar!
E assim, Alice continua a sonhar!
Pequena, grande
Pequena Rainha Alice!

Alice é uma pesquisadora e tanto! Não se furta a explorar o campo do jeito que ele se fizer. Não faz planos, simplesmente vai. Ouve a todos, pergunta bastante, inclusive, conversa muito consigo mesma. Ousada, Alice não se esquivava de experimentar e não desiste de aprender. Quer sentir saber. Não quero perder esse livro de vista.

Depois de me indicar a leitura de Alice, vem a pergunta: *Você faz muita questão do funk?*. Fiquei meio surpresa! Respondi que não, embora achasse importante na subjetividade das adolescentes. E veio a proposta: *Por que não trabalha com as mães?* Bom, esta já era uma das opções, mas o meu forte estava nas adolescentes. Então, perguntei: *Mas e as adolescentes?* E ele responde: *Penso que através das mães você chega nas adolescentes também! E trabalhar com as mulheres, não é abandonar o funk, mas é pensar não somente o funk ou a partir do funk, mas que lugar o funk ocupa nas constituições dessas mulheres; é pensar também outros espaços em que elas circulam e constituem suas subjetividades. O funk é um deles, mas não é o único e talvez não seja o central!*

Naquele momento, perdi um pouco o meu chão, (haja abismo para se cair!!!) mas ao mesmo tempo, ganhei uma âncora (ainda bem!). Senti um misto de prazer e angústia, decepção talvez. Mas havia movimento em mim. Será que o Anderson leu isso em meus olhos? Ele diz que meus olhos falam...

Fiquei pensando o que faria com vídeos, reportagens, artigos... E aquelas coisas que o Tarcísio vivia mandando para mim? As dicas do Marcelo? As opiniões que colhia quando falava da minha pesquisa? Tantas coisas passavam pela minha cabeça... Fui comprar “Alice”.¹¹

Minha questão: a mesma e tão diferente?!...

Diante de todo esse movimento que acabo de narrar, dos desdobramentos disso no prazo de pouco mais de um mês para fazer as leituras indicadas (não pense que foi só “Alice”, não! Teve mais textos!) e escrever o texto desde a minha incursão na periferia até a questão da pesquisa (São dezesseis anos! Não foi fácil, não!), penso que muitas mudanças se fizeram. Muitas coisas aconteceram (várias notícias sobre crimes envolvendo menores de idade, alguns temas suscitados em minhas aulas de filosofia, a morte de um adolescente, assassinado pelo tráfico de drogas, uma palestra com MV Bill...) e me ajudaram a construir minha questão de pesquisa. Vou pesquisar as mulheres mães na periferia. Mães que sofrem e

¹¹ Tarcísio e Marcelo são meus amigos na pós-graduação.

se divertem, pintam caixinhas de madeira, criam seus/suas filhos/as, trabalham em casa e na rua, vão ao baile funk, choram e dão gargalhadas! Mulheres lindas, de belezas marcadas... Que caminhos percorrem para que sejam o que são? Como se sentem diante de tudo o que lhes é cobrado? Que discursos valorizam? Em que representações se reconhecem? Como são capturadas? Como constroem seus espaços de liberdade? Como resistem? Como se inventam?

Mesmo voltando minha atenção para as mães, ainda guardava a intenção em trabalhar com o funk. Porém, como o Anderson já havia desconfiado, o funk não se tornou central na subjetivação das mulheres que se envolveram na pesquisa. Assim como as adolescentes, as mulheres mães que gostavam de funk afastaram-se de uma hora para outra e, embora tenham sido convidadas para o primeiro encontro relacionado à pesquisa, acabaram não indo. Do dia desse encontro, tenho anotado:

Às 13 horas subia o bairro para buscar as mulheres, como havia combinado. A dúvida morava em mim. Não sabia ao certo quem iria ou quantas iriam. Iniciando a subida, um grupo de umas 4 das mulheres que haviam sido convidadas descia o morro junto com algumas crianças. Ouço alguém dizer: “Ali a Rosinha!”. Previa um movimento fraco. [...] Chegando ao bairro, achei tudo muito quieto. A rua estava bem vazia, o que não é comum. Somente a Januária conversava com seu pai enquanto me esperava. Quando parei o carro ela foi logo dizendo: “Rosinha essa turma não tá querendo nada, não. Tem final de campeonato no bairro e foi tudo pro campo!” Pensei até que poderia ir para o campo também, mas não seria justo com as que me esperavam. E falei: “Não tem importância, a gente vai pro sítio com quem aparecer”.

E apenas cinco apareceram. E com elas iniciei os encontros da pesquisa. As demais não aceitaram outros convites e também se afastaram das reuniões do Centro, aparecendo esporadicamente. Será que a possibilidade da pesquisa as afugentou? Não sei! Será que a minha condição de espírita causava algum constrangimento para tratarem dos assuntos propostos para a pesquisa? Estariam preocupadas com algum julgamento moral de minha parte? Pode ser! Haveria ligação entre a pesquisa e o afastamento das reuniões do Centro? E as que ficaram, por que ficaram, mesmo não sendo frequentadoras dos bailes funk? De qualquer forma, não deveria me frustrar com a quantidade de mulheres. Afinal, com quantos sujeitos se faz uma pesquisa como esta? Não deveria me preocupar com o número, já que não buscava totalizações nem estatísticas e sim subjetividades singulares. Então, dessa forma, o caminho foi se construindo e o funk, de protagonista inicial, tornou-se uma lacuna,

pois as que ficaram não davam importância a ele em suas constituições. Enquanto isso, outras forças entravam em jogo. E fui jogar com elas.

Num encontro de famílias no Centro em que estive com as mulheres na finalização das pinturas em caixinhas de MDF, minha companheira nessa atividade elogiou: *Nossa! Como está ficando bonito! Vocês são muito criativas!* Uma delas, em tom de brincadeira e com um sorriso largo respondeu: *“Aqui a gente tem que ser criativa mesmo! A gente cria todo dia! A gente cria vida!”*.

Com essa fala, que anotei logo que foi dita e inspirou o título desta tese, deixo a questão principal de minha pesquisa: **Como vão se constituindo as subjetividades de mulheres mães na periferia?**

Algum objetivo?

Sim, claro! Alguns objetivos práticos a que nos obriga uma tese de doutorado como, por exemplo, a produção de conhecimentos sobre uma certa “realidade”, mesmo que construída, contingente e dinâmica. Alguns conhecimentos aqui construídos poderão, inclusive, ter um fim utilitário na área da Educação, para quem quiser encontrá-lo. Conhecimentos até mesmo importantes, pois podem trazer algumas novidades, serem vistos como interessantes, provocarem movimento e ajudarem na reflexão, instigando um pensar diferente sobre o problema que me proponho a discutir. Com eles, podemos problematizar, trazer para a escola novas formas de pensar determinadas realidades e assim, novas formas de, também, interferir nelas, transformá-las, mesmo que sutilmente, sem pretensão de grandes transformações, mas sem também perder de vista que, enquanto educadoras/es, precisamos nos comprometer ética e politicamente para a produção de um mundo onde cada vez mais possamos, todas e todos, viver ampliando nossas possibilidades de felicidade e plenitude.

Trabalhando com uma concepção mais ampliada de educação, para além dos espaços escolares, podemos

ressaltar o aspecto interminável de construção e reconstrução das relações humanas como processo educativo de formação e transformação [...] Neste raciocínio, todo espaço de relação se constituiria e atuaria como um espaço pedagógico. (FERRARI, 2010a, p. 8)

Entendo, com isso, que as próprias relações estabelecidas no decorrer da pesquisa entre as mulheres e eu, têm servido, de alguma forma para nos educarmos mutuamente, nas escutas, nas falas, nos silêncios, nos olhares, nas problematizações, nas

trocas que têm surgido e nos atravessado enquanto seres (subjetividades/sujeitos) sempre em construção.

Não pretendo, com isso, acumular grande volume de meras informações, pois, como nos diz Larrosa (2004, p. 116), muitas informações não deixam lugar para a experiência e, o fundamental neste trabalho de pesquisa é assumir os perigos da experiência, da “exposição”, da viagem, da travessia... É escrever, assumir as palavras para minha própria constituição. Falar das mulheres, falar de mim, afetar, ser afetada, não ficar alerta para me prevenir, mas aberta para mudar o que venho sendo. E ao final desta caminhada, se é que podemos falar em final, gostaria de sentir em minha tese como Foucault em seus livros.

Os livros que escrevo representam para mim uma experiência que desejo que seja a mais rica possível. Ao atravessar uma experiência, se produz uma mudança. Se tivesse que escrever um livro para comunicar o que já sei, nunca o começaria. Escrevo precisamente porque não sei o que pensar sobre um tema que atrai minha atenção. Ao fazer assim, o livro me transforma, muda meus pontos de vista. [...] Quando escrevo, faço-o, sobretudo, para mudar a mim mesmo e não pensar o mesmo que antes. (FOUCAULT, 2009b, p. 9 – tradução minha)

ENCERRAMENTO

No que já escrevi até aqui, creio que deixo transparecer a minha atração pelo meu campo de pesquisa, minha paixão mesmo. Que possa ficar, também, a minha vontade de pensar diferente, mudar meus pontos de vista e, sobretudo, ser outra, ao “final” disso tudo. A proposta é, então, a de construção de uma *teseexperiência*. E propor-se fazer uma *teseexperiência* não estaria no caminho de se construir um saber espiritual, aquele tipo de saber que Foucault vai nos trazer em “A hermenêutica do sujeito” (FOUCAULT, 2011)? Um saber que exige de mim um deslocamento; um movimento obrigatório de saída do lugar que tenho ocupado? Um deslocamento que me leve a buscar a “apreender as coisas ao mesmo tempo em sua realidade e em seu valor” (FOUCAULT, 2011, p.276)? Um saber que me faça olhar para mim mesma e tenha como efeito a minha transfiguração, um encontro com outra forma de ser? Afinal, não é isso que tem acontecido?

Escrever uma *teseexperiência* implica em caminhos bem próprios, talvez distantes de muitos caminhos já tão conhecidos em pesquisas que lemos. São esses caminhos que serão pensados a partir de agora.

*Linhas, desvios, curvas, abismos... rigor, tudo junto:
os caminhos da pesquisa e quem vem comigo*

Não considero necessário saber exatamente quem sou. O que constitui o interesse principal da vida e do trabalho é que eles lhe permitem tornar-se diferente do que você era no início. Se, ao começar a escrever um livro, você soubesse o que irá dizer no final, acredita que teria coragem de escrevê-lo? O que vale para a escrita e a relação amorosa, vale também para a vida. Só vale a pena na medida em que se ignora como terminará.

(FOUCAULT, 2012d, p.287)

Creio que o que escrevi até então já diz muito dos caminhos que faço para pesquisar. Penso que estar no campo pede corpo poroso, pronto para se encharcar. Sem se agarrar a certezas, imagens prontas. Ser maleável, ser barro, sempre mole, sempre moldável, querer receber.

Ser água...

Água do rio

que corre,

esbarra nas pedras,

carrega coisas,

muda de tom,

ora em linha reta,

ora em curvas sinuosas

enfrentando as calmarias do leito manso,

sem fugir das cachoeiras que desgovernam...

Água que desce,

bate forte nas pedras,

espuma,

faz barulho,

entra de novo em calmaria,

às vezes desvia

mas sempre movente, segue seu caminho para o mar

onde se dispersa e se salga, muda a cor,

embeleza-se!

Experienciar¹² o campo me coloca no horizonte da transformação. Muda meu olhar sobre o mundo. Mudar o olhar sobre o mundo me faz mudar o olhar sobre mim e sobre minha forma de estar nesse mesmo mundo. Vamos pensar um pouco nesse olhar e naquilo que se olha quando olha – o mundo, eu mesma, o/a outro/a... Penso um olhar que possibilita “movimentar num processo. Inventar vida” (ROTONDO; DUTRA; MAROCCO, 2013, p.379). Como assim?

As metáforas ligadas à visão têm sido muito importantes na nossa tradição cultural, na medida em que a visão tem sido celebrada enquanto sentido privilegiado capaz de fazer uma mediação acurada e fidedigna entre nós e a realidade, ou seja, mostrar como é *mesmo* o mundo. (VEIGA-NETO, 2002, p.24 – grifo do autor)

Não é isso que falo quando falo em olhar. Quando uso o verbo “olhar”, não o uso no sentido de olhar algo estático, um objeto pronto e acabado que deva ser decifrado. “Olhar”, assim como “ver”, “enxergar”, “pensar sobre”, entre outros verbos e expressões similares são usados em qualquer lugar desta tese no sentido de buscar o campo, a realidade, a mim mesma e as mulheres sujeitos da pesquisa, não em sua verdade, mas em seus processos. E os processos se constituem no jogo de forças da vida e do mundo que também se multiplicam em vidas e mundos – sujeitos, subjetividades, pessoas e as muitas de mim mesma. Multiplicidades. Nas perspectivas com que trabalho, entendemos que o olhar que botamos sobre as coisas, as constituem e criam os problemas do mundo, já que os problemas também não existem por si só (VEIGA-NETO, 2002, p.30). Ao olhar e colocar o problema, arriscamos o dizer. As realidades são, então, criadas pelos nossos olhares e nossas palavras, ou seja, são inventadas. Nós a inventamos.

[...] os entendimentos sobre o mundo [...] se dão em combinações flutuantes entre olhares e enunciados, entre visão e palavras, entre formações não-discursivas e formações discursivas. Não há um porto seguro, onde

¹² O uso deste termo justifica-se pela necessidade de se diferenciar “experiência” de “experimento”. Larrosa (2004, p. 131-132) diferencia os dois termos, dizendo que “pretende evitar a confusão de experiência com experimento, ou caso se queira, limpar a palavra experiência de suas contaminações empíricas e experimentais, de suas conotações metodológicas e metodologizantes. Se o experimento é genérico, a experiência é singular. Se a lógica do experimento produz acordo, consenso ou homogeneidade entre os sujeitos, a lógica da experiência produz diferença, heterogeneidade e pluralidade. [...] Se o experimento é repetível, a experiência é irrepetível [...] Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida.” O verbo “experienciar”, no entanto, não foi encontrado nos dicionários editados aos quais tive acesso durante a pesquisa, mas já faz parte de dicionários *on line* e encontra-se conjugado no Portal da Língua Portuguesa, na página: <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=lemma&lemma=30097> (acesso em 07 jun.2013).

possamos ancorar nossa perspectiva de análise, para, a partir dali, conhecer a realidade. Em cada parada no máximo conseguimos nos amarrar às superfícies. E aí construímos uma nova maneira de ver o mundo e com ele nos relacionamos, nem melhor nem pior do que outras, nem mais correta nem mais incorreta do que outras. (VEIGA-NETO, 2002, p. 33-34)

Então, quando digo “olhar”, penso em “olhar” que compõe com; que traz para o que olho tudo aquilo que sou, que tenho sido e que, do meu modo de olhar, não se aparta. É também um olhar que se afeta com o visto. Constitui o visto e me constitui junto. Um olhar sobre/com/complicado/implicado, não distante nem asséptico, mas um olhar de dentro e com. “Um olho com visão aproximada que tateia, diria até que fareja, roça a terra do vivido daquela periferia com corpo inteiro. Esse olhar tateante farejador se fez em pesquisa, ensaiando com as [minhas] companheiras” (ROTONDO, 2014¹³), criando com elas as nossas verdades. “Um olho-óptico-tátil. Ele vê, tateia, escapa, inventa!” (ROTONDO; DUTRA; MAROCCO, 2013, p.381).

Assim, entendo que tudo o que fiz neste texto, até agora, foram constituições que continuarão em movimento no que ainda virá. Tenho constituído um campo de investigação, constituído as mulheres, sujeitos/subjetividades da minha pesquisa, constituído a mim mesma. O que sou hoje não é, nem de longe, o que era no início de todo o trajeto que acabei de narrar. O meu campo já não é o mesmo, as mulheres são sempre outras... e, ao iniciar, ignorava onde tudo isso iria dar, o que fez tudo valer a pena.

O que trago agora, para este momento de escrita diz um pouco mais dos meus modos de pesquisar. É um momento em que falo de caminhos que vão se traçando e apresento as pessoas que caminham comigo. Trago os referenciais teórico-metodológicos, e apresento as mulheres que me acompanharam nestes anos de pesquisa. É com eles e elas que escrevi esta tese. São eles e elas que me ajudaram a olhar o movimento que não parou de movimentar.

Os caminhos da pesquisa

Que caminhos, então, percorri? Que métodos dizem da minha forma de olhar o mundo e, por isso, estão aqui? Que modos de pesquisar orientaram minhas buscas? Sempre ouvia do meu orientador: *Não somos nós que escolhemos os modos como pesquisamos, são eles que nos escolhem!* Penso que seja por aí mesmo. Guacira nos diz que

¹³ Fragmento retirado do parecer da Professora Margareth Rotondo para a primeira qualificação desta pesquisa.

a forma como se escreve (ou se fala) está articulada, intimamente, à forma como se pensa e se conhece [e que] não se trata de dizer, simplesmente, que a linguagem que usamos reflete nosso modo de conhecer, e, sim, de admitir que ela faz muito mais do que isso, que institui um jeito de conhecer. (LOURO, 2007, p.236 – destaques da autora)

Escrevemos nossas pesquisas por uma linguagem que está articulada com a forma como pensamos e produzimos os conhecimentos, o que também é linguagem. Isso nos ajuda a pensar que os modos como pesquisamos tem a ver com nossa forma de ver o mundo, de dizê-lo e, assim, de constituí-lo. Se olhamos o mundo a partir de certezas tentaremos, também, produzir certezas e constatações em nossas pesquisas, mas se olhamos com um olhar indagador e desconfiado, nossas investigações devem suscitar questões, dúvidas e incitar novas buscas.

Por muito tempo, foi considerado imprescindível que pesquisas e textos produzidos no campo da educação apontassem direções, trouxessem recomendações ou encaminhassem possíveis soluções para problemas. Segundo muitos, essa é uma ‘marca’ da área que deve continuar a ser preservada. Em consequência, tais textos, frequentemente, têm um tom prescritivo e reivindicam autoridade. Quando apresentamos nossas ideias como ‘fatos’, também nos colocamos na posição de quem sabe o que está afirmando e, de algum modo, estamos oferecendo a quem lê a possibilidade de discordar ou concordar com o que estamos dizendo. Quando ‘recheamos’ nossos textos de questões, provocamos um deslizamento na fonte de autoridade e instigamos ou convidamos o/a leitor/a a formular respostas às indagações feitas. (LOURO, 2007, p.236-237)

Modos de ver, pesquisar, escrever... Estamos, então, no campo dos métodos. Embora as pessoas digam que eu seja muito organizada, o que considero um elogio, tenho muitas dificuldades com os tais métodos. Enquanto professora, raras são as aulas que preparo e são seguidas conforme o programado. Muitas vezes observo que aquilo que improviso, aquilo que sai intuitivamente no trabalho com qualquer tema ou conteúdo, produz um efeito melhor do que quando tento cumprir o que tenho pronto. Talvez seja porque conta com a cumplicidade e implicação dos/as estudantes e assume as possibilidades que se abrem no contexto das aulas, a potencialidade que se dá. Pode ser... Além disso, a vida tem me ensinado que quanto mais queremos controlá-la, mais ela nos escapa e traça seus próprios rumos. Por isso, tenho procurado viver sem muitos planos.

Penso que tenho feito isso também enquanto pesquisadora. Pesquisar é um pouco isto! Percorrer caminhos que não são claros, pois, se fossem, seriam sem graça, sem beleza, muito previsíveis, sem entusiasmos. Afinal, o que vou buscar se já está tudo tão

previsível, se nada me espanta? E se não me espanta, não me toca, não me tira do lugar, não me provoca o pensar!

Mas, essa forma de pesquisar precisa de modos de ver muito peculiares. Nos caminhos que percorri desde o primeiro contato com a periferia e, principalmente nos momentos em que me dedicava às pesquisas, muitas vezes me via diante de situações problemáticas que se fossem vistas por outras formas diferentes daquelas que costumo ver, me fariam desistir, por um ponto final, pela impossibilidade mesma de tratar do assunto inicialmente proposto. São situações que poderiam me paralisar. Mas tenho aprendido que

quando ficamos paralisados/as ao tomar decisões metodológicas, devemos ter bem claro que o problema certamente não é nosso despreparo na utilização de instrumentos, técnicas ou métodos, mas sim a incapacidade ou inadequação dos métodos, supostamente disponíveis, para dar conta de formas emergentes de problematização. (COSTA, 2002, p.18)

Nesse sentido, é preciso rever os métodos tradicionais, “desengessá-los”, reconstruí-los ou criar outros, assumindo “que a metodologia deve ser construída no processo de investigação e de acordo com as necessidades colocadas pelo objeto de pesquisa e pelas perguntas formuladas” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p.15). É preciso também “(re)significar procedimentos éticos, de investigação e de análise que já existem para dar-lhes outras configurações” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p.20).

Sendo assim, busquei no conjunto das abordagens pós-críticas, as inspirações que me auxiliaram a compor o campo e traçar meus caminhos numa metodologia entendida “como um certo modo de perguntar, de interrogar, de formular questões” (MEYER; PARAÍSO, 2012, p.16) para a produção de algumas respostas contextuais e provisórias. Uma metodologia que não vislumbrasse um caminho seguro para desvelar verdades, constatar hipóteses ou descobrir alguma realidade escondida; não se ocupasse em criar grandes estatísticas ou grandes generalizações e não me mantivesse numa neutralidade para não “contaminar” aquilo que conseguisse “encontrar”, como se algo houvesse lá, no campo, esperando para ser encontrado ou descoberto e não pudesse perder sua integridade.

Mas, ao mesmo tempo, como uma pesquisadora de doutorado, estando na Academia, não precisava de hipóteses, ou de preencher requisitos, traçar caminhos seguros, provar algo, construir conhecimento... verdade? Verdade? Achei minha hipótese, mas penso que não agrado à Academia, pelo menos àquela que não abre mão dos preceitos da Modernidade, que se engessa em métodos rígidos e tentativas de comprovações ou refutações e cuja prática não se abre a um tipo de pesquisa/escrita como a que estou propondo, pois a ela

“sempre resistiu, com seu medo das emoções, da sensibilidade, das subjetividades e mesmo das dúvidas” (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 14). A minha hipótese é a de que não é possível criar hipóteses, nem verdades, nem respostas, nem soluções que não sejam frágeis... Conhecimentos? Sim! Aqueles que a composição dos instantes vividos, experimentados (ou serão vivenciados e experienciados?) me trouxessem. Não sabia o que seria de mim. Mas sentia que me expunha a um processo, me modificando pelas forças dos encontros, das experiências vividas, me fazendo enquanto mulher, enquanto pesquisadora no decorrer mesmo do caminho. Buscando sentidos e valores que concorressem para a construção de verdades outras, sem **a verdade, a resposta, a solução**, com a vontade de estar sempre à deriva, às vezes em águas calmas, às vezes em mar revolto, mas criando formas de estar neste e naquelas. Navegar... O que conseguiria conhecer? Chegaria a um fim? Fim? Fim do conhecer? Mudaria (de novo!) o nome da minha pesquisa? Mudei! Consequiria cumprir minimamente aquilo a que me propunha? Tentei!

Trabalho acadêmico. Quatro anos para concluir. Impossível! Nada se conclui num mundo em que não há algo certo para se descobrir, onde as possibilidades são muitas e moventes, onde não se pretende ter o mesmo. Como já dizia o pensador, “para os que entram nos mesmos rios, outras e outras são as águas que correm por eles...”¹⁴, não são os mesmos rios, não são as mesmas águas, não são as mesmas pessoas, nem é o mesmo aquele que entra pela segunda vez, pois já há mudanças provocadas pelo próprio ato de entrar. Assim era (e é) o meu campo! Sempre outro, a cada visita. Um dia, com adolescentes sempre à vista com seus modos de vida vinculados ao funk possibilitando um tipo de pesquisa, no outro, as mesmas meninas convertidas a uma religião que as transforma, mudando também minhas possibilidades de pesquisar. Depois com mulheres mães e funk, até que o funk também escapou. Meu campo... sempre outro e outra sempre era eu. E isso me tirava o chão, mas me fazia prosseguir. O que trago para minha escrita é o que se deu na imanência dos meus encontros com o campo, com as pessoas.

Procurei problematizar o campo. Problematizar não é analisar sistemas e representações, o que estaria no campo da história das ideias; muito menos analisar atitudes e comportamentos, o que estaria na história das mentalidades (FOUCAULT, 2012b, p.225). Com problematizar, Foucault (2012b) se dirige à história do pensamento.

¹⁴ Heráclito de Éfeso, 540-480 a.C..

O que distingue o pensamento é que ele é totalmente diferente do conjunto das representações implicadas em um comportamento; ele também é completamente diferente do campo das atitudes que podem determiná-lo. O pensamento não é o que se presentifica em uma conduta e lhe dá um sentido; é, sobretudo, aquilo que permite tomar uma distância em relação a essa maneira de fazer ou de reagir, e tomá-la como objeto de pensamento e interrogá-la sobre seu sentido, suas condições e seus fins. O pensamento é liberdade em relação àquilo que se faz, o movimento pelo qual dele nos separamos, constituímos-lo como objeto e pensamos-lo como problema. (FOUCAULT, 2012b, p. 225-226)

A problematização é, para Foucault, uma abordagem de pesquisa (MARSHAL, 2008, p.25) que implica em dar um passo atrás para separar-se do que se faz estabelecendo-o como um objeto sobre o qual se pode refletir, pensar como um problema. Algo que não “carrega bagagem, [que não se prende a] teorias anteriores, pressuposições e possibilidades ou indicações de soluções” (MARSHAL, 2008, p.31). A problematização é, então, o lugar da dúvida, do questionamento, da falta de opiniões prévias. É o olhar de uma outra forma, abandonando as familiaridades, as obviedades, o lugar comum, os preconceitos.

De fato, para que um domínio de ação, para que um comportamento entre no campo do pensamento, é preciso que um certo número de fatores tenham-no tornado incerto, tenham-no feito perder sua familiaridade, ou tenham suscitado em torno dele um certo número de dificuldades (FOUCAULT, 2012b, p.226).

Dificuldades em torno das quais muitas e diferentes respostas podem ser produzidas.

Ora, o que é preciso compreender é aquilo que as torna simultaneamente possíveis; é o ponto no qual se origina sua simultaneidade; é o solo que pode nutrir umas e outras em sua diversidade, e, talvez, a despeito de suas contradições. (FOUCAULT, 2012b, p.226)

Atendendo às sugestões de Foucault, poderia pensar meu campo, as subjetividades das mães que pesquiso. Que respostas/sugestões têm recebido para se tornarem as mães que são? O que torna possíveis tais respostas? De onde vêm? Como se entrecruzam? Como criam as verdades dessas mulheres? Como as subjetivam?

Podemos dizer, então, que um campo “problemático não tem a ver com resolução de problemas. Problemático também não se refere, como classicamente se vem compreendendo, com ‘resultado duvidoso’ ou com ‘defeituoso’” (CLARETO, 2011, p. 22) . Problemático é aquilo que se coloca “como um trabalho do pensamento” (FOUCAULT, 2012b, p.227).

Para viver esse campo problemático fui tentando resistir “aos processos instituídos de pesquisa” (CLARETO, 2011, p. 22) às bolhas de segurança que ditam as regras e nos obrigam a representar, castrando nossa inventividade e criatividade, tornando nossa pesquisa mais um saquinho de apontamentos confortáveis e seguros. Seguros? Ora, se pensarmos bem, não encontramos essa segurança no campo da Educação. Tantas pesquisas já realizadas em décadas, séculos... tantos artigos, monografias, dissertações, teses... Se houvesse solução possível, já era o tempo de a termos em mãos. No entanto, cada vez mais nos vemos diante de desafios que nos incitam a lançar-nos nas águas, ora claras, ora escuras, ora quentes, ora frias. Se houvesse solução, seria um campo pronto, acabado, chato, já educado e não educação – educa-ação – ação – movimento.

Ao me deparar com esse campo problemático, metida em seus vários caminhos, disposta aos encontros, poderia escolher a combinação que quizesse. Outras vezes seria escolhida. Não dominava, não era dominada. Cuidava para não me tornar refém de procedimentos e caminhos já sabidos. “Seguir um caminho por demais conhecido dificulta que saíamos do seu traçado prévio. Isso dificulta a prática de interrogar, dificulta o movimento de ida e volta ou a prática de entrar e sair, tão importantes para a ação de ressignificar” (PARAÍSO, 2012, p.41). Preferi tentar ser livre. E liberdade é difícil. Poderia sair do caminho do meio, chegar ao sol, derreter as asas, cair no mar; poderia voar tão baixo a ponto de ser engolida pelas ondas; poderia morrer, como Ícaro. Não é a toa que numa pesquisa como esta existe um orientador. Ele podia me dar a mão e me puxar das águas que me sufocavam para me possibilitar um pouco de ar, mas também podia mergulhar comigo e me ajudar a

Após ter construído o labirinto que livrou a Ilha de Creta do terrível Minotauro, Dédalo tem sua prisão ordenada pelo rei Minos. Junto com ele está Ícaro, seu filho.

Dédalo não se conforma com tal destino e passa os dias arquitetando uma forma de sair daquela torre. Olhando os pássaros no céu pensa: Não poderei sair daqui pelo mar e impossível é sair por terra. Tenho porém, o ar onde poderei livremente sair desta prisão que me atormenta.

Põe-se então a construir dois pares de asas de cera com penas. Uma para ele, outra para Ícaro. Quando ficam prontas e, feitos os devidos testes, resolve partir com o filho voando pelos ares. Mas alerta: “Ícaro com estas asas não poderás voar muito baixo, pois, os respingos do mar pesarão sobre elas, fazendo-te cair e o mar te engolirá. Não voes também muito alto, pois, o calor do sol derreterá tuas asas e desaparecerás no meio das ondas”.

Os dois se põem a voar. Ícaro, no entanto, olha para a beleza do sol, deslumbra-se com ela. Voa na direção daquele brilho encantador, esquecendo-se do conselho paterno e surdo aos apelos desesperados que o chamam: “Ícaro, volta, não voes tão alto!”. Não demora muito e toda a cera se derrete. Ícaro despenca e é arrebatado pela fúria do oceano, para nunca mais voltar.

Adaptado da Mitologia Grega

nadar, encontrar um barco onde pudéssemos subir para continuar a viagem. Assim, fui me inventando e inventando o mundo que queria conhecer. É! Inventando, pois o que não inventamos, não existe!

É dessa forma que fui produzindo em minha pesquisa aquilo que eu conseguia através dos olhares que lançava, dos recortes que fazia diante da complexidade do que vivia. Uma “verdade” particular, um conhecimento que traz as minhas marcas e que me deixa marcas, “estes estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo” (ROLNIK, 1993, p. 2), que vão nos criando e criando mundo.

Escrevi, não verdades nem certezas, mas resultados de experiências que só puderam acontecer comigo quando em encontros com meu campo, com pessoas singulares que possibilitavam a escrita que inventava. Se outra fosse a pesquisadora ou se outras fossem as pessoas desses encontros, outra ou outras histórias se dariam. Ah! Como é bom não estar casada com a VERDADE! Há prazer em poder inventar!

Para essa travessia me cerquei de alguns companheiros, me aproximei de algumas pessoas, autores e autoras, algumas teorias... e me afastei de outras. Construí meus modos de pesquisar, movimentando-me

para lá e para cá, de um lado para o outro, dos lados para o centro, fazendo contornos, curvas, afastando-me daquilo que é rígido, das essências, das convicções, dos universais, da tarefa de preservar e de todos os pensamentos e conceitos que não me ajudam a construir imagens de pensamentos potentes para interrogar e descrever-analisar meu objeto. Aproximo-me daqueles pensamentos que me movem, colocam em xeque minhas verdades e me auxiliam a encontrar caminhos para responder minhas interrogações. (MEYER;PARAÍSO, 2012, p.16-17)¹⁵

Quanto às mulheres que estiveram comigo, estas falavam de suas intimidades, de suas relações, do exercício de suas sexualidades, de suas relações com seus homens, seus filhos e filhas, de suas dores e alegrias...; e isso não se deu em um confessional ou num divã, mas na relação com uma pesquisadora, despida da vontade de julgar ou indicar caminhos de salvação. Uma relação que não se iniciou com a pesquisa e nem terminará com ela, mas que já vinha sendo construída com essas mulheres, algumas delas, desde sua infância. Uma relação que continuará depois de tudo isso e que também foi se modificando a cada encontro, a cada escrita. É possível que suas falas tenham dado respostas carregadas da

¹⁵ A citação está na primeira pessoa do singular para se adequar ao meu texto, mas as autoras escrevem na primeira pessoa do plural.

vontade de trazer o que consideravam a verdade de suas vivências, mas também muitas outras que traziam a vontade de agradar aquela “tia” que não deixava de existir somente porque ocupou o *status* de pesquisadora em suas vidas. Trabalhei com suas memórias e recordações, entendendo, porém, que, a memória não se reduz a um lugar em que nossas vivências passadas ficam armazenadas, intactas, e que possam ser sempre vistas da mesma forma como se sucederam outrora.

Na medida em que é uma operação ativa na qual a subjetividade se articula temporalmente, a recordação não é apenas a presença do passado. Não é uma pista, ou um rastro, que podemos olhar e ordenar como se observa e se ordena um álbum de fotos. A recordação implica imaginação e composição, implica um certo sentido do que somos, implica habilidade narrativa. (LARROSA, 2002b, p. 68)

Enquanto diziam de si, as mulheres ressignificavam suas vivências passadas e ativavam uma prática em que se constituíam, transformando suas subjetividades. Pensando dessa maneira, ouvia-as, algumas vezes em grupo, outras, em particular, privilegiando a informalidade em ambas as situações. Por vezes incitava algumas problematizações, por outras, elas mesmas o faziam, por outras, ainda, eu apenas me abria à escuta, mas sei que, mesmo assim, algo se produzia. Ouvi questionamentos como: *“Ah, gente! Mas... nossa... eu tenho uma raiva disso, sabe? Quando eu lembro desse pedacinho meu [...]”* (Januária¹⁶). Era o passado voltando, ressignificado e produzindo novas marcas.

Além dos momentos em que diziam de si, pude também conviver com elas, participando um pouco de suas vidas, seu cotidiano, como, por exemplo, num baile funk no bairro e numa ida à feira de domingo. Ao todo, realizamos 15 encontros coletivos:

1º encontro: (21/07/2013 – domingo)

Apresentação da pesquisa e assinatura do termo de consentimento. Foi realizado em um sítio onde funciona uma Fundação Espírita da qual também participo, lugar que elas gostam muito de frequentar.

Participaram do encontro: Vânia, Ana, Januária, Rhuana e Jô.

2º encontro: (30/07/2013 – terça-feira)

Assistimos ao filme “Antônia”¹⁷, sobre o qual produzimos uma rica discussão, logo em seguida.

¹⁶ Uma das mulheres da pesquisa.

¹⁷ Sobre “Antônia”, ver nota de rodapé nº 5, à página 32.

Participaram do encontro: Vânia, Ana e Januária. Nesse dia, tivemos a presença de Malu e Vivian, filhas de Vânia e Ana, respectivamente. Por algum tempo, também tivemos a presença de Fatinha, cunhada de Ana e sua filha. Fatinha saiu antes de o filme terminar por pensar que sua filha estivesse atrapalhando.

3º encontro: (28/09/2013 – sábado)

Assisti ao casamento de quatro mulheres do bairro, entre elas, Jô, que havia concordado em participar da pesquisa, mas tornando-se evangélica, não aceitou mais os meus convites após o casamento, por causa do Centro Espírita;

Estiveram presentes: Vânia e Januária.

4º encontro: (13/10/2013 – domingo)

Fomos juntas à feira de domingo, saindo a pé do bairro, fazendo compras e voltando, depois, de táxi, com despesa dividida entre nós, o que elas fizeram questão.

Participaram do encontro: Vânia, Ana e Januária. Nesse dia, novamente, contamos com a presença de Malu, Vivian, Fatinha e sua filha.

5º encontro: (03/11/2013 – domingo)

Particpei de um baile funk realizado no bairro, ocasião em que duas das mulheres da pesquisa me acompanharam, mesmo não gostando muito de funk.

Estiveram presentes: Vânia e Ana (Januária estava adoentada e não pode comparecer)

6º encontro: (10/11/2013 – domingo)

Fui ao chá de bebê de Regina, uma das filhas de Januária, realizado em sua casa;

Estiveram presentes: Vânia e Januária.

7º encontro: (07/12/2013 – sábado)

Visita aos gêmeos, filhos recém-nascidos de Regina, filha de Januária. Foi uma visita rápida após as atividades das quais participo no Centro Espírita.

Estiveram presentes: Vânia e Januária.

8º encontro: (13/01/2014 – segunda-feira)

Dedicado à problematização de uma questão respondida por elas, por escrito, no primeiro encontro: “O que é ser mulher?”.

Participaram do encontro: Vânia, Ana e Januária.

9º encontro: (14/01/2014 – terça-feira)

Fomos a uma pizzaria onde tivemos uma experiência bem interessante, já que é um lugar que elas não frequentam e que destacou os atravessamentos de classe e raça em suas constituições subjetivas.

Estiveram presentes: Vânia, Ana e Januária.

10º encontro: (20/01/2014 – segunda-feira)

Assistimos à animação “Vida Maria”¹⁸, encontro em que o assunto da maternidade veio à tona com bastante ênfase, mas cuja gravação foi perdida por problemas técnicos.

Participaram do encontro: Vânia, Ana, Januária e Jane (esta foi a primeira participação de Jane na pesquisa).

11º encontro: (27/01/2014 – segunda-feira)

Retomamos a discussão perdida no encontro anterior, a partir da leitura daquilo que eu consegui me lembrar e registrar no meu diário de campo.

Participaram do encontro: Vânia, Ana, Januária e Jane.

12º encontro: (10/02/2014 – segunda-feira)

Contamos com a presença do meu orientador que, querendo conhecê-las, resolveu cozinhar para elas – algo que sempre fazemos juntas – e encaminhou a discussão, focalizando questões provocadas pela animação “Minha Vida de João”¹⁹.

Participaram do encontro: Vânia, Ana, Januária e Jane.

13º encontro: (10/03/2014 – segunda-feira)

As mulheres fizeram um pequeno texto se apresentando, texto este que incluo no corpo da tese. Além desta escrita, o encontro produziu uma boa discussão em torno de questões de seu cotidiano bastante importantes para a pesquisa.

Participaram do encontro: Vânia, Ana, Januária e Jane.

14º encontro: (13/05/2014 – terça-feira)

Assistimos ao documentário “Meninas”²⁰ de Sandra Werneck. O encontro se deu no Colégio de Aplicação João XXIII, da Universidade Federal de Juiz de Fora, local onde

¹⁸ Diretor: Marcio Ramos, produção VIACG Produção Digital, Coprodução Trio Filmes, 35mm, 11:50 min, audiodescritivo. “Curta metragem em animação realizado com recursos do 3º edital Prêmio Ceará de Cinema e Vídeo pelo governo do Estado do Ceará. O curta se consagrou nos festivais de cinema em 2007 e encerrou o ano como filme mais premiado do Brasil. Produzido em computação gráfica e finalizado em 35mm, o curta metragem mostra personagens e cenários modelados com texturas e cores pesquisadas e capturadas no sertão cearense criando uma atmosfera realista e humanizada. Maria José, uma menina de 5 anos de idade é levada a largar os estudos para trabalhar [em casa]. Enquanto trabalha, ela cresce, casa, tem filhos e envelhece” (Cf. descrição no próprio filme).

¹⁹ “O vídeo [animação de 23 minutos] é uma parceria da ECOS – Comunicação em Sexualidade, Instituto Promundo, Instituto PAPAÍ e Salud y Género. É um desenho animado, sem palavras, que conta a história de um rapaz, João, e os desafios que ele enfrenta durante seu processo de crescimento para tornar-se homem em nossa sociedade: o machismo, a violência familiar, a homofobia, as dúvidas em relação à sexualidade, a primeira experiência sexual, a gravidez da namorada, uma doença sexualmente transmissível e a paternidade”. Fonte: <<http://www.ecos.org.br/videos/minhavidajoa.asp>>

²⁰ Dirigido por Sandra Werneck, produzido por Sandra Werneck e Gisela Câmara, 35mm, 71 min. O documentário conta a história de quatro adolescentes. “Evelin tem 13 anos e está grávida de um ex-traficante. Aos 15 anos, Luana diz que planejou sua gravidez. Edilene, 14 anos, espera um filho de Alex, que também

leciono. Nesse dia, antes da exibição do documentário, ainda circulamos pelas dependências da escola para que elas conhecessem o meu ambiente de trabalho. Depois de assistirmos ao filme discutimos o tema apresentado.

Participaram do encontro: Vânia, Ana e Januária.

15º encontro: (13/07/2014 – domingo)

Assistimos ao filme “Histórias Cruzadas”²¹. Elas escolheram o sítio da Fundação Espírita da qual também participo. Elas gostam desse lugar e quiseram encerrar nossos encontros coletivos lá. Foi lá que também tivemos o primeiro encontro para a pesquisa.

Ao fim dos encontros coletivos fiz uma entrevista com cada uma das quatro mulheres. O roteiro encontra-se nos apêndices deste trabalho. As datas e locais foram marcados de acordo com suas conveniências. A primeira entrevistada foi Vânia, em 15/10/2014, em minha casa. Fui buscá-la no fim de um dia de trabalho. A segunda foi Jane, em 18/10/2014, seguida de Ana, em 30/10/2014. Ambas me encontraram no Centro, no horário da noite. A última entrevista foi a de Januária, em 18/12/2014. Januária esteve doente por mais de um mês e eu precisei esperar sua recuperação para entrevistá-la. Conversamos em minha casa. Assim como aconteceu com Vânia, busquei Januária ao final do seu expediente no dia da entrevista.

Além dos encontros realizados especificamente para a pesquisa e das entrevistas, regularmente também as encontrava nas atividades que frequentavam no Centro Espírita, momentos em que não deixava de ouvi-las e observar suas relações. Foram momentos em que conversávamos, ríamos, cozinávamos, entre outras atividades combinadas; também as encontrava na rua, nas minhas idas e vindas ao bairro para as atividades do Centro. A cada encontro, surgiam ideias de outros encontros. E a pesquisa ia-se construindo. Assim, ao mesmo tempo em que trabalhava com suas memórias e recordações, trabalhava também com a vida vivida, o que se fazia presente. E nesse presente, me incluía, mesmo não escapando de certo estrangeirismo, pois as diferenças nos marcavam também, e

engravidou Joice. MENINAS acompanha por um ano o cotidiano dessas jovens”. Fonte: <<http://www.cineluz.com.br/meninas/pt/ficha.htm>>

²¹ Dirigido por Tate Taylor, 2h26min. “Jackson, pequena cidade no estado do Mississippi, anos 60. Skeeter (Emma Stone) é uma garota da sociedade que retorna determinada a se tornar escritora. Ela começa a entrevistar as mulheres negras da cidade, que deixaram suas vidas para trabalhar na criação dos filhos da elite branca, da qual a própria Skeeter faz parte. Aibileen Clark (Viola Davis), a empregada da melhor amiga de Skeeter, é a primeira a conceder uma entrevista, o que desagrada a sociedade como um todo. Apesar das críticas, Skeeter e Aibileen continuam trabalhando juntas e, aos poucos, conseguem novas adesões.”. Fonte: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-176673/>>

nos constituíam. Entre os estrangeirismos, estava a estranheza de algumas pessoas que não esperavam me encontrar no casamento, no chá de bebê, no baile funk e chegando ao bairro de táxi com compras feitas na feira de domingo.

Meu campo era assim. Pesquisava as mulheres mães, mas, ao mesmo tempo, vivia, convivía com outros/as moradores/as do bairro e, inevitavelmente, também os ouvia e observava, de forma diferente do que fazia antes da pesquisa. Essas pessoas se relacionavam com as mulheres. Eram irmãs e irmãos, filhas e filhos, netos e netas, vizinhos e vizinhas, parentes... Sabiam da minha condição de pesquisadora sem deixar de me considerar como a “tia da escolinha”, como costumam chamar a mim e às companheiras que trabalham no Centro, que chamam de escolinha.

Na medida em que vivenciava meu campo, lia e relia os textos e autores que me inspiram entendendo que “a teoria não expressa, não traduz, não aplica uma prática; ela é uma prática” (FOUCAULT, 2009c, p.71)²². Ao ler e reler, ampliava meu olhar, mudava meu pensamento e minhas ações.

Em algumas situações, ainda, evocava minhas próprias memórias, pois são tantas... vivencio o campo há tanto tempo, que nem posso distinguir quando é o campo ou quando é parte do meu viver. Será que há separação? Como poderia me esquecer, por exemplo, da gravidez da Vânia²³, aos dezesseis anos? Do nascimento de sua filha? De algumas conversas antigas nos encontros do Centro? De reações e olhares? De alguns saberes construídos em minha pesquisa de Mestrado, quando estudava a adolescência daquele lugar? Pode ser que lembranças assim tenham, de alguma forma, ajudado a compor as investigações realizadas.

Até agora, procurando pensar nos caminhos de minha pesquisa, tenho falado daquilo que podemos chamar de linhas, desvios, curvas e abismos. Caminhos não certos e rígidos. Tenho falado de não certezas, não verdades ou verdades inventadas. Uma pesquisa que se faz no próprio ato de pesquisar, sem muitos planos... Mas, pesquisar assim implica em algum rigor? Sim, o rigor existe. Pesquisar desse jeito

não significa de forma nenhuma, que se esteja defendendo o ponto de vista de que qualquer verdade vale; está-se afirmando que o que vale como verdade é objeto de disputa, vai se determinando na luta, e que nossas pesquisas fazem parte desse processo, estão nessa disputa. É o mesmo que

²² A citação apresenta o tempo verbal no presente para se adequar ao texto, mas no original encontra-se no futuro: “a teoria não expressará, não traduzirá, não aplicará uma prática; ela é uma prática”.

²³ Vânia é hoje uma das mulheres da pesquisa e sua filha está com doze anos.

assumir que são pesquisas interessadas, tanto do ponto de vista epistemológico quanto do ponto de vista político. [...] requer processos e movimentos necessários em quaisquer outros campos teóricos [...] (MEYER, 2012, p.54-55)

O rigor está em sabermos que temos perguntas e que precisamos buscar os instrumentos que poderão respondê-las. Instrumentos que podem ser apropriados de métodos, mais tradicionais (por que não?), mas que também podem ser inventados, adaptados, reconstruídos, instrumentos os quais podemos transgredir e dos quais podemos pular.

A questão é: pulamos para onde? Para o abismo, para o buraco, para o desconhecido. Entre uma linguagem e outra (isto é, entre uma prática de pesquisa e outra; ou se quiser, entre uma metodologia e outra) existem pontos de silêncio, vazios de linguagem, vácuos de ângulos classificatórios, pontos de vista não perspectivados, enunciados ainda a serem articulados. É nesse lugar silencioso que reside o diferente, que espera aquilo que não se repete, que mora o que não é costumeiro, que se responde o que se recusa a ser escutado ecolalicamente. (CORAZZA, 2002, p.125)

O rigor ainda se encontra na delimitação do campo de investigação, na escolha dos conceitos que, junto com a minha subjetividade e a das mulheres que me acompanhavam, deram corpo às problematizações. Está no olhar atento ao campo, na produção das verdades, na construção dos procedimentos éticos, “tudo isso para, então, colocar em funcionamento, de forma sistematizada, a teoria, os conceitos e as estratégias de análise que constituem o que se nomeia como referencial teórico-metodológico” (MEYER, 2012, p. 55).

Podemos então dizer que, é nesse sentido que uma prática de pesquisa está implicada em nossa própria vida, “diz respeito ao modo de vida como fomos e estamos subjetivadas(os), como entramos no jogo de saberes e como nos relacionamos com o poder” (CORAZZA, 2002, p. 124), mas, podemos, ao pular, ao cair nos abismos, “radicalizar nossas relações com o poder e o saber; partir as linhas; mudar de orientação; [...] inventando novos estilos de vida e, portanto, de práticas.” (CORAZZA, 2002, p.125).

Que nome dar ao método escolhido? É preciso classificar? Enquadrar? Dizer de aproximações não seria mais interessante?

O que sei, é que algo me movia. Algo que não era a mera curiosidade de conhecer coisas, nem a busca por um título, nem as vantagens que daí pudessem advir, embora tudo isso estivesse presente. Algo me movia e era algo que não tem nome e não quero batizar. Estava ali com elas, por elas... e também por mim. Estava ali, curiosa, sim, mas de uma curiosidade que permitia desprender-me de mim mesma (FOUCAULT, 2012a) na

experiência da pesquisa. Estava ali pesquisadora(ndo). Pesquisadora – vontade de saber – adorando pesquisar.

Tudo isso ainda me colocava na perspectiva de entender minha pesquisa como incluída nos jogos de verdades, “jogos entre o verdadeiro e o falso através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo ser pensado” (FOUCAULT, 2007, p.12); jogos que constituem essas mulheres e a mim mesma; jogos cujas regras se encontram na “luta pelo direito de significar” (MEYER, 2012, p.52), o que traz a linguagem para o seu centro, uma linguagem que não é fixa e nem homogênea, não é neutra, mas é a instância em que “se constitui o que é dizível e, portanto, também pensável e compartilhável, em cada época, em cada lugar e em cada cultura” (MEYER, 2012, p.52). Tudo o que ouço e observo na pesquisa passa por minha interpretação, por meu olhar subjetivo contaminado por pensadoras e pensadores que me inspiram. A tese foi produzindo um discurso, uma verdade pela qual luto, mesmo sabendo que não é a única nem a mais verdadeira. Dessa forma, é uma pesquisa comprometida com mudanças, pequenas mudanças no âmbito das experiências das mulheres, das minhas próprias experiências, podendo, assim, incitar novas práticas estimulando “a desnaturalização e a problematização das coisas que aprendemos a tomar como dadas” (MEYER, 2012, p.57), criticando realidades e abrindo outras possibilidades de existir no mundo.

Trago aqui, a fim de nos ajudar a pensar no que venho dizendo, a voz de Ana, uma das mulheres mães, a partir da discussão sobre o filme “Antônia”: *“Isso mesmo! Tem muita limitação pra gente, mulher, isso eu acho. Então assim, quando passa um filme assim, mostra que assim, a gente pode caminhar muito mais longe do que a gente pensa”*. Provocada por um filme, por uma pequena discussão no âmbito da pesquisa, Ana conseguiu observar outras possibilidades, um certo grau de liberdade que antes não vislumbrava. Isso é muito prazeroso e me faz lembrar Foucault ao dizer:

Meu papel – mas este é um termo muito pomposo – é mostrar às pessoas que elas são muito mais livres do que pensam, que elas tomam por verdadeiros, por evidentes certos temas fabricados em um momento particular da história, e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída. O papel de um intelectual é mudar alguma coisa no pensamento das pessoas (FOUCAULT, 2012d, p.288)

Dessa forma, vejo-me numa pesquisa interessada. Abri mão da neutralidade tão valorizada nos métodos de investigações que seguem os padrões modernos para lançar-me

nessas formas de pesquisar que tenho descrito e para as quais contei com companheiros e companheiras muito especiais. Mas, então...

...Quem vem comigo?

O processo descrito até então, as observações que tenho feito, os caminhos percorridos... Tudo isso me leva a pensar: existe um campo? Existem sujeitos? Existe um eu? E me provoca a responder: essencialmente não!

Buscando as análises de Veiga-Neto (2002), vemos que as epistemologias vigentes na Modernidade nos ensinaram que com o uso correto da razão, aguçando nossos olhares, não nos deixando levar pelas primeiras aparências das coisas que se nos apresentam, podemos chegar à verdade dessas mesmas coisas, a uma realidade essencial. Tanto a tradição positivista, com os rigores do quantitativismo e das observações neutras e repetitivas, quanto a tradição crítica com a dialética e o tão usado conceito de ideologia como ilusão ou falsa consciência, levam a uma

*A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.*

*Assim não era possível atingir toda a
verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.*

*Arrebentaram a porta.
Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.*

*Chegou-se a discutir qual a metade mais
bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar.
Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.*

Carlos Drumont de Andrade
<http://pensador.uol.com.br/frase/MzlwNTQ4/>

aceitação tácita de que existe um sujeito transcendental, cuja racionalidade é algo como um reflexo de uma razão também transcendental e totalizante. [...] A consciência é entendida como um estado a que se pode chegar pelo uso correto da razão. E a linguagem é entendida como um instrumento capaz de descrever o mundo e, de certa forma, representá-lo.

Para essas duas epistemologias, se a linguagem representa o mundo é porque a ele chegamos graças a olhares mais *minuciosos* ou menos *distorcidos*. (VEIGA-NETO, 2002, p.26-27 – grifos do autor)

Se lançamos um olhar para a cultura ocidental desde seu nascimento, convencionalmente localizado e datado na Grécia do século VIII a.C., podemos perceber que as questões sobre o ser humano estão sempre presentes e ao mesmo tempo sempre em aberto. A “interrogação fundamental ‘o que é o homem?’”, permanece no centro das mais variadas expressões da cultura: mito, literatura, ciência, filosofia, ethos e política” (VAZ, 1991, p.9). A que verdade chegou-se nestes quase três milênios? Diante das

muitas propostas, das várias teorias, dos grandes embates científicos, filosóficos, antropológicos, teológicos, religiosos... a que conclusão chegamos? Penso que a nenhuma. Nada está concluído. Nenhuma VERDADE foi desvelada. Grandes teorias, pequenas e transitórias “verdades”! “Verdades” que vão se construindo e se desfazendo, sendo repensadas e refutadas, substituídas e transformadas. Será que não é o momento de abandonarmos alguns olhares, deixarmos de lado algumas propostas feitas principalmente pelas epistemologias modernas, tão insistentes na VERDADE do mundo, para tentar lançar outros olhares, menos pretenciosos e que nos permitam buscar e pensar a realidade que aparece? Esta realidade que vivemos, que sentimos em nossas relações e que nos possibilitam ser quem ou o que somos? Tal realidade está ao nosso alcance para tentarmos uma compreensão e ao mesmo tempo para modificarmos, posto que é constituída por nós. Sim! Constituída por nós!

Em suma, o que importa não é saber se existe uma *realidade real*, mas sim saber como se pensa a realidade. O que se pensa é instituído pelo discurso que, longe de informar uma verdade sobre a realidade ou colocar essa realidade em toda sua espessura, o máximo que pode fazer é colocá-la como uma *re-presença*, ou seja, representá-la. É assim, então, que assume imensa importância compreender a representação como o produto de uma exterioridade em que cada um se coloca e a partir da qual cada um traz a si e aos outros o que ele entende por mundo real. (VEIGA-NETO, 2002, p. 31-32 – grifos do autor)

Ora, assumir esse olhar sobre a realidade é assumir que há representações como “produto de uma exterioridade”. Assim, as representações são produzidas. Recebemos tais representações dessa “exterioridade em que cada um se coloca e a partir da qual cada um traz a si e aos outros o que ele entende por mundo real”, como nos diz a citação. Mas ao mesmo tempo em que recebemos, não estamos em mera passividade, pois podemos agir na realidade, mudando, então, as representações e, assim, transformando-a. Podemos, dessa forma, constituir outras realidades, vencer algumas prisões que nos cercam, arrebanhar com algumas amarras.

- “É, ter coragem pra mudar! Ter coragem pra mudar, porque... Eu tive! Ainda bem! Não arrependo de tá sozinha, porque quando eu tive a Rita e a Regina foi assim a minha vida. Por isso que eu falei, eu trabalhava, chegava e o pai delas tava andando de carrinho de rolimã, eu chegava em casa, ele falava que... me chamava de ‘parabólica’ porque eu tava era com homem ali embaixo... eu tinha três empregos, saía dum três horas, ia pra casa dos outros lavar roupa, passar, saía oito e meia, nove horas, ia prum escritório limpar, que eu tinha a chave, podia limpar qualquer hora, vinha pra casa meia noite e ele falava que eu tava na rua com homem! Pensa bem! E eu trabalhando lá! E ele andando de carrinho de rolimã, pra cima

e pra baixo! Falei assim 'ah não, eu tenho que mudar isso'. Até que eu criei coragem e falei assim: 'Chega! Agora você vai caçar sua turma!''.(Januária)

Essa fala de Januária pode nos mover no sentido de pensar: que saberes foram construídos e concorreram para essa mudança? Como foi se construindo a problematização de suas experiências a ponto de conseguir “*ter coragem pra mudar*”? Como a experiência de Januária pode ajudar na problematização de outras vidas? Como outras mulheres poderiam também construir meios de transformações sem arrependimento ou sem medo que mudanças aconteçam? Como essas mulheres poderão afetar-se mutuamente a partir da pesquisa?

Buscando compreender esses processos, creio que pude construir formas de problematização entre essas mulheres. Daí não ser possível fazer uma pesquisa tendo apenas a pretensão de alimentar um conhecimento, sem qualquer outra implicação. “Eu sei que o saber tem o poder de nos transformar” (FOUCAULT, 2004, p.48). Se a realidade é construída e se posso ajudar a construí-la, e entendendo que minha implicação na pesquisa devesse investir em uma nova forma de existir para mim, não há como não produzir também uma nova forma de existir para/com elas, as mulheres que estiveram comigo nesta travessia. Digo isso porque estivemos em relação, sendo atravessadas umas pelas outras, nos acolhendo umas às outras. Acolhendo-as, dava um lugar a elas. Sendo acolhida, ganhava um lugar. Nos caminhos que atravessamos, sentia que esses lugares iam se movendo. Experiências iam nos acontecendo, nos passando, nos movendo. A autoridade da “*tia da escolinha*” foi-se diluindo num outro tipo de relação sem, contudo, se perder completamente. Januária me chama de “*amiga*”. Recebi convites que antes não recebia (casamento, chá de bebê, baile funk, pagode, feira). Depois que entrei em seus espaços e sua intimidade – e elas também visitaram os meus –, passei a receber cuidados e atenção; muitas vezes, se mostravam minhas professoras. Recorto este episódio do meu diário de campo do dia em que fomos juntas à feira:

[...] chegamos à feira. A primeira coisa é comer o pastel. Estou ali no meio delas, não me sinto estranha, mas sinto que elas acham estranha a minha companhia. Tomam cuidado comigo. Pedem para que eu segure a bolsa, esconda o celular... Tomam conta mesmo. A feira é um lugar de misturas. Gente de todo tipo se move para lá e para cá. Não é um ambiente estranho para mim, mas junto delas, sentia que precisava seguir seus conselhos. Elas sabiam onde comprar, o que comprar... Ia escutando: “Não compra aqui não que ali na frente é mais barato!” ou “Aqui tá mais barato, mas só parece que tá fresco. Quando chega em casa tá tudo murcho. Eles enfiam a verdura no sal grosso pra parecer fresquinha, fica verdinha, mas no outro dia tá tudo amarelo.”.

Acabei me sentindo uma aprendiz de feira. Elas, as minhas professoras. Dominavam o espaço, conheciam tudo. De vez em quando paravam com alguém para conversar. iam buscando os bons preços somados à boa qualidade dos produtos.

Da mesma forma, elas foram ocupando outros lugares, mostrando-se a mim de outras formas, desconstruindo um lugar de carência, outrora tão aceito, e configurando um lugar de muita potência. Assim, íamos construindo, juntas, nossos lugares e, enquanto isso, nossas histórias iam se constituindo. A tese constitui a história das mulheres naquele bairro na periferia, mas constitui a minha própria história. A pesquisa deu a pensar que somos muitas de nós mesmas.

Que companhias, então, poderiam se acercar de mim enquanto caminhava na pesquisa? Desnecessário é dizer que Foucault é a minha grande inspiração, com seu pensamento instigador e potente a respeito do sujeito “como um artifício da linguagem, uma produção discursiva, um efeito das relações de poder-saber” (PARAÍSO, 2012, p.29). Aproximo-me também dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero. Mesmo que cada uma dessas perspectivas tenha suas peculiaridades, seus efeitos combinados ajudam a compor “o que chamamos teorias, abordagens ou pesquisas pós-críticas” (MEYER;PARAÍSO, 2012, p.17)²⁴. Sem ocuparem-se com a recomendação de um método, tais abordagens nos incitam a construir nossas próprias metodologias, que vão depender “dos questionamentos que fazemos, das interrogações que nos movem e dos problemas que formulamos” (PARAÍSO, 2012, p. 24).

Apoiada nos Estudos Culturais, assumo “a cultura como campo de luta em torno da significação social, [...] campo de produção de significados no qual os diferentes grupos sociais, situados em posições diferenciais de poder, lutam pela imposição de seus significados à sociedade mais ampla” (SILVA, 2007, p.133-134). Sendo assim, a cultura não é privilégio de uns poucos considerados cultos por terem acesso a um conhecimento erudito, científico, acadêmico ou artístico. Ela está presente na organização da vida de qualquer agrupamento humano, na criação e manutenção de costumes e regras sociais. Trata-se de um processo arbitrário, tendo em vista que grupos sociais diferentes atribuem diferentes

²⁴ As teorias, abordagens ou pesquisas pós-críticas “se inspiram em uma ou mais abordagens teóricas que conhecemos sob o rótulo de ‘pós’ – pós-estruturalismo, pós-modernismo, pós-colonialismo, pós-gênero, pós-feminismo – e em outras abordagens que mesmo não usando em seus nomes o prefixo ‘pós’, fizeram deslocamentos importantes em relação às teorias críticas – Multiculturalismo, Pensamento da Diferença, Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Estudos Étnicos e Raciais e Estudos *Queer*, entre outros” (MEYER;PARAÍSO, 2012, p.16-17).

significados aos mesmos objetos (MEYER, 2012, p.52); a cultura manifesta-se por vários meios, meios nos quais a linguagem se faz central, como, por exemplo, livros, músicas, festas populares e pela mídia em geral. Tudo está em jogo e

O que está centralmente envolvido nesse jogo é a definição da identidade cultural e social dos diferentes grupos. A cultura é um campo onde se define não apenas a forma que o mundo deve ter, mas também a forma como as pessoas e os grupos devem ser. A cultura é um jogo de poder. [...] Numa definição sintética, poder-se-ia dizer que os Estudos Culturais estão preocupados com questões que se situam na conexão entre cultura, significação, identidade e poder. (SILVA, 2007, p.134)

O conceito de identidade é muito discutido no âmbito dos Estudos Culturais. Hall (2006) nos alerta sobre a complexidade desse termo e sustenta que “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2006, p.13). Não existe, assim, um sujeito dono de uma identidade unificada desde o nascimento até a morte. É ainda a partir dos Estudos Culturais que podemos ampliar a noção de educação, pois eles defendem que há pedagogia em todo lugar e existem “modos de ensinar e aprender nos mais diferentes artefatos culturais, que se multiplicam em nossa sociedade” (PARAÍSO, 2012, p.24).

Muito intimamente ligados aos Estudos Culturais estão os Estudos de Gênero que concebem o gênero como construção social e constituinte das identidades dos sujeitos, possuindo representações que se transformam conforme o tempo e o lugar. Então, se consideramos os sujeitos com “identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias, [...] a ideia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o” (LOURO, 2011, p.28-29). Se o gênero constitui o sujeito, no meu entender, é nesse sentido que, buscando uma compreensão das relações de gênero, consegue-se lançar um olhar sobre o processo de subjetivação das mulheres naquela periferia, entendendo ainda que “as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem” (LOURO, 2011, p.27).

O gênero funciona como organizador do social e da cultura (o que inclui políticas e programas sociais) e, assim, engloba todos os processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos. Entre outras coisas, isso se operacionaliza pela articulação de gênero com outras marcas sociais, como, por exemplo, classe, sexualidade, e raça/etnia. (MEYER, 2012, p.51)

Tanto os Estudos Culturais quanto os Estudos de Gênero são tomados no seu viés pós-estruturalista, pois sabemos que são campos com tendências epistemológicas heterogêneas (SILVA, 2007; LOURO, 2011). Por esse viés, encharcado das teorizações foucaultianas, ambos os Estudos nos ajudam a dar conta de que desigualdades sociais não se produzem apenas na dimensão das diferenças de classe social, como enfatizam as teorias críticas. Nesse sentido, esses estudos me conduzem a atenção para os entornos das mulheres, suas diversas relações; me provocam a escapar da construção da verdade verdadeira, das grandes revoluções, das totalizações, da objetividade do real e partir para as pequenas e subjetivas verdades, buscando a desnaturalização daquilo que nada tem de natural, visto que foi inventado culturalmente, e analisando os processos pelos quais se deu a naturalização.

Com esse apoio teórico-metodológico ouvi vozes anônimas que vivem às margens das margens. Vivem às margens, pois são vozes femininas num contexto onde o machismo se faz muito presente, onde o homem ainda fala muito alto e se coloca no centro, contando com a submissão feminina, mesmo diante de resistências que já aconteçam: “[...] *mas você pode ver, você, com certeza você conhece um caso por aqui mesmo em que o marido bate, a mulher é submissa, o marido anda com outra mulher e traz pra dentro de casa, e continua submissa!*”. Às margens das margens porque são mulheres negras e pobres, que moram em um bairro na periferia e que sabem que “*os outros estigmatizam muito o morro. Acha que a mulher do morro, ela parou naquilo... cê não consegue nada!*”. Essa é a voz de Ana, uma das mulheres que me fizeram companhia nesta minha travessia e que acredita que “*tendo um estudo desse, vai mostrar que a gente trabalha, que tudo que a gente tem é com muita luta.*”. É da voz de Ana que ainda podemos ouvir que

- “*todo mundo fala muito de política, mas não vive o que a gente vive de verdade. Muito fácil passar na televisão ‘ah, hoje melhorou de um aspecto e piorou de outro’. Não é assim. Pra mim não é assim. Se você para pra conversar meia hora aqui embaixo você vai ver que a realidade é totalmente diferente do que você escuta. E essa é a verdade. Então eu acho assim, que se você sobe e conversa com a pessoa que vive, você aprende mais que se você ler livro. Eu, assim, eu penso assim!*”. (Ana)

É a voz querendo ser ouvida e dizendo: *Eu quero falar por mim!* Essas vozes, que poucas pessoas se dispõem a ouvir, são as vozes das protagonistas da minha pesquisa. Subjetividades particulares que com suas vidas, suas vozes e “memórias individuais chegam a compor uma ‘memória emblemática’, coletiva, que permite o reconhecimento e a identificação de muitas outras mulheres” (RAGO, 2013, p. 59) que lhes fazem coro. Ao mesmo tempo em que queriam falar me deixavam o convite para falar com elas.

Essas mulheres, minhas companheiras, junto aos autores e autoras dos/as quais me aproximo, ao meu orientador, aos professores e professoras e aos amigos e amigas, todos/as juntos/as provocadores/as do meu pensar, estiveram comigo nesta caminhada e assinam comigo esta tese.

As mulheres, por elas mesmas!

Os convites feitos para a participação na pesquisa foram aceitos por várias mulheres que frequentavam as atividades do Centro. No primeiro encontro, cinco compareceram. Depois de apresentada a pesquisa, pedi para que escolhessem seus pseudônimos. Assim tínhamos: Jerusa, Rhuana, Anita, Jô, como pseudônimos. Vânia preferiu deixar a escolha para depois. Aproximando-se o momento da minha primeira qualificação, pergunto a ela:

- *Eu: Vânia, você ainda não escolheu o nome que vai ter na pesquisa. Tô escrevendo o texto da pesquisa e preciso que você decida. Você não vai escolher?*
- *Vânia: Ah! Eu me chamo Vânia, não quero mudar, não! Tem que mudar?*
- *Eu: Bom, o pseudônimo é pra preservar a identidade de vocês!*
- *Ana: Ah! Eu também não tô gostando de mudar. Eu não sou Anita, sou Ana! Não tenho porque esconder meu nome. É minha vida, não tenho vergonha dela.*
- *Januária: Mas ela já escreveu tudo com nosso nome mudado! Vai dar o maior trabalhão.*
- *Eu: Isso não tem problema. Rapidinho eu mudo, se for vontade de vocês.*
- *Januária: Ah! Se não for te dar muito trabalho, então eu quero chamar Januária mesmo! Também gosto do meu nome e vai ser bom ver ele lá na pesquisa. Sempre tive vontade de escrever a história da minha vida mesmo. O que é que tem? Deixa Januária mesmo! Eu também não tenho vergonha, nem medo de falar quem eu sou!*

Essas são as três mulheres que efetivamente estiveram comigo e participaram dos encontros marcados, desde o início. Rhuana se afastou porque arrumou um emprego e se mudou para um lugar um pouco mais distante. Jô, depois do casamento e da sua adesão à igreja evangélica se desligou do grupo. Não a vejo mais na rua e não compareceu aos encontros para os quais a convidei, dessa forma, não insisti em convidá-la, mesmo que ela não tenha desautorizado a utilização do que havia trazido em momentos anteriores ao seu

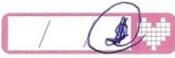
afastamento e que não foi abandonado em minha escrita. A essas três mulheres, junta-se, em dezembro de 2013 uma outra, Jane, que também quer seu nome escrito na pesquisa. São, então, quatro. Mas, essas quatro mulheres, falando de si não deixavam de trazer outras mulheres, e homens, e filhos, filhas, pais, mães... com quem também me encontrava em alguns momentos de convivência (em suas casas, nas ruas) durante o tempo em que a pesquisa foi realizada.

Quatro mulheres que se multiplicavam em tantas outras enquanto iam me indicando caminhos, mostrando a vida na periferia em que moram. Mulheres que não têm vergonha do que vivem, não têm medo que seus nomes apareçam. Suas vidas precisam ser ditas por suas próprias vozes²⁵. E é isto que vem agora numa pequena apresentação que fizeram! E sem pseudônimos!

Seguindo suas vozes, junto a minha dizendo um pouco mais de suas histórias que tenho aprendido pelo convívio com elas, nas atividades do Centro e nos encontros para a pesquisa.

²⁵Por questões éticas, apaguei, nas escritas que se seguem, sobrenomes e nomes que possam identificar outras pessoas e instituições. Essas pessoas e instituições serão tratadas por nomes fictícios no decorrer da escrita da tese.

Ana

 ✕ Eu me chamo Ana Beatriz
 Tenho 34 anos, sou casada
 com o [nome do companheiro] tenho uma
 filha de 11 anos que se chama [nome da filha],
 trabalho como manicure e 2 vezes na semana
 faço faxina em uma casa já há 16 anos.

Não gosto muito de escrever
 sobre mim pois não sou
 muito de demonstrar sentimen-
 tos, e o que eu sinto gosto
 de guardar em mim, mas
 como comecei vou continuar






 ✕ amo todos aqueles
 com quem convivo, minha
 filha, marido, irmãs e irmãos,
 clientes, colegas e entre outros
 pois quando não gosto de
 alguém não converso, não
 tenho nenhum tipo de rela-
 cionamento nem oi sou
 capaz de dizer às pessoas que
 não gosto.

(ps: tentando melhorar é claro)



Eu me chamo Ana Beatriz, tenho 34 anos, sou casada com o [nome do companheiro], tenho uma filha de 11 anos que se chama [nome da filha], trabalho como manicure e 2 vezes na semana faço faxina em uma casa já há 16 anos.

Não gosto muito de escrever sobre mim, pois não sou muito de demonstrar sentimentos, e o que eu sinto gosto de guardar em mim, mas como comecei vou continuar.

Amo todos aqueles com quem convivo, minha filha, marido, irmãs e irmãos, clientes, colegas e entre outros, pois quando não gosto de alguém não converso, não tenho nenhum tipo de relacionamento nem oi sou capaz de dizer às pessoas que não gosto.

(Ps: tentando melhorar, é claro)

Ana tem 34 anos²⁶, trabalha como manicure e diarista. Considera-se negra e afirma ser espírita. Nascida em Juiz de Fora, estudou até a oitava série (atual 9º ano), porém não a concluindo. Filha de D. Olívia, que sempre trabalhou em vários empregos ao mesmo tempo, sendo hoje funcionária no departamento de limpeza de um órgão público em Juiz de Fora, além de empregada doméstica no período tarde-noite. Não conheceu seu pai durante a infância. Apenas aos 18 anos teve a oportunidade de conhecê-lo, mas, mesmo depois disso, não chegou a conviver com ele, mantendo apenas alguns poucos contatos. Sua convivência foi com alguns padrastos, namorados de sua mãe, que nunca se casou. Tem 3 irmãos e 3 irmãs, filhos/as de sua mãe. Um dos irmãos é adotado. Além delas/es tem também dois irmãos já falecidos. Não mencionou nenhum irmão ou irmã por parte de pai.

Atualmente, Ana vive com Fernando²⁷, seu companheiro e pai de sua única filha, Vivian, que teve aos 21 anos depois de quatro abortos espontâneos (Ana tentava ser mãe desde os 15 anos). Fernando é pintor. Vivian tem 13 anos e é estudante no ensino fundamental de uma escola pública.

Ana teve uma infância, segundo ela, muito dolorosa, da qual não gosta de se lembrar. Mesmo não gostando das lembranças, Ana participou intensamente da pesquisa, trazendo falas interessantes que possibilitaram muitas análises. Tem sorriso largo, gosta de falar, não tem meias palavras, dá muitas gargalhadas. Mostra-se preocupada com as pessoas que a cercam, sejam ou não da família. Diz sentir-se mãe de seus irmãos e irmãs por quem está disposta a fazer qualquer coisa e desde os 14 anos trabalhou para sustentá-los/as, até que não precisassem mais.

Ana construiu sua casa com o companheiro, com quem também comprou um carro e diz acreditar que possa conseguir o que quiser. Afirma ter com ele e com a filha um bom relacionamento, dividindo as despesas e os afazeres da casa. É positiva e se considera forte e corajosa.

²⁶ Considerando que “encerramos” as atividades em campo no ano de 2014, considero o final deste ano como marco para definição de idades e qualquer outra informação que se vincule a um período cronológico. Isso pode, em alguns momentos, produzir algumas diferenças com relação ao dito ou escrito pelas mulheres sobre essas mesmas informações.

²⁷ Lembro que todas as pessoas, com exceção das mulheres que se envolveram na pesquisa, são tratadas por nomes fictícios.

Januária


 STQQSSD
 X Meu nome é Januária
 tenho 55 anos moro no
 bairro uns 30 anos tenho
 6 filhos um morreu assassinado
 os outros 5 são 2 homens e 3
 mulheres. mas hoje todos tem
 sua vida própria mas meus filhos
 homens estudam até o 3º ano da 1ª grau
 as mulheres preferiram ser mãe
 e dona de casa só que começaram
 errado tendo filhos cedo
 deixando a escola de lado
 os brinquedos pra seguir uma
 vida muito difícil hoje
 todos tem muito filho com
 uma vida muito complicada
 mas estamos vivendo do jeito
 que pode mas com honestidade
 procuro ajudar porque amo muito
 meus filhos e meus netos e
 bisnetos procuro hoje explicar
 todos que podemos esperar
 um pouco pra ter família
 e aproveitar o tempo pra estudar
 trabalhar conseguimos todos os
 objetivos antes de contrair
 família mas tudo isso tem um
 significado pra mim.

Meu nome é Januária [...] tenho 55 anos moro no [nome do bairro] uns 30 anos tenho 6 filhos. Um morreu assassinado, os outros 5 são 2 homens e 3 mulheres. Mas hoje todos têm sua vida própria, mas meus filhos homens estudaram até o 3º ano do 1º grau, as mulheres preferiram ser mães e donas de casa, só que começaram errado, tendo filhos cedo, deixando a escola de lado, os brinquedos, para seguir uma vida muito difícil. Hoje todas têm muito filho, com uma vida muito complicada, mas estamos vivendo do jeito que podemos, mas com honestidade. Procuro ajudar porque amo muito meus filhos e meus netos e bisnetos. Procuro hoje explicar todos que podemos esperar um pouco pra ter família e aproveitar o tempo pra estudar, trabalhar, conseguir todos os objetivos antes de contrair família. Mas tudo isso tem um significado pra mim.

Januária tem 56 anos, trabalha como doméstica e também, mais recentemente, como “serviços gerais” em uma conservadora (área de limpeza). Considera-se negra e diz ser espírita. Nasceu em Cataguases, cidade mineira próxima a Juiz de Fora. Estudou até o quarto ano primário (nomenclatura da época) e fez admissão para a 5ª série. É filha de D. Madalena e Sr. Moisés. Sua mãe faleceu quando Januária tinha 15 anos, deixando 3 filhos e 3 filhas, incluindo Januária. Um dos irmãos já faleceu. Na ocasião do falecimento de sua mãe, Januária teve que parar de estudar para cuidar dos irmãos e irmãs. Seu pai teve muitas mulheres e

Januária não sabe quantos irmãos e irmãs têm de sua parte, calculando cerca de 30, pelos que ela pode contar. Uma das irmãs por parte de pai foi recentemente assassinada por um homem, depois de um baile funk. Quando D. Madalena morreu, Sr. Moisés já tinha um relacionamento de aproximadamente 10 anos com uma de suas cunhadas (irmã da esposa, tia de Januária), tendo com ela 3 filhos. Sendo assim, levou-os/as para morar com Januária e seus irmãos e irmãs. A situação, segundo Januária, foi ficando insuportável, devido às exigências da mulher que fazia uso de bebidas alcoólicas. Januária, então, resolve sair de casa, já passados cerca de 2 anos do falecimento de D. Madalena e quando já era mãe de uma filha. Pouco tempo depois, já com uma filha e 2 filhos, conseguiu uma casa para sua irmã mais velha trabalhar e morar e levou os/as filhos/as e a irmã mais nova com ela para viver na rua, a convite de um namorado. Mais tarde, voltou para buscar o irmão mais novo. Viveu na rua por 8 anos, período em que teve mais um filho. Ao retornar, construiu um cômodo para morar com suas crianças, continuando sua vida.

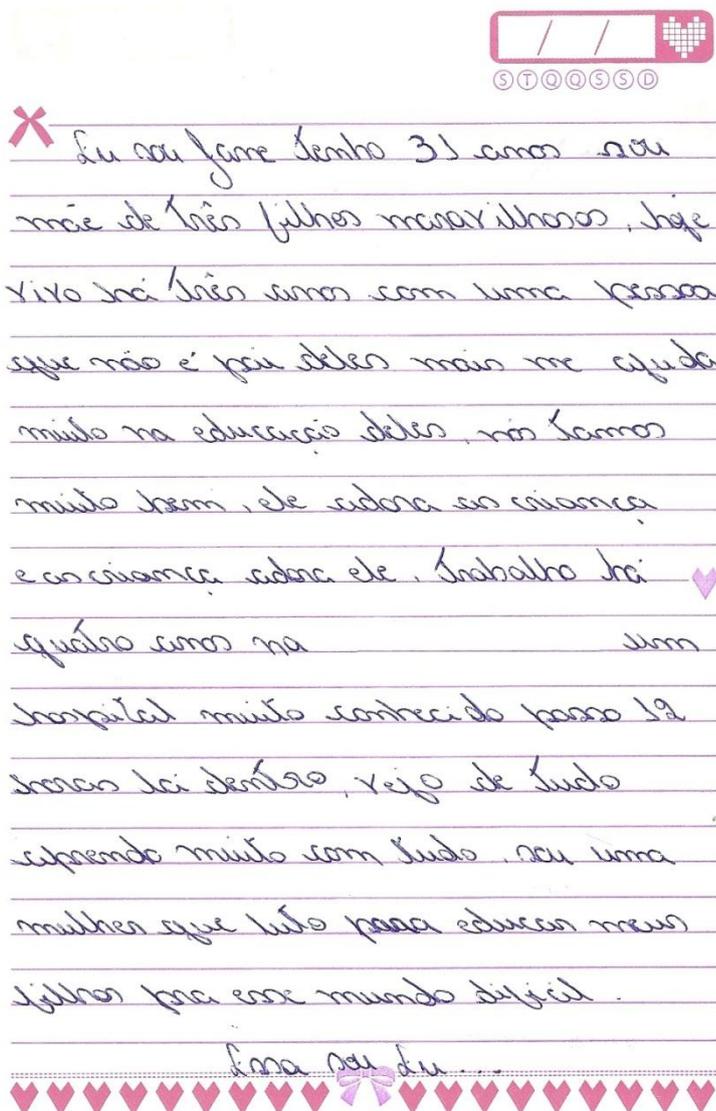
A história de Januária é muito complexa. Às vezes me perco um pouco em suas narrativas, tendo que formular novas perguntas. Costumo brincar com ela perguntando: “Como cabem tantas vidas em uma vida só?”. Quando criança, Januária acompanhava a mãe nas casas onde ela trabalhava como faxineira, passageira, lavadeira ou fazendo algum “biscate”. Já quebrou pedras para produzir britas, catou papel na rua, trabalhou como faxineira em prédios, limpou escritórios, entre várias outras atividades que pudessem dar algum dinheiro para seu sustento, de seus irmãos e irmãs, filhos e filhas. Como ela mesma costuma dizer, não fugia de serviço.

Januária é carinhosa, otimista, dócil. Gosta de falar, de contar sua vida. Na pesquisa, costumava dizer que era muito bom conversar tudo aquilo que conversávamos. É sorridente e se desdobra para manter o bem estar de sua família, mesmo tendo muitas dificuldades para isso. Diz ter muita fé em Deus que sempre envia pessoas boas para o seu caminho, para ajudá-la em suas dificuldades.

Januária tem 3 filhas – Maria, Rita e Regina – e 3 filhos Mateus, Márcio e Renato – de 4 namorados, não se casando com nenhum deles. Um dos filhos, Márcio, foi assassinado em uma cidade paulista quando saía para fazer compras na padaria. Todas/os as/os filhas/os são mães e pais, somando 23 netas/os e 5 bisnetas/os para Januária. E ela ajuda a todas/os, tendo, de vez em quando, que abrigar alguns/algumas deles/as.

Januária, hoje, representa o bairro no CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), levando reivindicações (como por exemplo, creches, escolas, área de lazer...) para que sejam encaminhadas à Prefeitura, reunindo-se no órgão 1 vez por mês.

Jane



Eu sou Jane, tenho 31 anos, sou mãe de
 três filhos maravilhosos, hoje vivo há
 três anos com uma pessoa que não é
 pai deles, mas me ajuda muito na
 educação deles, nós somos muito bem,
 ele adora as crianças, e as crianças
 adoram ele. Trabalho há quatro anos
 na [nome do hospital], um hospital
 muito conhecido. Passo 12 horas lá
 dentro, vejo de tudo aprendo muito com
 tudo, sou uma mulher que luto para
 educar meus filhos pra esse mundo
 difícil.

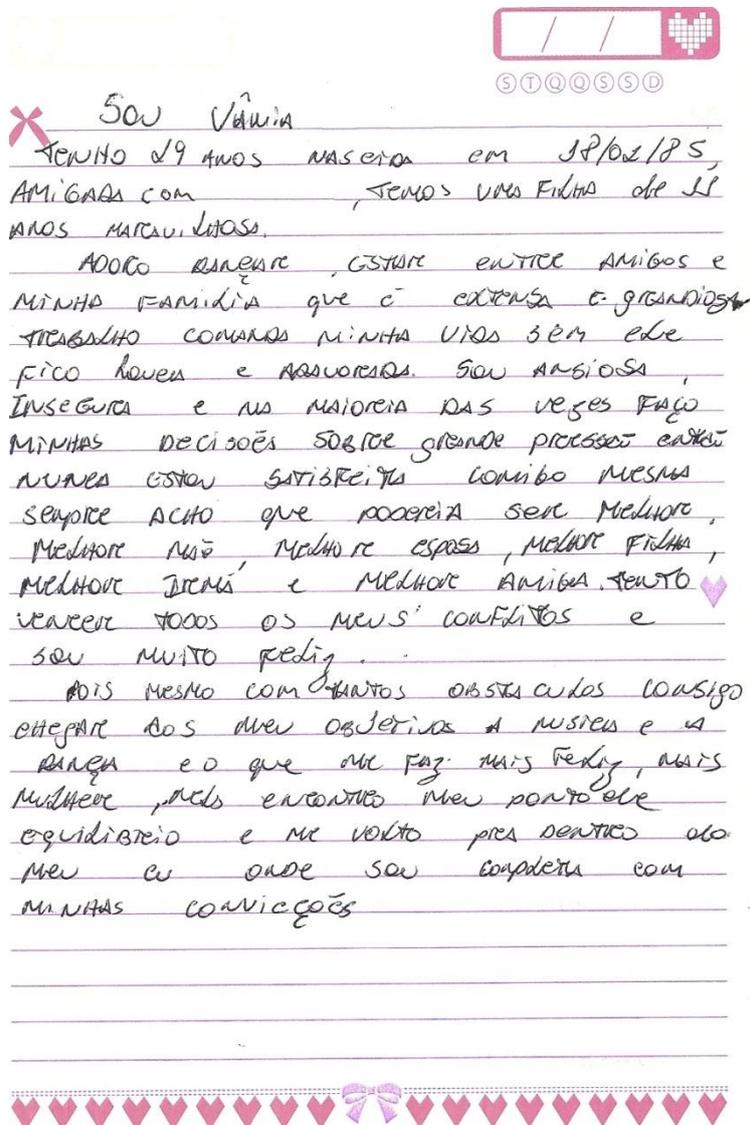
Essa sou eu...

Jane tem 32 anos, trabalha como auxiliar de serviços gerais em um dos
 principais hospitais da cidade. Trabalha na área da limpeza. Considera-se negra. Diz ter sido
 católica desde a infância mas está aprendendo o espiritismo. Nasceu em Juiz de Fora e
 concluiu o ensino fundamental. Filha de D. Carmem e Sr. Francisco, que hoje vivem
 separados. Tem uma irmã e um irmão já falecido. Seu pai tem outra família com mais 6
 filhos/as, mas Jane não se relaciona com eles/as. Foi mãe aos 19 anos. Tem 2 filhos e uma
 filha: Artur, de 13 anos, Amanda, com 12 e Augusto, com 6. Separou-se do pai das crianças e
 hoje vive com outro homem, Léo, que, segundo Jane, assumiu seus filhos e filha e tem
 construído, com ela e as crianças, uma boa relação.

Jane é mais calada, sem ser introvertida. Entrou na pesquisa já em andamento e faltou a alguns encontros, sempre justificando as ausências. Contudo, nunca se furtou a responder a qualquer pergunta que lhe fosse dirigida.

Como é comum naquele bairro, Jane e sua família moram em uma casa em cima da casa de sua mãe. Sua irmã também mora bem próxima, assim como sua ex-sogra. A mãe e a ex-sogra auxiliam Jane no cuidado com as crianças.

Vânia



Sou Vânia [sobrenome], tenho 29 anos, nascida em 18/02/85, amigada com [nome do companheiro], temos uma filha de 11 anos, maravilhosa.

Adoro dançar, estar entre amigos e minha família que é extensa e grandiosa.

Trabalho comanda minha vida, sem ele fico louca e apavorada.

Sou ansiosa, insegura e na maioria das vezes faço minhas decisões sobre grande pressão, então nunca estou satisfeita comigo mesma, sempre acho que poderia ser melhor, melhor mãe, melhor esposa, melhor filha, melhor irmã e melhor amiga.

Tento vencer todos os meus conflitos e sou muito feliz. Pois

mesmo com tantos obstáculos consigo chegar aos meus objetivos. A música e a dança é o que me faz mais feliz, mais mulher, nelas encontro meu ponto de equilíbrio e me volto pra dentro do meu eu onde sou completa com minhas convicções.

Vânia tem 29 anos, trabalha como faxineira. Considera-se negra e diz ser espírita. Nascida em Juiz de Fora, é filha de D. Olívia, portanto, irmã de Ana. Tem o ensino médio completo, tendo-se formado em magistério. Prefere, no entanto, o trabalho como diarista, fazendo faxinas, pois, segundo ela, é a ocupação que trouxe maior conforto financeiro e liberdade de horários. Vânia compartilhou com Ana a difícil infância, tendo, porém a diferença de ter conhecido e convivido com o pai que, segundo elas, foi o namorado que morou mais tempo com sua mãe. Tem, como Ana, 3 irmãos e 3 irmãs, filhos/as de sua mãe com 3 homens diferentes. Um dos irmãos é adotado, filho de uma prima que não quis criar. Ainda tem mais 2 irmãos já falecidos. Vânia também não falou de irmãos ou irmãs por parte de pai.

Vânia vive com Felipe, com quem tem uma filha, Malu, de 12 anos. Felipe faz parte de uma banda de pagode e faz shows em pequenos clubes ou bares nos finais de semana. Fora isso, costuma trabalhar em mercearias, na organização de balcões de frutas, verduras e legumes, assim como na descarga de caminhões. No entanto, Felipe, às vezes se cansa da rotina do trabalho e acaba ficando desempregado, recebendo apenas o dinheiro dos shows, o que não é muita coisa, segundo o que Vânia diz. Por ter mais tempo em casa, Felipe assume boa parte das tarefas, principalmente com o cuidado da filha.

Vânia frequenta as atividades do Centro Espírita desde criança. Hoje é trabalhadora voluntária da Casa e ocupa um cargo na administração. Mostra responsabilidade com as tarefas que lhe são atribuídas. É alegre, sorridente, muito ativa e prestativa. Na pesquisa, procurava me ajudar na marcação de encontros e estava sempre alerta para o que acontecia no bairro e que pudesse me interessar, fazendo diversas sugestões. Nesse sentido, participou ativamente da pesquisa. Convivo com Vânia desde seus 12 anos de idade, quando iniciei como voluntária no Centro.

Essas quatro mulheres têm suas filhas e filhos, no caso de Januária, netos e netas, frequentando atividades de evangelização do Centro e têm participado das reuniões direcionadas às famílias. São as quatro presenças mais efetivas, entre outras muito flutuantes, também de mulheres – todas mães de crianças e adolescentes que frequentam o Centro. Os homens não costumam frequentar e, um fato interessante, os que mais participaram, já há alguns anos atrás, eram o ex-sogro e o ex-companheiro de Jane, pai de seus filhos e filha.

Essas quatro mulheres são as singularidades da pesquisa. Suas vidas são únicas e, ao mesmo tempo dialogam com outras tantas vidas, se confundindo com elas e podendo, até mesmo, dizer um pouco delas.

ENCERRAR

O que escrevi até aqui deu ideia do movimento de constituição da pesquisa. Falei da minha forma de pesquisar em caminhos com linhas, desvios, curvas, abismos, rigor... Apresentei as mulheres que estiveram comigo até o momento em que precisei chamar de final (final?). Apresentei, também, o referencial teórico-metodológico que me ajudou a pensar e a produzir a minha escrita.

Entrarei agora num outro momento. Retomando a questão da pesquisa, passarei a pensar no que tal questão apresenta de possibilidades. O que dizem as palavras que a compõem. Que significados, que sentidos, que outros significados e sentidos?

Trabalhando a questão da pesquisa

Retomo, agora, minha questão de pesquisa: **Como vão se constituindo as subjetividades de mulheres mães na periferia?**

Para tentar responder a essa questão, gostaria de pensar nas palavras que a compõem, em seus sentidos e nos conceitos que as definem. “Como” – “constituição” – “subjetividades” – “mulheres” – “mães” – “periferia”. O que cada uma dessas palavras pode nos trazer? O que elas significam, em seu conjunto, na questão formulada? É o que começo a pensar neste momento e que vai perpassar vários outros momentos desta escrita, desdobrando-se em outras tantas palavras e conceitos.

Primeiramente, em *Subjetividades: discursos, poder e relações consigo*, discuto a palavra “subjetividades”, contando com a inspiração de Foucault em suas formas de pensar o sujeito a partir das práticas discursivas (saber - arqueologia) e não discursivas (poder – genealogia), assim como nas relações do sujeito consigo mesmo (práticas de si – ética). Já neste momento, o “como” e a “constituição” aparecem marcando a forma de se perguntar nesta pesquisa, pois tenho o entendimento de que as subjetividades são processos contingentes e se constituem de certos modos entre outros tantos modos possíveis. Logo em seguida, em *Quando gênero, raça e classe se atravessam*, penso as palavras “mulheres” e “periferia”, entendendo que a força dos discursos e representações de gênero, raça e classe organizam a vida social das mulheres com as quais pesquisei e são elementos fundamentais na constituição de suas subjetividades. Por fim, em *E agora as mães!*, trago a palavra “mãe” buscando problematizar o estatuto da maternidade como sendo um componente natural e instintivo na mulher e pensando a construção de discursos e representações de maternidade na história das mulheres e na multiplicidade de maternidades que se fazem naquela periferia.

Com essa organização, penso construir certo entendimento de como estou me relacionando com o campo e com os autores e autoras que contribuem, com o que já produziram, na construção do meu pensamento.

Subjetividades: discursos, poder e relações consigo

Começo pensando em subjetividades. “Subjetividades são esses modos pelos quais nos tornamos sujeitos, são modos de subjetivação que são construídos ao longo da

História” (FERRARI, 2010a, p.9). Subjetividades, sujeitos: palavras usadas no plural, pois tratam de

sujeitos que não são indivíduos, não são universais, não são absolutos, que não se separam da sua existência e história, de forma que são resultados de processos múltiplos e diferenciados, nos impedindo de falar de uma subjetividade como totalização e centrada no indivíduo. Há uma variedade de processos que constroem a subjetividade e que ocorrem ao mesmo tempo, entrecruzando-se no indivíduo. (FERRARI, 2010a, p.11-12)

Assim são as mulheres mães na periferia em que pesquiso. Na vida na rua daquele bairro que é o meu campo, posso observá-las sentadas na calçada, conversando umas com as outras, tomando suas cervejas, ouvindo e/ou dançando seu funk, brigando com suas crianças, despreocupadas com o almoço ou o banho dos/as filhos/as. Na classificação do senso comum, poderíamos chamá-las de “mães displicentes”. Outras há, no entanto, que estariam na condição de “mães cuidadosas”²⁸, trançando os cabelos de suas filhas e das filhas de outras mães, brincando de bola com os meninos, cuidando para que as crianças não sejam atropeladas pelos veículos que passam, ocupadas com o almoço e a escola. Já vi mãe “comprando” as brigas de seus filhos e filhas e, até mesmo, correndo com um pedaço de pau na mão, atrás de um homem que maltratou o seu filho. E ela conseguiu bater nele, me dizendo mais tarde: *Bati mesmo, Rosinha! E bato de novo se precisar. Ninguém põe a mão no meu filho, não! Vem judiar do menino? Aí, não!* Há aquelas, ainda, que misturam isso tudo. Zelam em determinados momentos e largam e descuidam em outros.²⁹ Umas exibem as formas dos corpos nas roupas curtas e apertadas enquanto outras adotam os trajes sem decotes e abaixo dos joelhos. Umas mais sisudas, outras mais risonhas e expansivas. Algumas falantes, outras caladas... Múltiplas mulheres mães que, a uma primeira vista, vivem num mesmo contexto;

²⁸ Ideia bastante difundida no senso comum e que parece refletir um conceito criado a partir de discursos médicos que começaram a circular no século XIX com a pretensão de criar estratégias para a educação das mulheres naquilo que entendiam ser sua natureza: a maternidade. Conforme tais discursos, a mãe cuidadosa “deveria estar sempre atenta à sua saúde e à dos membros da família. Responsável pelos mínimos detalhes que pudessem comprometer o bom andamento da saúde da família, a mulher mãe deveria ser vigilante, abnegada, afetuosa, assexuada, frágil enquanto mulher, mas forte e saudável enquanto mãe e soberana dentro do lar” (SCHWENGBER, 2006, p.27).

²⁹ Isso nos dá a pensar: quanto de zelar é largar e quanto de largar é zelar? Na periferia, o largar pode ser uma forma de educar a viver ali, num lugar em que “se virar” faz parte do jogo, lugar em que muitos cuidados podem formar sujeitos despreparados para as lutas que terão de enfrentar. Lembro-me que em minha pesquisa de Mestrado (RITTI, 2010), os adolescentes que se tornavam alvo fácil de grupos – bondes – de outros bairros que mantinham alguma rivalidade com o bonde dali eram chamados “laranjas”. Comumente vinham de famílias em que recebiam mais cuidados, eram proibidos de ficar por muito tempo nas ruas e não aprendiam as “manhas”. Assim, não sabiam se defender dos perigos que corriam quando tinham que circular por outros espaços. Isso, hoje, tem acontecido com as adolescentes também, principalmente em escolas e bailes funk.

muitas sendo, ainda, irmãs, primas, amigas de infância..., fortalecendo a ideia de que foram e estão expostas aos mesmos tipos de vivências, mas que se fazem diferentes em suas subjetividades, denunciando a variedade de processos que as constituem.

Perguntar pelo “como” se constituem as subjetividades de mulheres mães naquela periferia é, justamente, perguntar por esses processos, pelos modos como se tornam o que são e, ao mesmo tempo, é entender que enquanto “resultado de processos de subjetivação, toda subjetividade se constitui como uma forma de ser sujeito, que ao mesmo tempo é desfeita mostrando que estamos sempre diante de algo em construção e continuidade” (FERRARI, 2010a, p.10). Dizendo de outra forma, não existe sujeito pronto e acabado, o que há são sujeitos sempre em construção. Um sujeito é sempre e, ao mesmo tempo, produto e produção. Produto porque, de alguma forma já é constituído nos processos em que se inseriram até então, mas, simultaneamente, permanece inserido e aberto aos processos que continuam produzindo-o, pois ainda se encontra exposto a e no interior de relações de poder que o constituem. É ainda nesse sentido que as palavras sujeitos e subjetividades estão sempre embaralhadas, pois não há como determinar onde ou em que momento se é algo (sujeito) e onde ou em que momento se dá lugar ao processo, aos modos de se constituir (subjetividade). E isso pode ser pensado para as mães na periferia. E isso pode ser pensado para qualquer um/a de nós.

É nesse sentido que buscar Foucault para me ajudar a problematizar meu campo e me ajudar a responder à questão proposta me parece muito pertinente. Em um de seus textos, intitulado “O sujeito e o poder”, Foucault diz:

Eu gostaria de dizer, antes de mais nada, qual foi o objetivo do meu trabalho nos últimos vinte anos. Não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise.

Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. (FOUCAULT, 1993a, p.231)

Vemos, então, que a problemática do sujeito na obra de Foucault se dá a partir de uma abordagem histórica. Foucault, opondo-se ao pensamento cartesiano e à tradição fenomenológica, pensa o sujeito não como uma substância, mas como uma forma, uma forma não idêntica a si mesma. “O problema do sujeito é, para Foucault, o problema da história da forma-sujeito” (CASTRO, 2009, p.407). Criar uma história dos modos pelos quais tornamos sujeitos implicou, para Foucault, interrogar todos os universais a respeito da natureza humana, interrogá-los em sua constituição histórica. Rompendo com a epistemologia

moderna, que pensa um sujeito soberano, consciente de si e do mundo, essencialmente racional e, ainda, transcendente ao seu contexto histórico-social, “Foucault é conduzido a uma história das práticas nas quais o sujeito aparece não como uma instância de fundação, mas como efeito de uma constituição. Os modos de subjetivação são, precisamente, as práticas de constituição do sujeito” (CASTRO, 2009, p.408). E em que consistem tais práticas para Foucault? “Pois bem, apesar da importância que esse conceito tem em suas obras, não encontramos nela nenhuma exposição detalhada do conceito de prática; é necessário reconstruí-lo com base em outras indicações” (CASTRO, 2009, p.337). Num primeiro momento, Foucault traz no conceito de “episteme” o que vai chamar de “prática discursiva”, situada no campo do discurso, entendendo-a como

um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2008, p.133)

Em um segundo momento, Foucault cria o conceito de “dispositivo” por ter reconhecido que “faltava em seu trabalho a análise do poder, da relação entre o discursivo e não discursivo” (CASTRO, 2009, p.124) e que também constituía os processos de subjetivação. “O dispositivo é a rede de relações que podem ser estabelecidas entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regramentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito” (CASTRO, 2009, p.124).

Assim, “a *episteme* era o objeto da descrição arqueológica; o *dispositivo*, por sua vez, o é da descrição genealógica” (CASTRO, 2009, p.124 – grifos do autor). Nesse sentido, penso ser importante trabalharmos um pouco esses dois momentos de Foucault, enfatizando a questão dos discursos e das relações de poder na constituição das subjetividades.

Um pouco sobre discursos e poder

- *Se for menino vai se chamar Enzo!*
- *É bonito, mas acho que não é nome de morro.*
- *Por que não é nome de morro?*
- *É nome lá de baixo. Não é pro morro não! Pra cá não combina. Escolhe outro nome pro neném!*
- *Os nome de morro é tudo tão complicado que acaba tendo que usar apelido porque ninguém sabe falar!*

(Uma conversa entre mães na periferia)

Esse pequeno fragmento de conversa, produzido no chá de bebê para o qual fui convidada, pode ser interpretado como um discurso e, ao mesmo tempo, um produto de um discurso. Um discurso, porque está sendo dito e um produto porque o que está sendo dito já traz uma ideia construída de que há algo que pode ou é conveniente para o “morro”, definindo também o que não pode ou não é conveniente. O simples nome de um bebê pode se tornar uma proibição ou um empecilho; pode combinar ou não combinar. Mas, combinar ou não com o quê? Com o morro, como uma delas diz? Ou poderíamos responder que seria combinar ou não combinar com as representações que vão se construindo discursivamente, criando identidades e diferenças, normalidades e anormalidades com relação à vida no morro, assim como na sociedade como um todo? Por outro lado, há um questionamento por parte da outra mãe que quer romper com o que se tem como *nome de morro* por entender que os *nome de morro é tudo tão complicado que acaba tendo que usar apelido porque ninguém sabe falar!*. A partir dessa pequena conversa há elementos importantes para se pensar, junto com Foucault, nas questões que envolvem os discursos e o poder no campo das subjetividades.

Assumo o conceito de discurso como “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2008, p.122). Isso implica em buscar o que o autor nos apresenta como “enunciados” e também como “sistema de formação”. Quando uma das mulheres diz: *É nome lá de baixo. Não é pro morro não! Pra cá não combina. Escolhe outro nome pro neném!*, creio que não podemos nos considerar diante de um mero conjunto de frases num encadeamento lógico e que simplesmente expressa algo a partir de um sujeito que diz. Nesse caso, penso eu, estamos diante de enunciados, portanto, diante de um discurso.

Examinando o enunciado, o que se descobriu foi uma função que se apoia em conjuntos de signos, que não se identifica nem com a ‘aceitabilidade’ gramatical, nem com a correção lógica, e que requer, para se realizar, um referencial [...]; um sujeito [...]; um campo associado [...]; uma materialidade. (FOUCAULT, 2008, p. 130)

Seguindo a elaboração posta por Foucault (2008), o enunciado não deixa de se apoiar em um conjunto de signos, em que se incluem, frases, proposições e atos de linguagem. No entanto, é importante destacar que a função enunciativa se caracteriza por quatro elementos básicos os quais passo a considerar. Primeiro, um referencial ou referente, “que não é exatamente um fato, um estado de coisas, nem mesmo um objeto, mas um princípio de diferenciação (FOUCAULT, 2008, p.130), “a referência a algo que identificamos” (FISCHER, 2012, p.77). Poderíamos considerar como referente, na conversa

entre as mães, a ideia de que existem coisas que são para o morro enquanto outras não são; a diferença está marcada. Segundo, um sujeito, “não a consciência que fala, não o autor da formulação, mas uma posição que possa ser ocupada, sob certas condições por indivíduos indiferentes” (FOUCAULT, 2008, p.130), alguém que possa efetivamente afirmar o dito, se reconhecer em tal condição (FISCHER, 2012, p.77). Na conversa, ambas as mães se reconhecem na condição de moradoras do morro, diferentes das moradoras *lá de baixo*, tanto que estão pensando nos nomes “apropriados” para o filho que vai nascer nessa mesma condição. Em outros momentos de minha investigação, outras falas trazem esse reconhecimento de forma bem incisiva, como no encontro para apresentação da pesquisa:

- **Eu:** “*Eu tô fazendo uma pesquisa de doutorado... e que envolve mulheres de periferia. Que moram na periferia da cidade.*”
- **Rhuana:** “*Eu sou uma delas!*”
- **Eu:** “*Vocês são!*”
- **Rhuana:** “*Eu sou uma delas, sou da periferia [elas riem]. Rio de Janeiro, São Paulo...*”

Terceiro, um campo associado, “que não é o contexto real da formulação, a situação na qual foi articulada, mas um domínio de coexistência para outros enunciados” (FOUCAULT, 2008, p.130), ou seja, esse enunciado não existe isoladamente, mas se relaciona com vários outros dentro de um mesmo discurso ou de outros (FISCHER, 2012, p.77). No caso em questão, poderíamos buscar em diversos discursos, como por exemplo, na mídia, principalmente em programas humorísticos, em piadas que se baseiam num senso comum carregado de preconceitos a respeito da vida nas periferias, de pessoas pobres e/ou negras e, ainda, de mulheres. Podemos ainda perceber a relação entre enunciados, a partir da fala da Rhuana, que já passou pelas periferias de outras cidades, ou seja, o que se produz discursivamente em São Paulo ou Rio de Janeiro tem relação com o que se produz em Juiz de Fora e afirma certa identidade que se possa atribuir à periferia. Finalmente, o quarto elemento básico presente no enunciado: a materialidade, “que não é apenas a substância ou o suporte da articulação, mas um *status*, regras de transcrição, possibilidades de uso ou de reutilização” (FOUCAULT, 2008, p.130), o que podemos ver na própria fala das mães que afirmam que existem nomes que são de morro e nomes que não são. A materialidade se dá no dito, no escrito, no ensinado, no registrado e, assim, no que se pode repetir. É a forma concreta em que os enunciados aparecem “nas mais diferentes situações, em diferentes épocas” (FISCHER, 2012, p. 77). É assim que se considera que o enunciado possui uma “função de existência” (FISCHER, 2012, p. 77) que “atravessa a linguagem” (FISCHER, 2012, p.76) e “é sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2008, p.31).

Descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. O que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma certa formação discursiva. (FISCHER, 2012, p.78)

Uma formação discursiva ou, como Foucault (2008) também denomina, um sistema de formação, caracteriza-se por “um feixe complexo de relações que funcionam como regra, [um sistema que] prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva” (FOUCAULT, 2008, p. 82). Pensando com Foucault, podemos dizer que exercemos a prática discursiva quando nos apropriamos de determinado discurso, caso em que falamos conforme suas regras, veiculando e concretizando, assim, o próprio discurso. Desse modo, ao falar *É bonito, mas acho que não é nome de morro*, a mãe não está expondo seu pensamento, como o *acho* pode nos induzir a pensar. Na fala da mãe, é o discurso que fala. E fala a partir de regras construídas no tempo e no espaço, regras que, de tanto serem praticadas, já se naturalizaram, criando sentido. A fala da mãe é a fala do sujeito que se reconhece no interior de um discurso, que se constitui na dinâmica desse discurso, sabendo o que pode e o que não pode, o que deve e o que não deve falar, fazer e ser. O que é dito pela mãe, de certa forma, afirma um conceito – uma representação – de morador/a de periferia, mas

as regras de formação dos conceitos, segundo Foucault, não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo. (FISCHER, 2012, p.75)

Dizer de campo discursivo é admitir a relação das formações discursivas com determinados campos do saber, alguns tradicionais, como a economia, a ciência política, a pedagogia, a religião e outros mais recentes que vão se formando pela força de “conjunto” de seus enunciados, como por exemplo, os discursos feministas (FISCHER, 2012, p. 78-79).

Assim, quem fala das periferias, fala de algum lugar e coloca em circulação os discursos aos quais tem acesso e a partir da posição que ocupa num determinado campo do saber. E quem fala das periferias? Muitos falam das periferias. Políticos, médicos/as, cientistas sociais, mídia, educadores/as... muitos são os discursos produzidos sobre as periferias. Discursos muitas vezes coincidentes, muitas vezes contraditórios. Discursos que se completam ou entram em disputa.

Espaço de dissensões e oposições múltiplas, a formação discursiva se faz de asperezas e estridências, mais do que de harmonias e superfícies lisas. Inteiramente vivo, o campo enunciativo acolhe novidades e imitações,

blocos homogêneos de enunciados bem como conjuntos díspares, mudanças e continuidades. Tudo nele se cruza, estabelece relações promove interdependências. O que é dissonante é também produtivo, o que semeia a dúvida é também positividade crítica. (FISCHER, 2012, p.85)

Daí a importância do nome *Enzo* e do questionamento com relação aos nomes *de morro* feito pela outra mãe da conversa apresentada na epígrafe. Tal questionamento coloca sob suspeita o discurso, mostra resistência, possibilita rupturas, traz a possibilidade de representações outras que ampliem os sentidos de se morar ali, no *morro*, na *periferia*. Traz aquele entendimento de que

o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre o léxico e uma experiência; [...] analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva (FOUCAULT, 2008, p.55)

Foucault (2008, p.55) vai nos alertar que devemos considerar os discursos não mais como mero conjunto de signos, “mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam”. Se o discurso diz sobre as periferias, não as descreve em sua realidade, mas cria sua realidade e a realidade daqueles/as que moram lá, que se reconhecem nos discursos produzidos, que se sentem, por eles, representados/as.

Mas, se existe a fala, existe quem fala. E se os discursos criam os objetos de que falam, significa dizer que há no discurso algo ligado ao poder, um poder que cria, que produz. Nesse caso, quem fala exerce um poder produtor. Foucault nos afirma que “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (FOUCAULT, 2009a, p.9). Falar é, então, privilégio de algumas pessoas bem mais que de outras. Isso depende de seu *status* dentro do campo de saber que produz o discurso. “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2009a, p.10). No momento em que eu apresentava a pesquisa para o grupo de mães, dizendo que queria ouvi-las, conhecer suas vidas para escrever sobre elas e sobre a periferia em que moram, uma delas, a Januária, responde: “*Eu acho que essa pesquisa tem que começar por aí mesmo, né, porque do jeito que tá o mundo hoje, né?, tem que procurar melhorar mesmo, falar, a gente tem que falar!*”. Para elas, a pesquisa vai levar suas vozes e o seu falar pode fazer diferença. Elas querem falar, querem produzir seus próprios discursos. Mesmo que não sejam discursos

puros, originais – e qual seria? –, pois ditos já no entrecruzamento de outros tantos, seus discursos trarão suas vozes, suas marcas. Falar, então, é algo desejado.

Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar. (FOUCAULT, 2009a, p.10)

Admitindo a força do discurso e seu poder de criar os objetos de que fala, entendemos o quanto nos subjetivamos no interior dos discursos que dizem de nós, das coisas e situações nas quais nos reconhecemos, nas representações com as quais nos identificamos. São, então, as práticas discursivas, produtoras de subjetividades. Mas nem só de práticas discursivas se formam os sujeitos. Em “A arqueologia do saber”, “Vigiar e punir” e “A ordem do discurso”, Foucault

sublinha a ideia de que o discurso sempre se produziria em função de relações de poder. E mais tarde, nos três volumes de sua História da sexualidade, o pensador nos mostra explicitamente que há um duplo e mútuo condicionamento entre as práticas discursivas e as práticas não discursivas. [...] Na verdade, tudo é prática em Foucault. E tudo está imerso em relações de poder e saber que se implicam mutuamente. Ou seja, enunciados e visibilidades, textos e instituições, falar e ver constituem práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder que as supõem e as atualizam. (FISCHER, 2012, p. 74-75)

É nesse sentido que Foucault vai orientar sua arqueologia para uma genealogia, ou seja, uma análise que faça “com que apareçam relações entre as formações discursivas e os domínios não discursivos (instituições, acontecimentos políticos, práticas e processos econômicos)” (FOUCAULT, 2008, p.182). Os domínios não discursivos abrigam os discursos; suas práticas são efeitos dos discursos; ali, também se dão as condições de emergência dos discursos. É, então, imprescindível buscar as articulações entre as práticas discursivas e não discursivas, para se ter uma compreensão de como vão se constituindo as subjetividades. E tal busca se dá na dimensão histórica, já que os discursos e práticas são datados, construídos historicamente (FOUCAULT, 2008).

A partir de tudo isso, entendo que ser mulher, negra, mãe e moradora em um bairro na periferia, o que caracteriza as mulheres da minha pesquisa, envolve pelo menos quatro situações em que precisamos buscar a análise histórica, a análise das práticas discursivas e não discursivas que as envolvem: a história das mulheres; a história das

mulheres negras; a história das periferias, principalmente daquelas classificadas como favelas; a história das mães. Como todas essas classificações foram historicamente construídas entre discursos e relações de poder? Como elas se atravessam formando as representações com as quais as mulheres se identificam e que as tornam o que são? Ao mesmo tempo, como se dão as resistências e rupturas com relação a essas representações? Essas são questões que subsidiam a busca de uma possível resposta para a minha questão principal.

Até aqui, meu trabalho foi trazer alguns pontos de dois momentos de Foucault, um em que se ocupa com o saber, conhecido como arqueologia, e outro em que se ocupa com o poder, conhecido como genealogia. No entanto, em se tratando da constituição das subjetividades, outro momento também se faz necessário, o momento em que Foucault procura analisar as relações do sujeito consigo mesmo e que é conhecido como ética. Com esse terceiro momento, passarei a me ocupar a partir de agora.

As relações consigo na constituição das subjetividades

Não nos ocupamos conosco para viver melhor, para viver mais racionalmente, para governar os outros como convém; [...] Deve-se viver de modo que se tenha consigo a melhor relação possível.

(FOUCAULT, 2011, p.403)

Durante algum tempo, enquanto concentrava seus esforços no estudo dos séculos XVIII e XIX, Foucault pensava o sujeito como mero produto dos saberes construídos e dos poderes exercidos sobre ele, mas a partir dos anos 1980, estudando a Antiguidade grega e romana, Foucault nos traz um sujeito não só constituído, mas também constituindo-se a partir de algumas técnicas regradadas (GROS, 2011, p.462). “O estudo do Ocidente moderno lhe ocultara por muito tempo a existência dessas técnicas, obscurecidas que estavam no interior do arquivo pelos sistemas de saber e os dispositivos de poder” (GROS, 2011, p.462-463). Foucault se abre, então, para uma noção de sujeito constituído pelo entrelaçamento de discursos e relações de poder, mas também das relações que estabelece consigo mesmo na sua autoconstituição, o que vai chamar de “ética”. Isso não implica em momentos estanques, numa sequência causal ou hierárquica, mas forma uma composição em que tudo concorre, simultaneamente, para a constituição subjetiva. Assim, “o sujeito é produto, ao mesmo tempo, dos saberes, dos poderes e da ética” (VEIGA NETO, 2007, p.82).

Essa viagem aos textos gregos e romanos, Foucault a faz para entender o presente, a partir de uma questão presente, que, no seu caso específico era a sexualidade. Dessa forma, Foucault não se propõe a fazer uma história da filosofia, mas uma genealogia (GROS, 2011, p.470); sua proposta é entender “de que maneira, por que e sob que forma a atividade sexual foi constituída como campo moral? Por que esse cuidado ético tão insistente, apesar de variável em suas formas e em sua intensidade? Por que essa ‘problematização?’” (FOUCAULT, 2007, p.14). Entendendo que um sistema de interdições não seja suficiente para promover esse cuidado ético com as condutas sexuais, Foucault buscou naquelas sociedades – grega e greco-romana – formadas por homens³⁰ livres, as formas como o indivíduo se constituía como sujeito moral de suas ações. Ora, aqueles homens não se inseriam em um sistema moral universal e nem se vinculavam a nenhuma religião como fonte de preceitos a serem rigorosamente seguidos, mas, mesmo assim, eram portadores de grande austeridade no seu comportamento sexual.

Por mais opressiva que seja a cidade, por mais importante que seja a ideia de *nómos*, por mais amplamente difundida que seja a religião no pensamento grego, nunca será a estrutura política, ou a forma da lei, ou o imperativo religioso que poderão, para um grego ou para um romano, mas sobretudo para um grego, dizer o que se deve concretamente fazer ao longo de sua vida. E, principalmente, não poderão dizer o que fazer da própria vida. (FOUCAULT, 2011, p.402)

Mas, então, como se dava esse cuidado, essa austeridade? Foucault suspeitava que, se isso não se dava a partir de obrigações ou interdições, se daria, então, pela problematização do que se é e do mundo em que se vive (FOUCAULT, 2007, p.14).

[...] ao colocar essa questão muito geral, e ao colocá-la à cultura grega e greco-latina, pareceu-me que essa problematização estava relacionada a um conjunto de práticas que, certamente, tiveram uma importância considerável em nossas sociedades: é o que se poderia chamar ‘artes da existência’. Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 2007, p.14-15)

Na leitura das obras de Foucault (2005, 2007, 2011) percebemos que mesmo não existindo uma moral rígida, universal e imposta, não havia ausência de regras que o

³⁰ Aqui, entende-se “homem” como o indivíduo do sexo masculino. Mulheres, assim como crianças e escravos, não eram consideradas livres naquelas sociedades.

indivíduo seguisse. A diferença era que essas regras eram mais da ordem da proposição do que da imposição. Eram aceitas pelo indivíduo que a elas se sujeitava porque este tinha alguns objetivos livremente escolhidos para sua existência, objetivos que só poderiam ser atingidos pela transformação de si mesmo, através dessas “artes da existência”, que comumente se denomina também, na linguagem foucaultiana de “práticas de si”, “técnicas de si”, “tecnologias do eu”, entre outras variações semelhantes. São elas que

permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, conduta, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade. (FOUCAULT, 1990, p. 48 – tradução minha)

Foucault (2007, 2011) entende que, na Grécia Clássica, os fins para a aplicação das práticas de si voltavam-se para as questões políticas e estéticas. O indivíduo deveria aprender a governar a si mesmo para governar os outros. A problematização em torno de suas atividades sexuais seguia os critérios de uma “estética da existência”, buscava uma vida bela. Essa beleza estava no domínio de seus desejos e, para isso, tinha que se esforçar, através de práticas de transformação de si e de cuidados consigo mesmo, na conquista da temperança, virtude de saber vivenciar esses desejos com moderação. Assim, não se escravizava a eles. Era livre, forte, belo. Conquistava glória, poder e honra. Tinha sua vida admirada.

As práticas de si se faziam na preservação da saúde de seu corpo (na dietética), no cultivo de um relacionamento conjugal em que buscava manter a hierarquia e o controle na organização da própria casa (na econômica) e na atenção à liberdade do outro na relação amorosa firmada com os rapazes, futuros homens livres e que, portanto, não poderiam ser aviltados em sua virilidade (na erótica). Essas eram questões apreciadas pela sociedade para definir o status de cada um. Tudo isso, no entanto, não era imposto como regras que deveriam ser seguidas por todos, mas como critérios que deveriam ser assumidos a partir de atos voluntários. Cabia a cada um decidir que tipo de homem queria ser, embora a escolha feita tivesse como consequência o reconhecimento ou não da sociedade. (RITTI, 2010, p. 42-43)

Nos textos greco-romanos, Foucault (2005, 2011) observou algumas diferenças no exercício das práticas de si. Embora ainda buscando uma estética da existência, o homem dos séculos I e II da era cristã não buscava o domínio de si e dos outros, não visava a prestígio social ou político. Suas práticas se dirigiam a si com fim em si mesmo. Almejava a plenitude da própria vida, a transformação do seu eu em busca de aperfeiçoamento. Para isso, buscava

nos mestres, amigos e diretores, conselhos do que deveria fazer consigo mesmo. Lia cartas, escrevia diários, memorizava regras, fazia exame de consciência, se preparando para qualquer acontecimento que a vida pudesse lhe proporcionar. A vida, em toda sua duração, é vivida como prova. Ao homem, cabia um constante cuidado de si, mantendo a saúde do corpo e da alma, evitando qualquer excesso que pudesse lhe perturbar ou fazê-lo sucumbir àquilo que tinha que provar.

Vemos que, enquanto na época clássica o problema estava em definir uma arte de viver que tinha em seu interior um ocupar-se consigo mesmo, na

época helenística e seguramente a época do Alto Império [...] assistimos a uma espécie de inversão, de reversão entre técnica de vida e cuidado de si. [...] Doravante, parece-me que não somente o cuidado de si atravessa, comanda, sustenta de ponta a ponta toda a arte de viver – para saber existir não basta cuidar de si –, mas é a *tékhne tou biou* (a técnica de vida) que se inscreve por inteiro no quadro doravante autonomizado em relação ao cuidado de si. (FOUCAULT, 2011, p.402-403)

Nesse sentido, a arte de viver é toda articulada em relação ao cuidado de si mesmo. É a própria vida, o próprio eu que deve ser almejado no interior da arte de viver. Nada importava mais, no âmbito do cuidado de si, do que a melhor relação possível consigo mesmo. E a vida vivida como prova tinha como sentido e objetivo

precisamente formar o eu. Devemos viver a vida de maneira tal que a cada instante cuidemos de nós mesmos e que o que encontrarmos ao termo, por certo enigmático, da vida – velhice, instante da morte, imortalidade [...], enfim, o que deve ser obtido por meio de toda *tékhne* que se aplica à própria vida, é precisamente uma certa relação de si para consigo, relação ao que é o coroamento, a completude e a recompensa de uma vida vivida como prova. (FOUCAULT, 2011, p.403)

Foucault, nesse caminho, pensa ontologicamente a relação consigo no mundo helenístico e vê nela um acontecimento significativo para a história da subjetividade ocidental.

Como projeto fundamental da existência, vive-se com o suporte ontológico que deve justificar, fundar e comandar todas as técnicas da existência: a relação consigo. Entre o Deus racional que, na ordem do mundo, dispôs em torno de mim todos os elementos, toda a longa cadeia de perigos e infortúnios, e eu mesmo, que decifrarei esses infortúnios como provas e exercícios de aperfeiçoamento, entre esse Deus e eu, só se trata doravante de mim mesmo. Parece que este é um acontecimento relativamente importante, penso eu, na história da subjetividade ocidental. (FOUCAULT, 2011, p.403)

A palavra “acontecimento” tem um sentido importante no pensamento foucaultiano. Como acontecimento, Foucault entende uma novidade ou uma diferença que irrompe na história (acontecimento no sentido arqueológico) e que pode instaurar novas formas de regularidade histórica (novos acontecimentos no sentido discursivo) (CASTRO, 2009, p.24). A inversão entre arte de existência e cuidado de si ocorrida no período greco-romano foi a novidade assumida como regularidade nesse período, mas colocada “entre parênteses por aqueles dois grandes modelos, o anterior [platonismo] e o posterior [cristianismo] que em seguida o dominaram e recobriram” (FOUCAULT, 2011, p.230). Na concepção de Foucault (2011, p.230-231), esses três foram os modelos de práticas de si que se sucederam na história do ocidente.

É grande o esforço de Foucault no estudo desses três modelos, algo no qual não me cabe alongar muito neste momento. Mas penso ser interessante trazer, muito resumidamente, aquilo que ele nos apresentou. No platonismo existe uma relação entre cuidado de si e conhecimento de si estabelecida, em primeiro lugar, pela ignorância e pelo desconhecimento da própria ignorância: “a ignorância e a descoberta da ignorância da ignorância é que suscitam o imperativo do cuidado de si” (FOUCAULT, 2011, p.227). Em segundo lugar, o cuidado de si vai implicar no conhecimento de si mesmo, conhecimento como “apreensão pela alma de seu ser próprio, apreensão que ela opera ao olhar-se no espelho do inteligível, onde, precisamente deve reconhecer-se” (FOUCAULT, 2011, p.228). Em terceiro lugar está a reminiscência, “no ponto de junção entre cuidado de si e conhecimento de si”. (FOUCAULT, 2011, p.228). Na lembrança do que viu, a alma se conhece e a partir daí tem acesso ao que viu, à verdade. “Podemos dizer que na reminiscência platônica acham-se reunidos e aglutinados, em um único movimento da alma, conhecimento de si e conhecimento da verdade, cuidado de si e retorno ao ser” (FOUCAULT, 2011, p.228). Ou seja, há um eu verdadeiro, o qual não conhecemos, ignoramos que não conhecemos, mas ao descobrir tal ignorância – o que se dá através de um encontro ou provocação, por exemplo –, podemos, enfim, conhecê-lo.

No movimento filosófico empreendido principalmente pelos epicuristas, estoicos e cínicos, no período helenístico e romano, o cuidado de si está nessas práticas de transformação do ser sem, no entanto, a preocupação com a verdade do ser, mas com seu aperfeiçoamento.

Já o modelo cristão ou “ascético monástico” que se forma a partir dos séculos III e IV se dá numa circularidade entre conhecimento de si, conhecimento da verdade – dada no Texto e pela Revelação – e cuidado de si.

Se quisermos promover nossa própria salvação, devemos acolher a verdade: a que nos é dada no Texto e a que se manifesta na Revelação. Mas não podemos conhecer esta verdade se não nos ocuparmos com nós mesmos na forma do conhecimento purificador do coração. Em troca, esse conhecimento purificador de si por si mesmo só é possível sob a condição de que já tenhamos uma relação fundamental com a verdade, a do Texto e a da Revelação. (FOUCAULT, 2011, p.228)

No cristianismo, para conhecer a si mesmo, é preciso fazer uma exegese de si; o indivíduo precisa decifrar aquilo que guarda em sua alma, seus movimentos interiores, dissipando ilusões, reconhecendo as tentações e frustrando as seduções que dela se acercam. Por fim, no cristianismo, o conhecimento de si objetiva a renúncia de si.

Foucault (2011, p.230) entende que esses dois modelos – reminiscência e exegese – dominaram ao mesmo tempo o cristianismo e por ele foram transmitidos a toda a cultura ocidental, abafando o modelo helenístico que no lugar de encontrar a verdade de si ou de buscar uma exegese da alma para renúncia de si, tinha como objetivo a constituição do eu. Foucault, porém, considera que no cristianismo encontra-se uma herança do modelo helenístico. “A moral austera do modelo helenístico foi retomada e trabalhada pelas técnicas de si definidas pela exegese e pela renúncia a si próprias do modelo cristão” (FOUCAULT, 2011, p.231). O cristianismo fez daquilo tudo outra coisa e, assim, temos que “da antiguidade ao cristianismo, passa-se de uma moral que era essencialmente a busca de uma ética pessoal para uma moral como obediência a um sistema de regras” (FOUCAULT, 2012c, p.283). Considerando, porém, que uma moral como obediência a um código de regras desapareceu em nossa sociedade, Foucault (2012c, p.283) pensa que nosso recurso “deve corresponder uma busca que é aquela de uma estética da existência”.

Mas, como pode ser possível isso nos dias de hoje? Como buscar uma estética da existência, uma vida bela, uma moral que privilegia a ética, a escolha livre? Como se dão as relações consigo em se tratando das mulheres naquela periferia? Como escolhem as regras do seu viver? Escolhem regras para si próprias ou simplesmente seguem o que lhes é imposto?

Com essas questões em mente, entro em diálogo com o campo, buscando identificar discursos e práticas que se fazem presentes nos processos de subjetivação das mulheres com quem pesquiso.

No primeiro encontro, uma pergunta: o que é ser mulher?

Depois da decisão de trabalhar com as mulheres, e não com as adolescentes, combinei com algumas delas um passeio num sítio pertencente a uma Fundação Espírita que

também frequente. Esse sítio é usado para atividades espíritas que incluem ecologia e lazer e é um lugar muito agradável, onde todas gostam muito de frequentar. A data escolhida foi um domingo, 21 de julho de 2013. Passaríamos a tarde no sítio, conversaríamos sobre a pesquisa, assinaríamos as autorizações e faríamos um lanchinho.

O que me interessa, por ora, nesse encontro, é o que se dá mais no seu final. Após o lanche, solicitei que escrevessem uma resposta para a questão: “O que é ser mulher?”. Queria, naquele momento, conhecer as representações que tinham sobre o que é ser mulher, pois entendo que

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo que podemos nos tornar. (WOODWARD, 2009, p.17)

Assim, suspeitava que tais representações poderiam conduzir às práticas que exercem sobre si mesmas a fim de se produzirem como a mulher idealizada. Por isso a pergunta é “o que é” e não “como”, como é a minha intenção nesta pesquisa. Pensemos nas respostas:³¹

O que é ser mulher

Hoje, dia 21 de julho de 2013 acho que ser mulher é ser eu que após 33 anos ~~acho que me transformei~~ em força, sabedoria, não julgo mulher como sexo frágil, ~~pois somos forte temos e sim como sexo supremo~~ ou acho a mulher é tudo...

~~Nome~~ Ana Beatriz (Anita)

O que é ser mulher

Hoje, dia 21 de julho de 2013 acho que ser mulher é ser eu que após 33 anos me transformei em força, sabedoria, não julgo mulher como sexo frágil, pois somos forte temos e sim como sexo supremo ou acho a mulher é tudo...

Mulher

Ana Beatriz (Anita)

³¹Naquela ocasião, Januária e Ana Beatriz haviam escolhido os nomes Jerusa e Anita, respectivamente, mas como já tratei neste texto, resolveram voltar atrás e assumir seus nomes reais. Vânia não havia escolhido nome fictício. Rhuana e Jô permanecem com os nomes escolhidos. Esclareço que Ana Beatriz é tratada na pesquisa apenas por Ana, que é como comumente a chamamos.

“Hoje, dia 21 de julho de 2013 acho que *ser mulher é ser eu* que após 33 anos me *transformei em força, sabedoria*”. Ana, em sua escrita, nos fala de uma mulher que não nasce pronta, nos fazendo lembrar a famosa e tão importante frase de Simone de Beauvoir “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p.9); Ana nos fala em mulher como sinônimo de força e sabedoria, fala em transformação; fala em um eu que se produziu mulher, nos remetendo a alguns elementos importantes que Foucault (1990, p.48) nos apresenta no conceito de práticas de si: a “transformação de si mesmos com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade”. Ana se transformou em mulher. Ser mulher é, então, uma construção que foi, para Ana, se realizando no decorrer de trinta e três anos, construção que coloca em questão o discurso de “*sexo frágil*” e assume, como fim, a perspectiva do “*sexo supremo*”, da mulher como “*tudo*”, objetivo no qual investiu praticando sobre si mesma as ações necessárias para a transformação do seu eu.

Ana nos ajuda a pensar nas possibilidades das relações consigo e nas questões que deixei em aberto antes de iniciar este título. Larrosa (2002b) também. Ele nos diz que as relações consigo são mediadas e também construídas por dispositivos pedagógicos. “A pessoa humana se fabrica no interior de certos aparatos (pedagógicos, terapêuticos...) de subjetivação” (LARROSA, 2002b, p.37). Posso acrescentar, com base nos Estudos Culturais, que esses aparatos não estão presentes só na escola, mas encontram-se por aí, nos espaços pelos quais circulamos, na família, na religião, em qualquer outra instituição e na cultura em geral. O que Ana pensa, pensa com tudo isso, tornando seu pensar situado em épocas, lugares, contextos bem específicos. O que Ana pensa do ser mulher não traz nenhuma natureza feminina, “porque a ideia do que é uma pessoa, ou um eu, ou um sujeito, é histórica e culturalmente contingente, embora a nós, nativos de uma determinada cultura e nela constituídos, nos pareça evidente e quase ‘natural’ esse modo tão ‘peculiar’ de entendermos a nós mesmos” (LARROSA, 2002b, p.41). A ideia que Ana tem do que é ser mulher, é contingente e a constitui, tornando, então, o seu próprio ser contingente, pois “o que é histórica e culturalmente contingente não é apenas nossa concepção do que é uma pessoa humana, mas também, e sobretudo, nosso modo de nos comportar, nosso modo de ser ‘homens’ [e mulheres]” (LARROSA, 2002b, p.41).

O pensamento de Ana não é isolado. Assim como ele, o pensamento de Januária também traz as concepções que sugerem a força feminina, algo que será recorrente também nas outras escritas.

O que é ser mulher
 pra mim é ser guerreira ter
 atitude e ter pé firme
 consciente de tudo que faz
 principalmente com respeito
 por ser mulher.
 Jerusa -

O que é ser mulher pra mim é ser guerreira ter atitude
 é ter pé firme consciente de tudo que faz principalmente
 com respeito por ser mulher.

Jerusa (Januária)

Januária invoca, ainda, o ser “consciente de tudo que faz”, um convite a pensar em suas ações, produzindo-as “principalmente com respeito por ser mulher”. Isso não implicaria em se produzir com vistas a esse “ser mulher” que elas concebem? Não teríamos aí uma forma de aplicar sobre si mesmas as práticas de autoconstituição com vistas à mulher forte e “guerreira”? Não poderia ser esse o sentido de “ter atitude”? Não poderia ser esse também o sentido de responsabilidade: “é ser responsável”, autenticidade: “ser você mesma”; e luta: “lutar para ser aquilo que sempre quis e conseguir”, presentes na fala de Jô, que se segue?

O que é ser mulher:
 Ser mulher é ser responsável
 e ser você mesma é ser inteligente
 e ter a sensação de que tudo pode
 ser feito de uma só vez e querer
 que tudo saia perfeito e colocar os
 seus projetos em prática e ajudar
 mesmo naquilo que você acha
 que não pode, lutar para ser aquilo
 que sempre quis e conseguir,
 e acordar sorrindo nos momentos
 de provações e esquecer dos maus
 tempos mesmo se for com um
 abraço é aconselhar e ser
 aconselhada é amar o próximo mesmo sem
 ser amada ser mulher é expressar
 os sentimentos e dar carinho
 mesmo precisando dele ser mulher
 é ser assim do jeitinho que cada
 uma de nós somos uma hora é
 perfeita feliz amiga. Ser mulher é
 ser gente de bom coração bom

O que é ser mulher

Ser mulher é ser responsável e ser você mesma é ser
 inteligente e ter a sensação de que tudo pode ser feito de
 uma só vez e querer que tudo saia perfeito é colocar os
 seus projetos em prática e ajudar mesmo naquilo que
 você acha que não pode, é lutar para ser aquilo que
 sempre quis e conseguir, e acordar sorrindo nos
 momentos de provações e esquecer dos maus tempos
 mesmo se for com um abraço é aconselhar e ser
 aconselhada é amar o próximo mesmo sem ser amada é
 expressar os sentimentos e dar carinho mesmo
 precisando dele ser mulher é ser assim do jeitinho que
 cada uma de nós somos uma hora é perfeita feliz amiga.
 Ser mulher é ser gente de bom coração bom animo ser
 ou não uma boa companhia o importante é que somos
 mulher.

Amigo Ser eu não uma boa com
 pania o importante é que somos
 mulher.

Mas Jô nos traz outras representações. A capacidade de doar, a abnegação, o ideal de perfeição, a atenção, o amor ao próximo, o cultivo de bons sentimentos. Qualidades que também precisam ser treinadas, praticadas e que constituem formas de ser, formas que não parecem inventadas por elas, mas que já estão postas por concepções que circulam em nossa cultura e cria as representações que elas estão trazendo em suas escritas.

O que é ser mulher?

Ser mulher pra mim significa uma coisa boa:

Um fruto de Deus que todos admira!

Mulher é pra tudo nessa vida:

Se não fosse as mulheres o que seria dos homens?

Mulher é mais sentimental que os homens

Mulher trabalha, luta pela as vidas dos familiares.

Mulher brota a sementinha do mundo que os nossos filhos que é a dor que só Jesus sabe

Mulher pra mim é tudo de bom

As vezes sofre muito mas é bom.

Rhuana

O que é ser mulher?

Ser mulher pra mim significa uma coisa boa.

Um fruto de Deus que todos admira.

Mulher é pra tudo nessa vida.

Se não fosse as mulheres o que seria dos homens.

Mulher é mais sentimental que os homens.

Mulher trabalha luta pela as vidas dos familiares.

Mulher brota a sementinha do mundo que os nossos filhos que é a dor que só Jesus sabe.

Mulher pra mim é tudo de bom

As vezes sofre muito mas é bom

Rhuana

No pensamento de Rhuana, muito do que já foi pensado se junta à maternidade e ao trabalho pelo cuidado com os familiares, construções comuns naquele bairro. Rhuana parece entender que há uma relação entre o “ser mulher” e o “ser homem”. Mas, ao dizer: “Se não fosse as mulheres o que seria dos homens”, estaria indicando que um não se faz sem a outra ou estaria afirmando a relação de cuidado da mulher para o homem em alusão a uma essência feminina, talvez?

O que essas mulheres trouxeram, fala de suas vidas. Quando falam da mulher, falam de si, nas formas que pretendem ser. A noção de luta e necessidade de força se insere no seu cotidiano e cria a realidade de cada uma delas. No dia em que houve o baile funk no bairro, Ana me recebeu em sua casa para irmos juntas ao baile e pude vivenciar com elas uma situação que pode nos ajudar a pensar um pouco sobre isso, sobre essa realidade onde a força e a luta são exigidas; uma situação aparentemente simples, mas que vivida cotidianamente pode se tornar complexa. Trago um fragmento do diário de campo que nos deixa perceber um pouco dessa rotina:

Enquanto isso, fui conversando com Ana na cozinha. Perguntava sobre o baile, até a que horas ia, coisas assim. Ela ia conversando sem quebrar o ritmo do trabalho. Percebi que ela tinha um semblante cansado.

— **Eu:** Tô te achando cansada, Ana!

— **Ana:** É, tô mesmo. Já fui na feira hoje cedo, já lavei as verduras da semana toda, lavei muita roupa... Ainda tem um monte de roupa pra lavar, umas três máquinas... Hoje eu não vou dormir de dia. Quando não durmo de dia no domingo, passo a semana toda meio cansada.

[...] Ana, ainda na cozinha, terminando o almoço que já tinha, aos poucos, alimentado o companheiro, a irmã e a cunhada, pegou a marmitta para o marido levar para o trabalho no dia seguinte. Em um pote separado, as verduras da salada. Na marmitta, o arroz, a lasanha, o feijão e o frango. Começou, então, a preparar o seu prato e comeu em pé, na beira da pia, junto com a filha. Naquele momento, eu estava sentada no único banco que estava por ali, levantei para que ela se sentasse, mas ela não quis, dizendo que já está acostumada. Por várias vezes me ofereceram almoço, que não aceitei por já ter almoçado, mas eu ouvia: “A tia Rosinha não come em casa de pobre!”. Senti-me um pouco constrangida com isso, mas, realmente, já tinha almoçado. Brinquei: “Uma hora eu venho pra almoçar!”. Enquanto estive na casa, Fernando, companheiro de Ana, esteve no quarto, diante da televisão, tranquilamente. Pelo menos nesse dia, nessa experiência, aquela casa era movida pelas mulheres. Lembro que Ana é uma das mulheres mais críticas da pesquisa. Diz que não “dá mole” para o companheiro, que ele tem que assumir com ela as atividades da casa, mas, naquele momento, não me pareceu que isso seja uma constante.

O cansaço, a batalha de Ana em pleno domingo, por perto das três horas da tarde, mostram um pouco dessa força necessária, dessa luta que precisam empreender para viverem naquela periferia. Ana trabalha de segunda a sábado fazendo faxinas e como manicure. Além disso, vende cosméticos. Costuma chegar tarde da noite em casa depois de um dia exaustivo de trabalho e ainda vai fazer a janta que também alimenta o marido no dia seguinte, na marmitta. E no domingo, fica com o compromisso de cuidar de sua casa, na limpeza, lavagem de roupa, alimentação, feira... enquanto o marido distrai-se diante da televisão ou em algum jogo de futebol, como ela mesma já me disse. Tudo isso mostra a força necessária, mas também levanta a suspeita de que há momentos em que Ana não problematiza a sua posição de mulher. Parece ter naturalizado que à mulher cabem todos esses afazeres de

casa e, aparentemente sem contestação segue se constituindo e constituindo também seu companheiro, já que os gêneros se constroem em relação (LOURO, 2011; SCOTT, 1995). Além disso, ensina sua filha a ser mulher, através de sua própria constituição, com as práticas que coloca em ação.

E assim, não só ela, mas também as outras mulheres vão se fazendo e se constituindo, vão se praticando para atingirem aquilo que concebem como o ser mulher e que parece natural: a forte, a guerreira... a que dá conta de tudo, mantendo “*a sensação de que tudo pode ser feito de uma só vez e querer que tudo saia perfeito*”, como nos diz Jô. E tudo isso, talvez sem perceber o quanto vão ajudando a naturalizar as posições fixadas para a mulher e para o homem nesta sociedade desigual.

Mas, e quanto à resposta de Vânia? Ela traz uma resposta diferente, ou melhor, parece-me que Vânia não tem resposta. Em vez disso, o que surge são perguntas.

O que é ser mulher

Estou em busca desta resposta, já
 tive certeza que era mais que mulher,
 me achava super mulher, hoje reduzi esta
 certeza busco respostas para este papel, a
 ser uma boa mãe, uma boa esposa ou uma
 boa funcionária dentro das minhas convicções
 e bom demais, quando nos deparamos com os
 dissabores destes papéis as frustrações são
 enormes, as pessoas lhe mostram a
 todo momento que você precisa de mudanças
 certas e certas mas tendo todas as
 qualidades de mulher não se transforma em
 inseguras, medos e muitas incertezas
 do verdadeiro papel de ser mulher

VÂNIA

O que é ser mulher

Estou em busca desta resposta, já tive certeza que era mais que mulher. Me achava super mulher, hoje reduzida a esta certeza busco resposta para este papel. Ser uma boa mãe, uma boa esposa ou uma boa funcionária dentro das minhas convicções é bom demais, quando nos deparamos com os dissabores destes papéis as frustrações são enormes, as pessoas lhe mostram a todo momento que você precisa de mudanças certas e opiniões mas tendo todas as qualidades de mulher isto se transforma em frustrações, dúvidas, medos e muitas incertezas do verdadeiro papel de ser mulher.

Vânia

Vânia não fecha a questão. Problematiza, dá aquele “passo atrás” para pensar sua condição de mulher, condição esta que sente que extrapola limites e a coloca no nível de ser “*mais que mulher*” ou “*super mulher*”. Entende que há regras para serem seguidas, como “*ser uma boa mãe, uma boa esposa ou uma boa funcionária*” o que pode ser “*bom demais*”, mas também trazer “*dissabores*”. Entende também que suas “*mudanças, certezas e opiniões*”

só são válidas desde que continue “*tendo todas as qualidades de mulher*”, ou seja, que não fuja às regras estabelecidas. Mas isso a incomoda e “*se transforma em frustrações, dúvidas, medos e muitas incertezas do verdadeiro papel de ser mulher*”.

Será que Vânia tem outros sonhos para vivenciar sua feminilidade? Se sim, como foram construídos? Será que Vânia caminha no sentido de uma estética da existência? Bom, isso é importante, mas, por ora, mais importante é perceber que ela está se colocando como objeto do seu pensar, está se problematizando, está se relacionando consigo mesma, se experienciando e aí, nesse exercício, já não é mais a mesma.

A experiência de si, historicamente constituída, é aquilo a respeito do qual o sujeito se oferece seu próprio ser quando se observa, se decifra, se interpreta, se descreve, se julga, se narra, se domina, quando faz determinadas coisas consigo mesmo, etc. E esse ser próprio sempre se produz com relação a certas problematizações e no interior de certas práticas. (LARROSA, 2002b, p.43)

Creio que nessas respostas dadas, nessas escritas em que tiveram que pensar “o que é ser mulher”, não só a Vânia, com sua problematização mais ostensiva, mas, também, todas as outras mulheres puderam estabelecer algum tipo de relação consigo mesmas, vivenciaram alguma experiência de si. É nesse sentido que vejo esta pesquisa – com as questões que faz surgir, nos debates, reflexões, nas escritas e narrativas ou em qualquer outra técnica que proponha – como algo muito próximo ao que Larrosa (2002b) chama de dispositivo pedagógico capaz de não só mediar, mas também produzir as relações das mulheres consigo mesmas, participando, assim, da constituição de suas subjetividades.

Trabalhei, neste momento de escrita, o pensamento de Foucault em torno das práticas que constituem os sujeitos. Essas práticas estão em toda parte. Constituem-se em práticas discursivas enquanto dizem o que um sujeito é nos diversos campos do saber. Criam representações e circulam simultaneamente junto a práticas não discursivas formando os dispositivos que controlam, governam, criam regras, punem... Tudo isso se dá em meio a relações de poder que fabricam o sujeito que, no entanto, no uso de sua liberdade também pode agir sobre si mesmo em práticas de subjetivação. Apresentando algumas representações vindas das mulheres com quem pesquisei com relação ao “ser mulher” pudemos observar certo movimento de atendimento a discursos de um ideal de mulher – a forte, a que supera, ama e cuida – mas também vimos algumas problematizações, alguns incômodos com essas representações. E isso pode ser que as leve a algumas resistências e rupturas.

Para continuar minhas investigações, passo agora a pensar outros conceitos e situações importantes. Por pesquisar com mulheres negras em um bairro na periferia de minha cidade, proponho pensar nos atravessamentos de gênero, raça e classe que podem estar presentes nos seus processos de subjetivação.

Quando gênero, raça e classe se atravessam

Ocupo-me ainda, neste momento, em trabalhar as palavras que compõem a minha questão de pesquisa. Quero pensar agora as “mulheres” naquela “periferia”. Que sentidos podem estar nessas palavras? O que elas podem criar? Existem sentidos distintos se estiverem juntas ou separadas? Como são construídos esses sentidos?

Para me ajudar a pensar tudo isso, tento formar um entendimento acerca de conceitos como gênero, raça e classe, pois as mulheres às quais me dedico na pesquisa não são quaisquer; são mulheres que se assumem negras e vivem em uma periferia, portanto expostas a discursos e representações bem específicos. Concordo com Judith Butler quando ela diz que

Se alguém ‘é’ uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém ‘é’; o termo não logra ser exaustivo, não porque os traços predefinidos de gênero da ‘pessoa’ transcendam a parafernália específica de seu gênero, mas porque o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de ‘gênero’ das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTLER, 2012, p.20)

Gênero, raça e classe, são, nesse sentido, categorias importantes a serem pensadas para minhas investigações. E vou pensá-las no âmbito da linguagem, que para a perspectiva pós-estruturalista, “não designa [apenas] palavras, mas sistemas de significação – ordens simbólicas que precedem o domínio real da fala, da leitura e da escrita” (SCOTT, 1995, p.81). Dessa forma, não entendo essas categorias apartadas das construções discursivas, das representações, daquilo que dá sentido, do que se diz das mulheres, das mulheres negras, das mulheres negras e pobres, residentes na periferia.

Começo pensando o conceito de gênero a partir de um momento histórico muito importante. A virada do século XIX para o XX traz o movimento feminista como grande marco na luta contra a discriminação das mulheres. Em sua “primeira onda”, seu foco

principal se encontra na conquista do direito ao voto feminino³² – o sufrágismo – e outras questões sobre a organização da família, direito de estudos e acessos a algumas profissões, atendendo, assim, aos anseios de mulheres brancas de classe média (LOURO, 2011, p.19). Depois de passar por um período de acomodação, o movimento ressurgiu, no final dos anos 1960, em sua “segunda onda”, momento em que privilegia a construção de teorias “no âmbito do debate que então se trava entre estudiosas e militantes, de um lado, e seus críticos ou críticas, de outro” (LOURO, 2011, p.19). Longe de ser unificado, harmônico e homogêneo, esse movimento se apresenta numa dinâmica de multiplicidade, com diferentes destaques, enfoques, bases epistemológicas e referências teóricas³³, no decorrer das décadas que o abrigam; um movimento repleto de lutas internas, contradições, embates... que, a meu ver, podem ser considerados como uma de suas riquezas, justamente por terem possibilitado debates e a abertura de novas perspectivas sociais, políticas, econômicas e, inclusive, teóricas, para a situação das mulheres no mundo. Guacira Lopes Louro (2011) sinaliza a importância dos primeiros estudos oriundos do movimento feminista dizendo que

acima de tudo, eles tiveram o mérito de transformar as até então esparsas referências às mulheres – as quais eram usualmente apresentadas como a exceção, a nota de rodapé, o desvio da regra masculina – em tema central. Fizeram mais, ainda: levantaram informações, construíram estatísticas, apontaram lacunas em registros oficiais, vieses nos livros escolares, deram voz àquelas que eram silenciosas e silenciadas, focalizaram áreas, temas e problemas que não habitavam o espaço acadêmico, falaram do cotidiano, da família, da sexualidade, do doméstico, dos sentimentos. Fizeram tudo isso, geralmente, com paixão, e esse foi mais um importante argumento para que tais estudos fossem vistos com reservas. Eles, decididamente, não eram neutros. (LOURO, 2011, p.22-23)

É no seio do movimento feminista, mais especificamente em sua “segunda onda” que começa a se formar o campo em que “será engendrado e problematizado o conceito de gênero” (LOURO, 2011, p.19). Esse conceito é, então, oriundo e devedor de todas essas ações e estudos que o precedem e que tinham como foco a luta contra a invisibilidade em que

³² Direito que somente em 1934, no governo provisório de Getúlio Vargas, é alcançado, constitucionalmente, pelas mulheres brasileiras, mesmo assim, restrito às mulheres que exerciam função pública remunerada. A Constituição de 1946 estende o direito de votar a todas as mulheres (<http://www.tse.jus.br/noticias-tse/2013/Abril/serie-inclusao-a-conquista-do-voto-feminino-no-brasil>).

³³ Guacira Lopes Louro (2011, p.24) nos traz que algumas estudiosas se apoiavam em bases marxistas, outras, na psicanálise. Outras, ainda, rejeitavam esses quadros teóricos por considerarem que se enquadravam em uma “lógica androcêntrica”. Origina-se, assim, o “feminismo radical” produzindo explicações propriamente feministas para as questões relacionadas às mulheres. No entanto, “essas diferentes perspectivas analíticas, embora fontes de debates e polêmica, não impedem que se observem motivação e interesse comum entre as estudiosas” (LOURO, 2011, p.24).

as mulheres se encontravam devido à segregação social e política à qual foram historicamente conduzidas, seja no âmbito doméstico, seja nos espaços públicos. É, ainda, um conceito utilizado sob diferentes nuances relacionadas aos campos epistemológicos aos quais se ligam as/os estudiosas/os que dele fazem uso.

Os/as historiadores/as feministas têm empregado uma variedade de abordagens na análise de gênero, mas essas podem ser resumidas em três posições teóricas. A primeira, uma tentativa inteiramente feminista, empenha-se em explicar as origens do patriarcado. A segunda se situa no interior de uma tradição marxista e busca um compromisso com as críticas feministas. A terceira, fundamentalmente dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas de relação do objeto (*object-relation theories*), se inspira nessas diferentes escolas de psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero do sujeito. (SCOTT, 1995, p.77)³⁴

Neste trabalho, tomo o conceito de gênero a partir da concepção trazida por Joan Scott (1995).

O núcleo da definição [desse conceito] repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 1995, p.86)

Nessa concepção, considerando a primeira proposição, quatro elementos se interrelacionam: os símbolos³⁵ presentes na cultura; os conceitos normativos que tentam explicar os mitos e estão presentes em doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas, fixando binarismos e dando significados ao masculino e feminino, fazendo com que a posição dominante seja vista como única e escondendo os conflitos que estiveram presentes na produção dessas normatizações; a necessidade de se derrubar essa fixidez binária, mostrando sua temporalidade e sua presença determinando as relações nos vários setores sociais, como o mercado de trabalho, a educação e a política, além do parentesco; finalmente, a necessidade de se olhar para a identidade subjetiva considerando as identidades de gênero em seu caráter histórico (SCOTT, 1995, p.86-88).

³⁴ No texto de Joan Scott (1995) podemos encontrar uma análise crítica dessas posições teóricas, caminho utilizado pela autora para a construção do conceito de gênero como categoria de análise histórica, conceito este, assumido por mim neste trabalho.

³⁵ Joan Scott (1995, p.86) exemplifica com Eva e Maria entre outros mitos como luz e escuridão, purificação e poluição, inocência e corrupção.

Considerando a segunda proposição, Scott nos diz que “o gênero é o campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. [...] uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação do poder” (1995, p.88). A diferença biológica/sexual entre a mulher e o homem é, há séculos, adotada por diversas pessoas e instituições para que se justifiquem comportamentos e papéis diferenciados a serem exercidos por um e/ou por outra. A partir dessa perspectiva, atribui-se uma natureza própria à mulher e uma natureza própria ao homem que, assumidas tanto no senso comum quanto em discursos “científicos”, acaba servindo para “compreender – e justificar – a desigualdade social” (LOURO, 2011, p.25). Por termos órgãos sexuais diferentes somos levadas a uma condição social também diferente com relação aos homens, condição esta que, historicamente, tem nos colocado na subalternidade, em condições de inferioridade, subserviência, obediência, dependência, repressão... Assumimos regras que nos governam, regras distintas para aqueles que têm o falo e para nós, que não o possuímos. Por não possuí-lo, convencionou-se e naturalizou-se que somos desprovidas de força e limitadas no poder que exercemos. Precisamos de um dono, de alguém que nos guie, nos proteja, nos sustente, nos ordene, nos permita, nos proíba. Precisamos de um senhor. E quando resistimos às regras ou, pior, quando as subvertemos, saímos da posição que dizem que nos cabe e podemos ser punidas e violentadas, recolocadas em “nosso” lugar.

Partindo desse entendimento, observo, na periferia em que se dá minha pesquisa, que um discurso fortemente subjetivador tem se ampliado e atingido cada vez um maior número de pessoas. Trata-se do discurso religioso vindo especificamente de igrejas que se intitulam “evangélicas”. No decorrer desses anos em que convivo no bairro, pude acompanhar o aumento no número dessas igrejas e uma modificação no comportamento de homens e mulheres que se “convertem” a essa modalidade religiosa. Em função disso, por exemplo, o Centro Espírita que frequento tem se esvaziado, sendo que o principal motivo alegado pelas pessoas que se afastam – sejam mulheres, homens, jovens ou crianças – é a proibição do “pastor”³⁶. Uma ordem do pastor é quase sagrada. Tive a oportunidade de ouvir uma pregação de um deles quando estive presente ao casamento para o qual fui convidada e que contava com quatro casais do bairro. Na ocasião, gravei sua fala, da qual trago o seguinte recorte:

³⁶ Devo enfatizar que o pastor, nesse contexto, geralmente, é um homem que funda a igreja ou é formado dentro dela, nada tendo a ver com teólogos, pastores nas igrejas evangélicas tradicionais.

- *Paulo dá umas advertências tanto para a mulher quanto para o homem, e eu quero ler com vocês aqui nesta noite, Efésios³⁷ 5:22, que diz assim para nossas irmãs: ‘Vós, mulheres, sujeitai a vossos maridos, como ao Senhor.’ Essa sujeição não quer dizer que a mulher vai servir para seu esposo somente para lavar, para passar, para cozinhar, e para servir como reprodutora. Não! Só que hoje em dia vemos que a mulher, pelo fato de ser independente, já não querem ser, já não quer ser mais sujeita a seu esposo. Porque quando Paulo disse isso, ele estava querendo explicar o quê? Que a mulher seja dependente do seu esposo, que seu esposo venha a ser como se fosse um acolhedor para aquela mulher, porque a mulher que é independente, ela não depende do seu esposo! ‘Ah, hoje eu quero comprar aquela sandália, mas pô, não dá pra comprar porque o orçamento tá apertado. Eu vou comprar! Eu tenho o meu dinheiro!’ Quem tem que ser o provedor da casa? O esposo. Ainda que a mulher ganhe o dobro do esposo, mas a responsabilidade maior é do cabeça. Nós vemos no século XXI, no século que nós nos encontramos, que o papel está trocado. Mas hoje em dia o cabeça quer ficar dentro de casa, e a mulher que está correndo atrás do pão de cada dia. Hoje em dia o cabeça que quer cuidar dos filhos e a mulher que tem que levantar cedo para ir correr atrás do pão de cada dia. Isso não é o padrão de casamento que Deus descobriu. Não estou dizendo que isto é errado, porque no século XXI que nós nos encontramos, nós quisemos ter uma vida tranquila, uma condição boa, nós temos que correr atrás, os dois, do mesmo objetivo, entendeu? Só que a responsabilidade maior, de trazer o sustento para dentro de casa, isto é, de nosso irmão P, do R, dos irmãos, dos varões da casa do Senhor. E para os esposos, louvado seja o nome do Senhor. O que Paulo adverte: “Vós, maridos, amai as vossas esposas”. Por que que a bíblia não diz que a mulher tem que amar o seu esposo, mas quanto à mulher sujeitar ao esposo? Porque o esposo amando a sua esposa, conseqüentemente, ela vai amar o seu companheiro.*

Observamos no seu discurso, a definição dos papéis do esposo, “o cabeça”, “o provedor” e da esposa, a que deve ficar em casa, “ser sujeita” ao esposo, numa “sujeição [que] não quer dizer que a mulher vai servir para seu esposo **somente** para lavar, para passar, para cozinhar, e para servir como reprodutora”, ou seja, numa sujeição que incluía isso tudo, mas que também a torne “dependente do seu esposo, que seu esposo venha a ser como se fosse um acolhedor para aquela mulher”. A mulher precisa se fazer submissa enquanto o esposo precisa acolhê-la e amá-la, “porque o esposo amando a sua esposa, conseqüentemente, ela vai amar o seu companheiro”, ou seja, a mulher não depende apenas financeiramente do homem, mas também sentimentalmente. Seu sentimento é, meramente, uma consequência do sentimento do esposo. Nesse discurso, o que não acontece dessa forma é considerado como “papel trocado” e “isso não é o padrão de casamento que Deus descobriu”. Prega, portanto, um ideal de união entre os casais, um padrão permitido ou

³⁷ Essa epístola de Paulo aos Efésios, no seu capítulo 5, versículo 22 e seguintes, é considerada o segundo texto com um importante papel histórico para a condição da mulher. “O apóstolo expõe ali uma teoria da igualdade que modifica totalmente o pensamento de Jesus. Por certo, diz Paulo, o homem e a mulher têm os mesmos direitos e os mesmos deveres. Mas trata-se de uma igualdade entre pessoas que não são idênticas [pois o homem foi criado primeiro e a mulher depois, a partir de sua costela], o que não exclui uma hierarquia” (BADINTER, 1985, p.35). O primeiro texto é o da Gênese, capítulos 2 e 3, que conta da criação do homem e da mulher, da tentação da serpente e da queda, com a expulsão do paraíso. Esse texto dá à mulher a condição de origem da infelicidade do homem. (BADINTER, 1985, p.33-34).

ordenado por Deus, excluindo assim aqueles que não o seguem. No meu modo de entender, esse é um discurso que destoa muito da realidade em que essas mulheres e homens têm suas vidas construídas (um homem provedor e a mulher cuidadora do lar e das crianças, com famílias formadas por pai, mãe e filhos/as?), mas poderia ser considerado como um discurso que quer construir uma (outra?) realidade ao mesmo tempo em que pode sustentar e legitimar algumas situações já vividas por aqueles e aquelas que habitam aquela periferia, situações de submissão e, muitas vezes, caracterizadas pela violência. Discursos que têm sido objeto de críticas e tentativa de transformação pelos movimentos que buscam desconstruir as desigualdades sociais que têm no sexo biológico a causa de diferenciação das posições de sujeitos. Se esse discurso se dá na cerimônia religiosa do casamento, é possível que se repita nos vários cultos semanais frequentados pelos casais e, em vários casos, somente pelas esposas. Torna-se dessa maneira um ato performativo, caracterizado pela reiteração de normas e pela dissimulação das convenções que o definem, uma “prática discursiva que efetua ou produz aquilo que ela nomeia” (BUTLER, 2000, p.167) e que, no caso em questão, é uma determinada forma de ser mulher, uma determinada forma de ser homem, uma determinada forma de família. É nesse sentido que esse discurso “evangélico” colabora na constituição dos sujeitos masculinos e femininos naquela periferia. Porém, por ter maior adesão por parte das mulheres, já que muitas vezes apenas as esposas/namoradas/companheiras frequentam a igreja, atinge muito mais a elas no sentido da produção da “boa esposa” do que aos homens na constituição do “bom esposo”. Dessa maneira, pode agravar algumas situações em que as mulheres aumentam sua submissão, enquanto os homens, a sua violência e o seu descaso. De qualquer forma, é um discurso sexista, mantém a lógica binária em que o homem se opõe à mulher e é visto com maior importância. Traz também outras oposições – cabeça/guiada, mando/obediência, provedor/sustentada, senhor/serva, acolhedor/acolhida... –, hierarquiza e potencializa as desigualdades sociais entre nós e eles. Um discurso, enfim, que, assumido acriticamente, vai se perpetuando na criação dos filhos e filhas que vão crescendo em seu contexto, mesmo que não sejam tão frequentes à igreja.

O conceito de gênero vem problematizar essas questões. Embora não negando a biologia e se constituindo “com ou sobre corpos sexuados” (LOURO, 2011, p.26) esse conceito vai trabalhar em outra direção.

Na sua utilização mais recente, o termo ‘gênero’ parece ter feito sua aparição entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra

indicava uma rejeição do determinismo biológico implícita no uso de termos como ‘sexo’ ou ‘diferença sexual’. (SCOTT, 1995,p.72)

As problematizações, em se tratando da utilização do conceito de gênero, voltam-se para o escopo do social, lugar em que se dão as relações entre os sujeitos, criam-se as diferenciações e configuram-se as desigualdades. Não é, então, o meu sexo biológico que determina o que eu sou, mas aquilo que é acionado por ele no campo social. Dizendo de outra forma, a mulher que eu sou não é constituída pelo órgão sexual com o qual eu nasci – como uma predeterminação natural –, mas por aquilo que a sociedade em que vivo e na qual fui educada constrói sobre ele determinando, assim, o “ser mulher”.³⁸ E isso, na perspectiva em que situo esse conceito, serve também para o homem, pois não há como pensar a mulher de forma isolada, sem considerar suas relações sociais que incluem as relações com os homens. É dessa forma que, ao determinar o “ser mulher”, determina-se, junto, o “ser homem”. Nas relações mulher/homem, quando encontramos uma mulher violentada, encontramos junto, um homem violento; ao encontrarmos uma mulher submissa, encontramos também um homem dominador. Isso, porém, não caracteriza uma situação de causa e efeito. Na relação, isso se dá em simultaneidade, em confusão, em embaraço, ao mesmo tempo. Entendemos, assim, o conceito de gênero, como detentor de um caráter relacional (SCOTT, 1995; LOURO, 2011).

Este ponto de vista relacional ou contextual sugere que o que a pessoa ‘é’ – e a rigor, o que o gênero ‘é’ – refere-se sempre às relações construídas em que ela é determinada. Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não

³⁸ Embora não seja uma questão que apareça nesta pesquisa, é importante ressaltar a relevância de se problematizar a ligação necessária entre sexo feminino/gênero feminino e sexo masculino/gênero masculino, assim como o caráter exclusivamente natural do sexo – considerando-se que o próprio corpo é uma construção social. Nas palavras de Judith Butler, temos que: “Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levado ao seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de ‘homens’ aplique-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo ‘mulheres’ interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino. [...] Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado [...]; tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual a ‘natureza sexuada’ ou um ‘sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-discursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura.”. (BUTLER, 2012, p. 24-25 – destaques da autora)

denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes. (BUTLER, 2012, p.29)

Embora essa discussão seja muito importante, pensar as mulheres da pesquisa buscando apenas a perspectiva da análise de gênero não dá conta de muitas questões e elementos que as constituem em suas subjetividades. Outros elementos, como já sinalizei, contam muito também e não podem ser negligenciados. Percebo em nossos encontros o quanto sua cor e sua condição social também são determinantes na sua constituição. Da noite em que fomos à pizzaria, trago minhas impressões, registradas no diário de campo. Nessa noite éramos cinco: Vânia, Ana, Januária, Ana Paula³⁹ e eu.

[...] Entramos na pizzaria, fomos recebidas como de costume. O garçom nos acompanhou até a mesa que escolhemos. Como eu dizia do calor, ele informou que na parte de baixo estava mais fresco por causa do ar condicionado, mas a Ana já estava sentada, então resolvemos ficar por ali. Depois, mudamos de lugar porque estava muito quente mesmo. Fomos para o andar de baixo. Chegando lá, encaminhávamos para duas mesas de quatro lugares que pretendíamos juntar. Um garçom, mais idoso, se aproximou apontando para outra mesa de seis lugares dizendo: “Se vocês são cinco, ali já tem uma mesa de seis lugares.” Fomos para lá, mas me arrependi de não ter negado a indicação, afinal, o lugar estava vazio, com pouco movimento, já que era uma terça-feira. Por que não poderíamos juntar as duas mesas? Mas não comentei nada para não influenciar ninguém a pensar que estávamos tendo um tratamento diferente naquele dia. Januária se sentou ao meu lado e estávamos viradas para a parede. Ana, Ana Paula e Vânia se sentaram do outro lado da mesa e podiam ver todo o ambiente. O mesmo garçom começou a nos atender, parando ao lado com o bloco de anotação. Comparando com outros dias em que estive no local, senti um pouco de pressão, havia certa impaciência por parte do garçom. Escolhemos uma pizza depois de algumas negociações, e eu pedi uma limonada. De todas, a Ana era a que mais opinava, olhando o cardápio e mostrando que conhecia a composição dos sabores. Januária dizia que estava com fome e comeria qualquer uma, que gostava de todas. Elas ficaram em dúvida quanto à bebida. O garçom se mostrou impaciente e falou que ia pedir a pizza enquanto elas escolhiam o que beber. Quando ele

³⁹Ana Paula é uma das voluntárias do Centro Espírita. Por coordenar as atividades com as famílias, interessou-se por me acompanhar em alguns dos encontros da pesquisa, sobre o que, não coloquei nenhuma objeção.

se virou para encaminhar o pedido, Ana comentou: “Ele tá com pressa! Será que se tivesse só vocês duas ele teria essa pressa?” [se referindo à Ana Paula e a mim]. Ana se sentia discriminada. Desde a véspera já havia dito isso se referindo ao pagamento com cartão de crédito. Vânia também não se sentia muito à vontade. Senti que estava meio tensa, irritada. Perguntei o motivo e ela negou a irritação, mas seu semblante estava diferente, com o olhar baixo, as narinas mais abertas ao respirar, os movimentos mais rápidos. No decorrer da noite ela se descontraíu. Enquanto o garçom providenciava o pedido, elas decidiram que tomariam um vinho. Ana demonstrou a vontade e Ana Paula incentivou que pedissem. Não sei dizer se o senhor que iniciou o atendimento à nossa mesa ouviu o comentário de Ana. O fato é que ele não voltou mais e outro garçom se aproximou para nos atender. Elas pediram a carta de vinhos e o garçom perguntou se queriam jarra ou garrafa falando de um vinho em promoção. Ana insistiu que ele desse a carta. Ele simplesmente esticou o braço e pegou a carta de vinhos que se encontrava na prateleira de um móvel ao lado da mesa. Ana e Ana Paula começaram a olhar, a negociar com o garçom, até que resolveram aceitar a proposta do vinho em promoção. Vânia e Januária apenas aguardavam o desenrolar da situação. O garçom trouxe o vinho pedido, perguntou quem providenciaria e se queriam um balde de gelo. Ana se ofereceu para provar. O garçom perguntou: “Você é entendida?”. Ela respondeu: “Se eu achar gostoso, eu tomo!”. Ela experimentou, aprovou e o vinho foi servido a todas. A Vânia quis o vinho, mas, antes, pediu um suco de laranja porque estava com sede. Até aí, eu só observava, sentindo a irritação da Vânia, a docilidade da Januária e o incômodo da Ana. A pizza foi servida como o habitual. Ana perguntou por que eu não colocava o gravador, pois elas iam tomar um vinho e iam “falar até!”. Mas eu preferi não gravar naquela hora. Queria um momento mais descontraído mesmo, em que eu pudesse me dedicar à observação. O garçom que agora nos atendia era mais simpático, mas também estava um pouco apressado. Mal acabávamos um pedaço de pizza e ele já queria servir o próximo. Talvez não fosse pressa. Pode ter sido pelo pouco movimento naquele dia, uma terça-feira, que acabou possibilitando um atendimento mais exclusivo... Mas não era isso que elas pareciam sentir. Faziam comentários, embora também tenham achado o segundo garçom mais simpático que o primeiro. Ana dizia: “Aposto que eles estão pensando que é a patroa [se referindo a mim], sua filha [se referindo a Ana Paula, que tem mesmo idade para ser minha filha], as duas empregadas pretas [ela e Vânia] e a cozinheira [Januária]. A patroa resolveu fazer uma média com as empregadas e trouxe pra comer pizza! [e ria]”. Ana é muito risonha. Dá boas gargalhadas, mas também é muito

sincera em suas opiniões. Isso me faz pensar que ela não estava brincando; estava expressando o que pensava (neste momento, lembro-me de um texto de Larrosa). O tempo todo ela se mostrou preocupada, comentando as reações das pessoas. Depois de uma das gargalhadas ela disse: “Nossa! Eu dei uma gargalhada que a mulher daquela mesa até me olhou!”. No entanto, em nenhum momento elas se comportaram de forma que pudesse chamar a atenção das outras pessoas ou que pudéssemos classificar como “inadequada” para aquele ambiente. Não havia nada que não acontece quando um grupo de amigas se reúne para comer uma pizza. Mas eu sentia o incômodo vindo da parte da Ana e da Vânia. Januária se mostrava menos incomodada e parecia aproveitar tudo. Agradecia-me a oportunidade de estar ali. Dizia que jamais pensava em entrar em um lugar como aquele, de “gente rica”. Curtia tudo. Adorou as pizzas. Falou que não imaginava que ali era tão grande. Estava feliz como uma criança e não se preocupava com o atendimento ou com a reação das pessoas. Em determinado momento, disse: “nas novelas a gente vê aquele pessoal rico sentado na mesa toda vida. Eu ficava: ‘por que eles demoraram tanto pra comer?’ Ficava comendo, comendo... Mas agora eu entendi! É muito bom ficar sentada, comendo, sendo servida! É muito bom mesmo! Tô adorando tudo!”. Penso que a preocupação que Vânia e Ana demonstravam ofuscou um pouco o momento para as duas. Mas observei que o vinho acabou ajudando-as a relaxar um pouco.

Pedi uma pizza doce para encerrar. Elas nunca tinham comido. Ana não gostou muito. Januária e Vânia adoraram. Perguntei se podia encerrar a conta. Ana se encarregou de chamar o garçom. Pediu que somasse. Ao chegar com a conta ele ficou parado, olhando. Seguindo a sugestão da Ana, dada na véspera, eu pedi que ele escolhesse a quem entregar a conta. E ele escolheu a Ana Paula. Ana falou com os olhos e com um gesto de cabeça: “Não disse?”.

Pagamos a conta. Ana Paula quis dividir comigo. Vânia chegou a me dar algum dinheiro, mas eu não aceitei, lembrando que foi um convite meu. Ana concordou: “É! Ela tinha falado isso, mas agora nós temos que convidar elas pra comer uma coisa sem elas ter que pagar!”. Dividi a conta com a Ana Paula. Saímos da pizzaria e foi neste momento que eu senti a maior diferença no tratamento recebido comparando com outros dias em que estive lá. Não houve despedidas e nem o costumeiro “boa noite” da equipe na saída. Saímos anonimamente. [...]

Penso que o que cabe aqui não é julgarmos a recepção que tivemos na pizzaria, o atendimento dos garçons, a falta da despedida ou o comportamento das pessoas. O que importa é o sentido dado pelas mulheres a isso tudo que acabei de relatar. Ana e Vânia demonstravam incômodo. Estavam em uma posição na mesa em que viam todo o movimento do ambiente, os rostos, os olhares... Interpretavam, dentro das possibilidades de suas vivências e de suas subjetividades, o que eles diziam. Dessa forma, colocavam em circulação os discursos que as subjetivam e que estavam ali, bem presentes, produzindo-as naquele momento. Januária estava de costas. Sinto que ela tenta uma maior conformação diante da vida, se comparada com as outras duas. Talvez por isso, não tenha se ocupado muito com essas observações. No entanto, o incômodo de Ana e Vânia com o que podiam provocar nas outras pessoas dialogava com a alegria de Januária em estar comendo e sendo servida como “*o pessoal rico*” das novelas. E isso nos remete a pensar para além do gênero. A ideia de que eu era a patroa que, junto com minha filha levava as “*empregadas pretas*” para “*fazer uma média*” foi reforçada depois, no carro, na volta para casa, momento em que outros comentários foram feitos com referência ao preço da pizza e ao percentual do garçom, à vida de rico e vida de pobre. Quando, em dado momento, perguntei: “*O que vocês sentiram hoje?*”, obtive como resposta:

- **Januária:** *Eu me senti uma executiva importante! [...] Me sentindo rica, sendo servida, né? É bom! Ai, que delícia, né? [...] Acabou o sonho? É muito bom ter dinheiro! [...] É bom a gente se sentir assim... importante...*
- **Vânia:** *Depois que eu vi a comissão do garçom, eu me senti desvalorizada (...) dinheiro muito fácil! Eu trabalho muito pra ganhar vinte e oito reais.*
- **Ana:** *Adoro coisa de rico!*

“Este deve ser o bosque”, disse pensativamente, “em que as coisas não têm nomes. O que será que vai ser do meu nome quando eu entrar nele?” [...]

[...] “Então, no fim das contas a coisa realmente aconteceu. E agora, quem sou eu? [...]

Nesse instante apareceu uma Corça vagando por ali; olhou para Alice com seus olhos grandes e meigos, mas não se assustou nadinha. [...]

“Como você se chama? Finalmente a Corça perguntou.

“Quem me dera saber!” pensou a pobre Alice. Respondeu um pouco acabrunhada: “Nada, por enquanto.”

“Pense bem!, a Corça disse, “esse não serve.”

Alice, pensou, mas não adiantou coisa alguma. “Por favor, poderia me dizer como você se chama?” disse timidamente.

“Acho que isso poderia ajudar um pouco.”

“Vou lhe dizer se vier um pouco adiante comigo”, disse a Corça, “Aqui não consigo me lembrar.”

Assim, saíram caminhando juntas pelo bosque, Alice abraçando afetuosamente o pescoço macio da Corça, até que chegaram a um outro campo aberto; então a Corça deu um súbito pinote no ar e se desvencilhou dos braços de Alice. “Sou uma Corça!” gritou radiante. “e, oh! você é uma criança humana!” Uma expressão de susto tomou de repente seus bonitos olhos castanhos e no instante seguinte ela fugiu como raio.

Carrol, 2010, p.199-200

Em meio a identidades e diferenças

Nesse encontro, o destaque não foi a condição de sermos, todas nós, mulheres. Tal condição, que poderia, de certa forma, nos aproximar, não contou muito para elas naquele momento; o que contou foi aquilo que mais parecia nos diferenciar: nossa cor de pele, nossa condição social. Ana Paula e eu as “brancas” e “ricas”; elas, as “pretas” e “pobres”. Enquanto o gênero nos aproximava, a raça e a classe nos afastavam. Ao mesmo tempo essas condições se entrelaçavam dando visibilidade aos atravessamentos entre gênero, raça e classe que posicionam os sujeitos, diferenciando-os: branca-rica-patroa \neq preta-pobre-empregada.

Não pude deixar de me lembrar do que havia lido em “Alice”. Por alguns momentos, podemos ter a ilusão de que o fato de sermos mulheres, mesmo que múltiplas (SCOTT, 1995; LOURO, 2011; BUTLER, 2012), traga possibilidades de apagamento de nossas diferenças; como se estivéssemos no “bosque em que as coisas não têm nomes”. Mas basta um momento para que essas diferenças tomem o seu espaço, os nomes nos classifiquem e nos separem. O que aconteceu nesse encontro nos ajuda a por em questão a possibilidade de uma categoria “mulheres” que consiga dar conta de toda e qualquer mulher existente (BUTLER, 2012). Aponta para a multiplicidade que somos e para a impossibilidade de haver uma representação única que nos una a todas em uma identidade comum, tendo em vista os atravessamentos que embaralham nossas identidades e produzem nossas diferenças.

Os Estudos Culturais nos apontam para identidade e diferença como relacionais. Para que a identidade exista, é necessário que algo exista fora dela, constituindo-se assim em uma diferença. E esse algo, essa diferença, nada mais é do que outra identidade (WOODWARD, 2009, p.9). Portanto, quando falo de identidade falo de diferença e *vice-versa*. Mas como isso se dá?

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão *social*. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. Nas relações sociais, essas formas de diferença – a simbólica e a social – são estabelecidas, ao menos em parte, por meio de *sistemas classificatórios*. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la (e todas as suas características) em ao menos dois grupos opostos – nós/eles [...]; eu/outro. (WOODWARD, 2009, p. 40-41 – destaques da autora)

Entre os sistemas simbólicos de representação está a linguagem. A identidade e a diferença só são possíveis dentro da linguagem. O ser algo, como por exemplo, “o ser

brasileiro não tem nenhum referente natural ou fixo, não é um absoluto que exista anteriormente à linguagem ou fora dela” (SILVA, 2009, p.80). Sendo assim, o que se diz sobre determinado grupo social, ou seja, os discursos produzidos sobre tal grupo acabam por criar as condições pelas quais um indivíduo passa a ser identificado ou diferenciado dele. É assim que se dão as demarcações, os enquadramentos e as classificações. Assim formam-se as representações que acabam por nos produzir. Isso acontece com as classes, com as raças, com os gêneros...

Silva (2009, p.80) inspira-se em Jaques Derrida para dizer que a linguagem “é uma estrutura que balança”, pois é marcada pela ausência do objeto a que se refere e “na medida em que não pode, nunca, nos fornecer essa desejada presença, a linguagem é caracterizada pela indeterminação e pela instabilidade”. Nesse sentido, a dependência que a identidade e a diferença mantêm com relação à linguagem faz com que ambas sejam, também, indeterminadas e instáveis (SILVA, 2009, p.80).

Quando definimos identidades e diferenças, enquadrados indivíduos e grupos sociais em determinadas representações criadas discursivamente em meio a relações de poder. E como marcas da presença do poder temos: “incluir/excluir (‘estes pertencem, aqueles não’); demarcar fronteiras (‘nós’ e ‘eles’); classificar (‘bons e maus’; ‘puros e impuros’ [...]); normalizar (‘nós somos normais; eles são anormais’)” (SILVA, 2009, p.82). Assim, mudando-se os discursos e as representações, mudam-se as identidades, mudam-se os sujeitos de uma identidade. Mudam-se as diferenças que também podem ser diminuídas. Mudam-se as relações.

No entanto, importante ainda é lembrar que a subjetivação não se dá independente do sujeito. Já vimos a importância das relações que ele, o sujeito, efetua consigo mesmo e que também o subjetivam. Os demarcadores externos, construídos na linguagem e criando as representações com as quais o sujeito se identifica, acabam por incitar nele o exercício de práticas e a aplicação de técnicas que o produzem. Dessa forma, o próprio sujeito age sobre si mesmo, produzindo-se de acordo com aquilo que está nos discursos e representações nos quais se insere e com os quais se identifica, mas pode também resistir ou romper com essas mesmas representações e discursos, como teremos a oportunidade de pensar mais adiante, para, então, produzir-se de outras formas.

Com tudo isso em mente, podemos avançar para uma demarcação colocada já no título desta tese: “mulheres mães na periferia”. Assim chamo as mulheres com quem pesquisei. E me baseio nas demarcações produzidas socialmente através dos discursos e representações. Daremos ênfase, neste momento, à demarcação “na periferia”. Uma

demarcação que as coloca em uma identidade social – criada por quem? – e as difere das que moram no centro, nos bairros com condições materiais mais satisfatórias. Essa diferença é assumida por elas, a exemplo da fala de Vânia com relação a fazer determinado curso que eu havia lhe oferecido no passado e que ela, por receio de me decepcionar – fiquei sabendo disso na pesquisa⁴⁰ –, não aceitou: “[...] a gente fica assim, totalmente num casulo, a gente vai sair do mundo que é nosso, vai entrar no de vocês, como que eu vou me comportar lá?”. Nessa fala, Vânia me coloca em um mundo e elas em outro, sendo o delas um “casulo”. Quais são as minhas diferenças? Diferencio-me delas pela cor da minha pele, pelo bairro em que moro, pelas minhas possibilidades materiais. Condições que, no mínimo, exigiriam delas um comportamento que desconhecem. Estou exposta, então, a outros significados produzidos de forma que eu crie outros sentidos para minhas experiências, subjetivando-me de outra maneira. Estar na periferia é ter uma produção diferente. De que forma se produzem? A que significados estão expostas as pessoas de lá? Como dão sentido às suas experiências? Como pensamos a periferia?

“Periferia” é um termo polissêmico.

Em termos mundiais, o conceito de periferia foi reforçado após as duas grandes guerras, e acirrado com a Guerra Fria, destinando o status de centro àqueles países de maior poder econômico e militar, e de periférico aos mais pobres, dependentes, com problemas de infraestrutura [...]. Nas cidades, o conceito se aplica [em relação] ao espaço onde está o centro econômico do poder. Do lado oposto estaria a periferia. (PALLONE, 2005, p.11)⁴¹

Em seu sentido urbano, registrado no Dicionário Michaelis⁴² *online*, “periferia” caracteriza uma “região distante do centro urbano, com pouca ou nenhuma estrutura e serviços urbanos, onde vive a população de baixa renda.”. Nesse sentido, a palavra é comumente usada em oposição a “centro”. É, assim, uma diferença marcada e inserida em uma lógica binária, que como já temos discutido, marca identidades e diferenças. Cai na dicotomia centro-periferia que nutre a ideia centro/melhor/mais e periferia/pior/menos.

Embora a palavra seja bastante utilizada para nomear os bairros que se encontram afastados do centro urbano, também conhecidos como bairros populares, subúrbios

⁴⁰ Será que eu poderia considerar esta como uma possível resposta para indagações antigas, quando eu, junto com alguns/algumas companheiros/as do Centro chegamos, por várias vezes, a oferecer cursos para os/as adolescentes que, por sua vez, não aceitavam nossas propostas?

⁴¹ Simone Pallone (2005) traz os termos “centro” e “periferia” baseada em conceitos do Prof. Manoel Lemes da Silva, professor de planejamento urbano da Faculdade de São Marcos, em São Paulo.

⁴² Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=periferia>>. Acesso em: 20 fev.2015.

ou favelas, não podemos nos prender a um conceito meramente geográfico, pois a questão socioeconômica se faz muito presente para a identificação daquilo que chamamos periferia. Simone Pallone nos traz que

No contexto brasileiro, a palavra periferia é algo típico do processo de metropolização dos anos 1960/70. O termo tem sido usado para designar loteamentos clandestinos, ou favelas localizadas em áreas mais centrais, onde vive uma população de baixa renda (PALLONE, 2005, p.11)

Parece-me que, nesse sentido, a palavra “periferia” está mais atrelada ao abrigo da população pobre do que à questão de sua localização. A proximidade desse conceito com o conceito de favela também pode ser percebido, e, hoje, é comum tratar “favela” e “periferia” como sinônimas, designando, assim, em muitas vezes, a um mesmo lugar, as duas classificações. Em ambos os conceitos, a dicotomia está presente.

Thaís Troncon Rosa, em trabalho apresentado no 33º Encontro Anual da ANPOCS⁴³, em setembro de 2009, nos fala das dicotomias que insistem em aparecer nos estudos que tratam de favelas e periferias.

Acompanhando os caminhos que promoveram a construção social das favelas e periferias no âmbito dos estudos urbanos, é possível compreender que já na origem de ambos os conceitos estariam presentes interpretações dicotômicas da cidade, das quais esses fenômenos urbanos seriam o avesso: territórios à parte, sem lei, sem Estado, sem urbanidade. Produzidos em sentido contrário aos discursos e práticas normatizadores da sociedade – urbanísticos, jurídicos, políticos, entre outros – esses espaços seriam o extremo oposto da ordem e da formalidade da cidade. Consolidadas nos debates acadêmico e político e legitimadas socialmente como *os espaços da pobreza nas cidades*, as favelas e periferias seriam mesmo indissociáveis da concepção dual – e hegemônica – da realidade urbana, que no decorrer das últimas décadas se expressaria através de diferentes polaridades, ‘tais como formal-informal, integrado-excluído, favela-bairro, centro-periferia’, sempre tendo a questão da ‘ilegalidade’ como um dos ‘critérios diferenciadores’ desses supostos polos. (ROSA, 2009, p.s/n – destaques da autora)⁴⁴

A autora ainda nos aponta que através desses estudos, esse tipo de tematização com relação às favelas e periferias acaba sendo incorporada nas mais diversas entidades e movimentos da sociedade civil. “Além disso, as representações do senso comum permanecem profundamente atravessadas por esses modelos dicotômicos de compreensão da sociedade e

⁴³ Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais.

⁴⁴ A autora cita: LAGO, Luciana Corrêa do. **Favela-loteamento: re-conceituando os termos da ilegalidade e da segregação urbana**. X Encontro Nacional da ANPUR (anais). Belo Horizonte, 2003.

da cidade” (ROSA, 2009, p.s/n). Também percebo que a opinião mais recorrente encontrada no senso comum é a de que tanto “periferia” quanto “favela” designam o lugar de pessoas pobres, negras, não raro, de marginais; lugar de bandidagem e mercado, principalmente, pelo tráfico de drogas e a violência, como se em outras localidades essas condições não existissem. A mídia acaba reforçando essa opinião comum ao divulgar notícias relacionadas a essas ideias e fazendo parecer que não existem outras possibilidades de vida nos bairros periféricos e favelas, o que acaba naturalizado (SILVA; BARBOSA, 2005). Essas ideias, no entanto, fazem parte de um processo histórico. No Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro do século XIX, vamos encontrar os cortiços.

Considerado o locus da pobreza, no século XIX, [o cortiço] era local de moradia tanto para trabalhadores quanto para vagabundos e malandros, todos pertencentes à chamada ‘classe perigosa’. Definido como verdadeiro ‘inferno social’, o cortiço carioca era visto como antro da vagabundagem e do crime, além de lugar propício às epidemias, constituindo ameaça à ordem social e moral. Percebido como espaço propagador da doença e do vício era denunciado e condenado através do discurso médico e higienista, levando à adoção de medidas administrativas pelos governos das cidades. (VALLADARES, 2011, P.24)

Tais medidas incluíam a destruição dos cortiços existentes e a proibição de novas construções dessa natureza⁴⁵. (VALLADARES, 2011). A partir de então, os moradores de cortiços instalaram-se nos morros, onde qualquer tipo de construção era permitido. Nasceram, assim, as favelas que herdaram não só os moradores dos cortiços, mas toda a gama de discursos a eles dirigidos.

Num trabalho onde analisam as favelas e periferias do Rio de Janeiro, Silva e Barbosa (2005)⁴⁶ nos trazem que a favela, desde suas primeiras formações que datam da virada do século XIX para o XX, é tida como [um] lugar definido pela ausência – de infra-estrutura, higiene, moralidade – e marcada pelo sentido negativo que indica sua invisibilidade, não só por parte do senso comum, mas também pelas autoridades e intelectuais. Definida, então, a partir de juízos pré-concebidos, a favela é vista como um problema cuja dimensão só se agrava com o decorrer do tempo. Marcada pelo preconceito e descaso daqueles que, no lugar de buscarem conhecer seus problemas para apresentar soluções, empurram-na morro acima, escondendo-a das vistas burguesas que buscam a ‘beleza’ e não a ‘feiura’ da cidade, foi alvo constante de políticas paternalistas, autoritárias, assistencialistas cujo

⁴⁵ Em 1893, o prefeito Barata Ribeiro, ordena a derrubada do cortiço Cabeça de Porco, na cidade do Rio de Janeiro. Mais tarde, construções do mesmo tipo foram encontradas no Morro da Providência, também no Rio de Janeiro (VALLADARES, 2011, p.24).

⁴⁶ Incluído na lista de referências.

objetivo maior se resumia no controle social sem considerar as demandas dos seus moradores [e moradoras]. Estes[/as], por sua vez, estigmatizados[/as] e fadados[/as] à discriminação, carregam, ainda hoje, o peso da identificação com a desordem, com a imoralidade, com o crime, com a violência, enfim. (RITTI, 2010, p.80)

Essas mesmas impressões são registradas por Thaís Troncon Rosa (2009) e Lícia do Prado Valladares (2011). Daí, podemos situar os discursos e representações a que estão expostas as mulheres com quem pesquiso. A área do bairro onde residem⁴⁷ é, muitas vezes, chamada de favela. Elas não gostam muito dessa designação, mas admitem que ela exista. É comum, no entanto, que se refiram ao bairro como “*morro*”⁴⁸, novamente se aproximando dos mesmos sentidos dados à favela desde suas primeiras formações, no início do século XX, no Rio de Janeiro. “As duas denominações são, portanto, utilizadas como sinônimos há muito tempo” (VALLADARES, 2011, p.33). Pesa, ainda, na construção de suas identidades, a história do próprio bairro, que foi habitado a partir da apropriação irregular de terras antes de propriedade do antigo e extinto Banco Nacional da Habitação (BNH), e, posteriormente, quando da extinção desse banco, repassadas para a Caixa Econômica Federal. Por esse motivo, os/as moradores/as são posseiros/as, não têm escrituras de suas residências e constroem suas casas sem projetos e, na maioria das vezes, com ajuda de amigos/as e vizinhos/as e a participação de profissionais que também moram no local. Isso sinaliza o descaso das autoridades públicas com relação às condições de vida da população do bairro, que permanentemente se encontra com problemas de rede de esgoto, conta com um posto de saúde precário entre outras questões. Essas condições aproximam o bairro e as pessoas que vivem ali das construções discursivas e representações que se têm das favelas do Rio de Janeiro (SILVA; BARBOSA, 2005; VALLADARES, 2011) entre elas as que trazem as conotações de perigo e desordem social e colocam a cidade em uma ordem dicotômica, como já visto.

Os autores e autoras consultados/as (SILVA; BARBOSA, 2005; ROSA, 2009; VALLADARES, 2011) concordam que esses discursos dicotômicos devem ser desconstruídos por não darem conta da dinâmica social. As relações sociais se dão em

⁴⁷ Para esta tese resolvi não identificar o bairro em que se produziu a pesquisa. Isso se dá porque, como já foi relatado, as mulheres resolveram assumir seus nomes próprios. Precisar a localização e o nome do bairro pareceu-me comprometedor com relação às identidades das pessoas que participaram diretamente da pesquisa, assim como daquelas que aparecem nas narrativas das mulheres, para as quais utilizei pseudônimos, mas que poderiam ser facilmente identificadas caso o bairro fosse nomeado. Penso ser este um procedimento ético e que não coloca em risco a qualidade do trabalho de pesquisa e nem seu texto final.

⁴⁸ Como já visto no caso do nome *Enzo* que não era significado como sendo “*nome de morro*”.

complexidades que não cabem nas classificações apontadas de formas polarizadas como centro/periferia, legal/ilegal, bairro/favela, moral/imoral, entre outras. Além disso, pode-se dizer que nem favelas nem periferias constituem-se em homogeneidades. Algumas favelas cariocas são, hoje, pontos turísticos importantes e abrigam pessoas com diferentes situações econômicas⁴⁹. Têm acesso a bens e serviços, desfrutam de tecnologias entre muitos benefícios que em outros tempos eram inacessíveis. “A favela corresponde hoje a uma realidade muito diversa do fenômeno que esteve em sua gênese” (VALLADARES, 2011, p. 153). Da mesma forma, “a noção de periferia uniforme, ocupada por um grupo socialmente homogêneo – ‘os pobres’ -, marcada pela ausência de equipamentos e serviços urbanos vem sendo sistematicamente contraposta” (ROSA, 2009, p.s/n.). As populações hoje se misturam de tal modo nas cidades que podemos notar, nesse sentido, “tanto a implantação de condomínios de alta renda nas periferias, como a difusão da pobreza urbana por diversos espaços da cidade, para além da sua concentração nas periferias” (ROSA, 2009, p.s/n.). Mesmo diante dessas mudanças já observadas, os discursos e representações mais insistentes acabam caindo nos polos periferia/favela/pobreza/ilegalidade/informalidade/imoralidade... *versus* centro/bairro/riqueza/legalidade/formalidade/moralidade... Tal polarização “acaba por se reproduzir em discursos midiáticos e informa o senso comum, alimentando a (re)produção de estereótipos e a interpretação homogeneizante de fenômenos tão complexos e diversos quanto as favelas e periferias urbanas” (ROSA, 2009, p.s/n.). Poderíamos complementar que esses estereótipos recaem sobre e afetam a construção das identidades das pessoas que moram nesses lugares. Como vimos na fala de Vânia, a polaridade está posta ao dividir “*mundo que é nosso*” e mundo que é “*de vocês*”. Outras falas e situações aconteceram durante a pesquisa que reafirmam as representações desses dois mundos. Cabe ainda a observação de que a identificação com tais discursos e representações concorre para a fixação de identidades que, por muitas vezes, se veem em dificuldades para se enxergarem de outras formas e/ou em outros lugares.

- “*Você falava assim ‘não, se vocês quiserem fazer CTU⁵⁰ a gente vai ajudar vocês a entrar’, você lembra? Era eu, a Raquel, a Tami, aí quando a gente tava sozinha: ‘ah, mas eles vão pegar o dinheiro deles, vão ajudar a gente, se a gente não...’, [...] ‘gente, eles vão pegar o dinheiro deles, vão pagar faculdade pra gente, a gente vai lá, preta, a gente não tem roupa, a gente não tem dinheiro, a gente não tem lanche pra ficar lá todo dia, não tem como... eles*

⁴⁹ Como é o caso da Favela da Rocinha, por exemplo.

⁵⁰ Em alusão aos cursos técnicos do então Colégio Técnico Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora cujo exame de seleção indicávamos que tentassem, contando com nossa ajuda para os estudos preparatórios.

já tem os filhos deles, a gente vai lá no meio dessa gente, bancar... e se a gente tomar pau? Vai tomar pau!” (Vânia)

Isso implica na permanência em determinadas posições de sujeito marcadas pela subalternidade e inferioridade, colaborando para a manutenção da ordem dicotômica e das desigualdades.

Tudo isso me ajuda a pensar que as mulheres com quem pesquisei, nos colocam, então, diante de algumas dicotomias: centro-periferia, rica-pobre, branca-negra, homem-mulher. Joan Scott (1995) sinaliza que as dicotomias que demarcam os gêneros mostram o lado masculino como o bom, o positivo, o mais forte. Do lado feminino está o mau, o negativo, a fraqueza. Poderíamos pensar o mesmo com relação à condição de moradoras na periferia, condição que será implicitamente pensada nos atravessamentos de raça e classe, já que a negritude e a pobreza caracterizam essas pessoas. Sabe-se que os discursos sobre classe não se detém apenas à questão econômica e que os discursos sobre raça não se referem somente à cor da pele, pois ambos se ampliam para vários outros fatores (ANDRADE, 2008). Contudo, é a cor da pele e o fator econômico que estão mais presentes na diferenciação dessas duas categorias. Quando respondem o que as leva a se identificarem como negras, o que acaba sobressaindo nas respostas apresentadas por todas as mulheres na pesquisa é a “*cor da pele*”.

Culturalmente, a cor preta referencia, na maioria das vezes, coisas negativas, enquanto a branca, coisas positivas. Ouvimos frequentemente expressões como: *a coisa tá preta, tem uma nuvem negra em minha vida, faça serviço de branco, ele é um preto de alma branca*. Essas são expressões ainda muito presentes no cotidiano de pessoas que, muitas vezes, ingenuamente, carregam e perpetuam os preconceitos presentes nelas, preconceitos que definem uma cor como boa e a outra como ruim, o que afeta as pessoas que se identificam com uma ou outra. Da mesma forma, a pobreza vem sendo vista como estado de carência, problema, subalternidade, enquanto a riqueza é exaltada e querida. Assim como se identificam como negras, as mulheres se identificam também como pobres e dizem de suas fomes, das necessidades pelas quais passaram e ainda passam envolvendo as questões materiais e das dificuldades, em diferentes âmbitos, que vivenciaram em função dessa condição.

Por tudo isso, penso que não podemos negar que gênero, classe e raça atravessam a todas/os nós que vivemos em uma sociedade que divide, hierarquiza, classifica, polarizando relações, criando identidades de domínio enquanto outras são colocadas no horizonte da submissão. Não posso, dessa forma, deixar de esboçar, em minha pesquisa, algo a respeito desse atravessamento.

Mulheres negras e pobres: os atravessamentos

Buscando problematizar o assunto, percebo que posso trabalhar as questões de classe e raça de forma muito aproximada de como escolhi trabalhar o gênero. A própria Joan Scott nos diz:

O esboço que propus no processo de construção das relações de gênero poderia ser utilizado para examinar a classe, a raça, a etnicidade ou qualquer processo social. Meu propósito foi clarificar e especificar como se deve pensar o efeito do gênero nas relações sociais e institucionais. (SCOTT, 1995, p.88)

Ora, então, por que não podemos pensar esses atravessamentos e essas categorias a partir de uma análise histórica, de discursos, representações, normatizações, construções de igualdades e diferenças no campo cultural?

Aproximando as perspectivas pós-estruturalista e foucaultiana, o nosso interesse recai nos investimentos políticos da construção e negociação entre os grupos, entendendo as identidades de classe, raça e gênero como efeitos de instituições, práticas e discursos com pontos instáveis, múltiplos e difusos de origem. (FERRARI, 2010b, p.22)

Pensando assim, não procuramos buscar a origem do gênero, da raça, da classe. O que vai nos importar é buscar o passado para entender o presente, como nos sugere Foucault em sua genealogia.

E, nessa busca, encontramos que “[...] as mulheres, desde o século XIX foram comparadas com as crianças, como seres inferiores” (FERRARI, 2010b, p.25); encontramos os movimentos que problematizam e lutam para mudar essa situação; encontramos legitimações, mas, também, resistências; encontramos mudanças e constantes tentativas de manutenção dessa ordem de inferioridade e submissão feminina. Encontramos também outras formas de submissão e inferiorização.

Assim como as mulheres foram colocadas como seres inferiores, a modernidade também estabelece as condições históricas de construção dos negros como ‘primitivos’, de forma que essa população, de forma geral, foi rebaixada à categoria de ‘mercadoria’ e mesmo de ‘coisa’, num processo de ‘coisificação’ que atingiu sobremaneira os negros e, em particular, as mulheres negras. (FERRARI, 2010b, p.26)

Não ignoramos que a história do povo negro no Brasil é marcada pela anulação de suas vontades e desejos e pela exploração de sua força de trabalho no modelo escravocrata.

Nesse tempo, o homem negro era forçado a trabalhar arduamente e a mulher negra, além do trabalho escravo, era também, com frequência, explorada sexualmente, tendo como agente principal dessa exploração, o proprietário de terras (FERRARI, 2010b, p. 23), que também era seu proprietário. Esse povo, como nos ensina a história, era tratado como objeto que se compra e vende, não tinha os indivíduos reconhecidos como pessoa, passando, assim, por diversos sofrimentos, como a separação de familiares, a exagerada jornada de trabalho, o castigo físico, a exposição a diversos tipos de humilhação, a falta de garantia de direitos, o abandono nas doenças, entre outros tantos. Viviam em situação de dominação pelo fato de terem sua cor de pele diferente do povo que então dominava, fato que remetia a um complexo discursivo produtor das desigualdades e dos tratamentos que lhes eram dispensados. Tudo isso vem

[...] denunciar as relações desiguais e escondidas das dimensões de gênero, raça e classe social que estão presentes na construção da identidade do brasileiro, camufladas nas falsas noções de ‘democracia racial’ e de ‘cordialidade’ do povo brasileiro, que dificultam e limitam o entendimento do Brasil como um país de conflitos.

Essa herança histórica serviu para a construção de uma mentalidade racista e preconceituosa, que foi sendo incorporada ao cotidiano e que, pouco a pouco, foi se normatizando e naturalizando. (FERRARI, 2010b, p.23)

Um passeio pelas periferias e regiões pobres de qualquer cidade, o acompanhamento de notícias na mídia, a observação de atividades subalternas em qualquer instituição e a visita a presídios são oportunidades para encontrarmos a população negra nos lugares que ainda lhes são reservados na sociedade brasileira. Por outro lado, em outros espaços como escolas e hospitais considerados de boa qualidade, teatros, museus, cinemas, entre outros tantos lugares, essa presença é bastante limitada.⁵¹ Essa realidade que se configura em uma “divisão racial do espaço” (GONZALEZ, 1983; GARCIA, 2012, RATTS, 2012) é percebida e assumida como vivência pelas mulheres com quem pesquiso. Uma realidade formadora de discursos e representações para a população negra e pobre no Brasil produzindo como efeitos a limitação de suas possibilidades e diminuição de suas potencialidades.

- **Ana:** “[...] Então, *cê não pode comparar que eu vou fazer um... a Vânia e a filha da tia Rosinha. Chega lá, o potencial é menor!*”
- **Eu:** “*Mas, aí, o potencial, que *cê tá falando é o quê? É em capacidade de...*”*

⁵¹ Sobre esse tema, ver Lélia Gonzalez (1983), Antonia dos Santos Garcia (2012), Alex Ratts (2012).

- **Ana:** “*Em raça, em convivência com a pessoa, em educação... Isso tudo é contado! Quando você é jogada no mercado de trabalho, isso é contado! Às vezes, a Vânia pode ter sido maravilhosa naquela empresa, top, top. A Vânia chegou lá junto com a sua filha. Chegou lá, vê a negra e a branca... é contado!*” [ri]

Essas falas de Ana se deram no encontro em que assistimos e discutimos o filme “Histórias cruzadas”, ocasião em que as questões de raça e classe apareceram com força, nos possibilitando momentos como este:

- **Eu:** “*Então vocês associam o negro à cor da pele?*”
- **Ana:** “*À pele!*”
- **Vânia:** “*É... à cor e à condição que ele vive.*”
- **Eu:** “*Aí, a condição, como que vocês veem isso? Essa questão da condição social? Deixa de ser negro porque é rico? Por exemplo: Só é negro quem é pobre?*”
- **Januária:** “*É...*”
- **Vânia:** “*Não deixa de ser negro, eu falo... as limitações são bem diferentes...*”
- **Januária:** “*É bem favorável pra ele se tem dinheiro.*”
- **Ana:** “*Cê vai num hospital. Vamos fazer uma classe... Você chega num hospital, certo? Você vai consultar. Tem médico negro? Médico, doutor, negro?*”
- **Januária:** “*Muito pouco!*”
- **Ana:** “*Me responde! Quero sua resposta!*” [dirigindo-se a mim]
- **Eu:** “*Cê quer que eu responda?*”
- **Ana:** “*Hum hum! Não! Isso, assim...*”
- **Vânia:** “*Tem, pouco. Tem poucos...*”
- **Ana:** “*Se você for hoje, amanhã, depois, depois... todos os dias que você for, você vai ver um negro?*” [Ana insiste que eu responda]
- **Eu:** “*É mais difícil, né?*”
- **Januária:** “*É difícil! É... o negro tem mais dificuldade...*”
- **Ana:** “*Aí você vê mais branco! Cê chega num condomínio, você vê negro?*” [Novamente, é de mim que Ana quer ouvir a resposta]
- **Eu:** “*Mais difícil também!*”
- **Ana:** “*Raro! Você chega numa favela, você vê negro?*” [Januária e Ana riem].
- **Januária:** “*Demais!*” [ri].
- **Ana:** “*Você chega no meio dos pacientes que tão naquele hospital, você vê negro?*”
- **Januária:** “*É...*”
- **Ana:** “*Independente se o hospital é particular ou público. Você vê negro?*”
- **Eu:** “*Onde, onde que vocês acham que o negro, hoje, tá mais inserido? Em que lugares que a gente encontra mais negros?*”
- **Januária:** “*Nas favelas.*”
- **Ana:** “*O nome do lugar?*”
- **Januária:** “*Nas periferias.*”
- **Vânia:** “*Nas periferias.*”
- **Ana:** “*Nas periferias, no presídio, na delegacia...*”
- **Januária:** “*É...*”
- **Ana:** “*Num órgão público, trabalhar... pra você ver... antigamente, você via assim, ah! Você chega numa escola... antigamente, não inseria um negro... como... como definiram que na escola... o negro, assim... deixa de ser doméstico pra ser professor. Assim, a classe social... quando o negro tá inserido dentro de uma profissão mais... que dá uma vida social, pra ele, melhor – eu calculo isso, né? esse é o meu raciocínio – ele é professor, ele é esteticista, uma profissão que dê uma função pra ele... cabeleireiro... uma profissão que dê pra ele uma condição melhor.*”
- **Januária:** “*Um gerente, né?*”

- **Ana:** “Cê chega num banco, você conhece algum gerente negro? Cê tá falando comigo de gerência. Eu quero saber se você conhece algum gerente negro! A única gerente de loja que eu conheço, negra, é a minha irmã, Raquel!”
- **Januária:** “Em órgão pequeno, né? porque em grande, não tem, não! Não tem, não!”
- **Ana:** *É a minha irmã, Raquel. E quando a minha irmã, Raquel saiu daqui pra gerenciar uma loja – ela gerencia uma loja que tem 12 profissionais – quando ela saiu daqui pra gerenciar uma loja que tem 35... 35 funcionários... – porque ela é capaz, está capacitada pra isso – as funcionárias que eram brancas, discriminaram ela, porque não aceitavam que ela ordenava! E ela teve depressão, teve... e retrocedeu! Voltou pra uma loja do centro onde ela manda em 12. Não manda nos 34, lá em cima!”*
- **Januária:** “É! Não! Mas fica difícil! Ainda existe isso, sim!”

Ana, nesse momento, coordena a discussão e problematiza a condição da população negra. Chega a “me espremer na parede” para responder suas questões e nos conduz a pensar. Não é qualquer profissão que um negro ou uma negra pode exercer, não é qualquer lugar que pode frequentar e nem qualquer serviço que pode usufruir. O lugar do negro é “nas favelas”, “nas periferias, no presídio, na delegacia...”, nas profissões que mantém sua condição social, em escolas de baixa qualidade. Quando “avança” um pouquinho mais assumindo cargos de comando, como no caso de Raquel, sofre o preconceito. Negro/a não pode mandar. “Ainda existe isso, sim!”. A problematização levantada por Ana se resume na fala de Vânia: “as limitações são bem diferentes...” e então, “fica difícil”, como encerra Januária.

Trazendo dados de estudo sobre desigualdade racial e de gêneros divulgados em 09/09/2008 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)⁵², Salles (2008) nos informa que mesmo considerando um aumento na proporção da população negra presente nos ensinos fundamental e médio, a população branca ainda sobressai.⁵³ Com relação à renda, mesmo havendo uma alta observada no salário de negros e negras, “a discrepância é grande. Os brancos ainda vivem com quase o dobro da renda mensal per capita dos negros” (SALLES, 2008, p.s/n).

Especialistas dedicados à questão da desigualdade racial concordam entre si com a raiz histórica deste vácuo econômico entre brancos e negros. Educação básica deficiente e pouco universalizada, a herança histórica deixada por séculos de escravidão e uma tradição de ocupar empregos de

⁵² “O estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) tomou como base dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (Pnad) lançadas pelo IBGE entre os anos de 1993 e 2006. A designação “branco” ou “negro” foi estabelecida segundo autodeclaração dos pesquisados.” (SALLES, 2008, p.s/n)

⁵³ “[...] em 1996, 82,3% dos negros estavam matriculados em etapas do ensino fundamental adequadas à sua idade e apenas 13,4% no ensino médio. Em 2006, essa porcentagem subiu para 94,2% no ensino fundamental e 37,4% no médio. A proporção de negros e negras que estudavam no ensino médio, entretanto, ainda é muito menor que a de brancos - que chegou a 58,4% em 2006.” (SALLES, 2008, p.s/n)

pouco prestígio social estão entre as causas da diferença. (SALLES, 2008, p.s/n)

Através da mesma fonte, temos a informação de que “outras constatações do estudo mostram que a população negra é menos protegida pela Previdência Social do que os brancos - especialmente no caso da mulher negra - e começa a trabalhar mais cedo para se aposentar mais tarde” (SALLES, 2008, p.s/n). Tudo isso pode ser considerado uma mostra da desigualdade social, da construção da identidade social de negros e negras e também uma mostra de que negritude e pobreza caminham juntas em nosso país.

A classe social, na sua intersecção com raça, principalmente, produz diferenciações e pertencimentos, contribuindo para a exclusão ou a inclusão dos indivíduos de determinados privilégios ou direitos. Essa colocação busca evidenciar o quanto esses termos se intersectam. Classe e raça parecem estar, em alguns contextos como o brasileiro, atreladas desde sempre. (ANDRADE, 2009, p. 65)

Tudo isso está contemplado na conversa conduzida pelas problematizações de Ana e é reforçado em vários momentos da pesquisa que acaba apontando para um modo de vida negra/pobre/na periferia.

- **Vânia:** *“Pela cor da pele e por outras várias coisas.”*
- **Eu:** *“Que outras várias coisas?”*
- **Vânia:** *“Ah... o meio social, assim, onde eu fui criada, também... A minha mãe, né? A vida da minha mãe... tudo que a gente passa, assim... são características, né? do negro!”*

As dicotomias homem/mulher, negro(a)/branco(a), pobre/rico(a) ainda estão muito presentes nas construções identitárias e subjetivas. Criam formas de ser na sociedade, definem comportamentos, delimitam espaços, criam pertencimentos, abrem e fecham portas. As perspectivas teóricas que me ajudam a pensar minha pesquisa entendem que “é a partir dos pertencimentos primários e ‘naturais’, como raça, gênero, sexo, região, que se constroem novos tipos de coletividade e identidade específicas” (FERRARI, 2010b, p.27), no entanto, estas não são condições naturais nem necessárias. Ao contrário, são construídas e contingentes. O povo brasileiro, desde o período colonial herdou, principalmente da Europa, modos de ser femininos e masculinos que foram inventados e naturalizados no decorrer dos séculos. Herdou também condições de subalternidade construídas historicamente subjugando pessoas em razão de suas condições materiais e raciais.

Desde os primeiros censos, a definição da raça no Brasil esteve implicada com a cor, o que não ocorre do mesmo modo em outros países multirraciais. A multiplicidade de elementos mobilizados como marcadores de diferenças

– e, portanto, também de pertencimentos nomeados como raciais, em tempos e contextos diversos – é reveladora do quão escorregadia, imprecisa, disputada e problemática é esta definição. (ANDRADE, 2009, p. 65)

De qualquer forma, os discursos estão aí, circulando, construindo as representações. As mulheres com as quais pesquisei se autoidentificam como negras e pobres e trazem, elas mesmas, como já pudemos ver até aqui, várias falas que apontam para os atravessamentos entre gênero, raça e classe. Inserem-se nesses discursos que se entrecruzam e constituem subjetividades bem específicas. São, assim subjetivadas por eles.

Mas, resistir é possível!

Nossas discussões, até agora, nos possibilitam o entendimento que “as noções de homem e mulher, masculino e feminino são ativamente produzidas em uma determinada cultura, de acordo com o tempo histórico e com outros marcadores como raça e classe, de um modo e não de outro” (ANDRADE, 2009, p. 60). Importa pensar agora que, como “tais construções se dão discursivamente na cultura [...] podem, em função disso, modificar-se ao longo do tempo, agregando, lentamente, novos valores, novos modos de ver, pensar e viver a relação entre homens e mulheres nos contextos sociais” (ANDRADE, 2009, p. 60).

Isso é possível, tendo em vista que consideramos todas essas construções sociais dispostas em um jogo de poder. Para Foucault, o poder não se configura em algo que exista por si, “algo que se adquira, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar” (FOUCAULT, 2006, p.104). O poder não é conquistado ou perdido, mas exercido com maior ou menor força, fazendo-se presente em qualquer relação como os “processos econômicos, relações de conhecimento, relações sexuais” (FOUCAULT, 2006, p.104). “O exercício do poder seria uma maneira para alguns de estruturar o campo de ação possível dos outros” (FOUCAULT, 1993a, p.245). As relações de gênero, classe e raça são também relações de poder.

Ainda pensando com Foucault, o poder não está vinculado a uma única direção – a do dominante em direção ao dominado – ou em meio às relações de uma instituição maior, como o Estado que poderia controlar e governar tudo e todos/as. As relações de poder são “os efeitos imediatos das partilhas, desigualdade e desequilíbrios [e] condições internas destas diferenciações” (FOUCAULT, 2006, p.104). A luta contra as desigualdades, a busca de partilhas mais justas e de reconhecimentos, a tentativa de conquista de outros lugares, outras posições sociais, o confronto com instituições que nos determinam diminuindo nossas potencialidades, a agregação de novos valores que possibilitem outros olhares e novas formas

de viver as relações entre mulheres e homens, ricos/as e pobres, negras/os e brancas/os, a tentativa de desconstruir essas dicotomias que ainda persistem nas relações, constituem-se em “pontos de resistência móveis e transitórios” (FOUCAULT, 2006, p.107). Na concepção foucaultiana, a resistência não tem necessariamente que se configurar em uma grande resistência ou uma revolução.

Em meio às relações de poder, os pontos de resistência, de confronto, aparecem e podem gerar um novo poder quando saem como estratégia vencedora. Não importam a classe, etnia, títulos... qualquer agrupamento, e mesmo qualquer indivíduo pode, em suas relações diversas, ora estar assujeitado, ora estar no exercício do poder. (RITTI, 2010, p.39)

A liberdade aparece, então, como ponto crucial nas relações de poder a partir da perspectiva foucaultiana. “O poder só se exerce sobre ‘sujeitos livres’, enquanto ‘livres’ – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer” (FOUCAULT, 1993a, p.244). No dia da ida à pizzaria, na volta para casa, gravei o seguinte diálogo após a pergunta “*Vocês sentiram que tem discriminação?*” que fiz a elas no carro:

- **Januária:** “*Não, hoje não [...]tava com vocês! Mas eu te garanto que todo mundo que tava ali tava pensando: o que será que essas mulheres tão fazendo aqui?*”
- **Vânia:** “*Pensa, pensa mesmo!*”
- **Ana:** “*Nossa! Teve uma vez que eu dei uma risada lá e todo mundo olhou!*” [...]
- **Januária:** “[...] *É muito bom a gente tá num lugar assim... descontraído... a gente não pensa em nada! Eu me senti grande, importante ali! É bom, né?*”
- **Vânia:** “*Ah, quando eu entro num lugar desse eu me vejo igual (*). Eu não tenho esse negócio não! Se eu tiver que rir eu rio...*”
- **Ana:** “[...] *Eu tô pagando, eu consumo as coisas boas, eu gosto de comer coisa boa!*”
- **Vânia:** “*Se eu achar que a comida tá ruim eu reclamo, mando trocar meu prato...*”

De certa forma, elas sentiam que aquele lugar não se abre muito para elas no cotidiano de suas vidas. Sentiam que “*todo mundo que tava ali tava pensando: o que será que essas mulheres tão fazendo aqui?*”. Mas elas estavam ali, resistindo a essa ordem. Mesmo que a minha presença e a da Ana Paula fossem, naquele momento, a chave para que elas abrissem a porta daquele lugar, na condição de serem servidas, se sentindo “*grande e importante*”, podemos dizer que pelo sentido dado por elas, elas estavam desafiando aqueles e aquelas que pudessem olhar reprovando suas gargalhadas. Mostram ainda resistência quando se sentem na possibilidade de pedirem para trocar o prato quando acharem que a comida está ruim, de poderem rir quando sentem vontade, de exigirem a carta de vinhos quando o garçom oferece o

vinho em promoção, atitudes que as deslocam da condição de subalternidade e inferioridade em que muitas vezes possam se sentir ou serem colocadas.

E voltamos às questões: Em que circunstâncias essas mulheres constroem seus espaços de resistência? Como os constroem? Que sentidos dão a esses espaços? Entendemos, junto às leituras feitas de Foucault, que, “a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa” (FOUCAULT, 2009c, p.241). Como essas mulheres se produzem em seus espaços de liberdade, entendendo que a liberdade “pode se rebelar, ser insubmissa, enfrentar, provocar, lutar, vencer, mas também, podemos dizer, aderir, acordar, concordar, se aliar” (RITTI, 2010, p.39)?

Pensando assim, penso na importância da problematização dessas produções culturais, nas discussões, na busca de outros caminhos e outras construções. O desafio é “tentarmos encontrar algumas respostas para a famosa questão nietzschiana – *que estão (os outros) e o que estamos (nós) fazendo de nós mesmos?*” (VEIGA-NETO, 2007, p.11 – destaque do autor). A partir daí quem sabe não dá para, seguindo a sugestão foucaultiana (FOUCAULT, 1993a, p.239), inventar novas formas de subjetividades?

Percebe-se neste texto a identificação das mulheres com quem pesquiso com a condição de negras e pobres. Essa identificação as coloca em posições de sujeito bastante específicas e possibilitam que diferenças sejam também percebidas. Identificando-se como negras e pobres inserem-se em discursos e representações que, através de suas próprias falas, as situam em condições de muitas limitações e dificuldades com relação à vida social. Quer seja na escola, no trabalho, no lazer essas limitações e dificuldades são enfrentadas. Entendem que existem lugares que lhes são próprios, enquanto outros lhes são quase proibidos. E os lugares que lhes cabem são aqueles que sofrem o preconceito e a discriminação: as favelas, os presídios, as periferias. E assim, nos atravessamentos de gênero, raça e classe, muitas vezes capturadas, outras resistentes vão-se constituindo essas subjetividades que tomo como interesse nas minhas investigações.

Elas, porém, não se limitam às identidades de mulheres, negras e pobres, moradoras na periferia. Suas capturas e resistências, assim como as rupturas com processos de subjetivação que tentam constituí-las, passam por outra condição que também lhes confere uma identidade: a maternidade. Sinto que seja importante pensarmos um pouquinho sobre isso também, esgotando, assim, as palavras que compõem a questão desta pesquisa, portanto...

... E agora, as mães!

*Ela é a dona de tudo
 Ela é a rainha do lar
 Ela vale mais para mim
 Que o céu, que a terra, que o mar
 Ela é a palavra mais linda
 Que um dia o poeta escreveu
 Ela é o tesouro que o pobre
 Das mãos do Senhor recebeu
 Mamãe, mamãe, mamãe
 Tu és a razão dos meus dias
 Tu és feita de amor e de esperança
 Ai, ai, ai, mamãe,
 Eu cresci, o caminho perdi,
 Volto a ti e me sinto criança
 Mamãe, mamãe, mamãe
 Eu te lembro o chinelo na mão
 O avental todo sujo de ovo
 Se eu pudesse eu queria outra vez, mamãe
 Começar tudo, tudo, de novo.*

(Herivelto Martins/David Nasser/Washington Harline)

Cresci ouvindo minha mãe cantar essa música. Até achava que era um pouco a imagem dela, mas nem tanto. Agora sou mãe e já me esforcei muito para ser tudo isso, mas não consegui porque também sou esposa, profissional, filha, irmã... Outras mulheres habitam em mim além da mãe que já pretendeu ser extremamente zelosa e perfeita. Em maio, na escola dos meus filhos e filha, sempre houve comemorações em homenagem às mães. Saía das festinhas pensativa e com a sensação de não ser merecedora daquelas homenagens, daquelas músicas, daquela imagem romântica de mãe quase santa. Os discursos se repetiam sem muita variação em canções e poesias diversas que eu ouvia da boca das crianças. Esses discursos tentavam me constituir. Sentia-me capturada, muito capturada, mas sentia, também, que não conseguia cumprir todos os seus enunciados. E não era por resistência ou tentativa de romper com eles, mas por incapacidade de obedecê-los. E isso me frustrava. Quantas mães não devem se frustrar? Por que algo que é tão natural é tão difícil de se concretizar? Ou será que não é tão natural assim?

A letra da música traz uma concepção de mãe. Carinhosa, responsável pela educação dos/as filhos/as, cuidadora, rainha cujo lugar é o lar. Mãe, tesouro valioso, razão da vida dos/as filhos/as que também são a razão de sua vida. Mãe, amor e esperança, a que indica os caminhos que, na sua ausência, podem se perder. Mãe, musa dos poetas, presente de Deus. Mãe, uma palavra pequenina carregada de obrigações, renúncias, compromissos, abnegação...

alegria, doação, emoções... sofrimento e paraíso... paradoxo. Estamos diante de um discurso que, inserido em nossas vidas nos situa numa posição de sujeito em que quase se torna única em nós a identidade materna.

A entrada naquela periferia, no entanto, me possibilitou a compreensão de que nem toda mulher vê a maternidade do mesmo jeito. As mães dali eram diferentes da mãe que eu tentava aprender a ser. As mães dali sempre me intrigaram, muitas vezes me surpreenderam. E, também entre elas, podia observar várias formas de condução de si com relação aos filhos e filhas. Não havia apenas um tipo de mãe por ali.

Na periferia em que pesquiso, a vida na rua é muito intensa. Mulheres, homens, jovens e crianças fazem da rua seu espaço de lazer, sala de estar, comércio, salão de beleza, quintal... A rua reúne as pessoas para suas atividades rotineiras, além daquela para a qual, penso eu, ela é, na maioria das vezes, significada: a passagem. E é justamente nas minhas passagens de lá para cá, do Centro ao carro estacionado um pouco distante e *vice-versa*, que também fui parando com uma ou outra pessoa e fui construindo algum entendimento da vida naquela periferia. Nessas idas e vindas, fui observando as mães, sentadas na calçada logo cedo, conversando por todo o tempo em que eu permanecia no Centro... as crianças soltas, correndo de um lado para outro, às vezes com roupas sujas, às vezes chorando... Crianças chegando sozinhas nas atividades no Centro ou indo para a escola e, até mesmo, para o centro da cidade – já encontrei algumas delas por lá. É comum que algumas crianças, ao terminar as atividades do Centro no sábado pela manhã⁵⁴, já por volta do meio dia, digam que vão ficar por ali mesmo porque a mãe não está em casa, ou porque a mãe está dormindo... Pude perceber, também, que algumas mães têm o hábito de tratar seus/suas filhos/as com adjetivos depreciativos ou com apelidos que trazem conotação de deboche, com referência a alguma condição física da criança, por exemplo, a própria cor negra. Ainda existem as mães dependentes de algum tipo de droga, as que saem para as diversões noturnas, as que deixam seus filhos e filhas recém-nascidos/as nas mãos de irmãs ou irmãos, primas/os ou vizinhos/as ainda muito pequenos/as circulando pelas ruas... Lembro-me que, há pouco tempo, tivemos a notícia de que um de nossos jovens, com apenas quinze anos havia se inserido no tráfico de drogas. Na oportunidade de conversa com sua mãe, uma das minhas companheiras nas atividades espíritas perguntou pelo menino e ela mesma disse que ele estava traficando.

⁵⁴ As atividades do Centro Espírita, no sábado pela manhã, recebem crianças até onze anos.

Perguntada sobre como ela estava se sentindo com relação a isso, a mãe respondeu em tom muito tranquilo: *Ah! Eu tô normal. É a vida dele...*

Capturada pelo discurso da boa mãe, mesmo não conseguindo atendê-lo, embora tentasse, enquadrava aquelas mães numa situação de anormalidade e desvio, não me dando conta de que

As construções sociais e psicológicas de “mães normais”, sinônimo de “boas mães” e “mãe ideal”, são tão excessivos e desadequados das realidades do comum das mulheres, que uma grande maioria, normalmente as que estão em desvantagem social, acaba por ser tomada como desviante e patológica (FIDALGO, 2003, p.18)

Naquele momento, ainda me perguntava como poderiam deixar as crianças assim? Como poderiam se ausentar por tanto tempo, em momentos em que as crianças precisavam delas para o almoço ou o banho? Como poderiam passar a noite longe de seus bebês com o objetivo de se divertirem, atitude que acabava provocando distância também no dia seguinte, pois tinham que tirar o atraso do sono? Como poderiam se enveredar pelo caminho das dependências químicas tendo filhos e filhas para criar? Como poderiam achar normal que o filho traficasse drogas? Enfim, vários eram os meus questionamentos, mas perguntando pelo “como”, já havia em mim a suspeita de que todas aquelas situações eram, de alguma forma, construídas. Ao mesmo tempo, perguntar pelo “como” me fazia pensar em outros modos de se fazer aquelas mães e, nesse momento, pensava no atendimento àqueles discursos normatizadores da mãe perfeita. Eram eles que gritavam em mim, mesmo diante de minhas próprias dificuldades em atendê-los. Discursos que, contudo, nem sempre existiram, como poderemos observar no decorrer desta escrita, que pretende pensar a maternidade, não como algo natural na mulher, mas como algo construído para a condição feminina, marcado por esforços masculinos de governo/domínio das mulheres e que sofreu variações desde a sacralidade, passando pelo apelo ao instinto até a construção do amor materno (BADINTER, 1985; 2011; FIDALGO, 2003).

Instinto é quando todo mundo faz tudo igual

Elisabeth Badinter (1985) nos convida a pensar que essa figura de mãe que hoje conhecemos é uma construção realizada a partir do final do século XVIII e no decorrer do século XIX. Defende a ideia de que a maternidade não está ligada a uma suposta natureza feminina e que o conceito de instinto materno – como aquilo que incita em toda “mulher normal” o desejo da maternidade e que, após a realização desse desejo, continua incitando-a a cuidar do/a filho/a, zelando pela sua proteção física e moral⁵⁵ – está caduco. Acredita que “uma mulher pode ser ‘normal’ sem ser mãe, e que toda mãe não tem uma pulsão irresistível a se ocupar do filho [ou filha]” (BADINTER, 1985, p.11)⁵⁶. Podemos entender, a partir desse pensamento, que nós, mulheres, por vivermos diferentes feminilidades, não somos todas desejosas da maternidade e ainda, quando a desejamos, podemos exercê-la de formas múltiplas. Nem todas nós fazemos as mesmas coisas da mesma maneira, o que contradiz o conceito de instinto. “A ação instintiva é regida por leis biológicas, idênticas na espécie e invariáveis de indivíduo para indivíduo” (ARANHA; MARTINS, 2009, p.47).

A vespa “fabrica” a célula onde deposita o ovo; junto dele coloca insetos, dos quais a larva, ao nascer, irá se alimentar. Se retirarmos os insetos e o ovo, mesmo assim a vespa dará prosseguimento às etapas seguintes. Esse comportamento é “cego” porque não leva em conta a finalidade da “fabricação” da célula, ou seja, a preservação do ovo e da futura larva.

Instinto: Do latim *instinctus*: impulso ou inclinação. Comportamento inato (que nasce com o indivíduo) e que independe das circunstâncias e do controle racional da vontade.

ARANHA; MARTINS (2009, p.47)

À ideia de ‘natureza feminina’, que cada vez consigo ver menos, prefiro a de uma multiplicidade de experiências femininas, todas diferentes, embora mais ou menos submetidas aos valores sociais cuja força calculo. A diferença entre a fêmea e a mulher reside exatamente nesse ‘mais ou menos’ de sujeição aos determinismos. A natureza não sofre tal contingência e essa originalidade nos é própria. (BADINTER, 1985, p.16)

Abandonar a noção de instinto materno torna-se imprescindível para que possamos abrir espaço para outras formas de pensar a maternidade, eliminando, assim, noções como “mãe desnaturada” e anormal. Essas noções nos subjetivam, nos enquadram na posição do sujeito que deve ser mãe para que seu destino se cumpra, o único destino possível, ou, pelo

⁵⁵ Conceito apoiado no dicionário Larrouse, edição de 1971, citado pela autora.

⁵⁶ Todos esses pensamentos podem ser observados, também, no texto de Lurdes Fidalgo (2003)

menos, o mais adequado à condição feminina, pois é ele o que está de acordo com a nossa natureza. Dentro desses entendimentos, primeiro somos impelidas à reprodução, depois aos cuidados maternos. Mas será que é isso que todas nós queremos? Estamos diante de uma vontade universal? Não, não estamos. Embora somente nós, mulheres, possamos, pelos nossos aspectos biológicos, gerar e parir por meios naturais, não significa que tenhamos que ser determinadas por essa condição, podendo ela ser apenas uma possibilidade que nos cabe cumprir ou não.

Os atos instintivos ignoram a finalidade da própria ação. Em contrapartida, o ato humano voluntário é *consciente da finalidade*, isto é, o ato existe antes como pensamento, como possibilidade, e a execução resulta da escolha dos meios necessários para atingir os fins propostos. Quando há interferências externas no processo, os planos são modificados para se adequarem à nova situação. (ARANHA; MARTINS, 2009, p.48 – destaques das autoras)

Dessa forma, a maneira como uma mulher exerce sua maternidade não pode ser tomada como padrão e muito menos como natural. “Os casos particulares jamais constituirão uma lei universal da natureza. Ora, os atos instintivos são desse tipo” (BADINTER, 1985, p.76). Além disso, quem determinou que cuidar de filho é coisa de mulher e mãe? A noção de cuidado maternal como exclusividade da mulher é bastante questionável, desde que para cuidar de alguém não é necessário ser mãe, muito menos mãe biológica, muito menos ainda, mulher. Qualquer pessoa pode cuidar de outra, desde que queira. “Se é indiscutível que uma criança não pode sobreviver e desenvolver-se sem uma atenção e cuidados maternos, não é certo que todas as mães humanas sejam predestinadas a oferecer-lhe esse amor de que ela necessita” (BADINTER, 1985, p. 18). Precisamos, inclusive tomar mais cuidado com o termo composto “cuidados maternos”, pois ele mesmo remete a uma mãe, portanto a uma mulher, a responsabilidade com esses cuidados. Pelo que venho pensando, essa atribuição aumenta as desigualdades e produz o preconceito quando se trata de outras formas de cuidado, como é o caso daqueles dispensados pelo pai ou por casais homoafetivos em que dois homens dispensam todos os cuidados de que a criança necessita. Ainda pode se tomar o termo como exclusividade da mãe biológica, diminuindo, dessa forma, o valor dos cuidados por uma mãe adotiva e criando dificuldades para mulheres que, por impossibilidades físicas, não conseguem gerar e parir e, por isso, passam a sentir-se incompletas ou menos mulher. Nesse sentido, atribuir o cuidado dos/as filhos/as a uma suposta natureza feminina ou a um suposto instinto materno, pode, a meu ver, justificar a desigualdade entre os gêneros e fundamentar posições de sujeito muito rígidas e injustas, além

de estar intrinsecamente ligado às relações sociais de poder que definem funções masculinas e femininas fazendo-as parecer naturais e únicas. E a História pode nos ajudar a pensar nessas questões.

Construções múltiplas na História

Um olhar sobre a História pode nos mostrar que a maternidade, no decorrer dos séculos, foi vivida de diferentes formas, dependendo da época e do lugar. “Nas sociedades primitivas encontra-se o caráter sagrado da geração de um filho” inspirado na figura da Deusa-Mãe (GUARISO, 2013, p.36).

Motivo da primeira adoração, porque ligada ao mistério da vida que era do domínio do sagrado, a poderosa Grande Mãe, representada em ícones de pedra, marfim dos mamutes ou moldada em terracota, foi motivo de adoração desde as montanhas aos altares domésticos. (FIDALGO, 2003, p.86)

A vida das mulheres primitivas se dava em igualdade com os homens, mas chega o momento em que o poder masculino começa a definir os seus papéis iniciando “o tempo da subordinação; o tempo da exclusão e da procriação como destino. A ascensão do patriarcado induziu a queda do estatuto da mãe primitiva” (FIDALGO, 2003, p. 87).

Durante toda a Antiguidade, quase não apresentando alterações, a condição da mulher era de insignificância e total submissão ao pai e, posteriormente, ao marido. Este, por sua vez, era detentor de um “direito absoluto de julgar e punir” (BADINTER, 1985, p.29) tanto os/as filhos/as, quanto ela própria, esposa e mãe, numa igualdade de tratamento e consideração que a colocava quase que no mesmo grau hierárquico em que se encontravam as crianças. Essa condição de inferioridade limitava em muito o exercício da maternidade, muitas vezes reduzido ao cumprimento de ordens do marido.

Foi preciso esperar a palavra de Cristo para que as coisas se modificassem, pelo menos em teoria. Guiado por esse princípio revolucionário que é o amor, Jesus proclamou que a autoridade paterna não se estabelecera no interesse do pai, mas no do filho, e que a esposa-mãe não era sua escrava, mas sua companheira. [...] A mensagem de Cristo era clara: marido e mulher eram iguais e partilhavam dos mesmos direitos e deveres em relação ao filho. (BADINTER, 1985, p.30)

Isso fez com que na alta Idade Média houvesse uma atenuação com relação aos direitos paternos e, com isso, uma maior atuação das mães junto às/aos filhas/os. Mas essa autoridade novamente ganha força a partir do século XVI até o XVIII “graças não só ao

direito romano, como também o absolutismo político” (BADINTER, 1985, p.31). O pai é, então, o centro e o senhor das relações familiares, sua vontade é soberana, por mais dor e sofrimento que possa provocar. Os casamentos por conveniência, principalmente nas classes mais abastadas, produziam uma convivência em que o amor se ausentava, não era desejado ou tido como valor, só acontecendo, acidentalmente, em alguns casos. Essa ausência era estendida para as relações com os demais membros da família. “O interesse e a sacrossanta autoridade do pai e do marido relegam a segundo plano o sentimento que hoje apreciamos. Em lugar da ternura, é o medo que domina no âmago de todas as relações familiares” (BADINTER, 1985, p.51). O castigo físico era impetrado tanto para as desobediências filiais quanto para as esposas que desagradassem seus cônjuges. Por tudo isso, a maternidade era muito limitada e submissa, além de ser constantemente responsabilizada e culpabilizada pelos deslizes que os/as filhos/as viessem a cometer. Às mães era impedido dispensar às crianças um tratamento mais terno e tolerante. Não podiam demonstrar prazer ao amamentar e nem usar de carícias na educação, pois, segundo os pedagogos/teólogos da época, tudo isso agravava, na criança, seu “vício natural” fazendo com que a mesma se perdesse. Assim, as crianças deveriam ser educadas severamente. Essas imposições postas na condução das crianças eram fundamentadas, principalmente, em postulados trazidos por Santo Agostinho⁵⁷ que orientaram famílias e escolas até o final do século XVII. Em seu pensamento, a criança era “o símbolo da força do mal, um ser imperfeito esmagado pelo peso do pecado original [...], o mais forte testemunho de uma condenação lançada contra a totalidade dos homens, pois ela evidencia como a natureza humana corrompida se precipita para o mal” (BADINTER, 1985, p.55). Reforçando uma imagem negativa da criança, as concepções cartesianas trazem a infância como “fraqueza do espírito” lugar do erro, do não uso da razão, da supremacia das impressões suscitadas pelo corpo (BADINTER, 1985).

Tudo isso, somado a uma ideia de que a criança atrapalhava, roubando as esposas dos maridos, pesando na economia doméstica e acarretando diversos afazeres que exigiam sacrifícios por parte dos pais e mães, fez com que os cuidados com ela não fossem encarados como uma atividade nobre, mas como um fardo.

Existia e ainda existe uma gama de soluções para esse problema, que vai do abandono físico ao abandono moral da criança. Do infanticídio à indiferença.

⁵⁷ Aurélio Agostinho viveu entre 354 e 430. Conhecido como Bispo de Hipona (na África), foi um dos Padres ou Pais da Igreja no período filosófico cristão dos primeiros sete séculos, conhecido como Patrística.

Entre os dois extremos, possibilidades diversas e bastardas, cujos critérios de adoção são especialmente econômicos. (BADINTER, 1985, p.64)

Uma das formas mais corriqueiras de se livrar das crianças, apontadas por Badinter (1985), era a contratação de amas-de-leite. As mães se recusavam a amamentar dando, para isso, algumas explicações que passavam pela estética e pela moral, como por exemplo, a falta de pudor ao tirar o seio para fora ou o nojo do marido que o fazia procurar outras mulheres para satisfazer seus desejos sexuais. Além disso, essa função era uma forma de afastar as mães do convívio social, o que elas não estavam dispostas a fazer. Na França, contexto trabalhado pela autora, a primeira agência de contratação de amas data do século XIII. Essa prática, inicialmente acessível apenas às famílias aristocráticas, foi se difundindo e atingindo a todas as classes. Em alguns casos, as mulheres mais ricas recebiam a ama em casa, esquivando-se assim do cuidado do filho que, não obstante, permanecia em seu lar. Na grande parte das vezes, porém, amas desconhecidas ou apenas recomendadas recebiam recém-nascidos/as, às vezes, com horas de vida, levavam para suas casas que poderiam se situar em lugares mais próximos ou mais distantes, para lá, dispensar-lhes cuidados que variavam em sua qualidade. Era comum que as famílias não tornassem a ver as crianças por muitos anos e também que, ao receberem os/as filhos/as de volta, estes/as retornassem doentes, debilitados/as ou desnutridos/as, tamanha a precariedade dos cuidados que recebiam nas casas das amas. Não raro, as crianças se perdiam, eram trocadas ou morriam, gerando um alto índice de mortalidade infantil. Para amamentar o/a filho/a alheio/a, as amas costumavam entregar seus/suas próprios/as filhos/as aos cuidados de outras amas que cobravam mais barato. Quanto menos se pagava a uma ama, maior era a possibilidade de negligência e desconhecimentos com relação ao tratamento recebido pela criança. As mães que entregavam seus/suas filhos/as continuavam sua vida rotineira, de acordo com suas condições sociais. Algumas entregavam-se às festas e aos protocolos que a vida aristocrática exigia, outras se entregavam ao trabalho para a manutenção da própria vida, outras, ainda, se dedicavam aos maridos. Famílias muito pobres, na impossibilidade do pagamento a uma ama, optavam por manter as crianças em casa ou as abandonavam em orfanatos. O retorno das crianças aos lares, normalmente aos quatro ou cinco anos, era marcado por outro tipo de afastamento, pois não retornavam para os braços maternos ou paternos. Crianças de famílias ricas ficavam, até os sete anos, com governantas. Após essa idade, os meninos eram entregues aos preceptores ou encaminhados aos internatos, quando estes passaram a existir, com a justificativa de que precisavam estudar. As meninas eram encaminhadas aos conventos onde ficavam à espera de casamento. A morte de um/a filho/a não acarretava muito sofrimento sendo, muitas vezes,

tratada com indiferença, principalmente no caso das meninas, tidas como um estorvo maior que os meninos. Todas essas situações induzem a pensar que a criança não era a preocupação primeira da família e mantinha com esta um contato muito raro e superficial. Outros interesses como a vida social, a própria sobrevivência, a extrema valorização do homem que exigia a prioridade da esposa, a necessidade de trabalhar, relegavam a criança a um segundo plano.

De qualquer forma, a maternidade estava ligada a leis biológicas, à necessidade de manutenção da espécie humana. No entanto, muito mais que querer cuidar das crianças, eram outros interesses que propiciavam às mães maior prazer sendo estes o objeto de suas escolhas. Então, exercer a maternidade, não estava nos planos femininos.

Do instinto ao amor materno

Sem mãe não há filho. Entre eles os deveres são recíprocos e, se forem mal cumpridos por um lado, serão negligenciados por outro. O filho deve amar a mãe antes de saber que esse é o seu dever. Se a voz do instinto não for fortalecida pelo hábito, ela logo desaparece, e o coração nasce morto. Desde o início, teremos nos desviado do caminho da natureza.

(ROUSSEAU, 2004, p. 12 – tradução minha)

Somente na segunda metade do século XVIII, mais especificamente após a publicação de *Émile*, por Jean-Jacques Rousseau⁵⁸, é dado o impulso que institui a família moderna, fundada no amor materno (BADINTER, 1985, p.54). “O filósofo acredita que o núcleo familiar em que o pai é o provedor e a mãe responsável pelos cuidados dos filhos é o modelo no qual a criança se desenvolverá dentro de um contexto de amor” (GUARISO, 2013, p.40). Assim, conclama a mãe aos cuidados com o bebê, a começar por não lhe negar o seu leite, negação à qual dispensa muitas críticas. O convívio familiar seria o caminho para a melhor formação da criança prevenindo-lhe os maus costumes. Em *Émilie*, Rousseau constrói argumentos que buscam um movimento de “retorno à natureza” e propõe mudanças ao comportamento das mulheres com relação à maternidade. Suas ideias serão muito bem aceitas pelas francesas. Como efeito desse pensamento rousseauiano e sua aceitação por parte das mulheres,

⁵⁸ Jean Jacques Rousseau (1712-1778), filósofo iluminista com grande influência sobre a Revolução Francesa (1789), publica *Émile* em 1762.

sentimentos de satisfação e ‘poder’ foram atribuídos ao ‘instinto materno’ que orientaria a mulher naturalmente em sua busca pela felicidade, a qual incluía alimentar, cuidar e educar seu filho. Desse modo, uma relação maior com a criança se faz presente. Maior contato íntimo e maior carinho para com a criança vão conferir à mulher não mais uma opção pela maternidade, mas uma condição maternal antes inexistente. Esse *status* vai afetar intimamente o modo como a mãe se identificará a partir de então: **o amor materno passa a ser considerado legítimo e pertencente à natureza feminina.** (GUARISO, 2013, p.41 – destaque meu)

Mas, o que vem a ser esse amor materno? A própria epígrafe de Rousseau nos faz suspeitar de sua natureza já que “se a voz do instinto não for fortalecida pelo hábito, ela logo desaparece, e o coração nasce morto”. Elisabeth Badinter (1985) pensa o amor materno como uma construção, um sentimento como outro qualquer do ser humano. Nesse sentido, pode ou não acontecer, é contingente, possui suas fragilidades. Para a autora, “o amor materno existe desde a origem dos tempos, mas não [...] necessariamente em todas as mulheres” (BADINTER, 1985, p.17) e nem da mesma forma entre as que o sentem. Diz ainda que os conceitos de instinto e de natureza, ao se considerar o ser humano, perderam o prestígio entre alguns estudiosos que se ocupam do estudo dos comportamentos. Isso leva à queda da noção de instinto materno. Porém,

mesmo reconhecendo que as atitudes maternas não pertencem ao domínio do instinto, continua-se a pensar que o amor da mãe pelo filho é tão forte e quase geral que provavelmente deve alguma coisinha à natureza. Mudou-se o vocabulário, mas conservaram-se as ilusões. (BADINTER, 2006, p.21)

Por tudo isso, embora ainda se encontre uma forte tendência nesse sentido, atribuir o amor materno à natureza feminina é uma produção histórica, uma invenção da modernidade. Nesse aspecto, o amor materno pode ser entendido como um mito.

Plagiando Fernando Pessoa, o mito é um nada, mas é tudo, aquilo que por não ser vai existindo, dando explicações, convencendo... vai vindo, entrando na realidade, dando sentido, criando... nos criando, criando mundo. Um mito bem inventado ajuda a compor as verdades sobre nós, verdades, muitas vezes, assumidas como naturais. É preciso ficarmos atentas/os

*O mito é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mito brilhante e mudo -
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.*

*Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos criou.*

*Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade,
E a fecundá-la decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.*

Fernando Pessoa
<http://www.tabacaria.com.pt/mensagem/Brazao/ulisses.htm>

aos mitos, pois estes carregam crenças e valores que se pretendem (e quem pretende???) consolidar em uma sociedade. Daí, esses valores se tornam “por vezes tão imperiosos que têm um peso incalculável sobre os nossos desejos” (BADINTER, 1985, p.16). Se valorizado pela sociedade, o amor materno passa a entrar na lista dos desejos femininos. E a não realização desse desejo – por não conseguir ou não querer ser mãe, por não conseguir amar o/a filho/a ou dar-lhe uma direção satisfatória na vida – pode ser o mote de muitas frustrações. Assumindo o mito, assumimos junto as responsabilidades por ele incitadas. Mito e responsabilidades que nos constituem como mulheres e mães e que partiram das concepções masculinas que buscavam controlar nossos corpos e nossos comportamentos. “É tema recorrente verificarmos que as prescrições sobre cuidados maternos começaram a ser definidas por homens” (FIDALGO, 2003, p.103).

Convidando Foucault para pensar conosco sobre essas questões, veremos sua preocupação com os séculos em que estamos situando a criação desse mito (final do XVIII e o decorrer do XIX). Ocupava-se em estudar as relações de poder e a formação de saberes que giravam em torno principalmente das ciências humanas e biológicas, que incluíam os saberes médicos. Nesses âmbitos percebia as normatizações produzidas.

O poder, para Foucault, na sua forma moderna, se exerce cada vez mais em um domínio que não é o da lei, e sim o da norma e, por outro lado, não simplesmente reprime uma individualidade ou uma natureza já dada, mas, positivamente, a constitui, a forma (CASTRO, 2009, p.309)

Na lei estão as permissões, as proibições e as penas. Na norma estão a definição das condutas, as medidas, as comparações, a definição de fronteiras e, por isso mesmo, na norma se dá o normal e aquilo que pode marcar a sua diferença, o anormal (CASTRO, 2009, p. 310). Podemos considerar, então, que o mito está inscrito no campo da norma, assim, normatiza as nossas condutas, criando, dessa forma, o normal e o anormal. A mãe normal preocupa-se com a criança, cuida dela, é atenta aos seus estudos e ao seu bem estar físico e emocional, ocupa-se com a construção de sua moralidade, protege. Agindo assim, diz o mito, é bem provável que entregue à sociedade um adulto sadio, um “bom” cidadão. Nas falhas, nos deslizos, nos impedimentos, ou seja, em qualquer situação que contradiga o seu conteúdo o próprio mito possibilita que se localizem as diferenças e que se façam as cobranças, os julgamentos, que se definam as anormalidades e as patologias. Pensando por esse viés,

ao mesmo tempo em que se [exaltam] a grandeza e a nobreza dessas tarefas [maternas], [condenam-se] todas [as mães] que não [sabem] ou não [podem] realizá-las à perfeição. Da responsabilidade à culpa, foi apenas um passo, rapidamente dado ao aparecimento da menor dificuldade infantil. É à mãe, doravante, que se adquire o hábito de se pedir contas... (BADINTER, 2006, p.238)

Os verbos colocados entre colchetes nessa citação se encontram, no texto de Badinter, no tempo passado. Ousei trazê-los para o presente por pensar que essa ideia ainda é bastante pertinente para nossa época, já que é muito comum entre nós, mulheres mães, a pergunta: “*Onde foi que eu errei?*”. Esta é uma pergunta constantemente feita por Januária, que procura erros nela para justificar aquilo que entende ser descaminhos dos filhos e filhas. Seus “erros” são a traição do mito. Também por trair o mito não dedicando tanto tempo aos cuidados com a filha, veremos Vânia dizer: “*não me sinto mãe*”. Traindo o mito, a norma da “boa mãe”, somos, então, todas, anormais e, assim, por muitas vezes, culpadas. Conduzindo-nos a contento, caminhamos para a felicidade. Esta é a ideia do mito.

Mas será que podemos considerar o mito do amor materno como algo acabado? Ou será que ele ainda vem se construindo? Que exigências mais esse mito pode nos trazer?

Como podemos pensar o presente?

“A sociedade é sempre o pano de fundo para o exercício da maternidade e terá em seu entorno os valores e costumes da cultura na qual está inserida” (GUARISO, 2013, p. 37). Na sociedade ocidental moderna, a partir do pensamento de Rousseau, houve uma mudança no foco da família e na posição da mulher em seu interior. Agora, no lugar do pai, é a criança que constitui o centro da família. Quando o foco estava no homem/marido/pai, a mulher ocupava um lugar secundário no núcleo familiar. Com o foco deslocado para a criança, seu bem estar, sua saúde e educação, a mãe ganha destaque (BADINTER, 1985, p.26; FIDALGO, 2003, p.102) e, a partir daí, será alvo de muitos e insistentes processos educativos para se tornar uma “boa mãe”. Podemos então considerar o pensamento desse filósofo moderno como um acontecimento no sentido dado por Foucault (2008), pois foi um pensamento que rompeu com antigos discursos e representações e instaurou uma nova ordem discursiva modificando práticas, conduções no cuidado das crianças, criando, assim, novos sentidos para a família, para a infância e para a maternidade na sociedade ocidental.

No Brasil, também se observa, de forma mais pontual, um investimento específico e especializado na educação feminina a partir do século XIX. A nova concepção de maternagem ligava-se a um programa pedagógico que abrangia a educação dos corpos e a educação moral das mulheres, em

especial das mulheres mães. Tal posição pode ser assim resumida: somente uma mulher saudável, instruída e bem treinada poderia exercer o papel de boa mãe [...]. (SCHWENGBER, 2006, p.22)

Os estudos de Maria Simone Vione Schwengber (2006) nos apontam que o Estado brasileiro, visando a uma reorganização da sociedade, investiu em programas educativos que produzissem mães saudáveis para gerar corpos saudáveis. O discurso médico adquire grande importância por ter a competência de ensinar às mulheres os cuidados com seu próprio corpo e com o corpo de seus filhos e filhas, mesmo quando estes/as ainda se encontram em seu ventre. Começa um processo de politização da maternidade, visto que às mães caberá a tarefa de ser a mediadora entre os/as filhos/as e o Estado. À mulher cabe “quase todos os deveres e obrigações na criação dos/as filhos/as, delimitando sua função social à vivência da maternidade” (SCHWENGBER, 2006, p.31), uma realização difícil principalmente para as mulheres pobres que precisam trabalhar fora de casa para sustentá-la. Essa dificuldade aparece bastante em minha pesquisa, tendo em vista que as quatro mulheres com as quais tenho conversado trabalham e não podem se dedicar o tempo todo aos cuidados dos/as filhos/as. Recorro ao meu diário de campo para pensarmos um pouco:

Vê-se que elas entendem que há uma forma de se educar mulher e outra forma de educar homem, mas isso eu tenho que explorar melhor. Vê-se também que elas têm em mente um papel definido para homem e outro para mulher. Fiz uma observação: “Vocês falam de criar os filhos, educar, ensinar, mas o tempo todo vocês só falam de vocês fazendo isso. Cadê os homens?”. Imediatamente Ana responde: “O homem é provedor. É o provedor do dinheiro!”. Januária diz: “Por isso que meus filhos falam que eu sou mãe e pai deles, mãe e pai ao mesmo tempo, porque eu cuido deles em casa e saio pra trabalhar pra sustentar eles! Sempre foi assim, desse jeito.”. Jane diz: “Eu até já conversei com eles. Já perguntei: o que vocês preferem: eu sentada aqui com vocês vivendo de brisa, ou eu deixando vocês aqui e indo trabalhar pra trazer comida e roupa?”.

Por essas falas, podemos perceber que mesmo entendendo que há papéis distintos entre homens e mulheres, pois *o homem é provedor* enquanto caberia à mulher o cuidado – e essa ideia é bastante recorrente entre a população daquela periferia, inclusive entre os/as adolescentes, como já havia notado em minha pesquisa de Mestrado – as mulheres acabam acumulando as duas responsabilidades, configurando aquilo que as “análises feministas contemporâneas designam como ‘dupla jornada de trabalho’” (SCHWENGBER, 2006, p.31). Januária vem dizendo, nas várias conversas da pesquisa, que sempre cuidou de

seus filhos e filhas com muito pouca ou nenhuma ajuda dos companheiros que teve. Jane está separada do pai de suas crianças, vive com outro companheiro, mas tem que sustentar os filhos e a filha. Ambas, sustentam e cuidam e ainda lidam com as dificuldades de não ter com quem deixá-los/as. Na voz de Januária:

- *Eu não tinha com quem deixar as crianças, aí eu tinha que trancar todo mundo em casa. Eu trancava mesmo! Deixava a comida pronta, só pra esquentar. Os mais velhos tinham que cuidar dos mais novos, até eu voltar do serviço. Aí eu ajeitava tudo pro dia seguinte. E eles foram aprendendo a se virar, mas daquele jeito, né?.*

A discursividade moderna em torno da maternidade coloca, de certa forma, a ordem social nas mãos das mulheres mães que devem cuidar dos/as filhos/as educando-os/as para a atuação e vivência em sociedade. Da boa saúde e qualidade moral do indivíduo dependem o vigor e a qualidade moral da sociedade. Ambos os aspectos são conquistados a partir dos cuidados dispensados principalmente pela mulher mãe. Segundo podemos observar em estudos de Dagmar E. Meyer (2004; 2005) a responsabilidade materna vem crescendo na medida em que novas políticas públicas para a infância vão sendo implantadas. Essas políticas, quando centradas no atendimento a crianças pobres em programas como, por exemplo, o atual Bolsa Família, fazem com que as camadas populares acumulem uma grande carga de responsabilidade social na figura das mães.

Todas essas questões em torno da imagem materna estão presentes na contemporaneidade e ampliam o mito do amor materno dando a ele novas faces, fazendo permanecer uma forte conotação de natureza feminina e provocando o esquecimento de que “o amor materno é apenas um sentimento humano. E como todo sentimento, é incerto, frágil e imperfeito” (BADINTER, 1985, p.22).

Múltiplas mães na periferia

Em uma das orientações antes da segunda qualificação da pesquisa, meu orientador, Anderson, se incomoda. “*Por que mulheres mães?*”. As questões que ele levantou eram, mais ou menos, as seguintes: Por que a identidade materna é forte para pensarmos a pesquisa? Ser mãe está dentro dos processos de subjetivação dessas mulheres? Falar mãe inclui mulheres, mas falar mulheres não inclui mães. Será que o processo de cuidar, naquela periferia, é da mulher ou é do local? Lá, parece que todas cuidam de todos/as. Ser mulher naquele lugar tem uma implicação com o ser mãe? Precisamos problematizar isso!

Pensando a vida das mulheres no bairro, observo que desde bem cedo existe a incitação ao cuidado, que, como já vimos, é uma característica muito atribuída à maternidade.

Nas atividades do Centro, é cena comum meninas de 4 ou 5 anos conduzirem crianças menores se “responsabilizando” por elas. Na medida em que crescem, os cuidados vão aumentando. Preocupam-se com o lanche, lavam as mãozinhas, assumem a defesa no caso de alguma provocação, esperam-nas no momento de retornar para casa... Muitas fazem voluntariamente, outras sob a ordem de algum/a adulto/a. Há pouco tempo, solicitei a uma menina de uns 12 anos que servisse água para uma das crianças menores. Ela reclamou dizendo: *Ai, Rosinha, já cuido de criança o dia inteiro e vou ter que cuidar aqui também?*. Ela toma conta do irmão para que a mãe trabalhe. Mesmo quando não têm irmãos ou irmãs menores, as meninas assumem os cuidados de vizinhos/as ou primos/as. É ainda comum que sejam empregadas como babás. Todos esses casos podem contribuir para que se ative o desejo da maternidade, mesmo acontecendo de também haver alguma rejeição, pois nem todas querem repetir os cuidados com filhas/os próprios, simplesmente por não gostarem. Nem por isso, no entanto, deixam de fazer suas experiências, subjetivando-se através delas. Vânia relata que *“A mãe põe pra tomar conta dos filhos dos outros e aí a gente quer ter o da gente.”*. Por sua vez, Ana diz: *“Não sei. Assim... eu sempre quis, tive vontade de ser mãe do meu filho! Que aí, depois, eu fui trabalhar de babá né... cuida de um filho dali, de um filho daqui, de um filho dali, de um filho do outro... eu sempre quis ter o meu filho!”*. A ênfase em “meu” é posta por Ana. É ainda ela quem traz a fala de que *“Aí, mãe, negra, na periferia... é 15 anos, né? Raramente cê vê uma menina de 20 anos que nunca teve filho. É raro, muito raro!”*⁵⁹. Mesmo aquelas que, de início, rejeitam a maternidade, acabam cedendo no final. Desconheço mulheres que não tenham essa experiência a partir de certa idade. Ainda há as que, mesmo antes de terem seus filhos e filhas, são madrinhas. A função da madrinha é também uma maternagem que elas levam muito a sério. Fora isso, não posso deixar de considerar que o cuidado com outros familiares assemelha-se a um tipo de cuidado materno. Januária diz algumas vezes: *“Hoje eu sou mãe do meu pai!”*. É por isso que talvez seja difícil se ater às mulheres naquela periferia, apartando-as da condição de mãe. No caso específico da pesquisa, o convite às mulheres foi feito em uma reunião no Centro que, embora seja aberta também ao público masculino, é frequentada somente por mães das crianças e adolescentes

⁵⁹ Nesse aspecto, a periferia acaba andando na contramão daquilo que se entende como tendência na sociedade atual. “Nos últimos 30 anos, a criança é programada cada vez mais tardiamente, A idade média do primeiro filho gira em torno dos 30 anos, depois dos estudos, adquirida a formação, encontrado um trabalho e um companheiro estável” (BADINTER, 2011, p. 147). No mesmo livro Elisabeth Badinter vai dizer que “a desigualdade social que se soma à dos gêneros pesa fortemente sobre o desejo de filhos” (p.27), já que outras oportunidades se abrem para aquelas que conseguem maior acesso à educação formal, diplomando-se e cultivando outros sonhos, além da maternidade.

que participam de outras atividades na Casa. Por tudo isso, sinto que pensar as maternidades que se dão ali seja bastante pertinente, mesmo não excluindo outros espaços de subjetivação que possam constituí-las.

Anteriormente às reflexões históricas das quais vinha tratando, falava de mães as quais tenho tido oportunidade de observar nas minhas idas e vindas pelas ruas daquele bairro. Falava dos incômodos que sentia por vê-las escapar dos discursos da boa mãe pelos quais fui/sou subjetivada e que tenho tido a oportunidade de problematizar com os estudos feitos para esta pesquisa. Mas, a essas mães, somam-se outras tantas, diferentes, também capturadas por esses discursos. Mães que se preocupam e cuidam dos filhos. Que vão se constituindo e, assim como eu, se frustrando a partir dos discursos. É nessa situação que vejo Januária, constantemente preocupada com as/os filhas/os e netas/os. Ana, Vânia e Jane, trabalhando e buscando dar às suas crianças o que há de melhor, educando-as, incentivando seus estudos, cuidando de sua saúde, dando carinho, atenção e proteção. Mães que se cobram e que se pensam, cuidando de sua produção subjetiva com vistas a não falharem naquilo que dizem que lhes cabe. Sentem suas culpas e seus medos. Tentam acertar.

Não foram muitos os encontros em que priorizamos o tema da maternidade. Não tenho o hábito, na pesquisa de fazer perguntas muito diretas, o assunto sempre flui de acordo com o que vai sendo suscitado por elas mesmas em suas conversas e problematizações. Mas o tema estava constantemente presente, mesmo em outras discussões. No encontro em que assistimos “Vida Maria”, o tema da maternidade foi bastante discutido. Infelizmente, nesse encontro, perdi a gravação das falas por um problema técnico, mas, chegando em casa, logo registrei o que pude conservar na memória com relação ao que conversamos. No encontro seguinte, li o registro para elas que se surpreenderam com os detalhes. É desse registro de campo que recortei as últimas falas pensadas, as quais completo com este pequeno fragmento deixando-os para nossas reflexões:

Observo: “Vocês são mães que se mostram preocupadas com os filhos e as filhas de vocês, estão sempre querendo que eles e elas melhorem. Mas disseram da Rita, da Regina que não são tanto assim, que deixam as crianças... Vou perguntar uma coisa: Aqui, na periferia, existem mais Januárias ou Ritas e Reginas? Existem mais Anas, Janes, Vânicas ou existem mais Ritas?” A resposta vem em coro: “Ah! Mais Ritas e Reginas!”. Jane pede desculpas à Januária por isso. “Me desculpe, Januária, mas...” e Januária responde: “Mas é isso mesmo, a gente não queria, mas é isso que é a

realidade. Eu queria que elas tivessem mais juízo, mas não sei porque isso acontece! Por que isso acontece?"

Minha observação vem da impressão deixada pela problematização da animação assistida – “Vida Maria”. Pelas respostas dadas à minha indagação, sentimos a presença de muitas mães que de alguma forma escapam dos discursos normatizadores da maternidade, como é o caso de Rita e Regina, as filhas de Januária. Mas temos as que tentam se enquadrar, se questionam quando não conseguem “bons” resultados, buscam respostas para poderem obter algum “sucesso” no exercício da maternidade, como acontece com Vânia, Januária, Ana e Jane. Então, como se dão as produções de sujeitos tão diferentes, que tanto se contrastam? Como se dão capturas e resistências? Afinal, como se subjetivam as mulheres mães naquela periferia?

É assim que termino essas considerações mais gerais com relação à construção da maternidade durante a história. A maternidade possui várias representações no decorrer dos tempos: sagrada, instintiva, passível de um amor natural em direção aos filhos e filhas, responsável pela ordem social ao gerar e criar cidadãos saudáveis e competentes para a atuação na sociedade. Penso que tudo isso ainda convive nas exigências atuais no que se refere à idealização da maternidade, mesmo que não tenha adesão de todas as mulheres e, principalmente, que toda essa carga de responsabilidades não tenha condições de ser assumida por nenhuma de nós. Haja vista a diversidade de formas de se fazer mãe. A periferia em que pesquisa é um ótimo lugar para ver essa diversidade acontecer nas singularidades que lá existem e com as quais nos esbarramos no dia-a-dia do bairro desde que tenhamos um pouco de atenção e estejamos dispostas/os a nos distanciarmos das normatizações para a maternidade para, simplesmente, vermos de outras formas.



Como vão se constituindo as subjetividades de mulheres mães na periferia?

Este foi um momento de escrita em que me propus a pensar minha questão de investigação. Assumindo as subjetividades como constituídas por discursos e representações nos quais nos inserimos, criamos nossas identidades e percebemos nossas diferenças, procurei pensar, junto com autores e autoras que pudessem me inspirar, que as mulheres com quem

pesquiso se encontram posicionadas em discursos e representações que falam da mulher, da negra, da mãe, da periferia. Constituem-se a partir deles em capturas e resistências, através de experiências singulares e produtoras de multiplicidades. São, dessa forma, múltiplas mulheres mães.

Ao longo do texto escrito, questões foram se produzindo. Pensar nessas questões constitui-se em meu objetivo daqui para frente ao problematizar mais atentamente o que tenho conseguido produzir no campo junto com as mulheres que lá encontro e junto com as leituras que tenho feito. As vozes ouvidas, as observações realizadas, as experiências vivenciadas e os pensamentos que pude produzir compõem as próximas páginas desta tese. Nelas proponho contatos e experiências das leitoras e leitores com as histórias narradas pelas mulheres e com aquilo que tenho pensado. Proponho o ouvir de nossas vozes, já cristalizadas na escrita, mas ainda potentes para provocar outros pensares. E que as respostas se façam... ou não!

Segundo movimento da pesquisa

- ✓ *Presenças*
- ✓ *"A gente cria todo dia, a gente cria vida!"*

Presenças

*Olho para ti,
Falo contigo,
Ouço-te,
Sinto teu olhar!
Em ti, quero, não quero...
Contigo, faço-me,
Inquieto-me,
Presencio-me,
E mais uma vez, desfaço-me
Para, de novo, criar-me!*

(autoria própria)

Neste momento da escrita, dedico-me a pensar a intersubjetividade. A intersubjetividade traz a presença do outro⁶⁰ em nossa própria constituição subjetiva. “O encontro do outro produz ‘uma prova transformadora de si’” (ORTEGA, 1999, p.124). Januária parece saber disso, demonstrando em recorrentes falas durante toda a pesquisa, Vânia, Ana e Jane também. Percebem que se transformam no decorrer da vida, no encontro com o outro e ajudam na transformação daqueles/as com quem se encontram: “[...] *porque aí a gente vai ficando assim, vai crescendo, vai mudando a cabeça, vai encontrando outras pessoas, outros meios de vida. A gente começa a ver outras vidas, que também não é fácil, e a gente quer que a pessoa acorda também!*” (Vânia).

Que presenças surgiram como marcantes na constituição subjetiva das mulheres que pesquisei? Muitas presenças já têm sido apontadas no decorrer do texto até aqui escrito, outras não. Mães, pais, amigas, irmãs, irmãos, patroas, patrões, filhas, filhos, padrastos, madrastas, namorados. Penso que seja interessante trazer algumas falas e situações em que essas presenças marcam suas subjetividades de formas variadas: no governo, nas relações de poder e também nas de dominação, na incitação a práticas do cuidado de si, na problematização de suas vidas... Encontros muitas vezes dolorosos, outras vezes prazerosos que provocaram movimentos e as ajudaram a ser o que são. Encontros que dão visibilidades a adesões e resistências, sujeições e invenções.

Primeiramente, pensarei em suas relações nos espaços familiares, com suas mães e madrastas, filhas e filhos, pais e padrastos, irmãs e irmãos. Esses temas serão mais

⁶⁰ Manterei a escrita “o outro” no masculino por me referir *ao outro sujeito* que constitui a relação intersubjetiva, independente de seu gênero.

discutidos nos títulos: "*As mães da gente fazem muita coisa com a gente*" e "*Meu pai? Ah...*": *Elas e os pais*. Em *Elas e Eles*, trago suas relações com os namorados, companheiros, maridos. Destacam-se, nesses momentos, as relações de gênero, a produção das mulheres – e dos homens – em meio a relações complexas que exigem força e criatividade. Momentos e lugares de muitas capturas, mas também de muitas rebeldias, resistências e rupturas com situações postas, caracterizando as relações de poder que as envolvem. A seguir, em *No trabalho*, penso em suas relações profissionais, em que aparecem com força as presenças das patroas, os atravessamentos de classe, raça e gênero nas relações produzidas fora da periferia em que residem. Em *Entre elas*, aparecem outras mulheres, amigas e solidárias que estão na figura da vizinha, da colega, da irmã, das que compartilham com elas algumas experiências em que dialogam, discutem, aconselham-se. A pesquisa, principalmente nos encontros coletivos, possibilitou o contato com essa amizade, com a convivência que se dá entre elas e que produz um interessante estilo de existir em meio a toda dinâmica daquela periferia. Nesse sentido, buscarei pensar a amizade juntando-me a Foucault em seu último projeto que “alcança um significado surpreendente: *uma genealogia da amizade como subjetivação coletiva e forma de vida*, isto, é, a criação de um espaço intermediário, capaz de fomentar tanto necessidades individuais quanto coletivas” (ORTEGA, 1999, p.24 – grifos do autor).

A fim de cumprir essas propostas, privilegiarei no texto que se segue as narrativas das mulheres que se produziram em nossos encontros coletivos e nas entrevistas individuais.

[...] as narrativas são mais que a descrição de eventos experienciados ou modelos explicativos, elas constroem realidades, de forma compartilhada. [...] os atos narrativos são performances de quem somos na experiência de contar histórias, ou seja, as performances narrativas são ações de construção da vida social, atos que funcionam para realizar (ou para levar a efeito) aquilo que articulam. Desde o interior das redes de narratividade, produzimos sentidos particulares do que tomamos como realidade. A narração desse processo é preche de significados, na medida em que o sujeito pode destacar situações, suprimir episódios, reforçar influências, negar etapas, lembrar e esquecer. (CASTRO, 2014, p.113)

Então, nas narrativas vão-se construindo suas histórias regadas por muitas experiências já vividas. Essas experiências passadas, agora recordadas pelas mulheres e das quais muitas coisas são ditas, mas também, suspeito, muitas outras são silenciadas, constituem “as narrativas nas quais reconstruem o próprio passado, avaliam as experiências vividas e dão

sentido ao presente” (RAGO, 2013, p.30). Não seria isso o que acontece quando Januária diz: “*Eu não, eu sou uma Antônia, porque eu já venci essa barreira! Eu venci! E vou vencer mais!*”? Januária se identifica com as personagens do filme “Antônia” porque, olhando o passado, suas dificuldades, suas dores, representando-as como “*barreira*” sente tê-las vencido, como as “Antônias” acabaram vencendo, no final. Hoje, Januária é uma vencedora, constitui-se como tal. E vai “*vencer mais*”, pois sabe que ainda vive em meio a dificuldades e dores e que, como já venceu até então, é capaz de continuar vencendo as *barreiras* que a vida lhe impõe. Ao dizer-se vencedora e afirmando que vai vencer mais, Januária cria para si essa realidade, experienciando-se, pois o dizer produz o real e narrar-se é também uma forma de fazer experiência de si (RAGO, 2013; LARROSA, 2002). Narrando suas histórias, seu passado e tudo o que as constituiu até então, Vânia, Januária, Ana e Jane colocam em movimento muitas forças que ainda as constituem.

Pensando assim, seguirei com as discussões.

“As mães da gente fazem muita coisa com a gente”: elas, as mães, as filhas

Na sequência do texto, trago algumas experiências vividas pelas mulheres, em tempos passados, quando, ainda crianças ou adolescentes, conviviam com suas mães. Experiências que marcaram e definiram rumos em suas vidas. Penso nas capturas e resistências a partir dessas experiências em que discursos e representações concorriam para subjetivá-las. Trago a relação com suas filhas, os conflitos que vivem agora, no lugar daquela que educa e ensina, pensando, também, em como tentam traçar rumos que possam fazer alguma diferença com relação à educação que tiveram de suas mães.

Já vimos que Ana e Vânia são irmãs. Ana tem 34 anos, Vânia, 30. Filhas da mesma mãe e de pais diferentes, tiveram uma infância cheia de limitações materiais, ausência de afetos paternos e maternos. Em suas falas dizem ter passado fome, sofrido violência doméstica, inclusive violências sexuais. Precisavam cuidar da casa, dos irmãos e irmãs, sete no total⁶¹. Precisavam cuidar de si mesmas. Não tinham tempo para a escola. Circunstâncias difíceis, que não trazem boas recordações, principalmente da época em que eram crianças, embora sintam que tenham vencido.

- **Ana:** “[...] *Mas por tudo que a gente passou na infância, eu... não só eu, como minhas irmãs também, assim... até a Vânia por ser a maior, assim, de menina é logo depois de mim, foi*

⁶¹ Eram 9, mas 2 faleceram.

muito ruim e tal, mas nem por isso a gente fraquejou! Tamo aí, né? Seguindo em frente, lutando cada dia mais, mas lembrar da infância incomoda! Pergunta a Vânia, Vânia, lembrar da sua infância, lembrar da sua vida... não te incomoda? Incomoda!”

- **Vânia:** “Ah! Incomoda...”

Ana se incomoda em lembrar da infância e busca em Vânia uma companhia para compartilhar esse incômodo. Sinaliza para uma infância “*muito ruim*” que ambas vivenciaram juntas. Por quais sofrimentos passaram? Que dores experimentaram?

Na fala de Ana, encontramos o ressentimento, o incômodo da lembrança. Pierre Ansart (2004), em debate com Nietzsche, Max Scheler e Robert K. Merton, discute a memória dos ressentimentos e nos diz que “a tentação do esquecimento dos ressentimentos [...] é uma estratégia de apaziguamento” e “uma medida de proteção” (p.31). Talvez Ana, não gostando de se lembrar, busca proteger-se de forças que se mobilizem fazendo-a sofrer novamente. Por outro lado, Ana reconhece e diz: “*a gente não fraquejou*”. Ao dizer “*a gente*”, inclui Vânia – e talvez outras irmãs e irmãos – em seu dizer, o que nos anima a concordar que “os ressentimentos, os sentimentos compartilhados de hostilidade são um fator eminente de cumplicidade e solidariedade no interior de um grupo, e suas expressões, as manifestações (as ‘explosões de sentimento, como diz Nietzsche) podem ser gratificantes”. Isso significa que, os sofrimentos pelos quais passaram, podem ter servido como agentes de fortalecimento das irmãs e irmãos para que não se entregassem ou fraquejassem diante dessas dores. Entre o grupo, se apoiaram e buscaram saídas, criando formas de existir no interior das adversidades. Afinal, “*Tamo aí, né? Seguindo em frente, lutando cada dia mais [...]*”.

Essas circunstâncias fizeram com que Ana fosse, pouco a pouco, assumindo, em relação a suas irmãs e irmãos aquilo que construiu como sendo papel de mãe. Tomava conta, cuidava, aconselhava, atendia às suas diversas necessidades. Ao perguntar a ela por que se sentia mãe de seus irmãos e irmãs, Ana responde: “*Ah! Minha mãe era mui... minha mãe era assim... minha mãe... subjugava a infância, né?*”. Então, Ana assume um tipo de maternidade por entender que a maternidade que existia, não atendia satisfatoriamente. Assim, sua mãe torna-se responsável por essa forma de vida que Ana assume.

- “[...] eu comecei a trabalhar com 14 anos, eu tava na 7ª série, minha mãe ficou doente, eu tive que trabalhar. 7 filhos. Minha mãe tinha 7 filhos, eu tinha que dar conta dos 7 filhos dela, que eu não podia deixar passar fome. Aí eu tomava conta de criança de dia, dos outros, a troco de comida pra dar pra eles, e de madrugada eu saía de casa 4 horas da manhã pra catar lixo no caminhão de lixo, dentro do caminhão...” (Ana)

Vê-se como a presença do outro atua na condução dos caminhos de Ana. Ela sentiu que precisava trabalhar e optou por não ver a fome se instalar na vida da família. Sua mãe, mas também suas irmãs e irmãos a conduzem em suas escolhas. Uma dessas escolhas diz respeito a um namorado que teve e a ajudava a “*dar conta*” de sua casa.

- *“Me ajudava, financeiramente! Levava as meninas pra passear e tudo. Na verdade eu vou te falar o que que acontecia. Assim, na verdade, eu, hoje, vendo, né? Que hoje eu vejo, que, pra mim, eu me prostituía. Porque que... que acontece? Era um favor pra lá e um favor pra cá! Você entendeu? [...] dessa época eu nem gosto muito de lembrar, mas eu lembro dessa época, eu falo ‘não, nessa época eu me prostituía’. Porque eu tinha minhas irmãs, tinha meus irmãos.”* (Ana)

A sensação de estar se prostituindo – “*Porque eu tinha minhas irmãs, tinha meus irmãos*” – não é agradável para Ana. Ao pensar no passado, ao incomodar-se com ele sentindo que se prostituía, Ana se julga, assumindo, para se ver, se olhar, critérios axiológicos que, sendo impostos ou construídos, absolutos ou relativos, “estabelece[m] o verdadeiro e o falso do eu, o bom e o mal, o belo e o feio. Assim, sob um olhar criterial, que transporta todo um conjunto de oposições, o visível pode ficar avaliado, distinguido por seu valor, marcado positiva ou negativamente” (LARROSA, 2002, p.74). Que critérios a sociedade constrói para a prostituição? Se o sujeito ao “julgar-se supõe que se dispõe de um código de leis em função das quais se julga” (LARROSA, 2002, p.74) quais seriam as “leis” que categorizam o ser prostituta?

Portadora de uma sexualidade insubmissa, a prostituta é vista como imoral, perigosa, figura fantasmagórica, criminosa e transmissora de doenças. Estereótipos produzidos por discursos moralistas, jurídicos, criminais e médicos. Quando muito, é vista de uma forma romantizada como vítima de uma situação econômica/financeira que impõe à mulher uma situação de sacrifício⁶² (RAGO, 2008). De qualquer forma,

[...] o conceito [de prostituição] é saturado de conotações extremamente moralistas e associado às imagens de sujeira, do esgoto, da podridão, em suma, daquilo que constitui uma dimensão rejeitável na sociedade. Condenando e estigmatizando a prostituição, quer-se eliminá-la como a uma parte cancerosa. Vale lembrar a constância com que a metáfora orgânica do ‘cancro social’ é utilizada para designar o comércio amoroso. (RAGO, 2008, p. 26)

⁶² Margareth Rago (2008, p. 24) lembra, em seu texto, da forte conotação religiosa sobre o termo “sacrifício”.

Como Ana se constituiu e ainda se constitui ao julgar-se dentro dessas possibilidades de olhar? Indesejável? Pecadora? Suja? Feia? Má? Sua fala mostra o incômodo, suas expressões faciais também o mostravam.

Continuando a pensar, interessante é observar o quanto Ana e Vânia naturalizam a ausência paterna, acabando por concentrar na mãe toda a responsabilidade com os/as filho/as, inclusive pelos caminhos que acabaram tomando e até mesmo pelo que hoje são. Parecem atreladas a concepções ainda muito presentes na sociedade contemporânea, herdadas do patriarcado em que “muito se espera do desempenho das mães [...] que deverão ser infatigáveis e estar radiantes a cuidar dos[/as] filhos[/as] no governo de lares perfeitos” (FIDALGO, 2003, p.84). Nas suas falas, nenhuma responsabilidade é atribuída aos pais. Quase nem falam neles. Vânia chega até a dizer que o admirava, mesmo sendo ele um morador de rua, vivendo entre cachorros, logo que saiu da casa de sua mãe. Ana diz ter conhecido o pai aos 18 anos e, por isso, não pode dizer nada sobre ele. Já vimos neste texto que entre essas mulheres circula uma ideia de homem que deve ser problematizada. Retomo o momento em que isso foi dito em nossas conversas. Quando comentei: “*Vocês falam de criar os filhos, educar, ensinar, mas o tempo todo vocês só falam de vocês fazendo isso. Cadê os homens?*”, a resposta imediata foi: “*O homem é provedor. É o provedor do dinheiro!*” (Ana).

Benedito Medrado (1998) afirma que

Na cultura ocidental contemporânea, as atribuições de papéis parentais apresentam uma clara distinção: ao pai cabe a responsabilidade pelo provento material e moral da família, à mãe a condição de provedora afetiva e ‘naturalmente’ cuidadora da prole. À mãe, o coração. Ao pai, o bolso⁶³ (p.152)

O homem como provedor é uma representação produzida por discursos que circulam e vêm constituindo o masculino em nossa sociedade desde tempos bem distantes. Reporta ao texto bíblico, tão usado nas igrejas que se espalham pelo bairro e tentam moldar as relações entre marido e mulher há vários séculos. Vale, aqui, lembrar o quanto Rousseau (2004) valorizava essa posição masculina em seu “Emílio”. Tal representação já esteve, inclusive, registrada em instrumentos legais produzidos com o intuito de organizar a vida social das pessoas. Iáris Ramalho Cortês, num texto em que pensa a mulher na legislação brasileira nos aponta que no Código Civil de 1916, o homem aparecia como “chefe da

⁶³ Com referência à frase de uma trova infantil que intitula sua sessão de escrita: “Levo papai no bolso e mamãe no coração”.(MEDRADO, 1998, p.152).

sociedade conjugal’, o representante da família, o administrador dos bens comuns e dos particulares da mulher e o único com direito de fixar e mudar o domicílio da família” (CORTÊS, 2012, p.265). Nesse mesmo instrumento legal, a autora nos diz que “a mulher, ao assumir o sobrenome do marido, assume a condição de sua companheira, consorte e *auxiliar nos encargos da família*” (CORTÊS, 2012, p.265 – destaque meu). Além disso, as mulheres casadas eram consideradas “relativamente incapazes”, necessitando, por isso, de autorização em forma de “instrumento público ou particular previamente autenticado” para o caso de pretenderem exercer qualquer profissão. Nesse contexto, “o homem tem a obrigação de prover a manutenção da família, salvo se o regime for de separação de bens – aí a mulher também é obrigada a contribuir para as despesas do casal” (CORTÊS, 2012, p.265).

Como vemos, a condição de provedor não se dá com exclusividade. A ela, outras condições são associadas e colaboram na produção do masculino como o lugar do governo. Lembro-me de um ditado antigo que já ouvi muito: “Quem dá o pão, dá a educação”. Em outras palavras, quem provê o lar, dita as regras, diz como quer que as coisas funcionem, o que quer que aconteça, como quer que as pessoas ajam e sejam. A representação do homem provedor ainda se faz presente e muito forte na periferia que abriga minha pesquisa, o que implica em uma grande contradição, pois, pelo que observo, de forma quase que generalizada, as mulheres são quem assumem essa função e são cobradas por exercê-la. Em contrapartida, isso não parece estar no horizonte das preocupações dos homens que se isentam e são isentados de responsabilidades nesse sentido. Podemos sentir isso nas falas de Vânia e Ana, que mesmo assumindo, de certa forma, essa representação do homem como provedor da família, acabam vendo na mãe a obrigação de sustentá-las quando crianças.

- *“Minha mãe sempre foi muito desligada, muito longe, assim... Não lembro muito da minha mãe muito próxima. Minha mãe tinha essa coisa assim, **a obrigação dela ela sempre fez! Trabalhar e trazer o dinheiro pra dentro de casa**”* (Ana);
- *“[...]mas quando a gente é pequeno a gente sofre muita coisa [...] Pede: ‘**Quero uma bala!**’ – ‘**Tem dinheiro não!**’, Mas daqui a pouco **ela** [a mãe] tá bebendo cerveja no bar...”* (Vânia)
- *“Não gosto da minha infância. Não tem... não tem uma parte que cê fala assim: ‘Ana, cê lembra uma coisa da sua infância que te fez bem’. Não lembro! Essa é a verdade! A gente passava muita fome... assim... **fome que eu falo, fome! Fome mesmo! De comer resto do prato dos outros...** [...] Tinha alimentação boa na creche. Ia pra creche, pra escola e comia. O que sobrava, eles colocavam num saquinho de arroz e a gente trazia. Trazia e, de noite, pra mim esquentar pros meus irmãos. **Minha mãe, como sempre... O dinheiro dela era pra gastar... na rua! Baile... festa...**”* (Ana)

Como, então, lidar com essa contradição? Como podem manter essa ideia de homem como provedor e, ao mesmo tempo, dirigir à mãe todas as cobranças? Como ainda não desconstruíram uma representação que não viram se realizar? Será que não conseguem colocar o homem em outro lugar, vê-lo de outra forma? Como se constituem nessa rede?

Às necessidades materiais, seguiam-se as necessidades do apoio emocional e afetivo. Ana ficou grávida aos 15 anos, mas teve problemas com a gravidez e com outras três que se seguiram. Teve, assim, quatro abortos espontâneos. Ela nos conta: “*Aí eu tinha como aquela coisa de ser mãe, entendeu? Eu falava: ‘Não, não é possível’ e a minha mãe falava, tá?: ‘O bicho é tão ruim que é seca!’ Minha mãe... ‘Oh! Ana, você é tão ruim, você é seca, você não faz filho!’*”. Nessa fala de D. Olívia, a presença de um discurso: a mulher que não faz filho é ruim. Um discurso antigo, milenar, responsável pelo sofrimento de tantas mulheres é repetido na atualidade, reiterado e assumido por uma mulher subjetivada em seu interior e que, naquele momento, constituía Ana em uma mulher ruim. Não obstante, em sua quinta gravidez, da qual nasceu sua filha Vivian, Ana nos conta que levou uma surra da mãe. Isso nos possibilita pensar nos paradoxos que envolvem essa subjetivação, tendo em vista que, seguindo esse mesmo discurso, aquele seria o caminho para a coroação da feminilidade de Ana, a saída de sua “ruindade” enquanto mulher, afinal, Ana estava grávida. Um caminho, porém, naquele momento, ameaçado por uma surra que poderia ter provocado novo aborto.

- “*Batia na gente no meio da rua. Eu, grávida da Vivian, com 21 anos [...] o Fernando saiu e me deixou em casa sozinha, me deixou lá na minha mãe. Achei aquilo um absurdo, um absurdo! Eu desci pra rua e fiquei rindo lá com as meninas, conversando numa altura danada. Minha mãe me desceu lá embaixo de pau e virou: ‘Cê é uma piranha, uma vagabunda, você vai subir agora que não sei o que e não sei o que.’ E me bateu.*” (Ana)

Cabe aqui pensarmos em mais uma representação trazida por D. Olívia. Ana, uma mulher grávida, na rua, rindo, falando alto. Ali seria o seu lugar? Aqueles seriam comportamentos dignos de sua condição de grávida, comprometida com um companheiro? A rua não é o lugar das “mulheres públicas”, [outrora] sinônimo de ‘mulheres alegres’ ou de ‘mulheres da vida’, e de todas essas expressões, apenas sussurradas, [que] longe de remeter às imagens positivas que insinuam, nomeavam as prostitutas [...]” (RAGO, 2009, p.31)? Ana, comprometida com Fernando, grávida, ria na rua, mostrando sua alegria. Cabia à Ana, nesse contexto, a classificação como “*piranha*” e “*vagabunda*”. Merecia, então, apanhar.

Como Ana, Vânia também não tem boas recordações da época de sua gravidez, aos 16 anos. Tinha muito medo de contar para a mãe, de ser expulsa de casa... Não contava com o acolhimento e o apoio materno. Com esses medos, Vânia rejeita a gravidez.

- *“A rejeição da gravidez foi a primeira coisa, porque eu não queria. Eu achava um absurdo eu ficar grávida. Eu ficava: ‘Não é possível!, mas eu me cuidava, não queria ficar grávida’. [...] Eu ficava: ‘Por que eu? Minha mãe ia me por pra fora de casa.’ [...] Ai minha mãe falava ‘Ele vai te largar, você vai ver. Quando você estiver com certo tempo ele vai te largar com filho, com tudo, com não sei o que, não trabalha, ele vai te largar!’”* (Vânia)

D. Olívia não poderia estar dizendo daquilo que habitualmente via e vivia? Não poderia estar também com medo, por já ter passado por esses abandonos? Quantos filhos e filhas de D. Olívia foram deixados com ela pelos seus namorados? Que pai se manteve com ela? Nenhum. Haveria, por parte dessa mãe, algum medo que se repetisse em Vânia a sua própria história?

Depois do nascimento de sua filha Malu, Vânia também não sentiu o apoio materno. Como exemplo dado por Vânia para essa falta de apoio, temos a resposta de sua mãe quando lhe pede um pacote de fraldas: *“Você fez? Gostou? Agora cuida! Se não tem dinheiro pra comprar fralda, usa de pano. Tá vendo esta camisa? Corta faz a fralda e depois lava pra usar de novo, aprende a lavar!”*. Da mesma forma, quando quis comprar uma casa num condomínio popular, diz não ter contado com o incentivo da mãe, que dizia: *“Você não vai conseguir comprar lá! Lá não é lugar pra você!”*. Pensando em tudo isso, analiso que as subjetividades de Ana e Vânia se davam em clima de medo, insegurança e dor. Em suas experiências com a mãe, foram marcadas por uma subjetividade – a materna – que também possuía suas marcas. Que marcas seriam essas que estariam em D. Olívia e produziam tais efeitos? Penso ainda no irmão mais novo de Ana e Vânia. É um menino adotado, filho de uma prima que o rejeitou. Como pensar uma adoção em um ambiente, aparentemente, tão hostil? Se D. Olívia era tão agressiva no trato com suas filhas, tinha tantas dificuldades, o que poderia mobilizá-la para essa adoção? Talvez por entender o que poderia estar se passando com a prima, se identificar com sua situação? Mas também poderia ser o fato de se tratar de um menino? Ana dizia que com os irmãos a mãe era mais atenciosa e protetora:

- *“Minha mãe protege muito os meus irmãos e a gente que é mulher que tem que sair pra rua e virar homem, não é isso? [...] Se os meninos que ganhassem neném, a minha mãe tava lá na hora do parto de braço dado, juntinho com eles. [...] Agora, as meninas ...”* (Ana)

O que leva D. Olívia a fazer tal distinção? A impressão que fica é a de que se esperam, na periferia, destinos mais fáceis para os homens e destinos mais árduos para as mulheres. Como eles não precisarão lutar muito, podem ser protegidos, mas elas precisam ser criadas para a força, viver a vida como prova (FOUCAULT, 2011) pois são elas quem terão que buscar na rua a sua subsistência e lutar por suas crianças. Por isso têm que ser criadas

para “*sair pra rua e virar homem*”. Novamente Ana traz a sua representação do que pensa ser homem e nesse sentido, sua fala sinaliza para uma possível inversão por parte da criação de sua mãe: para os meninos, a proteção e para as meninas, a força. Proteção devida às mulheres e força devida aos homens, segundo as representações de Ana. Mais uma vez aparece o conflito entre representações e vida vivida.

Vânia e Ana lembram que os relacionamentos afetivos de sua mãe foram sempre muito tensos e conflituosos. D. Olívia apanhava e sofria humilhações, o que ocorria com frequência com os homens que costumava colocar dentro de casa e que, segundo elas, foram vários.

- **Eu:** “*Nos relacionamentos, assim da sua mãe, é... você chegou a ver algum tipo de violência?*”
- **Ana:** “*Ah! Tinha muita!... Tinha muita!*”
- **Eu:** “*Em relacionamento afetivo dela?*”
- **Ana:** “*É! Com homem, né? Com os namorados! Tinha muita! Tinha muita!*”
- **Eu:** “*Vocês chegaram a presenciar alguma coisa?*”
- **Ana:** “*Ah! Tinha violência, ué! Tinha muita violência! Tinha dela com o pai dos..., né? dos meus irmãos mais novos... depois tinha dela com outro namorado, aí... [...]*”
- **Eu:** “*Hum hum. Eram violências físicas?*”
- **Ana:** “*Ah, tinha! Tinha física. Física, verbal, moral... tudo!*”

É ainda Ana quem diz: “*Óh, eu cresci vendo minha mãe chorando por causa de homem [...]*”. Tais vivências fazem com que elas não entendam algumas atitudes maternas, como deixá-las sozinhas em casa por dias seguidos para ficar com seus homens, por exemplo, ou a reação de D. Olívia quando Ana foi violentada pelo pai de Vânia: “*Deixa eu contar uma história. O pai da Vânia, ele morava com a minha mãe, assim, me violentou eu tinha 9 anos. Sabe o que que minha mãe fez? [...] sabe o que que minha mãe fez? Minha mãe pegou, deu eu, o Hélio e o Tomás pros outros*”.

Falam com mágoa sobre a forma como a mãe as tratava. Xingamentos e punições severas, que deixaram muitas marcas: “*Tem marca que a vida faz na gente que é só da gente!*” (Vânia). “[...] *chamava a gente de piranha, de galinha, de vagabunda...*” (Ana). “*ela cansou de me bater, bater, mas de bater assim, de eu ficar sangrando e as meninas ficavam lá me ajudando.*” (Ana).

Como podemos perceber, Vânia e Ana trazem impressões bem sofridas de suas relações com a mãe. As falas apresentadas aqui apareceram de outras formas, em outros contextos durante nossas conversas, dando, porém os mesmos sentidos. Para pensar tudo isso, sinto ser importante trabalhar com suas impressões, procurando não fazer juízo de valor no que diz respeito a essas relações, muito menos tentar entender os reais motivos que levavam

D. Olívia a agir da forma que agia. O que elas falam forma um discurso produzido dentro de uma ordem discursiva na qual elas se inserem e com a qual se identificam, um discurso que as constitui e por isso deve ser analisado no que é dito e não nas intenções ou naquilo que possa mascarar ou esconder (FISCHER, 2012). Não deixo, porém, de levantar algumas questões, como já venho fazendo e faço agora. Poderíamos perguntar, por exemplo, se D. Olívia tinha intenção de magoá-las. Será que a rudeza no trato com as filhas não seria a forma encontrada por D. Olívia para ensiná-las a serem fortes para enfrentar a vida difícil que provavelmente teriam? Trago no título deste momento de escrita a fala de Vânia: “*As mães da gente fazem muita coisa com a gente*”. Completo, agora com uma fala de Ana: “*A minha mãe fez a gente uma rocha*”.

Recorro novamente a Foucault (2011) para me ajudar a compor uma possível resposta para essas questões. Ele nos diz da importância que os estoicos davam para exercícios que os preparassem para a hora da prova. Praticavam o que chamavam de *praemeditatio malorum*, que “tem como função dotar o homem de um equipamento de discursos verdadeiros a que ele poderá recorrer, que poderá chamar em socorro” (FOUCAULT, 2011, p.421) nos momentos que vivenciasse como males. Isso poderia evitar que fossem surpreendidos, que na hora de uma prova, não soubessem como agir e se fizessem frágeis. Na concepção estoica,

Os homens ‘que não se exercitaram [...]’, que de algum modo estão em um dispositivo não exercitado, esses homens ‘não são capazes de recorrer à reflexão para tomar um partido conveniente e útil’⁶⁴. É preciso, portanto, preparar-se para os males. E como se se prepara para os males? (FOUCAULT, 2011, p.421)

Respondendo à questão deixada na citação, Foucault continua o texto dizendo que “a *praemeditatio malorum* é uma prova do pior”. Isso significa que o homem deve exercitar-se em pensar que todos os males possíveis podem lhe acontecer e, ainda que os piores males se produzirão para si. E isso não ficaria no campo das probabilidades, mas das certezas, ou seja, é certo que esses males, os piores males, lhe acontecerão e, ainda, lhe acontecerão sem demora. (FOUCAULT, 2011, p.421-422).

O relacionamento de D. Olívia com as filhas me lembra um pouco essas análises trazidas por Foucault (2011). D. Olívia, ao produzir certas falas, como: “*Você não vai*

⁶⁴ Foucault cita: “Plutarque, *Consolation à Apollonius*, 112c-d, trad. Fr. J. Defradas & R. Klaer, ed. Citada., parágrafo 21, pp. 66-7”

conseguir comprar lá! Lá não é lugar pra você!”, ou: “*Você vai viver na miséria, que ele não vai te dar vida nenhuma.*”, ou ainda, “*Vocês vão encher a casa de filho e vão ter que se virar sozinha*” de certa forma, traz um exercício de pensamento daquilo que ela acredita que certamente acontecerá com as filhas e que se constitui em males. Prepara, assim, Ana e Vânia, dizendo aquelas palavras que entende como a verdade da mulher, equipando-as, exercitando-as para suas provas. Analogicamente, penso que as surras e xingamentos também podem ser um tipo de exercício, exercícios para fortalecê-las, para fazer “*muita coisa*” com elas, para transformá-las em “*rocha*”, sendo, assim capazes de enfrentar aquilo que as espera através da presentificação desses males. Ainda, inspirando-me em Foucault (2011), quanto à *praemeditatio malorum* e sua relação com o futuro:

Não se trata de um porvir que comporte o desenrolar do tempo, com suas incertezas, ou pelo menos suas sucessões. Não é um tempo sucessivo, é uma espécie de tempo imediato, concentrado em um ponto, fazendo considerar que os piores infortúnios do mundo, que de algum modo nos ocorrerão, já estão presentes. Eles são iminentes em relação ao presente que estamos vivendo. (FOUCAULT, 2011, p.423)

Quem sabe se D. Olívia também não pensava em evitar que tais acontecimentos realmente ocorressem a partir de sua antecipação? Não poderíamos, ainda, supor que D. Olívia não sabia agir de outra maneira, devido às próprias circunstâncias em que fora subjetivada? Por quais aprendizados ela também teria passado? Essas e outras várias questões podem ser levantadas, principalmente porque D. Olívia, como as filhas, é mulher e mãe na periferia.

Se, por um lado, Vânia e Ana trazem a difícil relação com a mãe, por outro, Januária e Jane nos apresentam outras possibilidades de vivenciá-la, o que nos ajuda a perceber que não existe um padrão de maternidade na periferia.

Jane não pode comparecer ao encontro em que assistimos ao documentário “Meninas”, momento em que produziu-se uma conversa muito rica em torno da maternidade e do relacionamento com suas mães e filhas/os. Mas, em outro momento, deu uma resposta rápida quando foi perguntada sobre como via sua mãe: “*Não tenho do que reclamar. Via a mãe com respeito. Com ela não tinha quase problema. O pior era o pai, ele judiava muito da gente.*”. Segundo ela, o pai vivia sumindo de casa, aparecia de vez em quando e era muito orgulhoso e violento. Sua mãe se responsabilizava por ela, seu irmão e sua irmã, embora seu pai ajudasse no sustento financeiro. Em sua entrevista individual, Jane diz: “*Minha mãe foi um exemplo, superou muita coisa. Supera até hoje, entendeu?*”. A mãe aparece como

exemplo e superação. Superação da vida que o pai marcava como “*aquele pai que achava que tinha que ser pai, figura de pai. Então ele era a verdade, ele era o dono*” (Jane). A marca do homem que exige, dá ordens, querendo vê-las cumpridas, subjugando a mulher e as/o filhas/o à sua vontade. Um pai de quem a mãe se separou, assumindo, sozinha, as responsabilidades com a casa e com as crianças. Um pai que, hoje, vive em um bairro bem distante e que pouco quer saber de sua família, dando, também, poucas notícias.

É ainda sua mãe, em conjunto com sua ex-sogra, que se responsabiliza pelos cuidados com suas crianças.

- **Eu:** “*Tem alguém que ajuda nessa relação com os filhos? Alguém que fica com eles, que ajuda você a tomar conta deles, além do marido?*”
- **Jane:** “*Minha mãe. A outra vô. Ajudam muito.*”
- **Eu:** “*Quando você sai pra trabalhar, quem fica com eles?*”
- **Jane:** “*As duas. Bom que moram tudo perto, na mesma hora que eles estão com uma, estão com outra.*”
- **Eu:** “*Então eles nunca ficam sozinhos?*”
- **Jane:** “*Nunca ficam sozinhos.*”
- **Eu:** “*E aí a mãe do pai deles e a sua mãe que se responsabilizam nessa hora..*”
- **Jane:** “*Isso.*”

Como podemos observar, cria-se um outro clima, um outro ambiente que possibilita outras formas de subjetivação. Jane produziu-se, com relação à sua mãe, dentro de representações de cooperação, de luta, de superação, de presença materna, mesmo que sua mãe saísse para o trabalho remunerado. A mãe de Jane parece ter sido aquela mulher da dupla jornada, que procurava dar conta do lar e do trabalho. Talvez venha daí, também, a ideia de superação. Não podemos, porém, nos esquecer de que, diferente de D. Olívia, ela podia contar com o marido para dividir as despesas e pode, por isso, se fazer mais presente, possibilitando outras experiências nas relações com as/o filhas/o. Vamos, agora, passar para pensar Januária.

Com 55 anos, Januária tem muitos irmãos e irmãs, não sabendo precisar o número. Diz ter por volta de trinta, pois seu pai é “*homem de muitas mulheres e muitos filhos espalhados por aí*” (Januária). Sua mãe faleceu às vésperas de Januária completar 15 anos. No seu enterro, o pai apareceu com uma tia, irmã da mãe, que “*sumiu*” quando Januária tinha por volta de 5 anos, sendo vista pela última vez com seu pai por vizinhos de sua avó materna. Na ocasião da morte da mãe, ele tinha três filhos com essa tia, cujo relacionamento já fazia dez anos. Januária diz que a mãe sempre foi carinhosa, amiga, “*um docinho*”. Traz boas recordações de seu relacionamento com ela pelo pouco tempo em que conviveram. Mas repete muitas vezes: “*Minha mãe era uma Amélia, uma verdadeira Amélia!*” por fazer as

vontades do pai, cuidar dele e aceitar sua infidelidade, “*não acreditando*” que tinha outras mulheres.

- **Eu:** “*Você viveu pouco com a sua mãe né, Januária?*”
- **Januária:** “*Vivi. Vivi muito pouco. A minha mãe era assim muito... Uma mãezona, né? Uma mãezona, nossa! Pra mim, eu sinto falta dela como se fosse que a gente separou ontem, porque minha mãe era muito boa, muito boa. Eu sempre falei que a minha mãe era uma Amélia, muito dedicada aos filhos, marido... que meu pai não valia nada, mas ela acreditava nele...*”
- **Ana:** “*Seu pai era casado com a sua mãe?*”
- **Januária:** “*Era! Não acreditava em nada que os outros falavam. Então eu tinha muito pouco tempo com ela. A única coisa que eu lembro é ela ensinando a fazer as coisas dentro de casa... mas quando era um ano antes de eu fazer 15 anos, um mês antes de fazer 15 anos que ela morreu.*”

A morte da mãe abriu brechas para que o pai levasse a tia para casa, assumindo-a como esposa, sem, com isso, deixar de ter “*suas aventuras*” com outras mulheres. Aí, a situação ficou complicada. A tia era geniosa, tratando Januária e seus irmãos e irmãs com severidade. Januária não mantinha um bom relacionamento com a madrasta que, ainda, segundo ela, “*começou a beber por causa dos aborrecimentos com [o] pai, que continuou mulherengo, do mesmo jeito*”, e colocou seu irmão mais novo “*pra pedir as coisas na rua*”. Januária, então, planeja ficar grávida, pois sabia que, dessa forma, seria expulsa de casa. Indo na contramão do que a sociedade entendia – e entende – como uma gravidez na adolescência, Januária, naquele momento não a via como problema, precocidade ou inconseqüência. Ela dava outros sentidos, produzia outra leitura para sua gravidez aos 16 anos. Para ela, ficar grávida seria uma solução para um problema pelo qual passava. Ao passo que muitas mulheres que optam por não terem filhos apresentam como primeiro motivo para tal escolha a manutenção de sua liberdade (BADINTER, 2011), para Januária a gravidez é que seria uma forma de libertar-se da relação com a madrasta e a possibilidade de outra forma de vida (CRUZ, 2009). E o que Januária previu, aconteceu logo que o bebê nasceu: “*Mas aí quando a Maria nasceu foi dose pra leão! Meu pai... aí meu pai, ele me expulsou mesmo de casa, começou a me xingar, falei assim: ‘Ah, é isso que eu queria mesmo, uai!’ É isso que eu queria, sair de casa*”. Januária atribui a isso uma série de acontecimentos que iriam marcar a sua vida. “*Mas aí é onde eu saí pelo mundo depois, comecei a fazer as burradas da minha vida por causa disso, eu fui ficando revoltada, eu fui pensando naquilo tudo e juntando o quebra cabeça*” (Januária).

"Os erros dela são meus acertos, hoje... e muitas das vezes os erros dela são meus erros de hoje": Capturas e resistências – Repetições e tentativas de se romper com o que marcou e doeu

Januária continua sua história de forma interessante.

- “Aí, minha tia, a gente morou uns tempos, eu não dei certo com ela. Aí eu arrumei uma casa pra morar com meus irmãos. Meu pai não deixou, aí onde eu cismeí de ir embora andar pelo mundo, depois de uns anos – quantos anos? – acho que era uns 2, 3 anos depois que a minha mãe morreu, que eu cismeí de andar pelo mundo, assim, eu já tinha meus filhos, tinha a Maria, tinha uma menina que eu perdi, a Joan [...] tinha o Márcio e o Mateus, eu tinha, só o Renato que não. O Renato, eu conheci o pai dele quando a minha filha morreu, que eu já tinha separado do pai deles. [...] Aí conheci o Roberto, o pai do Renato. ‘Vamos sair pelo mundo?’ ‘Vamos! Não tem nada a perder, então vamos!’ [...] E saímos pelo mundo, rodei muito o mundo aí [...] Ainda levei minha irmã comigo e meu irmão. Levei todo mundo comigo.”. (Januária)

Ao “sair pelo mundo” a convite daquele que mais tarde seria o pai de um de seus filhos, Januária não foi só, não pensou apenas em si. Deixou uma de suas irmãs empregada e morando no emprego, sua irmã mais nova seguiu com ela e, mais tarde, veio buscar seu irmão mais novo. Os outros dois irmãos já tinham saído para constituir suas famílias. Januária viveu como andarilha por oito anos, período de muitas experiências, muitos acontecimentos que ensinaram e atuaram em seu processo de subjetivação: “Foi uma aventura assim, boa, que eu aprendi.”. No fim desse período, retornou à casa do pai, já com 4 filhos, começou a trabalhar e construiu um cômodo para morar com suas crianças. Januária nos conta, em uma de nossas conversas em grupo:

- **Januária:** “Mas quando eu tive o Renato, tem mais essa, quando eu tive o Renato, que eu voltei, é porque o meu marido, a minha irmã tinha 14 anos, ia fazer 15 anos. A gente tava vindo embora, o que que ele fez? Ele levou a minha irmã pra outra cidade e me deixou lá na outra cidade sozinha com as crianças e eu sem saber pra onde ir... Aí o que que aconteceu? Falei assim: ‘Eu vou ter que voltar’. Aí eu voltei e a minha irmã ficou sumida.”
- **Ana:** “Fez a mesma coisa que a sua tia fez com a sua mãe. Ah! Januária, é um ciclo! Está igual o rei leão. [risos]”
- **Eu:** “E a sua irmã?”
- **Januária:** “Só que a minha irmã não ficou com ele, ele falou com a minha irmã que eu já tinha ido no ônibus... que eu já tinha ido... que ele ficou pra levar ela porque...”
- **Ana:** “Januária, você tá igual sua mãe. [risos] Ele não tinha ido com ela não [ironiza]”.
- **Januária:** “Mas por isso que eu te falei ontem, mesmo assim eu perdoei, eu perdoei o que ele fez. Porque que a gente tem que pagar? Os inocentes pagam pelos pecadores. Isso é verdade, isso é verdade! Isso é verdade! Isso é verdade!”

Ana, em sua ironia, provoca Januária, problematiza (FOUCAULT, 2012) com ela, faz com que ela dê aquele passo atrás para colocar essa parte da vida como objeto do pensamento, para pensá-la como um problema (FOUCAULT, 2012, p.225-226). “É um

ciclo”, “*você tá igual sua mãe*”, “*fez a mesma coisa*”. Não estaria Januária sendo aquela “*Amélia*” que critica na mãe? A história da mãe se repete em Januária. E ela perdoa, acredita no companheiro, acredita na irmã que depois desse episódio sumiu por cinco anos e só apareceu porque foi pega pela polícia em uma briga de baile. Assim como a mãe, não crê na traição. Ou crê, mas se vê capturada por discursos que a prendem em uma situação que não pode largar. Tem seus filhos, tem sua filha, precisa do homem... “*porque eu já tinha meus filhos, né, eu já tinha... muito preocupante!*”. A vida da mãe, aquela “*mãezona*”, a “*mãe boa*”, da qual se lembra até hoje e sente saudades como se a houvesse perdido ontem, não estaria sendo realizada na mulher/mãe Januária? Não estaria Januária querendo ser também uma mãe de quem suas filhas e filhos quisessem sempre se lembrar? E não seria este o caminho? Ser aquela que tudo suporta e perdoa para garantir o pai para elas/es?

Januária teve outros relacionamentos. Um deles ela relata em outro de nossos encontros. Era um homem que não gostava de trabalhar, fazia apenas alguns poucos biscates. Com ele viveu cinco anos e teve duas filhas. Januária nos conta:

- “[...] eu trabalhava, chegava e o pai delas tava andando de carrinho de rolimã, eu chegava em casa, ele falava que... me chamava de ‘parabólica’ porque eu tava era com homem ali embaixo... eu tinha três empregos, saía dum três horas, ia pra casa dos outros lavar roupa, passar, saía oito e meia, nove horas, ia prum escritório limpar, que eu tinha a chave, podia limpar qualquer hora, vinha pra casa meia noite e ele falava que eu tava na rua com homem! Pensa bem! E eu trabalhando lá! E ele andando de carrinho de rolimã, pra cima e pra baixo”. (Januária)

O homem era possessivo e ciumento: “*Eu era uma verdadeira velha, nossa! Eu hoje me sinto jovem, me sinto... eu posso vestir a roupa que eu quero, posso usar um batom, eu posso pintar uma unha, posso pintar um cabelo, arrumar... antes eu não podia fazer nada disso!*”. Januária se submetia, fazia as vontades daquele que exercia sobre ela o poder. Um homem exigente, que gostava das coisas arrumadas, da roupa impecável: “[...] *Fazer comida, tinha que servir o doutor lá, comia... se não tivesse comida na hora certa... saía pro trabalho e deixava comida pronta pra não dar motivo pra falar [...]*”.

Falando ainda desse relacionamento, Januária destaca a figura da mãe:

- **Januária:** “*Mas é bem assim mesmo, sabe? A minha mãe mesmo era uma verdadeira Amélia.*”
- **Ana:** “*Te ensinou assim!*”
- **Januária:** “*Eu aprendi muito com ela, é... sei lá! Achava que aquilo era certo, que era daquele jeito!*”

E entre os ensinamentos da mãe estava o fato de ser mulher e precisar servir ao marido. “*Sou, mulher, preciso servir*”, se referindo tanto aos trabalhos domésticos quanto à

vida sexual. Tais ensinamentos compunham um certo código moral que dominou até bem recentemente, mas que tem sido modificado porque as mulheres já não têm concordado com ele, principalmente com o fato de satisfazer sexualmente o homem, mesmo sem sentir vontade para isso (RAGO, 2009, p.37). Mas o fato de “*servir*” ao homem estava presente na história de sua mãe, se repetia em sua história e Januária “*achava que aquilo era certo, que era daquele jeito!*”, não questionava, o que sinaliza para uma regularidade dessas condições no contexto em que Januária vivia e se subjetivava. Por muitos anos Januária se viu capturada por esses discursos e representações. Quantas violências poderiam se concretizar em suas relações? O que poderia acontecer com Januária nas reticências deixadas na fala: “*se não tivesse comida na hora certa...*”? E no caso de “*vestir a roupa*” que quisesse, “*usar um batom*”, “*pintar uma unha*”, “*pintar um cabelo*”, ou se “*arrumar*”? Coisas que Januária não podia fazer e se constituíam em proibições que poderiam desembocar em várias formas de violência doméstica caso fossem desobedecidas. Violências que contavam com a tolerância da sociedade, ainda fazendo vigorar uma lógica patriarcal que naturalizava o poder de mando do homem com relação à mulher e, por isso, acabava legitimando atos violentos, principalmente sob a suspeita levantada pelo companheiro de que Januária chegava tarde porque “*tava era com homem ali embaixo*”, o que poderia fazer dela uma “mulher desonesta” com necessidades de disciplina. (LAGE; NADER, 2012). Era assim que Januária ia vivendo. Assumia para si todas as responsabilidades: educar, prover, cuidar... e ter que obedecer e servir. Rotina de Januária, de sua mãe e possivelmente de outras mulheres com quem convivia nas relações de parentesco e vizinhança e que definiam relações de poder entre elas e seus namorados, maridos e companheiros.

São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizadas que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como ‘natural’. (LOURO, 2011, p.67)

Foucault (2006) nos fala das relações de poder como “os efeitos imediatos das partilhas, desigualdade e desequilíbrios” e “condições internas destas diferenciações” que se dão em qualquer tipo de relação, como por exemplo, os “processos econômicos, relações de conhecimento, relações sexuais” (FOUCAULT, 2006, p.104). Onde haja relação humana, lá está o poder. Historicamente, temos produzido discursos e representações que alimentam relações de desigualdades entre homens e mulheres, sendo que estas são colocadas em nível de submissão com relação àqueles (LOURO, 2011). Isso se dava com a mãe e se repetia nas

experiências de Januária. Nas relações narradas, Januária se submetia aos seus companheiros, tinha suas ações controladas por eles fazendo suas vontades, servindo... Mas, “a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa” (FOUCAULT, 2009, p.241). E Januária vira o jogo na relação com seu último companheiro. Uma virada que parece ter sido bastante brusca, porém que também poderia estar sendo construída a partir das dores diárias, da sensação de aprisionamento, da insatisfação consigo mesma nessa relação:

- *“Ai que ódio, gente! Nossa, eu fui tomando nojo do sexo por causa disso! Uai, brigava, brigava e depois... e ai se não fosse, né? Sou mulher, preciso servir, isso e aquilo. Ai eu falei ‘ah, eu vou mudar essa história!’, Até que eu criei coragem e falei assim: ‘Chega! Agora você vai caçar sua turma!’”* (Januária)

Podemos resumir a decisão de Januária na seguinte fala:

- *“Aí, foi por isso que eu decidi minha vida, ficar sozinha, falei assim: ‘Ah, não, chega!’. Arrumo um namorado quando eu quiser, mas homem dentro de casa, não entra não! Eu lavava, passava, ainda lavava e passava no domingo! Ficava ariando, cuidando de casa pra ficar arrumadinha a semana inteira, pra não ter valor? Não tem graça, isso!”* (Januária)

Rompendo com o companheiro, Januária rompe também com os discursos e representações que a subjetivavam e vinham do aprendizado com sua mãe. Poderíamos dizer que esse momento, para Januária, caracteriza-se como um acontecimento (FOUCAULT, 2009a), uma novidade, algo que se produz dentro de determinadas condições e provoca uma descontinuidade na forma com que ela se via e se realizava instaurando, assim, uma nova regularidade em sua vida. Escapa às amarras que a submetia a uma relação em que o homem mantinha o governo amparado em discursos que apregoam a superioridade masculina e passa a governar-se, dando outro rumo à sua história. Rompendo com a ‘Amélia’, Januária cumpre até hoje a promessa de viver sem homem. Afinal, diz ela, *“pra que que eu tenho um homem, né? Quantos anos eu fiquei nessa vida assim, sem ter paz...”*. E por outras vezes, diz que se tiver outro homem na vida, *“tem que ser mais homem que eu! Porque eu não tenho preguiça, arregaço a manga, se falar comigo ‘vamos fazer uma faxina agora’, eu vou lá e faço! Amanhã trabalho, linda e maravilhosa, o dia inteiro, então...”*. Isso nos mostra o quanto Januária já problematizou suas relações e o quanto entende que nem mesmo para prover a casa, uma das funções socialmente atribuídas ao homem, ela necessita firmar relações, pois, nos relacionamentos que teve, essa função era por ela assumida. Januária mantém, assim, o

poder sobre sua própria vida, poder que muitas vezes pode ser exercido e sentido no simples ato de passar um batom ou escolher a roupa que vai vestir. Escolhe quem, como e quando vai namorar não se submetendo mais aos caprichos masculinos possibilitados por representações e discursos apoiados em valores que se pautam na superioridade do homem e subalternidade da mulher.

Interessante, ainda, é perceber que a mudança que Januária quis produzir em si, só foi possível com a retirada de cena daquele com quem se relacionava. Januária parecia saber que ela não poderia mudar se ele também não mudasse. E não esperava que ele mudasse. Porque os gêneros se constroem em relação (LOURO, 2011; SCOTT, 1995), na medida em que a mulher vai ocupando outros lugares, o homem também se desloca. Sentindo que o companheiro não seria capaz de aderir à nova ordem que, agora, Januária queria impor à sua vida, ao seu lar, à sua história, só restaria a ele ir “caçar sua turma!”. E Januária criou coragem para mandá-lo ir.

Mas, Voltemos agora em Vânia e Ana. Pelo que já trouxe de suas histórias, podemos perceber que, ao contrário de Januária, não guardam admiração pela mãe. Como, então, lidam com as representações e discursos nos quais se inseriam na relação com ela? Como se subjetivam? O que fizeram e fazem de suas experiências dolorosas?

Apresento, a seguir, parte de um de nossos encontros, permitindo-me exagerar no tamanho do fragmento, em função de sua riqueza para as próximas produções de pensamento.

- **Eu:** “*Aí! Esse negócio, pra mim, interessa, eu saber de vocês a relação que vocês tinham com a mãe. Até que ponto a mãe ensinou, com as coisas que ela fazia, ensinou pra vocês fazerem também?*”
- **Ana:** “*Ensinava não!*”
- **Vânia:** “*Minha mãe também nunca me ensinou!*”
- **Ana:** “*Minha mãe nunca ensinou nada!*”
- **Vânia:** “*Minha mãe chamava, ficava assim: ‘Aí sua piranha, não sei o quê. Vai arrumar filho, safada! Vai ficar dando, só sabe dar! Ficar roçando, esfregando perereca nos meninos da rua!’ [...]*”
- [...]
- **Vânia:** “*[...] quando era menina nova, minha mãe me prendia muito, mas eu era namoradeira, beijava os meninos tudo, não queria nem saber, [Ana diz: ‘E eu pegava ela quando vinha pra casa! mas ela ficava!’.] Ela me repreendia de tudo quanto é jeito, mas eu fazia o que eu queria.*”
- **Ana:** “*Era mesmo...*”
- **Vânia:** “*Então assim, é... Não sei se era educativo, se ela me ensinava, não sei!*”
- **Eu:** “*Mas quando ela falava isso, ela falava assim, ‘Vai ficar com homem na rua’, essas coisas assim que você falou...*”
- **Ana:** “*Chorava!*”
- **Eu:** “*Quando ela falava isso, era pra quê? Era pra xingar [Ana diz: ‘não!’], ou era [Ana diz: ‘ofender!’] um conselho mesmo [Ana diz: ‘não é não!’] que ela queria...?*”

- **Ana:** “*Diminuir!*”
- **Vânia:** “*Não sentia como um conselho não!*”
- **Ana:** “*Diminuir! Minha mãe sempre gostou... [...]*”
- **Vânia:** “*Então assim, eu não achava educativo, igual quando eu comecei a namorar com o Felipe tinha um monte de sensações, eu sentia um monte de coisa e eu achava legal chegar na rua, beijar os meninos. Se eu tivesse que roçar eu roçava, não tava nem aí. Hoje com a Malu eu faço diferente. Eu falo com ela: ‘Minha filha, seu corpo tá mudando, você tem um monte de sensações, você tem que tomar cuidado porque às vezes você vai achar que tá gostando de um menino e você não tá gostando, é o seu corpo que tá com tudo ao mesmo tempo’. Minha mãe não! Igual quando eu falei que queria namorar o Felipe: ‘Ah ele é um safado, o pai dele não presta [Ana diz: ‘não trabalha, a mãe dele também não!’], a família dele não presta, você vai viver na miséria, que ele não vai te dar vida nenhuma.’. Mas eu não queria saber da vida que ele tinha pra me dar não, gente, eu queria beijar na boca dele. Se tivesse que transar, queria transar com ele, [risos] eu não queria saber, não tinha noção disso não, do que que era, do que que ele ia me dar. Não tava nem pensando em futuro com ele nem nada não. Então assim, eu não sei se isso era educativo. E às vezes eu acho que assim, isso às vezes nos faz, [Ana diz: ‘refletir!’] quando a gente ganha um pouquinho de asa, ficar louca mesmo.”*
- **Januária:** “*Dá mesmo, sair voando... sem compromisso...”*
- **Vânia:** “*Querer mudar de casa... Porque te profetizou... tipo assim... é igual escola. A gente não tem tempo de escola! A gente tem que cuidar sempre dos irmãos – que vem um monte –, da casa, você pode ficar em casa trabalhando, cozinhando, arrumando casa. Na época, minha mãe saía, gostava de baile, tinha os namorados dela...”*
- **Ana:** “*Minha mãe saía de casa na quarta-feira e chegava em casa só na segunda-feira depois do trabalho! Sério!*” [Januária ri]
- **Vânia:** “*E a gente lá... acontecia um monte de coisa...”*
- **Ana:** “*Passando fome, minha mãe gastando o dinheiro dela tudo na rua...”*
- **Vânia:** “*Acontecia um monte de coisa, então assim, hoje com a minha filha eu faço diferente. Ela chega: ‘Mãe, achei o menino bonito. Mãe, o menino pediu pra ficar comigo.’ ‘Ah sua piranha!’ Vou falar com ela?: ‘Ah sua piranha, safada, já tá na rua, tá com fogo na boc...’ [risos]*

O fragmento nos traz resistências, aquilo que Foucault (2006, p.106) define como “o outro termo nas relações de poder [e que] inscrevem-se nestas relações como o interlocutor irreduzível”. Resistências pequenas, transitórias, móveis, que, no entanto, foram capazes de romper com formas de sujeição a um poder ao qual não aderiam por não respeitarem a figura de quem o exercia. A mãe podia prender, xingar, bater, mas Vânia resistia: “*Ela me repreendia de tudo quanto é jeito, mas eu fazia o que eu queria*”. Vânia, seguida por Januária, no diálogo, mostra a noção da resistência no exercício da liberdade: “*faz, quando a gente ganha um pouquinho de asa, ficar louca mesmo*” (Vânia); “*Dá mesmo, sair voando... sem compromisso...*” (Januária). Tudo isso nos lembra Foucault (1993a), quando diz que

O poder só se exerce sobre ‘sujeitos livres’, enquanto ‘livres’ – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidade onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer. (FOUCAULT, 1993a, p.244)

Resistir é, então, um ato de liberdade, em que o sujeito pode criar formas de não se submeter a um poder que pretende aprisioná-lo. Vânia e Ana – e isto aparece em outros momentos de nossos encontros – mesmo quando se sentiam presas, aproveitavam os momentos de liberdade para criarem suas estratégias e resistir, transgrediam as regras postas pela mãe, produziam-se de outras formas. Daí a fala de Vânia: “*mas eu era namoradeira, beijava os meninos tudo, não queria nem saber*”. Talvez, quando choravam e sentiam-se diminuídas e ofendidas pelas ações e discursos maternos, como nos sinaliza Ana em suas falas, estivessem sendo capturadas, julgando-se as “*piranhas*” e “*vagabundas*” do discurso, por exemplo, e sofrendo com isso. Mesmo assim, porque livres, tiveram suas resistências e foram criando suas estratégias para romper com esses discursos e representações. Não são, hoje, nem as “*piranhas*” nem as “*vagabundas*”, não têm suas casas cheias de filhos/as e não foram abandonadas por seus companheiros, conforme a mãe tanto “*profetizou*”. Tal ruptura vai além, pois as imagens que fazem de si também rompem com a imagem que fazem da mãe por deixá-las sozinhas em casa, por vários dias, momentos em que “*acontecia um monte de coisa*”, por ter vários namorados, por namorar homens casados, como nos diz Ana em outro momento do nosso encontro: “*Aí esses dias ela tava lá namorando um homem, aí descobriu que era homem casado. Piranha! Isso é piranha! Isso aí é piranha!*”. Rompem na educação de suas filhas, Vivian e Malu, dando atenção, conselhos, conversando, estando presentes. “*Hoje com a Malu eu faço diferente. Eu falo com ela: ‘Minha filha, seu corpo tá mudando, você tem um monte de sensações, você tem que tomar cuidado [...]’*”. Não querem que as meninas passem pelo que passaram e, quando se veem capturadas, repetindo aquelas mesmas ações que sofreram, o que às vezes acontece, também resistem, revivendo o passado e ressignificando-o. Voltam atrás, pedem desculpas.

- “*Na hora que a Vivian faz umas coisas que me incomodam, assim, igual esses dias eu vixei pra ela, não sei o que que ela fez, eu falei: ‘Porra, piranha!’ aí eu lembrei daquilo até chorei, chorei mesmo. [...] Ela: ‘Mãe, por que que você tá chorando’ Eu falei: ‘Minha filha, você me desculpa! Você me desculpa?’ [...] Eu falei, gente, gente eu lembrei direitinho de quando era nova, direitinho da minha mãe falando [...]’*”. (Ana)

Percebemos, no diálogo, como Ana e Vânia colocam em dúvida e mesmo negam o fato de terem sido educadas ou ensinadas pela mãe: “*Então assim, é... Não sei se era educativo, se ela me ensinava, não sei!*”; “*Minha mãe também nunca me ensinou!*”; “*Minha mãe nunca me ensinou nada!*” Talvez isso se dê por entenderem o ato de educar e ensinar como portador de ações positivas, de engrandecimento e não ações para “*ofender*” ou “*diminuir*” como entendem as intenções maternas. Mas, mesmo diante disso, podemos

perceber que elas admitem que o que são hoje se deve ao tratamento recebido da mãe, à presença dessa outra subjetividade que também viveu suas experiências e se produziu de forma a ser o que foi, o que é; que possibilitou que ela agisse daquela forma e não de outra.

- “Ah... Não sei, né? Acho que **tudo que eu sou hoje eu devo pra minha mãe**. Assim... nos erros... assim... não sei se... **eu julgo, os erros dela são meus acertos, hoje... e muitas das vezes os erros dela são meus erros de hoje. Mas assim, é isso... me ensinou ser o que eu sou hoje... assim... do jeito dela... como ela achou que deveria ser, mas... é assim...**”. (Ana)

Quando Ana admite: “os erros dela são meus acertos, hoje... e muitas das vezes os erros dela são meus erros de hoje” mostra que conseguiu romper com muito do que havia na vida de sua mãe, mas não com tudo. Muito já foi superado, vencido, reinventado, mas muito ainda permanece na construção de sua história. Nas capturas, nas resistências e nas rupturas, o processo de subjetivação se faz ininterrupto.

Ao pensar sobre o episódio das fraldas que sua mãe não quis lhe dar, Vânia diz que hoje entende que a mãe fez o que devia, pois se desse a fralda naquele momento, poderia ter criado uma relação de dependência que, possivelmente, estaria ainda vigorando. Mas não está. Vânia se virou com Felipe, o pai da menina. Pensa que por causa da responsabilidade dada pela mãe, pode progredir e hoje ter sua casa, comprada com o esforço dela e do companheiro. Dos sofrimentos que dizem ter passado por ocasião de várias comemorações de Natal, Ana acaba pensando:

- “[...] graças a Deus que minha mãe não teve mesmo presente de Natal pra dar a gente, a gente não gosta de Natal não, mas graças a Deus que não teve, porque se tivesse, será que eu não seria igual à Vivian? A Vivian não tá nem aí, gente! Se cair a chuva, a chuva começar a brotar do chão assim, ó, ela fica ali no meio daquela chuva rindo! Ela vai ficar no meio daquela chuva rindo!”

E Vânia completa: “*Não luta, eles não passaram necessidade em nada!*”. A “*necessidade*” que passaram serviu para formá-las de uma maneira e, não, de outra.

É assim que Vânia e Ana vão se subjetivando, se tornando o que são, em grandes e pequenas coisas. Entre rupturas, resistências, capturas. “*Minha mãe não tem essa coisa de abraço, sabe? Aí você vê também que aí você vai criando essa coisa de não abraço*”.

E concluem:

- **Ana:** “Se você for ver do meio que a gente saiu pra onde a gente tá? Haam, minha filha...”
- **Vânia:** “No fim fica tudo educativo.”
- **Januária:** “É, porque faz pensar, né?”
- **Vânia:** “Não, faz você querer não acomodar...”
- **Ana:** “Não acomodar! Não acomodar!”

- **Vânia:** *“Mostrar que você pode fazer diferente!”*

E Jane? Como Jane se subjetivou diante da presença materna? Jane é de pouca fala, mas disse da mãe como exemplo e eu perguntei:

- **Eu:** *“Você falou que a sua mãe é um exemplo. O que você acha que é ser exemplo de mãe?”*
- **Jane:** *“Nunca nos abandonou... Sempre presente nas horas que a gente precisou... Sempre mostrou que a gente tinha que ser humilde, ser pessoas boas. Sempre trabalhou fora, deixava a gente sozinho, mas sempre ali pensando no melhor pra gente... e fez o que ela pode. Tenta fazer até hoje o que ela pode.”*

No caso de Jane, penso que ela tenta seguir esse exemplo. Está presente na relação com os filhos e filha, trabalha para tentar proporcionar o melhor que pode para eles e ela. Tenta viver uma vida que dê às crianças alguma tranquilidade e segurança. Para Jane, a mãe não pode ou não deve abandonar os/as filhos/as e precisa estar *“sempre ali pensando no melhor”* para eles/as. Introjeta o discurso da mãe cuidadora, tentando se produzir, também, dessa maneira.

- **Eu:** *“E o que você faz nas horas livres?”*
- **Jane:** *“Cuido das coisinhas deles, cuido deles, tento passar um momento com eles, ficar com eles, entendeu?! E a gente vai se divertindo passando o dia assim, aonde está um, está aquele... Eu fico igualzinha aquela galinha tomando conta. Se foge um, eu quero saber onde tá, com quem tá, onde foi...”*

De mãe para filha, naquela periferia, as mulheres se fazem assim. Sem receitas, sem meras reproduções, com capturas, rebeldias, resistências, fissuras, rupturas... A *“mãe boa”* de Januária se faz presente nela, no trato com suas filhas, no acolhimento, no abraço, nos conselhos, nas preocupações e cuidados.

- *“Eu sou aquela mãe chorona lá, trabalhar pra ajudar... eu sou! E até hoje. As meninas teve as crianças, eu que tô lá do lado delas, igualzinho. [...] a Rita que não tinha juízo, fumava, bebia, Rita chegava em casa chorando. Não, eu abraçava ela, punha ela pra dentro de casa, mesmo grávida, que ela mais ficou grávida. Mais na gravidez que me procurava, que sem a gravidez ela tava ocupada [com o companheiro]. Mas quando tava grávida eu acho que ele enjoava, aí ela chegava chorando. ‘Não, fica aqui...’ Ficava uns tempos lá. Aí depois ele ia buscar mas eu que fui mãezona. Sempre fui mãe. Pra ganhar neném... [...] Pra arrumar as coisas, pra cuidar, de noite eu acordo, cuido. Então eu faço”. (Januária)*

Muitas vezes se vê em dificuldades com elas, reclama de alguns comportamentos que considera abusivos e irresponsáveis. Chega a se perguntar: *“Onde será que eu errei?”*, *“Por que tem que ser assim? Eu ensinei diferente... elas não têm juízo!”*. Mas as filhas de Januária também têm suas resistências e conseguem romper com muita coisa que Januária é e/ou gostaria que elas fossem. Januária, com suas questões, nos mostra, mais uma vez, a responsabilidade da mãe com relação aos filhos e filhas, pois é a ela mesma que pergunta

onde errou e é a ela que atribui o ato de ensinar. Aprendeu, com sua mãe, a não contar com o companheiro e naturaliza a ausência do pai de suas filhas e filhos, não tendo, dessa forma, alguém com quem possa dividir as angústias e decisões. Esta é uma representação que, em minhas investigações, tenho visto como recorrente.

Vale ainda ressaltar que Januária não é mãe apenas de suas filhas e filhos, mas também de seus netos e netas, do pai “mulherengo” que conseguiu “perdoar”, dos genros e noras, daqueles/as que, não tendo para onde ir, encontram teto em seu lar, pois “*quem já morou na rua, sabe o que é isso!*”. A “mulher Amélia”, que via em sua mãe, já morou ali, na vida de Januária, mas acho que se assustou, saiu correndo para dar lugar a uma mulher que decide os rumos de sua vida. Sua mãe morreu capturada pelos discursos de mulher submissa. Januária já se viu presa a eles, mas hoje se sente vitoriosa: “*Hoje eu sou uma mulher maravilhosa, eu me amo! Eu sou forte! Eu venci!*”.

Vânia, Ana e D. Olívia; Jane e D. Carmem; Januária e D. Madalena. Temos 7 mulheres, encontros, atravessamentos, sujeições, subjetivações, subjetividades. Casos, singularidades que se multiplicam em tantas outras mulheres, que estarão presentes em Vivian, em Malu, em Amanda, em Maria, Rita e Regina, suas filhas, em histórias continuadas e rompidas, em multiplicidades.

"Meu pai? Ah...": Elas e os pais

O pensamento produzido até aqui no que diz respeito à relação entre as mulheres, suas mães e suas filhas já trouxe um pouco de suas relações com os seus pais. Como pudemos perceber, o pai é, muitas vezes, o outro ausente, ausência, no entanto, que se faz presença de outras formas, sendo, assim, também, uma potência subjetivadora. Quando presente, em “carne e osso”, o pai costuma trazer ameaças, dores, perigo. Produz-se, assim, uma relação não só conflituosa, mas, muitas vezes, violenta. No encontro em que assistimos a animação “Minha vida de João”, discutimos as masculinidades, entre elas, as paternas. Esse encontro foi dirigido pelo meu orientador, Anderson Ferrari, que perguntou quanto aos pais:

- **Anderson:** “E vocês? O que vocês acham dos pais de vocês?”
- **Vânia:** “Ah! Eu adorava meu pai. Achava ele o máximo! Ele era morador de rua, então eu tinha muito medo de perder ele, de ele morrer e a gente não conseguir enterrar... E aconteceu que eu soube que ele morreu pelo jornal. Mas eu gostava de ver ele chegar, ele andava cheio de cachorro, eu gostava daquilo!”
- **Anderson:** “E você Ana, o que acha do seu pai?”
- **Ana:** “Ah... referência de pai... só o da Vânia. O meu, eu nem sabia, só conheci ele com 18 anos. Quando o pai da Vânia morava lá, a gente era 9 irmãos, 2 morreram. Não era bom

não! A gente foi vivendo, mas depois de uns anos de convivência, era difícil. Minha mãe mandou ele ir embora. Aí a Vânia quase morreu, ficou doente, quase morreu mesmo! Aí ele voltou, mas foi, de novo, embora. Depois que ele foi embora, ficou tranquilo. Quando ele morava lá em casa, não era bom!”

- **Anderson:** “*O que é referência de pai? O que ele tem de diferente pra ser referência?”*
- **Ana:** “*O que ele tem de diferente? Foi o que mais morou lá! Minha mãe teve um monte de namorado, né, mas ele foi que morou mais tempo com a gente! É o que eu lembro mais!”*
- **Anderson:** “*E você, Januária?”*
- **Januária:** “*Meu pai? Ah, depois que minha mãe morreu eu fiquei com meu pai entre aspas, né? Na missa de sétimo dia ele apareceu com outra, com crianças. Eu fiquei com uma mágoa dentro de mim. Minha mãe era uma Amélia! Ela ficou doente e morreu por causa disso. Eu convivi com eles, mas não aceitava. Ela parecia cega! Eu não aceitava! Aí, depois que ela morreu, ele deixou a gente pra morar com outra mulher. Ele vinha visitar a gente, mas era aquilo, né? Eu é que fiquei com meus irmãos. E ele ficou com a minha tia, irmã da minha mãe. E antes da minha mãe morrer. Minha tia começou me chamar de mulher da vida, eu não aguentei”. [Januária conta que ficou grávida e virou andarilha por 8 anos e que ficou com muita raiva do pai, que ele sempre foi muito mentiroso, que diz que tem família, mas que ela nunca conheceu a família do pai, nem sabe se existe mesmo].*
- **Anderson:** “*E a Jane?”*
- **Jane:** “*Meu pai nunca foi bom. A gente não podia contar com ele. Só pra apanhar. Ele aparecia, sumia... Hoje a gente trata bem, respeita. Ele é orgulhoso e não gosta que a gente cuida dele não, mas a gente cuida assim mesmo. Mas a gente tem mágoa.”*
- **Januária:** “*É! Eu já aprendi a perdoar. Hoje eu vivo bem com ele porque eu quis perdoar, ele é meu pai, o que eu vou fazer? Perdoar!”*
- **Jane:** “*O meu pai prefere a solidão. Não quer que a gente cuida...”*

O diálogo estabelecido possibilita pensarmos a dificuldade nas relações entre as mulheres e seus pais. Possibilita, também, perceber que não há uma única forma de paternidade nas periferias. No entanto, as mulheres parecem ter um modelo do que é ser pai, o que possibilita os julgamentos: o pai que era o “*máximo*”, o que “*nunca foi bom*”, o que machucou.

Para Januária, o pai é aquele que necessita do seu perdão, por magoá-la, por ferir os sentimentos de sua mãe ao ponto de tê-la deixado doente até a morte, por ter trazido outra mulher para dentro de casa aos sete dias após o enterro da esposa. Em sua entrevista individual, Januária ainda nos fala:

- “*Ah! Meu pai... um irresponsável, mulherengo, mas cumpria as coisas dentro de casa, assim... Comida. Isso não faltava não, a gente tinha comida, mas não tinha esse negócio de aniversário, de festa... Essas coisas assim não existiam pra gente. [...] Eu lembro dele muito bravo, sempre queria dar uma de moral que não tinha nenhuma, mas ele fazia o papel de pai. Era muito severo[...]*” (Januária).

Januária questiona, dessa maneira, a “*moral*” de um homem que fazia aquilo que ela entende ser o “*papel de pai*” nas exigências, severidade e na provisão do lar, mas, no

entanto, deixava muito a desejar em vários outros momentos, principalmente aqueles que suscitavam afetividade e fidelidade.

Ao pensar um conceito de moral, Foucault (2007) nos diz que

Por ‘moral’ entende-se um conjunto de valores e regras de ação propostas aos indivíduos e aos grupos por intermédio de aparelhos prescritivos diversos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas, etc.[...] podemos chamar de ‘código moral’ esse conjunto prescritivo. (FOUCAULT, 2007, p.26)

Nesse sentido, podemos considerar, a partir da fala de Januária, que Sr. Moisés era um bom legislador e fiscal da moral. Adotava ou criava as regras para o comportamento da família, colocando-as em circulação e exigindo seu cumprimento com severidade ocupando-se, assim, com o código moral. Continuando a pensar com Foucault, temos aquilo que ele vai caracterizar como ambiguidade do termo “moral”, pois além da formação de um código prescritivo, “por ‘moral’ entende-se igualmente o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos” (FOUCAULT, 2007, p.26). Nesse ponto, temos a maneira pela qual os indivíduos se comportam diante dos códigos que lhes são ensinados, como se submetem, obedecem, resistem, respeitam ou negligenciam as condutas propostas, as proibições e valores inseridos nesses mesmos códigos. Penso que, nesse caso e, lembrando que devemos guardar as devidas proporções com relação ao pensamento foucaultiano, o Sr. Moisés se esmerava nas cobranças, usando de severidade e braveza para com sua família, mas ele mesmo negligenciava, em seu próprio comportamento, os princípios que usava como referência. Descumpria as mesmas regras que exigia que fossem cumpridas, possibilitando, dessa forma, que Januária o considerasse um sujeito que não tinha moral nenhuma, como entendo em sua fala: “*Eu lembro dele muito bravo, sempre queria dar uma de moral que não tinha nenhuma*”. Para Januária, Sr. Moisés não se constituía em um sujeito moral, por não se obrigar a colocar em prática em si mesmo, as regras postas para o restante da família, apesar de reconhecidamente, Januária admitir que ele atuasse como o provedor “*cumpria as coisas dentro de casa, assim... Comida. Isso não faltava não, a gente tinha comida*”. Numa cultura em que se atribui às mulheres a concepção e criação dos filhos, enquanto ao homem cabe o sustento material e moral (MEDRADO, 1998) Sr. Moisés cumpria apenas parte do combinado.

São estas as imagens produzidas por Januária. Imagens que convivem com ela e a constituem como uma filha que se lançou ao mundo por não suportar a situação que lhe era oferecida por ele ao se juntar à nova companheira. Nos encontros coletivos em que o

assunto girava em torno de maternidades e paternidades, Januária trazia a mesma história. História repetida que reitera a dor sentida e traduz a necessidade de um aprendizado e uma vontade por não ter mais nada o que fazer: *“Eu já aprendi a perdoar. Hoje eu vivo bem com ele porque eu quis perdoar, ele é meu pai, o que eu vou fazer? Perdoar!”*.

Para Jane, o *“pai nunca foi bom”*. Não se *“podia contar com ele. Só pra apanhar”*. Jane fala de um pai violento, que achava que tinha a verdade e que *“era dono”*, como enfatiza em sua entrevista. Um pai que *“aparecia, sumia”* sinalizando para uma ausência que ainda gosta de manter até hoje, porque *“O meu pai prefere a solidão. Não quer que a gente cuida...”*.

Jane e Januária possuem um *“hoje”* em que vivem bem com seus pais, que cuidam deles, mas ambas dizem ter *“mágoa”*. Mágoa por um passado que não se foi, porque, recordado, implica em sentido. Diz de Jane, diz de Januária, daquilo que são hoje, pois a identidade pessoal está articulada temporalmente (LARROSA, 2002, p.68). No diálogo que se segue, Januária traz a composição do hoje marcada pela ausência, pela *“falta”* que a tem constituído.

- **Januária:** *“[...] Natal! Natal pra mim é triste por quê? Quantas vezes eu esperei Papai Noel levar pra mim, ele não levava nada! Nunca chegava! Então eu acho que eu tenho isso triste dentro de mim!”*
- [...]
- **Januária:** *“E não vinha ninguém. Às vezes a minha mãe via que a gente tava triste, meu pai não tinha esse amor, por isso que eu não gosto de homem mesmo...”*
- **Ana:** *“Nossa, no de Natal então, nossa!”*
- **Januária:** *“Meu pai não tinha esse amor pelos filhos, né? Não tá acostumado a dar presente... Natal a gente espera, aniversário nem é tanto, mas Natal a gente espera, né? Então ficava até tarde...”*
- **Ana:** *“Ah não, aniversário eu sempre ganhava alguma coisinha...”*
- **Januária:** *“Uns dias a minha mãe pegava um sabugo de milho novinho, ‘vamos pentear o cabelo, vamos fazer uma bonequinha’, então eu acho que eu fui carente de homem, esses homens que eu arrumei não valem nada, na minha vida não vale nada! Respeito meu pai porque ele é meu pai, também não prestou, e eu acho que é isso na minha vida, ou incomoda, ou faz falta, não sei...”*
- **Eu:** *“Então você sente falta de um... de um carinho masculino?”*
- **Januária:** *“É, eu acho que falta isso, né?”*

A falta de amor deixada pelo pai faz Januária não gostar de homem: *“por isso que eu não gosto de homem mesmo”*, condição que dialoga e se potencializa com os homens que tiveram com ela alguma relação: *“esses homens que eu arrumei não valem nada, na minha vida não vale nada”*. Januária faz a ponte entre seu pai e seus namorados. Em outros momentos ela já havia dito que seu pai *“não vale nada”*, agora, os homens que arrumou também *“não valem nada”*. Januária cria uma imagem de homem que não tem valor, imagem

que poderemos questionar, mas que, de qualquer forma, é uma imagem que convive com ela e a constitui como mulher que precisa valer:

- **Januária:** “*Aí é por isso que eu falo, eu quero um namorado que seja mais homem que eu. Mas tá difícil!*”
- **Ana:** “*Aí fala que mulher é o sexo frágil. Nunca!*”
- **Januária:** “*E eu não sou não! E assim, eu acordo com uma disposição [...]*”

E, embora Januária se pergunte: “*pra que que eu tenho um homem, né?*”, ao mesmo tempo, diz ser “*carente de homem*”. Carente, talvez, de um certo tipo de homem que ela não conseguiu encontrar no pai e namorados, mas que consegue ver em seu filho: “*Meu filho Márcio. É amigo, companheiro, irmão... Ajuda a cuidar dos irmãos... chama pra conversar, dá bronca quando precisa. As meninas respeitam ele. Ele é muito sério. Ele é um homem que eu acho que é bom!*”.

Falta... ausência... A ausência paterna chama muito a minha atenção.

Podemos pensar as ausências paternas que se dão naquela periferia dentro do contexto mais amplo da constituição da própria masculinidade hegemônica que ressoa em uma concepção de paternidade tradicional.

[...] chamamos de masculinidade hegemônica e de paternidade tradicional um conjunto de práticas discursivas que, historicamente, em nossa cultura posicionaram os homens como responsáveis pelo sustento financeiro do lar e, conseqüentemente, o afastaram do trabalho doméstico e do cuidado com as crianças (SILVEIRA; ANDRADE, 2013, p. 3).

Somente por essa concepção, já poderíamos conceber que no lar, pelo menos pelo tempo em que estiver trabalhando para buscar o sustento da família – o que corresponde a uma compreensão do homem no espaço público –, o pai se torna ausente. Em diálogo com essa construção, a mulher é aquela que deve permanecer no espaço doméstico cuidando dos/as filhos/as e da casa. O pai tradicional é, dessa forma, “aquele que se mantém distante emocionalmente dos filhos” (SILVEIRA; ANDRADE, 2013, p. 5). Fica, assim, para a mãe essa responsabilidade. No entanto,

o modo como homens (e mulheres) vivem/exercem/significam a paternidade (maternidade) está diretamente relacionado às questões sociais e culturais. O que existe é uma ideia, construída no social, sobre a divisão das funções por esses homens e mulheres na criação de seus filhos. (SCHWENGBER; SILVEIRA, 2011, p.99)

Nesse sentido, cabe observar que, apesar de várias referências nas falas das mulheres pesquisadas com relação a essa paternidade provedora em conformidade com as

representações tradicionais, essa função, na maioria das vezes também não é cumprida pelos homens pais. Assim, a ausência paterna, no contexto daquela periferia, faz parte de uma cultura diferente daquela que se pretendia hegemônica nas concepções de masculinidade e paternidade recebidas pela tradição. Outras ideias, outras imagens se constroem.

Poderíamos então, pensando nesse contexto, falar de ausências, no plural. Vejo ausências no pai de Januária, vejo-as também no pai de Jane. Ausência física, ausência material, ausência afetiva, ausência que se desdobra em outras ausências... Não “*dar presente*”, não ter “*esse amor pelos filhos*”, não aparecer quando “*a gente espera [...] até tarde*”, tudo isso faz com que se respeite o pai “*só porque é meu pai*”, o que “*incomoda, ou faz falta, não sei!*”. E as ausências vão se fazendo e constituindo subjetividades.

Ao cruzar a história de Vânia com as de Januária e Jane observo algo interessante. Vimos, no diálogo com o Anderson, que Vânia é a única que diz *adorar* o pai, “*achava ele o máximo*”, mas que motivos apresentou para isso? O fato de seu pai morar na rua, viver entre cachorros. Em outros momentos em que provoquei o assunto, a resposta de Vânia vinha na mesma direção. Na entrevista individual ela falou um pouco mais e reproduzirei aqui toda a fala, por julgar importante, neste momento. Veremos que o pai de Vânia também é ausente, some, não dá notícias, não comparece no sustento da família... Como, então, pensar essa admiração de Vânia pelo pai? Será que sua vida na rua, cercado por cães, uma vida rebelde, sem aceitar a ajuda da família, faziam do pai de Vânia uma personagem exótica, diferente da normalidade encontrada naquela periferia, provocando, assim a admiração? Mas o que mais Vânia tem a dizer de seu pai?

- **Eu:** “*O que que você tem pra falar sobre a família que você foi educada, por exemplo, sobre o seu pai?*”
- **Vânia:** “*Meu pai, assim, eu não tive muito contato com meu pai, assim, na minha fase de... de adolescência. Mas a minha mãe, assim, o pouco que eu me lembro, minha mãe se separou do meu pai, por vários motivos... Ele não tinha trabalho fixo, ele era alcoólatra, e tal, e eu adoeci, porque eu era muito agarrada com o meu pai, eu sempre fui muito presa ao meu pai... afetivamente. Então, ela voltou com ele, por minha causa e eles ficaram um tempo. Então, assim... de infância, eu não lembro muita coisa minha com o meu pai. Depois, quando eu tive os meus... 9 anos, foi quando ele retornou. É uma parte que eu não me lembro... depois a minha mãe se separou dele... ele ficou muito tempo sem procurar a gente, e tal... Nesse período, ele virou morador de rua, mas ele tinha família, minha mãe fala que a família dele tinha bens materiais e tal... mas ele não quis, ele optou por morar na rua. Então ele ficava na rua, catava papel, dormia na rua, não esquentava! Mas eu sempre fui muito agarrada com meu pai! Então, quando ele vinha me ver, pra mim era a maior festa! Que ele chegava todo sujo, de cabelo grande, unha grande... E eu, assim, eu gostava de cuidar dele. Ele chegava, minha mãe não deixava ele entrar em casa. Eu só podia ver meu pai no terreiro, em casa ele não podia entrar. Então, quando ele... – minha mãe trabalhava muito – quando ele aparecia, que ela não tava em casa, eu dava banho nele, cortava o cabelo dele, cortava a unha dele. E ele sempre vinha com muito bicho, sempre trazia alguma coisa pra mim, mesmo que suja. Eu lembro... eu tenho ainda vários ursinhos que ele me deu de rua, mas eu lavava...*”

cuidava... então, assim, eu era muito agarrada com o meu pai, independente do que ele... dos problemas dele com a minha mãe, né? E aí, eu convivi com ele até os meus 25 anos. Tem uns,, eh... tem uns 5 anos que ele faleceu, mas eu sempre fui muito agarrada com ele.”

- **Eu:** “Mas cê convivia... assim, ele não morava com vocês!”
- **Vânia:** “Não morava...”
- **Eu:** “Ele visitava?”
- **Vânia:** “É! Ele sumia... Vamos supor, tinha vez que ele sumia 1 ano, 2 anos. Depois ele aparecia. Porque ele às vezes pegava essas granjas pra cuidar... ficava andando por essas estradas afora... **Então, assim, o que eu convivia com ele é quando ele vinha me visitar.** Ele ficava, às vezes 1 dia, dois dias. Depois eu já tinha um cômodo na casa da minha mãe, então ele vinha, dormia na minha casa, e tal... Mas ele sempre sumia. Fixo, assim de ter tempo pra ficar com ele, não. Ele nunca ficou comigo muito tempo não. **Era sempre esses... pedacinhos.**”

Vânia conhece alguns dos problemas que seu pai trazia para a mãe: “*Ele não tinha trabalho fixo, ele era alcoólatra, e tal*”. Também reconhece que o pai se ausentava muito: “*É! Ele sumia...*”, Para 1 ou 2 anos sumido, 1 ou 2 dias de presença. Dessa forma, Vânia considera pouco o contato que tinha com o pai: “*Meu pai, assim, eu não tive muito contato com meu pai, assim, na minha fase de... de adolescência. [...] Então, assim... de infância, eu não lembro muita coisa minha com o meu pai*”. Vânia ainda constrói uma imagem paterna que, aos olhos de muitas/os de nós, enquanto filhas/os poderia ser motivo de vergonha, assim como era vergonhoso para sua irmã Raquel.

- “*ele virou morador de rua [...] Então ele ficava na rua, catava papel, dormia na rua, não esquentava! [...] Que ele chegava todo sujo, de cabelo grande, unha grande... [...] Ele chegava, minha mãe não deixava ele entrar em casa. Eu só podia ver meu pai no terreiro, em casa ele não podia entrar.*” (Vânia)

Nada disso, no entanto, servia para construir em Vânia um sentimento que o desprezasse e desconstruísse a admiração que sentia: “*porque eu era muito agarrada com o meu pai, eu sempre fui muito presa ao meu pai... afetivamente [...] eu sempre fui muito agarrada com ele.*”.

Pelas dicas de Vânia em suas falas, percebemos que ela se lembra de pouca coisa do convívio na infância e na adolescência. Por três vezes, destacadas no fragmento da entrevista, ela tem falas nesse sentido. O que Vânia lembra faz com que não se importe muito quanto aos “*problemas dele com a [...] mãe*”. O que Vânia lembra, reporta a momentos agradáveis dos quais ela diz ter gostado: “*E eu, assim, eu gostava de cuidar dele. [...] eu dava banho nele, cortava o cabelo dele, cortava a unha dele. E ele sempre vinha com muito bicho [...]*”. Ao contrário do pai de Jane, o de Vânia gostava de ser cuidado por ela, além disso, ele apresentava-se para ela suprimindo aquilo de que Januária diz sentir falta, daí o meu interesse em cruzar essas histórias: “*[...] ele vinha me ver [...] sempre trazia alguma coisa pra mim,*

mesmo que suja. Eu lembro... eu tenho ainda vários ursinhos que ele me deu de rua, mas eu lavava... cuidava...”. A valorização que Vânia não sentia na relação com a mãe, concretizava-se na relação com o pai. Para as visitas do pai, era ela, Vânia, o motivo. Ele lembrava-se dela, sentia saudades, ia visitá-la, dava-lhe presentes, mesmo que sujos e usados. Quando Vânia adoeceu porque a *“mãe se separou do [...] pai”*, ele retornou por sua saúde. Num contexto em que o homem se apresenta e é representado por sua indiferença ou violência, traduzidas nas vozes de Jane e de Januária e, como poderemos ver, também na de Ana, Vânia via um homem diferente em seu pai. Um homem sensível, que precisava de cuidados, atencioso. No *“pouco”* que ela se lembra dele, era assim que ele aparecia, capturando Vânia numa relação de adesão, de cumplicidade em que juntos resistiam e subvertiam as ordens postas pela mãe:

- *“Ele chegava, minha mãe não deixava ele entrar em casa. Eu só podia ver meu pai no terreiro, em casa ele não podia entrar. Então, quando ele... – minha mãe trabalhava muito – quando ele aparecia, que ela não tava em casa, eu dava banho nele, cortava o cabelo dele, cortava a unha dele.”*

Estaria Vânia formulando uma verdade sobre seu pai que passa a concorrer com outras, em jogos de verdade? Foucault (2012e, p.276) nos diz que *“há jogos de verdade em que a verdade é uma construção [...]”*; E quem diz as verdades? *“Pode ser um grupo, [pode ser] um indivíduo”* (FOUCAULT, 2012e, p.276). Na luta pelos significados no jogo que diz sobre o homem na periferia, Vânia é esse indivíduo que traz uma fala diferente, se inserindo no jogo, entrando na luta por significar uma imagem de pai diferente da que tem sido dita. Constrói, assim, sua experiência. Dá sentido ao que é.

Enquanto Vânia afirma essa relação com o pai até, aproximadamente seus 25 anos, quando, então, ele veio a falecer, Ana conta que só conheceu o seu aos 18 anos. Na entrevista individual, Ana diz: *“Conheci o pai. Eu tenho conhecimento de pai. Sei quem é... Não convivo, mas converso, quando... fico preocupada, vou ver... pergunto, mas... não tenho...”*. Em outro momento, Ana diz não poder falar nada do pai, já que não havia convivido com ele, o que não possibilitou que ela o conhecesse. No diálogo com o Anderson, Ana diz: *“O meu, eu nem sabia, só conheci ele com 18 anos”*. Será que Ana pensa haver um dizer verdadeiro que possa dar conta de seu pai e que esse dizer verdadeiro seria possível ao conhecê-lo pelo convívio? Por isso Ana se isenta de falar do pai? Será que acredita que a ausência paterna é mesmo impeditiva para se falar dele? O silêncio que fica abre um espaço que me provoca. Um espaço que eu preencho com algumas questões que me incomodaram. Por estar ausente, não se poderia falar de um pai ausente? Que em 18 anos não esteve junto da

filha e quando aparece, é apresentado, mas continua ausente? Que pai silencioso! E o que traduz esse silêncio de 18 anos e que se faz contínuo? Desinteresse? Esquecimento? Recusa? Ignorância quanto à existência de Ana? O que nos falam esses silêncios? O silêncio de Ana que não fala do pai ausente e o silêncio do pai na própria ausência? São silêncios que produzem, pois o silêncio “produz conhecimento, sujeitos e relações” (FERRARI; MARQUES, 2011, p.11). Que sujeitos estão aí constituídos? Que relações? Que formas de existências foram possibilitadas?

Arrisco-me a dizer que Ana e Vânia, suas subjetividades, estão envoltas em vários silêncios. Foucault (2004), nos diz que há muitas maneiras de falar, assim como muitas formas de silêncio. Considera, ainda, que o silêncio seja, também, uma forma de se relacionar com as pessoas, “uma forma de relação muito mais interessante” (p.38). Admitir a existência de diferentes silêncios me ajuda a pensar não só o silêncio tácito de Ana ao não poder/querer falar de um pai que não conhecia, ou o silêncio na ausência

paterna que se fez sem cartas, telefonemas, sem recados ou batidas na porta, mas também, possibilita ver silêncios nas poucas lembranças de Vânia com relação às vivências com seu pai, o silêncio daquilo que não lembrava, acontecimentos fortes que marcaram a vida de Ana e possivelmente de D. Olívia e que, para Vânia, silenciou-se ou foi silenciado não entrando

A voz do silêncio

*Pior do que a voz que cala,
é um silêncio que fala.*

Simples, rápido! E quanta força!

*Imediatamente me veio à cabeça situações
em que o silêncio me disse verdades terríveis,
pois você sabe, o silêncio não é dado a amenidades.
Um telefone mudo. Um e-mail que não chega.
Um encontro onde nenhum dos dois abre a boca.*

*Silêncios que falam sobre desinteresse,
Esquecimento, recusas.*

[...]

*É mil vezes referível uma voz que diga coisas
que a gente não quer ouvir,
pois ao menos as palavras que são ditas
indicam uma tentativa de entendimento.
Cordas vocais em funcionamento
articulam argumentos,
expõem suas queixas, jogam limpo.
Já o silêncio arquiteta planos
que não são compartilhados.
Quando nada é dito, nada fica combinado.*

[...]

*O único silêncio que perturba,
é aquele que fala.*

E fala alto.

*É quando ninguém bate à nossa porta,
não há e-mails na caixa de entrada
não há recados na secretária eletrônica
e mesmo assim, você entende a mensagem.*

*Martha Medeiros
(apud, FERRARI; MARQUES, 2011, p. 15-16)*

nas verdades que trouxe. Mas o que Ana tem a nos dizer desse homem, seu padrasto? Como pode preencher alguns dos silêncios deixados por Vânia trazendo outras verdades para o jogo?

- **Eu:** “*E o seu padrasto, cê tem alguma coisa que marca nele e...*”
- **Ana:** [Silêncio] “*Não...Assim, é morto, né? Assim... não!*”
- **Eu:** “*Ele morreu?*”
- **Ana:** “*Morreu.*”

Mais tarde vou perceber que o padrasto de Ana não está morto. De alguma forma vive nela, nas suas recordações. Constitui a Ana de hoje e a constituiu no passado. Esse homem foi uma força que produziu marcas em Ana. Experiências que Ana quis contar, como algo que não poderia faltar na pesquisa. Experiências passadas que, narradas, transformam o vivido em novas experiências (RAGO, 2013).

- **Eu:** “*Por mim, a gente encerrou. Cê tem alguma coisa que você gostaria de falar, que cê acha que possa ajudar ou alguma coisa que você... tem vontade e eu ainda não perguntei... que cê acha importante...?*”
- **Ana:** [silêncio] “*Que eu acho importante?*” [silêncio]
- **Eu:** “*Com relação a isso tudo que a gente tá vendo, estudando, né?*”
- **Ana:** “*Então! Uma coisa que eu queria falar, assim, que pra mim é até um pouco difícil, né, o assunto. É... a mulher, sobre assim... a agressão sexual na periferia! Eu acho que é uma coisa que eu acho que... dentro dessa pesquisa não foi assim tão abordado. E existe, ela! Existe ela em casa, com os irmãos. Existe ela em casa, com o padrasto. Existe com o pai. Existe o pai com a mãe... o pai com a mãe. Eu acho que foi uma coisa que não foi abordado, dum jeito. [...]*”

E o que Ana quer contar? Vamos ouvi-la:

- **Ana:** “*Quando eu fui violentada, que eu fui violentada com 9 anos, 9 anos, eu não... era uma criança! De 9 anos! Aí, depois... Aí com 9 anos a minha mãe... com 10, 12, a minha mãe... eu lembro que a minha mãe deu a gente pros outros [...] E eu vivi isso por muitos anos! Eu vivi, oh, com 9, 10, 11, 12... Quando meu padrasto foi embora, eu tinha 14 anos. Ele foi embora de casa.*”
- **Eu:** “*Ele te violentava muitas vezes?*”
- **Ana:** “*Violentava muitas vezes*” [Ana fala palavra por palavra, pausada e enfaticamente].
- **Eu:** “*E por que que você não falava?*”
- **Ana:** “*Porque tinha essa coisa de ameaça! Ele tinha muita... eu lembro de uma vez, que ele colocou a Vânia em cima do... – ele é o pai da Vânia – Tinha um canto na minha casa, assim, oh, igual aquele canto ali. E naquele canto, tinha um banco desses de madeira, reto, e um botijão no canto, assim. Ele falou comigo assim... Eu falei: ‘Ah eu não aguento, eu tô cansada disso, eu não aguento mais, eu vou falar com a minha mãe!’. Ele colocou a Vânia em cima do boião e falou comigo: ‘Ou eu faço com você ou eu faço com a Vânia!’. Eu não esqueço essa imagem na minha cabeça. Ela me atormenta! Ela é uma coisa que me atormenta! Aí eu não lembro se teve uma sensação de violência dele para com a Vânia, que a Vânia lembra disso também. E ela era pequena, devia ter uns 7 anos! Aí eu fico pensando, eu falo: ‘Gente, do céu! O que que é isso?’. Cê vê, eu era grande, tinha uns 14, mas a Vânia era pequena! Aí... tem essa coisa! Eu tenho essa coisa comigo. Aí, depois desse dia, eu falei: ‘Não gente, a partir de hoje...’. É nesse momento que eu lembro de eu falar: ‘Gente, a partir de hoje, nada de ruim acontece com minhas irmãs! Com nenhum dos meus irmãos’. Nossa Senhora! Desse momento... esse momento... ele me traz... eu lembro direitinho! Direitinho! Como se fosse... assim, como se você falar comigo hoje... Parece que eu estou vivendo esse*”

momento, agora! Aí eu falei assim: 'Nunca mais, nada de ruim vai acontecer com meus irmãos! Nunca mais!' Nunca mais deixei acontecer de ruim, assim, o que eu pudesse defender, salvar, assim... nunca mais deixei!"

- **Eu:** “Mas, aí, Ana, você... nesse dia, falou com sua mãe?”
- **Ana:** “Não! Aí, nesse dia, que que aconteceu? Eu conversei com uma vizinha minha, e falei com a minha vizinha: ‘Eu não aguento mais! Tá acontecendo isso, isso e isso... Hoje ele falou isso comigo... e aconteceu de novo...’. **Aí ela falou com a minha mãe. Aí minha mãe foi, mandou ele ir embora de casa, e tal... aí ele foi embora mesmo. Mas... a minha mãe já sabia! Só que ele tinha voltado pra casa, que a minha mãe tinha dado a gente pros outros. Só ficou a Vânia e a Raquel, não tinha o Luan não. Aí, o que aconteceu? A minha mãe, aí, a mulher devolveu a gente, ele continuou vivendo dentro da casa. E ele continuou ameaçando. Teve uma vez que ele amarrou eu e o Hélio numa corda, numa corda, e jogou a gente daqui de cima, aqui, oh! Aqui embaixo, na rua. A gente ficou todo ralado! Todo ralado! Chegou em casa, ele falou com a minha mãe que a gente tinha feito bagunça. Por isso que ele tinha feito aquilo. Mas era mentira. Porque nesse dia, o que que aconteceu? Ele queria fazer as coisas e eu fugi pra casa da Ruth, uma mulher que mora aqui em cima. Eu e o Hélio! Aí que que aconteceu. Eu falei: ‘Ai gente, eu não aguento, eu não aguento’. E eu fiquei reclamando. E ela falou: ‘Oh, Ana, que que você não aguenta?’, e eu falei: ‘Ai, gente, eu não aguento! Não aguento esse homem, esse homem é chato demais, e tal, que não sei o quê.’. **Aí, a gente chegou em casa, ele amarrou a gente, numa corda e jogou a gente daqui de cima, aqui embaixo. Aí a mãe da Rose que falou. Aí a minha mãe chegou em casa e ainda bateu na gente. Que a gente não era filho dele. Ele não era obrigado a aguentar a gente. Ele era obrigado a aguentar só os filhos dele. Então, assim, tinha muito essa coisa também, sabe? Da minha mãe proteger... essas coisas.... Então, assim, aí a gente vai vivendo, então: ‘Ah, mas por que uma pessoa submete-se a isso?’.** **Medo! A criança, ela é mesmo, manipulada muito pelo medo. Muito pelo medo.** Se você falar com ela assim: ‘Vou te dar esse doce, você não conta pra sua mãe, senão eu vou fazer uma coisa pra ela’, ela tem que ter uma educação psicológica, dentro de casa, muito forte. E a gente é muito fraco pra dar isso. Vou te falar, eu com essa minha... com esse meu, minha certeza, com essa minha vontade... eu tento passar o máximo que eu posso pra Vivian, e às vezes eu olho pra Vivian e eu vejo ela fraca! E eu vou te falar, não gosto... e outra coisa que eu não gosto é de mulher fraca! Às vezes eu falo assim: ‘Gente, eu tenho esse meu lado assim, masculino, de tanta força que eu tive que fazer pra aguentar isso tudo na minha vida!’ E aí, aí... E aí você vai vendo as suas irmãs crescendo... **Uma vez eu cheguei em casa e vi ele passando a mão na Vânia... Uma vez, o Tomás, meu irmão, passando a mão na Vânia, com uns 14, 15 anos! Eu dei uns tapão, assim nele... Eu dei uma coça nele [...]**”**

Ana fala entre silêncios, buscando palavras, com a voz ofegante. Experiencia o que narra. Fala, também de seus próprios silêncios ao tratar de um assunto que, segundo ela, não conversa com ninguém. Um assunto, porém, que julga não poder ficar fora da minha pesquisa. Poderia me arriscar e dizer que o que se dá é um testemunho que longe de trazer verdades que geram provas e culpados torna-se o lugar em que

[...] predomina o trabalho mais sutil de reconstrução do sujeito e de sua rede de relações. [...] A cena do testemunho, o face a face, a constelação de forças do presente deixam suas marcas no testemunho, tanto quanto a perspectiva dos fatos, a entonação da voz, os silêncios e os gestos de quem fala. O passado, nesse testemunho auricular, é antes de mais nada um pretérito *do* e *no* presente. A posição de quem fala e seu objetivo político também são

constitutivos de sua narrativa. (SELIGMANN-SILVA, 2013, p. 19 – destaques do autor)

Na cena do testemunho, Ana e eu, face a face. Eu, na posição de escuta e de quem poderia escrever o que ela dizia – e me senti na responsabilidade de fazê-lo, porque ela queria ver registrado, “*abordado*” em minha pesquisa porque “[...]a *agressão sexual na periferia [...] Existe ela em casa, com os irmãos. Existe ela em casa, com o padrasto. Existe com o pai. Existe o pai com a mãe...*” (Ana). A posição de Ana é a de quem passou pelas experiências narradas, de quem foi marcada por elas. Ana fala de dentro do que viveu e, ao mesmo tempo olhando para o que viveu, guardando distância para poder dizer. E sabe que não é uma experiência isolada, mas, ao contrário, é uma experiência que passa por muitas outras mulheres que vivem naquela periferia.

- **Ana:** “[...] *Então, assim, cê vê muito essas coisas, sabe? Então assim, eu acho...*”
- **Eu:** “*É comum, aqui, as meninas serem...*”
- **Ana:** “*Muito comum! Muito comum!*”

Ana constrói, em sua fala, uma verdade sobre a periferia em que vive. O abuso sexual é comum, corriqueiro, de certa forma, viabilizado pela omissão daqueles que sabem, mas não dizem. Seu dizer pode significar mudança desde que se torne público. Vidas podem ser afetadas. Lança para mim o desafio:

- **Ana:** “*Mas é... A mulher na periferia, tem que abordar tudo o que a gente viveu, né? É o que eu falei com as meninas. É... Porque senão, também, fica uma coisa mascarada, né? meio assim... livro, né?*”
- **Eu:** “*Achando que tudo é... muito leve!*”
- **Ana:** “*Livro! Já que é livro, compra um livro e lê o livro!*”
- **Eu:** “*Pois é! Aí não é a vida, né, Ana?*”
- **Ana:** “*Não é a vida, é um livro!*”

Se eu não quero produzir uma história qualquer, um simples livro, mas uma história sem máscaras, eu preciso dizer que as mulheres naquela periferia vivem o perigo de serem violentadas sexualmente pelos homens que as rodeiam. É isso que Ana pensa. O testemunho de Ana, ganha assim, um tom político. Trata-se de uma denúncia. Em vários momentos, nas orientações para a pesquisa, o Anderson falava que as entrevistas são um espaço de denúncia. São oportunidades para essas vozes tão silenciadas, são espaços privilegiados para que elas tragam narrativas que não são narradas por não terem ouvintes. Ali, eu me disponho a ouvir e elas confiam em mim. Colocam suas histórias em minhas mãos, na esperança de que outras pessoas venham a saber e que algo possa se produzir a partir disso,

como externaram logo no primeiro encontro para a pesquisa. Senti isso, muito fortemente, nesse ato de Ana, que estou chamando de testemunho.

O que Ana nos narra, mostra sua constituição diante do medo: *“Porque tinha essa coisa de ameaça!”*; *“Então, assim, aí a gente vai vivendo, então: ‘Ah, mas por que uma pessoa submete-se a isso?’ Medo! A criança, ela é mesmo, manipulada muito pelo medo. Muito pelo medo.”* (Ana). Medo do outro, do padrasto e, por muitas vezes, do próprio pai que violenta ou da própria mãe que se cala diante da violência com as filhas, filhos e com ela própria e, assim, ensina a calar quando não acaba tendo reações de cumplicidade e outras violências como a que teve quando entregou Ana e os irmãos para outra pessoa criar, além de ter dado uma surra por não acreditar neles/a em um outro episódio, em que Ana, por fugir do padrasto foi dependurada por ele em uma corda e jogada morro abaixo junto com o irmão. Resumindo, medo de sofrer mais do que o sofrimento pelo qual já passava.

Em meio a tanto medo e à violência que não podia evitar, Ana viveu cerca de 5 anos de sua vida. Sofrimento anônimo e solitário, sufocado e quase mudo, mas que resolveu enfrentar ao ver a irmã ameaçada: *“Ou eu faço com você ou eu faço com a Vânia!”* – imagem inesquecível que *“atormenta”*. Ao ver a irmã em perigo, Ana cria coragem de falar com alguém. Quebra o silêncio. Ela, novamente, como em outras situações, não quer que irmãs e irmãos passem pelo que passou. Toma atitude, age em função disso. Nesse momento, a sujeição de 5 anos aos impulsos sexuais e abusivos de um homem vê-se diante de um acontecimento (FOUCAULT, 2008). A ruptura se dá. *“É nesse momento que eu lembro de eu falar: ‘Gente, a partir de hoje, nada de ruim acontece com minhas irmãs! Com nenhum dos meus irmãos’. Nossa Senhora! Desse momento... esse momento... ele me traz.... eu lembro direitinho! Direitinho!”*. Esse momento marcante muda a vida de Ana. Ela busca o apoio da vizinha que por sua vez conversa com D. Olívia. E o homem é mandado embora. E a ruptura de Ana gera uma nova ordem em sua vida:

- *“Aí assim, aí depois eu cresci, né? Já não aceitava mais homem dentro de casa de jeito nenhum... nenhum homem... depois que eu cresci... Agora que ela arrumou um namorado! Há pouco tempo, porque eu não aceitava, mesmo. Então, o tempo que eu fiquei na casa dela, onde o meu dinheiro era gasto dentro da casa, homem não podia. Eu fazia a parte do homem: não faltava comida, não faltava isso... me virava...”* (Ana)

Interessante, então, pensar tudo isso. Talvez aquilo que Vânia tenha se esquecido da vivência com seu pai tenha ficado lá na “estratégia de apaziguamento” e na “medida de proteção” com relação às memórias dos ressentimentos que Pierre Ansart (2004) nos traz. Mas é exatamente isso que para Ana é um tormento e está em suas lembranças, *“Como se fosse... assim, como se você falar comigo hoje... Parece que eu estou vivendo esse*

momento, agora!”. Vânia produz seus silêncios e admira o pai que provoca tanto barulho nas lembranças de Ana. Ana narra tudo isso, e, como já citado, “a constelação de forças do presente deixam suas marcas no testemunho” (SELIGMANN-SILVA, 2013, p.19). Entendo, dessa forma, que, no testemunho, Ana faz a experiência de si, algo se produz. Também, com esse testemunho, Ana deixa visível a coragem e a força nas experiências do passado e nas narrativas de agora.

Na vida dessas mulheres, presenças e ausências podem, então, serem igualmente sofridas. A presença paterna traz muitos conflitos e, na maioria das narrativas dessa presença, o que aparece é a dor. E como um dos efeitos da dor, as ausências podem se fazer necessárias. O pai de Vânia, padrasto de Ana, vai embora. Enquanto Vânia adocece, Ana sente alívio! D. Olívia, mais uma vez, está só. Experiências... distintas marcas.

O que pretendo, agora é pensar em alguns desdobramentos produzidos com a ajuda dessa ausência paterna entendendo-os como marcantes nas subjetividades dessas mulheres. Digo com a ajuda, porque não podemos responsabilizar integralmente a figura paterna por esses desdobramentos, pois estamos falando de algo que se dá no interior de relações de poder. Nas relações de poder “há necessariamente possibilidade de resistência – de resistência violenta, de fuga, de subterfúgios, de estratégias que invertam a situação” (FOUCAULT, 2012e, p. 270) ou, minimamente, de estratégias que possibilitem a produção de outros efeitos. Esse tipo de entendimento nos faz evitar uma masculinidade vilã, de um lado e uma feminilidade vítima, de outro. Homens e mulheres estão em relações e se constituem no interior dessas relações. Relações que também se diferem umas das outras e necessitam ser pensadas e discutidas para que se possam encontrar brechas, fissuras, espaços onde a liberdade possa acontecer. Sendo assim, esta escrita não busca culpados/as.

[...] ao invés de procurar os culpados, é necessário identificar como se institucionalizam e como se atualizam as relações de gênero, possibilitando, efetivamente transformações no âmbito das relações entre o masculino e o feminino e não apenas entre homens e mulheres, mas nos homens e nas mulheres [que são diferentes entre si]. (MEDRADO;LYRA, 2008, p.820)

Pensar em relações que possam ser transformadas, é sair da naturalização e fixidez de comportamentos masculinos e femininos, é borrar e perfurar a linha que os polariza, é abrir-se para pensar em outras formas de ser homem e outras formas de ser mulher, pois assim como a mulher não nasce mulher, mas torna-se mulher (BEAUVOIR, 1967), também o homem não nasce homem, mas torna-se homem (MEDRADO, 2008). Pensar em

transformações significa entender que, no contexto pesquisado, a desigualdade de gênero se faz efetiva e, do meu ponto de vista alarmante, necessitando mesmo transformar-se. Incomoda-me muito a isenção dada aos homens. Incomoda-me a falta de responsabilidade atribuída aos homens e a sobrecarga lançada sobre as mulheres, principalmente às mulheres que também são mães – e, guardadas as exceções, elas são mães desde muito cedo e poucas não se tornam mães –. Esse incômodo crescia em mim durante toda a pesquisa. Na entrevista com Vânia, não segurei o incômodo e perguntei:

- **Eu:** “Agora, você vê uma coisa, Vânia? Vou te falar aqui, umas 3 coisas. Nem sei se eu poderia falar isso agora. Primeiro: o quanto que a sua mãe aparece nos conselhos, também, não é? E o quanto tem uma... uma direção da cobrança das coisas que você queria, ser por parte, ser dada por parte dela! Né? Por exemplo: ela que não tinha o dinheiro, ela que não dava, ela que não fazia o conselho... Cadê o pai? Por que que vocês não direcionam essas cobranças aos pais? Por que é a mãe?”
- **Vânia:** “No meu caso, eu não tive esse pai! A gente não tinha pai. Era só a minha mãe!”

Resposta simples: não se cobra do pai porque ele é ausente.

“No meu caso, eu não tive esse pai!”: Na ausência paterna, alguns desdobramentos

Pensar em desdobramentos produzidos na ausência paterna pode significar dizer que esta não se deu (ou se dá) sozinha. No caso de Vânia e Ana, como um primeiro efeito, poderíamos pensar a sobrecarga de responsabilidades atribuídas à mãe. Não tendo com quem dividir responsabilidades pelos filhos e filhas, a mãe se via na necessidade de trabalhar em vários empregos para tentar manter materialmente a família.

- **Vânia:** “Ah, ela sempre acumulava, porque, assim, ela nunca trabalhava num lugar só. Se ela trabalhava em casa de família, ela tinha mais de uma. No XXX⁶⁵, até esses meses atrás é a mesma coisa, ela trabalha no XXX, mas ela sai, tem uma cliente muito antiga – cliente, não, né? Uma casa que ela trabalha, a família é muito antiga, ela continuou trabalhando pra eles. Agora que ela tá pensando em largar. Tem um mês que ela não vai trabalhar pra eles. Mas assim, ela nunca tá num trabalho só.”
- **Eu:** “Então, desde a sua infância sua mãe tem vários empregos...”
- **Vânia:** “É, vários!”
- **Eu:** “E... e se ausenta muito de casa em função dos empregos.”
- **Vânia:** “É, sempre!”

Essa sobrecarga, como podemos ver na fala de Vânia, acabava por produzir também a ausência materna. Essa dupla ausência lançava, muitas vezes, as crianças “à própria sorte”. Continuando a entrevista com Vânia:

⁶⁵ Em substituição ao nome da empresa em que a mãe trabalha há vários anos.

- **Eu:** “E o que que você acha disso?”
- **Vânia:** “Agora... mais nova não fazia muita diferença, porque como ela prendia muito a gente... Quando ela não tava em casa, a gente tinha mais liberdade. A gente fazia muita coisa, por exemplo, brincar com amiguinho, ir na rua... ela não deixava de jeito nenhum. Depois, quando a gente... na fase de adolescência... a gente sentia falta de conversar. Já tinha a parte de namorar... igual, quando eu fiquei menstruada, ela nunca conversou sobre isso... na fase, quando a gente fica com essa dúvida, do que que é ficar... ou não, de deixar uma pessoa te tocar ou não... eu não tive mãe! Nesse ponto eu nunca tive mãe.”

D. Olívia tinha que ser a chefe da família, mas em sua longa ausência a relação que poderia ter sido recheada por conversas, aconselhamentos e negociações, realizou-se por interdições, xingamentos e tentativas de dominação. Já vimos muitas situações que possibilitam esse tipo de problematização. D. Olívia proibia: “A minha mãe já não deixava namorar não” (Ana), xingava: “Ai sua piranha” (D. Olívia falando para Vânia), humilhava: “Oh Ana, você é tão ruim, você é seca, você não faz filho!” (D. Olívia falando para Ana), batia: “Bateu, mas bateu mesmo. Aquilo, o cano foi batendo, esse cano d’água, vai levantando aquilo e vai virando uma bolha de sangue” (Ana), mas, da forma dela, ensinava: “Mas, assim, nunca faltou atenção! Nunca faltou essa coisa assim de... de mãe, de educação! Ah! Ela educava do jeito dela, ela batia... gritava... e tal! Mas educava! Acabava educando!” (Ana). Entre D. Olívia e suas filhas criou-se uma relação marcadamente paradoxal. Várias são as falas – e já vimos algumas – contraditórias que ora representam a mãe como a que zela, cuida, atende e supre as necessidades materiais e ora despreza, abandona e gasta o dinheiro na rua, deixando faltar o essencial em casa: “Minha mãe, como sempre... O dinheiro dela era pra gastar... na rua! Baile... festa.” (Ana); “[...] a obrigação dela ela sempre fez! Trabalhar e trazer o dinheiro pra dentro de casa.” (Ana). Como produto dessa relação, Ana e Vânia deixam visíveis as suas mágoas: “Eu e minha mãe assim, a gente vive é porque é mãe e filha mesmo, se não fosse a gente não teria convivência” (Ana).

Jane também relata a ausência materna, mas dá outro significado para a experiência. Diferente de Ana e Vânia, Jane vê na ausência da mãe, um esforço para dar o melhor para ela, o irmão e a irmã: “Sempre trabalhou fora, deixava a gente sozinho, mas sempre ali pensando no melhor pra gente... e fez o que ela pode”. Circunstâncias bem semelhantes envolvendo as relações familiares – ausência materna, irmãos e irmãs sozinhos/as em casa... – ganham novos sentidos, criam diferentes marcas, afetam de formas diversas, criam diferentes saberes e diferentes subjetividades. Isso mostra o quanto “o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência” (LARROSA, 2004, p.130). A

forma como Vânia, Ana e Jane se conduzem na vida, a forma como se relacionaram e ainda se relacionam com suas mães e, também, a forma como se constituem nas mães que são, ganham sentido pela forma como experienciaram/experienciam e significaram/significam suas experiências.

No caso de Januária, a ausência de sua mãe se dá com a morte, atribuída ao comportamento paterno, a desgostos provocados por ele. Para Januária há um desdobramento diferente: a presença da tia/madrasta que traz desconforto e vontade de ir embora: *“E ele ficou com a minha tia, irmã da minha mãe. [...] Minha tia começou me chamar de mulher da vida, eu não aguentei”*. Quantos desdobramentos ainda viriam para Januária? Quantas experiências, encontros, desencontros? Andar pelas ruas, por várias cidades, dormir ao relento, contar com a solidariedade alheia, ser mãe, levar os irmãos e irmãs, vivenciar o desaparecimento de sua irmã mais nova provocado pelo companheiro, voltar para casa... A complexidade que envolve o processo de subjetivação de Januária me diz que não se pode dar conta de buscar uma compreensão. Apenas algumas poucas pistas podem se tornar visíveis. E me faz olhar para esta pesquisa com muitas desconfianças! Leio e releio o material produzido no campo, faço meus recortes, monto e desmonto, interpreto, escrevo, leio e releio o que escrevi... e sempre fica a sensação de não estar dando conta. Mas... é para dar?

Pensando em outro efeito que pude visualizar na ausência paterna, vejo-o, novamente, como uma extensão de ausências. Desta vez, a ausência de parentes que não se conhece, irmãos, irmãs, avôs e avós, tios e tias. Ausências de pessoas com quem não se convive. Os parentes de Ana, por parte de pai, foram incluídos em seus silêncios. Jane sabe que existe outra família: *“Meu pai mora no ZZZ⁶⁶. Assim... antes da gente ele teve uma outra família, então eu tenho outros irmãos por parte de pai. Aí lá são seis”* (Jane); Vânia ouviu dizer da família paterna: *“mas ele tinha família, minha mãe fala que a família dele tinha bens materiais e tal...”* (Vânia). Mas só ouviu dizer, sem nunca ter conhecido. Januária, por sua vez, nos relata:

- **Januária:** *“Não, assim, eu sei que meu pai tem muito filho. Uma vez, pelo que eu soube, que eu contei, eram 30.”*
- **Ana:** *“Nossa!”*
- **Vânia:** *“Vivo?”*
- **Januária:** *“Que eu contei!”*
- **Ana:** *“Que contou, fora as outras mulheres que você não conheceu!”*
- **Januária:** *“Que eu não conheci e saiu por aí, não sei. [...]”*

⁶⁶ Em substituição ao nome do bairro onde reside o pai de Jane.

Sabemos o quanto se dá importância à família em nossa sociedade. Ter uma família, conviver com ela, conhecer seus membros... Quantos/as de nós já não tentamos construir uma árvore genealógica? Já tivemos que dizer de nossos pais, de nossas mães, irmãos, irmãs, avós, avôs, tios e tias, primos e primas em atividades escolares? Ou nas consultas médicas, quando é necessário construir o histórico de determinadas doenças? Nesse sentido, quantos silêncios tiveram que ser produzidos por elas? Silêncios de histórias que diriam delas e que, por se fazerem silêncios, produziam outras histórias e outros dizeres. Ao perguntar à Ana o que a atraía para um namorado, tive como resposta:

- *“Sei lá! O que eu me sentia atraída... assim... tem umas coisas assim que... eu não aceitava. Tinha que ser limpinho, né, assim, olhava, tinha que ser limpo. Não podia beber... **tinha que ter mãe, assim, tinha que ter uma casa, um lar, assim. O que me atraía era a família, eu acho. Eu sempre foquei muito nessa coisa de família, assim, eu acho... não sei, eu, há muitos anos atrás... hoje, não, mas há muitos anos atrás eu achava que família era aquela concebida de pai, mãe e filho. Mas assim... tinha casamento, né?... aquela coisa... que cê vive! Vive todo dia!”** (Ana)*

Ana sonha com a família numa configuração a qual não vivenciou. Uma família na formação burguesa, de acordo com ideais hegemônicos da modernidade que entre outros aspectos incluía: pai, mãe, casamento, irmãos e irmãs, amor romântico, mãe socializadora da criança que é, então, o centro da família, como nos aponta Cláudia Fonseca (1999, p.69). Uma configuração difícil de ser encontrada no bairro da pesquisa, onde ao contrário, encontramos famílias de diferentes formações mais abertas e não fixas. Onde hoje moram 10 pessoas, amanhã poderão ser 15, bastando, para isso, que alguém da parentela, ou mesmo uma pessoa amiga ou conhecida, se veja em situação difícil, precisando de um teto para morar. Digo isso por presenciar esse movimento nas famílias do bairro durante esses anos de convívio, inclusive nas famílias dessas mulheres que hoje me acompanham na pesquisa. Januária sempre teve suas portas abertas a irmãos e irmãs, filhos e filhas, netos e netas, parentes e até pessoas desconhecidas. Vânia e Ana já tiveram vários compartilhamentos em sua casa, com tia, primos e primas, irmãos e cunhadas, além do irmão adotivo e dos padrastos.

- *“O meu filho quando era vivo ele ia pra rua, conhecia gente e tudo. Na minha casa já morou um montão de gente, ele trazia pra dentro de casa, mas quando era uma criança, tem o Pierre, a Jurema que era lá da Bahia e tudo, morou comigo um tempão. Mas quando eles falavam a história deles, não: ‘Eu tô aqui, eu vim, fulano, trabalhei, tô aqui, tava na rua, não comia (*)’, o que que eu fazia: eu ia lá no juizado de menores e falava: ‘Olha, essa criança tá lá em casa por causa disso, mas qualquer coisa que precisar na minha casa, é esse endereço’, eu dava satisfação pra eles. Eles ficavam um tempo bom. Aí até que, a Jurema se foi embora*

pra cidade dela, conseguiu a passagem e foi embora. A Flávia trabalhou aqui um tempo, morou, depois foi embora também, já era de maior, mas a pessoa que vem trabalhar não tinha abrigo, aí a Maria conhecia alguém, o Mateus conhecia alguém, trazia aqui pra casa, falava 'Vão lá pra casa!'. Morava aqui em casa, todo mundo junto.” (Januária)

- *“Na época, eu lembro que assim... a gente morava tudo lá na minha mãe, né? Mas a Ana saiu de casa, ela me deu esse quarto pra mim ficar com a Malu e com o Felipe, porque tinha a casa dela embaixo, ela falou: 'Ah, agora cê já tá grávida, tá você e o Felipe... cês montam as coisas de vocês lá em cima e vive do jeito que cês quiserem viver'. Na época, a gente... ela deu esse cômodo pra gente viver e tal.” (Vânia)*
- *“Saía pra trabalhar, trabalhava, só que o dinheiro não dava. Era eu, meu irmão Hélio, Tomás, Vânia, Raquel, tinha o Luan, que é o adotado, já tinha, tinha minha tia que ainda não recebia, minha mãe doente dentro de casa, a filha da minha tia e mais uns 6 filhos que ela tinha. Aí de algum lugar o dinheiro tinha que sair.” (Ana)*

Tal versatilidade no meio familiar poderia gerar vários tipos de julgamento se vista pelos valores sociais ainda muito atrelados a padrões da modernidade e sob o olhar do senso comum.

É muito fácil, quando lidamos com pessoas da nossa sociedade, escorregar para termos de análise que vem diretamente do senso comum. [...] o assunto da família suscita atitudes que, quase como reflexo, classificam qualquer comportamento não-convencional na categoria de ‘desorganizado’, ‘desestruturado’ ou ‘anômico’. (FONSECA, 1999, p.60)

As famílias dessas mulheres seriam anômicas, desorganizadas, desestruturadas, fadadas a questões de desvios morais? Poderiam produzir algum tipo de discriminação e preconceito? É Cláudia Fonseca (1999, p. 69) quem nos comunica que com relação à família moderna, “adeptos da lógica evolucionista podem achar que este modelo representa um ‘avanço’ moral”. Porém, ela mesma nos traz que

A maioria dos estudiosos da história social tratam-no, pelo contrário, como a consequência de um determinado contexto histórico que implica, entre outras coisas, um nível mínimo de segurança econômica, um Estado central capaz de controlar e disciplinar seus sujeitos e a proeminência da instituição escolar [...] (FONSECA, 1999, p.69)

Será que nesta pesquisa estamos tratando de um contexto histórico e social que se rege por essas condições? Entendo que não. Mas, pelo menos a princípio, Ana parece ser uma dessas pessoas que valorizam esse formato. Mesmo sendo reticente em sua fala, mesmo no “*eu acho*” dito e repetido e mesmo que “*há muitos anos atrás... hoje, não, mas há muitos*

anos atrás eu achava que família era aquela concebida de pai, mãe e filho”, não podemos nos furtar em pensar que Ana viveu esse sonho de uma família que não vivenciava, uma família muito veiculada em “cartilhas escolares”, (FONSECA, 1999, p.69), mas que pode ser colocada na lista de raridades – para não arriscar a dizer inexistência – na periferia em que mora. Fico, então, pensando: será que a importância dada a esse modelo de família não contribuiria com a exclusão dessas mulheres de uma ordem social idealizada – e aceita por elas, talvez, muitas vezes desejada? De que forma estar num contexto familiar de mãe, muitos padrastos, irmãos e irmãs apenas por parte de mãe, primo adotado e vivendo como irmão pode situá-las no mundo? Como as relações familiares concretas dialogavam com o sonho de Ana, constituindo-a em sua subjetividade?

Para Januária, a situação ainda se agrava um pouco mais. Além da formação familiar também ser muito complexa, de não conhecer outros/as possíveis irmãos e irmãs que estão “*por aí*”, Januária se afastou do convívio de sua família materna, aos 5 anos, quando sua tia fugiu de casa para acompanhar seu pai. Recorto um fragmento de meu diário de campo, do dia da entrevista de Januária, que foi realizada em minha casa.

A tarde estava muito quente, ensolarada, bonita. Assim que chegamos em casa, peguei um refrigerante e sentamos em uma mesinha no quintal, na sombra de uma árvore. Ali estava bem fresco. [...] Conversamos um pouco. Januária falava de seu afastamento durante quase um mês, dos problemas de saúde que estava enfrentando devido a um resfriado forte, da situação em seu emprego, do emprego novo... falava também da separação de sua família materna desde o episódio em que seu pai fugiu com a irmã de sua mãe. Januária tinha 5 anos. Até hoje não viu mais seus parentes maternos, a não ser a tia que viveu com seu pai e já está falecida.

Depois, já na entrevista, Januária diz de um plano para o futuro:

- *“O que eu tinha vontade a gente já falou hoje, né? Igualzinho eu desabafei o negócio da minha família, que eu tenho vontade de... Ainda vou fazer isso, ainda vou... Qualquer dia eu apanho um ônibus e ainda ando – igual minha mãe andava comigo, subia o morro do Mundo Novo, Serrinha⁶⁷ – ali pra ver se eu acho alguém da minha família [materna] que eu tenho vontade de fazer isso.”* (Januária)

⁶⁷ Januária diz que sua mãe saía com ela andando por várias horas, em vários bairros da cidade. Desconfiava que fosse para tentar encontrar a irmã sumida com o marido.

Já falamos muito em ausências e silêncios, mas não estamos diante de mais alguns? Vozes caladas e sumidas. Vidas não compartilhadas. Choros e risos abafados. Laços perdidos... E fica um sonho para o futuro realizar.

"Sempre cuidei do meu irmão": pensando as relações com irmãos e irmãs

Ainda entendendo se tratar de um desdobramento importante em relação à ausência paterna, passo, agora, a pensar em algo vivenciado pelas quatro mulheres da pesquisa em suas singularidades, mas que, não só foi comum entre elas, como também sinto ser comum no contexto daquela periferia. Na ausência do pai, e, agora, da mãe e de outras tantas pessoas e, ainda, na dificuldade de se encontrar alguém que pudesse se responsabilizar pelos cuidados das crianças, resta aos irmãos e irmãs se cuidarem. Durante os encontros e entrevistas, várias foram as vezes em que aparecia o cuidado das mulheres com relação aos irmãos e irmãs mais novos/as.

Jane diz dessa responsabilidade: *"Sempre tive responsabilidade, porque sempre cuidei do meu irmão..."*.

Ana, como já vimos, começou a trabalhar para alimentar as irmãs e os irmãos: *"[...] eu trabalhava, cuidava do filho da pessoa o dia inteiro, a pessoa dava comida pros meus irmãos. De uma forma ou de outra estava me ajudando financeiramente, porque eu não precisava de ganhar dinheiro pra comprar comida, né?"*. Mas além da comida também era a conselheira: *"Aí eu falava com a Vânia: 'Vânia, cria vergonha na cara Vânia, sai de dentro da casa da minha mãe, pelo amor de Deus, Vânia!'"*, a que dava as broncas: *"Falei: 'Cê vai ser igual ao seu pai! Igual seu pai! A gente passou tudo isso com seu pai e você não aprendeu! Não aprendeu!'"*, a que defendia: *"Quando eu chegava em casa e falava: 'Bat... Fulano bateu no meu irmão!'. Aí já dava problema! Que aí eu brigava mesmo, ia pros peito! [...] Eu ia pros peito até com minha mãe por causa dos meus irmãos!"*, a que se preocupava: *"Pra mim virava incômodo quando incomodava meus irmãos"*, a que ensinava: *"Porque eu sempre fui uma mulher independente. Eu sempre aprendi isso com a Ana"* (Vânia)⁶⁸. Ana é aquela que, vendo a irmã ameaçada, enfrenta seus medos e denuncia a violência sexual sofrida com o padrasto e promete que *"'Nunca mais, nada de ruim vai acontecer com meus irmãos! Nunca mais!' Nunca mais deixei acontecer de ruim, assim, o que eu pudesse defender, salvar, assim... nunca mais deixei!"* (Ana).

⁶⁸ As outras falas do parágrafo são de Ana.

Januária, após a morte da mãe, assumiu os cuidados com irmãos e irmãs: “*Eu parei de estudar porque ela faleceu e eu tive que assumir meus irmãos*”. Na convivência com a tia/madrasta, não gostando do tratamento dispensado a ela e suas irmãs e irmãos, resolve sair de casa;

- “*É igual eu te falei, eu fiz porque, eu falei ‘Ah, ninguém vai me mandar! Eu vou poder fazer o que eu quero, eu vou ter minha casa, eu vou tirar meus irmãos daqui’ – que eles sofriam com a minha tia que morava dentro de casa. Então eu queria levar eles comigo, eu queria cuidar deles como eu cuidei e dei conta.*” (Januária)

O cuidado com irmãos e irmãs incluía, muitas vezes, o cuidado com a casa: “*A gente tem que cuidar sempre dos irmãos – que vem um monte –, da casa, você pode ficar em casa trabalhando, cozinhando, arrumando casa.*” (Vânia).

O que se apresentam são mulheres junto a irmãos e irmãs! O que essas relações podem provocar a pensar? Pelas observações e diálogos, penso que a dupla ausência produzida pela distância do pai e saída da mãe para o trabalho, no caso de Jane, Vânia e Ana ou pela morte da mãe, no caso de Januária, cria uma intensidade na relação entre irmãos e irmãs. Crianças e adolescentes que assumem responsabilidades grandes: alimentar, cuidar, tirar do perigo, proteger... cuidar da casa, cuidar do outro, cuidar de si.

Os irmãos e irmãs de Ana provocam nela cuidados para se tornar um bom exemplo. Tomo aqui o cuidado no sentido foucaultiano para pensar o caso de Ana, partindo, principalmente da conversa que se segue:

- **Eu:** “*Eh... E sobre os seus relacionamentos afetivos? Eh... Quantos namorados você já teve, Ana?*”
- **Ana:** “*Namorado? Namorado? Ia namorar em casa? [risos] Namorado de casa, dois. De rua eu tive muitos. Namorava muito.*”
- **Eu:** “*Namorinhos!?*”
- **Ana:** “*É, namorinhos, na rua. É namorado de casa, que foi pedir, uns dois, não uns três. Namorar mesmo, muito tempo, dois, né? Foi o primeiro e o Fernando, hoje. Aí teve um que foi pedir... eu falei com minha mãe: ‘tá é doida!’, que eu não ia namorar ele nunca. Mas, agora, namorar, eu gostava de namorar na rua, eu não gostava de levar namorado pra casa, não.*”
- **Eu:** “*Foi bastante namorado!*”
- **Ana:** “*Não, bastante mais ou menos, né? Perá!*”
- **Eu:** [riso] “*Também não exagera!*”
- **Ana:** “*É, senão fica feio, fica foda! Aí minhas irmãs (*), que eu não podia namorar muito (*) eu tinha que ser uma pessoa séria, elas não podiam namorar muito, então eu tinha que seguir na linha, com pouco namorado, né?*”
- **Eu:** “*Cê se sentia, então, como também aquela que daria um exemplo!*”
- **Ana:** “*É! Era o exemplo! [riso] O foda é o exemplo! É, uns seis namorados, que eu tive assim, né? Namorado.*”
- **Eu:** “*E aí você pensava isso, Ana? “Não posso ficar namorando muito, senão eu dou mau exemplo...É isso que cê pensava?”*”

- **Ana:** “*Pensava, sempre pensei. Não! Sempre pensei. É sempre tive esse pensamento: do bom exemplo.*”

Ao evitar muitos namorados para exemplificar um comportamento para as irmãs – e Ana falou somente em irmãs, nesse caso – Ana mostra que teve que exercitar-se, tentando controlar os seus impulsos, vontades, desejos. Ana me parece “aquel[a] que cuida de si a ponto de saber exatamente quais são os seus deveres” (FOUCAULT, 2012e, p.267). Mas deveres para com quem? Deveres que ela abraça junto aos irmãos. Pensando um pouquinho mais com Foucault, temos que o cuidado de si não é aquele cuidado egoísta que leve a um individualismo, “não é um abster-se do mundo e um constituir-se a si mesmo como um absoluto. Mas antes de medir mais precisamente o lugar que se ocupa no mundo e o sistema de necessidades no qual se está inserido” (FOUCAULT⁶⁹, *apud* GROS, 2011, p. 486). É nesse sentido que vejo Ana ocupando o lugar de uma mulher exemplificando para outras mulheres, suas irmãs. Entende o lugar que ocupa como o de ensinar. Ensina escolhendo agir de tal forma que seja portadora de uma verdade, verdade que quer que seja assumida por suas irmãs também: “*eu tinha que ser uma pessoa séria, elas não podiam namorar muito, então eu tinha que seguir na linha, com pouco namorado, né?*” (Ana). Ao estudar os gregos antigos, Foucault (2011) pensa nessa verdade do sujeito. Não uma verdade imposta, não uma verdade revelada, também não uma verdade sobre si – verdade do que se é em essência –, mas uma verdade escolhida para si, no uso de sua liberdade, para atingir um determinado objetivo, que, no caso de Ana, seria a educação que julgava boa para suas irmãs. A verdade escolhida por Ana não foi uma verdade inventada por ela. É uma verdade que está dita em discursos que se formam em torno do que seja uma “*pessoa séria*” a ponto de poder servir como “*exemplo*”, e isso, na visão de Ana, inclui o limite em suas relações afetivas sinalizando sua adesão a discursos que pregam o controle da sexualidade feminina, a limitação de seus desejos e afeições e o controle do seu corpo. Mas, ao mesmo tempo em que escolhe, Ana diz da dificuldade de viver sob essa verdade: “*Era o exemplo! [riso] O foda é o exemplo!*”. Para Ana é “*foda*”, é difícil ser exemplo. Exemplificar exige autocontrole, controlar-se exige atenção a si mesma e práticas que possibilitem fazer de si algo que se deseja. Ana desejava ser uma “*pessoa séria*” e para isso investia em práticas – “*seguir na linha, com pouco namorado*” – que a tornassem esse tipo de sujeito. Foucault (1990, 2005, 2007, 2011, 2012e) me inspira a enxergar em Ana uma subjetividade que se faz na ética, pois “estabelece para si um certo

⁶⁹ Dossiê “Les autres”

modo de ser que valerá como realização moral del[a] mesm[a]” (FOUCAULT, 2007, p.28). Cuida de si para cuidar do outro. Precisa relacionar-se consigo, modificando a si mesma, para cuidar das irmãs, sendo, para elas, o exemplo a ser seguido. Penso assim, mas guardadas as devidas precauções, pois estamos em contextos que em nada se assemelham com relação à época, personagens e circunstâncias – o mundo greco-romano, no pensamento de Foucault e a atualidade, numa especificidade em que pesquisa com mulheres em um bairro na periferia.

A conduta de Ana, o cuidado com os irmãos e irmãs – que suscitavam o cuidado consigo mesma – a confiança que foi conquistando de todos/as eles/as foram produzindo Ana como “mãe” – mãe de seus irmãos e de suas irmãs – como se sente até hoje: *“Eu tinha essa concepção de filho. Tinha não, até hoje eu fico olhando, às vezes meus irmãos, eu tenho essa concepção como se fossem meus filhos, sabe? Não é só a Vivian”*.

Mas, fico pensando: até que ponto essa conduta escolhida por Ana, que envolve uma postura ética diante das irmãs e dos irmãos, não pode, também, se recheiar de renúncias? Para cuidar de seus irmãos, cuidar e ser exemplo para suas irmãs, quantos foram os sonhos calados, os desejos contidos... sonhos e desejos que produziriam uma outra Ana? Retomo Foucault para me ajudar a pensar. No cuidado de si, nas relações consigo, nas técnicas/práticas de si, temas aos quais Foucault (2005, 2007, 2011) muito se dedicou nos últimos escritos, os gregos antigos se cuidavam para conter os desejos que poderiam escravizá-los. Desejos que, se realizados, seriam empecilhos para a construção de uma vida bela. Mas quantos sonhos e desejos de Ana poderiam ser realizados, sem escravizá-la ou sem tirar a beleza de sua vida? Quantos não puderam ser realizados em razão do tempo e das necessidades exigidas pela família com a qual se ocupava? Quantas renúncias foram feitas porque as circunstâncias assim solicitavam? Temos falado em relações de poder e tudo isso me faz pensar o quanto tais relações também parecem, por vezes, nos aprisionar. Foucault (2009c, p.241), no entanto, nos diz que “jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”. Diz que sempre se pode resistir, virar o jogo... Mas às vezes isso pode ser muito difícil, fazendo com que o sujeito se veja, sim, aprisionado, tendo que renunciar. Ou seriam renúncias escolhidas? Aprisionamentos e liberdades que tencionam as relações, que as fazem dinâmicas? Ao investir em um exercício de poder sobre os irmãos, Ana renuncia. Fico pensando...

Quando Foucault (2011) nos fala em renúncia, remete a uma ascética cristã que diferencia das ascéticas do período greco-romano. Segundo sua interpretação, na “prática de si, tal como aparece e se formula nos últimos séculos da era chamada pagã e nos primeiros

séculos da era cristã, o eu surge, fundamentalmente, como a meta, o fim de uma trajetória incerta e eventualmente circular, que é a perigosa trajetória da vida” (FOUCAULT, 2011, p. 223). Dessa forma é a realização do eu na própria vida que interessa. O homem grego dessa época se ocupa com a vida que vive e vai se constituir para que nela viva da melhor forma possível, uma vida que possa ser admirada. Já “o ascetismo cristão afinal tem como princípio fundamental que a renúncia a si constitui o momento essencial que nos permitirá aceder à outra vida, à luz, à verdade, à salvação. Só pode salvar-se quem renunciar a si” (FOUCAULT, 2011, p.224). Novamente, tomando todas as precauções para se pensar o contexto atual, na renúncia de Ana, vejo que não se trata de renunciar-se para alcançar uma salvação em outra vida. Não se trata, tampouco, de renunciar-se em todos os momentos e em toda essa vida. Ana renuncia, renuncia a si em alguns momentos, subjetiva-se dentro dessas renúncias, escolhe outras condutas, outras práticas para se constituir. Seu eu está em jogo, mas está em jogo, também, a vida e a condução de suas irmãs e de seu irmãos. Ana se pratica por ela e pelo outro. Ana renuncia, não por obediência a algo exterior a ela, mas escolhe a renúncia, no uso de sua liberdade. Sinto que, neste momento, deturpo muito o pensamento de Foucault, mas é assim que tenho pensado...

Assim como Ana, Januária também organizou sua vida em torno dos irmãos e irmãs. Após a morte da mãe, renunciou a escola em favor deles/as e procurava “*seguir em frente e tentar ajudar meus irmãos do jeito que ela [a mãe] queria que eles fossem criados*” (Januária). Ao iniciar suas andanças pelas ruas, Januária não foi só,

- “*Fui com meus filhos e levei a minha irmã Vanda, aí depois eu soube que o meu irmão mais novo, que tinha ficado com a minha tia, ela tava pondo ele pra rua pra pedir, pra ela tomar cachaça, que ela tomava o dia inteiro e ela batia muito nele. Aí eu vim, busquei ele, tinha acontecido um acidente com ele na Avenida Rio Branco, que ele não sabia andar direito, aí eu vim, busquei, levei ele junto comigo e ele ficou andando comigo também. Aí eu levei meus dois irmãos menores e os maiores ficaram que aí já tava trabalhando né... Meu irmão mais velho já tava morando com a mulher, o outro também já tava e a Vilma já tava nessa casa [onde trabalhava], aí os outros foram comigo. Os dois mais novos eu carreguei comigo, viajou comigo o mundo.*” (Januária)

A saída de Januária com suas andanças, não a desvinculou de seus irmãos e irmãs. Ela foi, mas manteve, de alguma maneira, o cuidados com eles/as.

Ana e Januária também admitem ter sofrido violências para favorecer os irmãos e irmãs. Como vimos, Ana trabalhou a troco de comida para elas/es. Aí, arrumou um namorado que passou a ajudá-la na manutenção da família, mas foi uma relação difícil, cheia de agressões:

- “Nisso, eu arrumei esse namorado. Que assim... dentro do que... do que eu tinha concepção como família, era válido. Entendeu? Ele trabalhava, então ele levava comida pra dentro de casa... não gostava que eu trabalhava mais, assim... Ah! Tinha agressão física? Mas eu pensava assim, ‘ah, meu Deus, mas se eu largar dele, o que vai ser dos meus irmãos?’ [...] Mas tinha agressão física. Tinha! Com certeza!” (Ana)

Januária, por sua vez, nos narra do tempo em que levou seus irmãos e irmãs para morar na rua e que seu namorado acabou fugindo com a irmã mais nova:

- “[...] O pai do Renato também, a gente deu umas brigas, a gente no finalzinho tava brigando aí já decidi vir embora... Porque quando eu voltei, que a minha irmã tinha sumido, isso mesmo, o Renato tava novinho quando ele sumiu com a minha irmã. Me largou na rodoviária vindo pra cá e pegou outro ônibus e foi com ela pra São Paulo. Falou que eu já tinha ido no ônibus da frente, quando ele sumiu com a minha irmã. Então o Renato novinho, tinha 3 meses, 4, eu ainda voltei a morar com ele pra ver se eu achava a minha irmã que eu não aguentava a pressão da minha família. Eu já tinha ganhado aquele terreno, já tinha cercado, voltei pra andar na rua com esperança de encontrar. Fiquei um ano com ele ainda. Aí eu não achava, mas eu tava com ele, **tinha sexo com ele obrigada porque não era aquilo que eu queria**, mas eu tava dando uma de boazinha pra ver se eu conseguia pista da minha irmã porque afinal, ela morava comigo, ela sumiu foi comigo, eu tinha que dar conta. Então era tudo assim, eu fingia, **passava por aquela humilhação**, aí eu acho que depois ele começou a descobrir, eu também já não tava mais com paciência...” (Januária)

Em ambas as situações, temos submissões, humilhações e agressões. Em ambas, há a presença de subjetividades que se constroem entre escolhas e renúncias. Em ambas podemos falar em uma certa disposição para se exercitarem a fim de suportarem algum tipo de sofrimento. Sendo assim, existe a possibilidade, também de se pensar em um cuidado de si em relação às condutas de Januária. Era preciso que Januária se fizesse forte para suportar o que ela chama de *sexo obrigado* e de *humilhação*. Ao mesmo tempo, Januária diz não ter aguentado a “*pressão da família*”, e interpreto que seja porque sentia-se mal consigo mesma. Era preciso sentir-se bem, “viver de modo que [tivesse]⁷⁰ consigo a melhor relação possível” (FOUCAULT, 2011, p. 403). E Januária voltou para a rua. Mesmo sabendo que não seria nada fácil, Januária resolveu passar por essa provação em busca “de uma certa relação de si para consigo, relação que é o coroamento, a completude e a recompensa de uma vida vivida como prova” (FOUCAULT, 2011, p. 403) .

Não podendo escapar à multiplicidade que se dá na formação dos sujeitos podemos pensar em Vânia de forma diferente. Ela não trouxe falas que me fizessem pensar nesse cuidado de si, conforme pensei para Ana e Januária. Ela não fala em renúncias

⁷⁰ Na edição consultada encontra-se “se tenha” no lugar de “tivesse”. Fiz a alteração para compor o sentido da minha escrita.

escolhidas, pelo contrário, ao falar de cuidado com irmãs e irmãos, parece tratar de obrigações, imposições em extremo limite de possibilidades de escolha:

- “*Querer mudar de casa... Porque te profetizou... tipo assim... é igual escola. A gente não tem tempo de escola! A gente tem que cuidar sempre dos irmãos – que vem um monte –, da casa, você pode ficar em casa trabalhando, cozinhando, arrumando casa. Na época minha mãe saía, gostava de baile, tinha os namorados dela... [...] E a gente lá... acontecia um monte de coisa...*” (Vânia)

“*Querer mudar de casa...*”. Talvez seja esta a forma de se começar a escolher com mais liberdade. Mudar de casa é uma escolha possível e poderia viabilizar outras possibilidades além daquelas de **ter** que cuidar dos irmãos, irmãs e dos afazeres domésticos. Então, esse cuidado não seria uma escolha de Vânia, mas o cumprimento de uma obrigação. Observo que, nesse caso, Ana e Januária mostram mais adesão, enquanto Vânia tende para uma maior resistência. É possível, também, no caso de Vânia, que ela não tenha tido muito chamamento para um cuidado com irmãs e irmãos devido à ação de Ana. Vânia, muitas vezes se mostra em um contexto de ser cuidada por essa irmã. Ela é 4 anos mais nova e essa diferença de idade pode ter colaborado para que a situação se fizesse dessa forma.

Jane, por sua vez, continuou com a postura de falar pouco. Dela, tenho apenas a ideia de ter cuidado do irmão para que a mãe pudesse trabalhar, um irmão que morreu aos 16 anos em um acidente em que bateu com a cabeça em uma pedra: “*Ele foi na praia, né? Aí ele deu crise, a água veio... A onda veio e pegou ele. Tampou ele de cabeça na pedra.*” Quanto à irmã, trabalha no setor de contabilidade de uma rede de supermercados. Dos dois, ela tem a falar que: “*Minha irmã, muito batalhadora. Meu irmão, perdi muito cedo, 16 anos, mas foi uma pessoa que passou e marcou muito...*”

Algo que, para mim, chamou bastante a atenção durante esta pesquisa foi observar a polaridade existente entre o protagonismo feminino e “coadjuvância” masculina no contexto daquele bairro. Jane, ao responder a uma pergunta sobre o que pensava ser a mulher e o homem na periferia, nos diz:

- “[...] eu acho que na periferia hoje, as mulheres se destacam mais. São muitas mães solteiras, são muitas mães que tentam lutar para criar os filhos sozinhas, entendeu? E são poucos os homens que assumem né... Na periferia hoje são poucos os homens que assumem suas responsabilidades”. (Jane)

Na relação em família, vimos que os homens pais são muito ausentes e quando se fazem presenças, são presenças muito difíceis. As mulheres mães assumem da forma como conseguem, empreendendo vários esforços, a direção da casa, tanto no cuidado material

quanto nas questões ligadas à afetividade e à educação de seus filhos e filhas, quando não incluem netos e netas. Quando também se ausentam, costumam ser alvo de muitas críticas e cobranças, o que não acontece, com frequência, com os pais, que têm sua ausência bastante naturalizada. Vânia e Ana, mesmo trazendo muitas questões nesse sentido com relação à convivência com sua mãe, em suas entrevistas, reconhecem:

- *“A minha mãe, sempre foi assim. A minha mãe sempre fez tudo sozinha. Minha mãe nunca teve um homem conversando com ela, ajudando... Vamos supor, quando ela tinha esses relacionamentos, às vezes a gente via eles chegar com compra, alguma coisa assim. Mas, ajudar, manter a casa, nunca nenhum deles manteve”.* (Vânia)
- *“Eu ficava olhando: minha mãe tava sempre trabalhando, e aqueles homens dormindo dentro de casa, gente, Nossa Senhora! Me dá nervoso!”* (Ana)

Ainda, no caso da ausência materna, é uma das filhas – ou mais de uma – que assume os cuidados da família e muitas vezes vai ajudar nas despesas procurando um trabalho. Faziam assim, desde novas, o que entendem ser *“a parte do homem”*.

- *“Eu fazia a parte do homem: não faltava comida, não faltava isso... me virava... quando não podia trabalhar, até... catava verdura, né? na feira... a gente teve muito esses momentos assim... catava verdura, fruta na feira, nas caçambas de lixo, nos mercados... catava! Muitas vezes!”* (Ana)

Ana alimentava a família com o que conseguia de alimento e também ajudava a construir a casa, já que todo o dinheiro que não precisava ser usado na comida *“Foi pra laje! Foi pra laje! Todo o dinheiro! Todo o dinheiro! Todo o dinheiro que gastava com comida era pra isso”* (Ana).

Os irmãos homens não aparecem muito e, quando aparecem, são alvos de preocupação. Não aparecem enfrentando situações que visassem buscar qualquer solução para os problemas enfrentados em família. Tirando o irmão de Jane, que morreu aos 16 anos e de quem nada ou quase nada se falou, os irmãos de Januária, Vânia e Ana viviam trazendo, eles mesmos, os problemas, agravando, muitas vezes, a condição familiar. Não se vinculavam a nenhum emprego e eram suscetíveis ao álcool ou às drogas ilícitas.

- *“Mas assim, a mãe do Felipe sofre muito com os irmãos dele. Todos eles vieram viciados, apronta muito... a minha mãe tem uma luta muito grande com o Hélio, o Hélio dá trabalho pra ela até hoje. Assim, depois de velho, ele resolveu usar droga... eu tenho meu outro irmão que usa, mas ele, assim, ele é mais controlado”* (Vânia)
- *“Mas aí meu irmão começou a beber naquela época e bebe até hoje de desgosto...”* (Januária)

Vai-se naturalizando o comportamento coadjuvante masculino no que diz respeito às responsabilidades, cuidados e presenças. Vai-se formatando uma tendência em se constituir masculinidades ausentes, produtoras de problemas e/ou perigosas. Os filhos homens estão no horizonte de recepção de cuidado, as filhas mulheres, no horizonte do cuidar, do doar, do renunciar. Eles pesam na economia do lar, enquanto elas, sozinhas, se organizam para garantir a sobrevivência da família.

- “**Vai, boba!** Aprende, porque ali na minha casa, ali, no meu pai ninguém trabalhava! Ninguém! E eu trabalhava, desde que eu vim pra cá eu trabalhava’ [...] Então eles vendo aquilo, aí eu fui conversando, conversando, hoje graças a Deus todo mundo trabalha! **Minha madrasta começou a trabalhar, aí minha irmã mais velha por parte de pai começou a trabalhar, aí a outra já foi e trabalhou, hoje tá todo mundo trabalhando!**” (Januária)
- “[...] a gente morava num comodozinho, todo mundo junto. Era um cômodo, acho que menor que esse escritório seu, com um banheiro do lado... e a gente dormia tudo no mesmo colchão... [...] **E a minha mãe, aos poucos, começou a mexer na casa. A Ana veio logo em seguida, trabalhava, ajudava também... E assim, acho que quando ela me levou, foi nesse intuito: da gente ter mais dinheiro e ir organizando melhor a casa. Então, assim, eu fui levada. Eu fui de babá, a primeira vez, foi a primeira vez que eu trabalhei. A Ana me levou**”. (Vânia)

Ana e Vânia frequentemente eram levadas para ajudar sua mãe em suas faxinas. Aprendiam com ela a trabalhar, assim como Januária que também relata: “*Tinha uma moça que chamava Telma que fazia doce pra fora que ela [a mãe] lavava roupa, onde eu comecei a trabalhar também, vinha ajudar a arrumar cozinha, essas coisas*”. Provavelmente, por trabalharem na execução de tarefas culturalmente associadas ao feminino, as próprias mães evitavam levar os filhos para qualquer tipo de aprendizado no trabalho. Por outro lado, por vivenciarem a ausência paterna, não tinham como acompanhar os pais para tarefas associadas ao masculino. Isso me faz lembrar um momento em minha pesquisa de Mestrado, cujo fragmento apresento a seguir:

[...] nota-se a falta que o pai faz e mantém-se o desejo de recuperar a relação perdida, como podemos sentir na fala de Kauã⁷¹, que mesmo tendo o pai entregue às drogas, no fundo, revela alguma esperança de recuperá-lo e, com isso, quem sabe, trazer maior sentido à família: ‘Fica cum medo de perdê o pai, né? Eu fico! Eu fico cum medo, véio, eu num perdi totalmente não, mas, de 100%, 80% dentro das droga... 20% tem chance ainda!’. É ele, ainda, que se manifesta dizendo: ‘Ah, qualquer filho sente falta de um pai amigo!’ (Kauã, 8ª roda de leitura). A falta do pai aparece no texto trabalhado na sétima roda de leitura, quando a jornalista pergunta a um adolescente que

⁷¹ Kauã: um dos adolescentes que participaram da pesquisa.

atirou pedras em um ônibus de bairro rival do que ele sentia falta. A resposta do adolescente encerra a entrevista: “De ter tido um pai que me orientasse e me levasse para trabalhar com ele quando saísse de casa todos os dias. Um pai faz muita falta.”⁷². (RITTI, 2010, p.63)

Estamos assim, diante de construções de gêneros que vão mantendo, naquela periferia, a desigualdade entre homens e mulheres. As mulheres têm mais chances de se constituírem em uma vida de trabalho, preocupadas com o sustento e cuidado da família enquanto os homens ficam esperando, sem muitas expectativas com estudos, sem trabalho e com mais tempo livre. Subjetivam-se assim dentro de um maior comodismo quando não acabam, em grande parte das vezes, sendo cooptados pelo poder exercido no tráfico de drogas, tanto na qualidade de usuários quanto na de trabalhadores na “firma”⁷³. Perguntadas nas entrevistas individuais quanto às preocupações em se criar meninos e meninas, Vânia, Jane, Ana e Januária trouxeram respostas muito parecidas. Com as meninas, as preocupações estão mais voltadas para o exercício da sexualidade, com o fato de poderem engravidar cedo. Os esforços se dirigem ao controle dos seus corpos e aos aconselhamentos para que elas se cuidem nesse sentido. Com os meninos existe o medo de se envolverem com as drogas e a vigilância, segundo elas, se faz mais difícil. Cuidando dos irmãos, irmãs e trabalhando nas casas de famílias na condição de babás, constitui-se um processo de subjetivação das meninas para a maternidade: “*A mãe põe pra tomar conta dos filhos do outros e aí a gente quer ter o da gente*” (Vânia). Trabalhando desde cedo, com o objetivo de trazer para casa o dinheiro para o sustento, as meninas se subjetivam com vistas ao provento do lar. Sobra pouco para os meninos, nesse contexto. É nesse sentido que talvez se dê o que tenho observado e já disse anteriormente: às mulheres, o protagonismo, aos homens a “coadjuvância”.

E fica o desafio: como pensar a diminuição das desigualdades que se dão entre os gêneros na periferia? É possível sonhar com a periferia em relações de igualdade entre mulheres e homens? Como educar meninos e meninas para que suas construções se façam de outra forma? A quem cabe tal responsabilidade? À escola? À família? Às mulheres mães? Aos homens pais? Se trabalhamos esses últimos pensamentos sinalizando-os como

⁷² Em minha pesquisa de mestrado, trabalhando com adolescentes na mesma periferia que pesquiso agora, tinha como instrumento as rodas de leitura (ver GARCIA; RITTI, 2011). Líamos textos que pudessem suscitar discussões do meu interesse. Na sétima roda de leitura trabalhei com uma entrevista feita a um adolescente suspeito de vandalismo, parte de uma reportagem intitulada “Gangues disseminam violência”, publicada no Jornal Tribuna de Minas, de 30/08/2009, de responsabilidade da repórter Daniela Arbex.

Disponível em < http://www.jfclipping.com.br/tribuna/2009_08_31/geral10.htm>. Acesso em: 24 jan.2015.

⁷³ Um dos nomes dados ao movimento do tráfico de drogas.

desdobramentos da ausência paterna, como pensar paternidades que se dêem de outras formas? E, como estão em relação, possibilitar maternidades que também se farão diferentes?

Deixo em aberto essas questões para passar a pensar as relações entre as mulheres e os seus companheiros.

Elas e eles

Na dinâmica das relações humanas fica difícil, diria até impossível, isolar um determinado tipo de relação. Um sujeito se relaciona com outros diversos sujeitos e as relações se embaralham. As histórias são entrelaçadas, não há como separá-las. As relações se dão ao mesmo tempo. Ao pensar as mães, vieram juntos os pais; ao pensar os pais pensamos também as mães. Assim também, os companheiros, namorados, pais de seus filhos e filhas já estiveram presentes nas produções anteriores. Eles trazem continuidades e rupturas com as masculinidades paternas do mesmo jeito que as mulheres trazem continuidades e rupturas com as feminilidades maternas. Porque os gêneros se dão em relação (SCOTT, 1995; LOURO, 2011), na medida em que as mulheres vão construindo novas posições de sujeito, o que implica em novas feminilidades, outras masculinidades também vão se constituindo. Dessa forma, não se pode falar em um único tipo de homem e um único tipo de mulher (SCOTT, 1995; LOURO, 2011). O que se têm são homens e mulheres que se esbarram, se envolvem, se amam, se unem, se separam, às vezes se odeiam, marcando-se mutuamente em uma multiplicidade de relações que produzem uma multiplicidade de sujeitos.

Na minha escrita até aqui, foi inevitável falar de Januária e seus relacionamentos afetivos com alguns de seus namorados e pais de seus filhos e filhas. Pensamos nela como uma possível Amélia, como ela mesma dizia de sua mãe, mostrando-se capturada pelos mesmos discursos e representações com os quais conseguiu, de certa forma e até certo ponto, romper, tornando-se a governante do seu próprio destino. Porém, isso não foi um processo simples e fácil. Januária diz, reiteradas vezes, não ter tido sorte com seus namorados. Além disso, as dificuldades enfrentadas por ela ao criar suas filhas e filhos foram constantes. Mas Januária nunca desistiu e traz consigo as marcas do seu convívio com os homens que passaram por sua vida. Para pensar um pouco mais esses relacionamentos, vamos ouvir Januária dizendo: *“Tive bastante namorado. Tive o pai da Maria, que eu fiz pirraça”*. A *“pirraça”* consiste em ter engravidado desse namorado para sair de casa.

- **Januária:** *“É ué, eu fiz isso de pirraça porque já não tinha a minha mãe.”*
- **Eu:** *“Então você quis mesmo engravidar, você fez propositalmente?”*

- **Januária:** “*Eu quis, é igual, porque eu já tava revoltada com essas histórias tudo da minha mãe ter morrido, os outros falavam... Quando eu fiz 15 anos eu que levei meu namorado! Ele não queria! Eu que queria, ele não queria.*”
- [...]
- **Januária:** “[...] *Aí também eu não obriguei ele a cuidar... a me assumir... porque fui eu que procurei ele, não foi ele!*”

A fala de Januária nos possibilita pensar que a gravidez dá outro lugar para a mulher, talvez um empoderamento por ter que sair de casa. Pela gravidez ela responde, fazendo “*pirraça*”, a uma situação que a incomodava. Dava à sua gravidez, aos 15 anos de idade, outro sentido, diferente da situação de problema, precocidade e até patologia, como é visto pela sociedade e vários discursos científicos contemporâneos. (CRUZ, 2009).

Ao mesmo tempo, podemos pensar que, na concepção de Januária, o fato de ter tomado a iniciativa do relacionamento e ter escolhido ficar grávida deveria isentar o homem de qualquer responsabilidade. Seria como se o filho fosse só dela, “*porque fui eu que procurei ele, não foi ele!*”. Estaria ela considerando que, no caso de a mulher querer, procurar ou provocar um relacionamento mais íntimo, o homem ficaria na condição de seduzido? Daquele que não poderia resistir sob pena de ter sua virilidade questionada e sua masculinidade diminuída? Januária mesma se espanta quando, da primeira vez em que quis ter relações sexuais com o namorado, já na pretensão de engravidar, este não conseguiu atender suas expectativas, fato que, ao ser narrado, leva Vânia ao espanto, reforçando a ideia de uma virilidade obrigatória.

- **Januária:** “[...] *Aí no dia eu acho que ele ficou muito empolgado e nem conseguiu na hora. ‘Que merda, você não é de nada!’* [risos]”
- **Vânia:** “*Mentira que ele fez isso!*”
- **Januária:** “*Fez, pior que ele fez.*”

A ideia de sedução, além de exigir certo tipo de desempenho viril, também justifica que o homem não seja cobrado com relação às suas responsabilidades? Por isso o namorado de Januária não precisou ter nenhuma participação na criação da filha, que ficaria por conta dela, pela sua ousadia em querer engravidar e pela isenção dada por ela mesma que não queria obrigá-lo a cuidar? E mesmo que, como Januária completa: “*Até hoje ele gosta de mim ele vem atrás de mim até hoje*”, o pai de Maria não arcou com nenhuma responsabilidade sobre a criança, procurando Januária apenas porque queria manter com ela alguma relação, independente da filha que tinham. Os comportamentos de Januária e do namorado refletem o cumprimento de uma lógica social que afasta os homens e sobrecarrega as mulheres das responsabilidades reprodutivas, sexuais e também as que envolvem o cuidado e a educação da

prole (ARILHA;UNBEHAUM;MEDRADO, 2001)⁷⁴. Na história de Januária, ela própria ajuda nessa produção quando entende que por ter sido ela a que queria, e não ele, não caberia a ela nenhuma exigência quanto aos cuidados com a criança. É como se ele tivesse cumprido seu papel pelo simples fato de ter produzido nela outra forma de estar no mundo, outra identidade: a de mulher mãe. Ele não escolheu ser pai e isto o isentava.

Do segundo relacionamento, Januária diz:

- *“Aí depois eu tive um namorado que era o pai do Mateus, que eu briguei com ele. Pai do Mateus e do Márcio, mas eu acho que foi o único que eu gostei, foi o único que eu gostei, mas depois a gente... Ficamos muito tempo juntos, não lembro não, mas... Muito tempo não, dois anos. Só que depois uma menina ficou dando em cima, ficou grávida, a família era brava naquela época, tinha que casar. Ele queria que eu morasse com ele, queria fazer igual o meu pai e eu não aceitava. Eu falava: ‘já que você tem que casar, casa e me esquece.’”* (Januária)

Nessa fala repete-se a questão da sedução, pois a *“menina ficou dando em cima”*. Muda, porém, o desfecho, porque a família *“brava”* obrigou o casamento. Por que, no caso anterior de Januária, não houve essa obrigação? O que poderia diferenciar essas duas situações: Januária *“seduzindo”* aquele que veio a ser pai de uma de suas filhas e a outra menina *“seduzindo”* seu namorado? Além disso, Januária tinha dois filhos com esse homem e parece naturalizar que ele tenha outros relacionamentos ao ponto de engravidar outra mulher. Parece haver uma aceitação por parte de Januária para esse aspecto. O fim do relacionamento só se deu porque Januária percebeu que se daria com ela a repetição da vida das mulheres de seu pai, situação que a deixava magoada, que, como ela pensava, levava sua mãe à morte e sua tia ao alcoolismo. Se Januária não tivesse passado por essas experiências, sendo subjetivada por elas, teria aceitado ser a outra mulher nessa relação? Não poderia também, nesse caso, o *“ficou dando em cima”* ser, mais uma vez, uma forma de Januária isentar o namorado de alguma responsabilidade por ter sido infiel a ela? Não poderia ter sido ele o sedutor e por isso a obrigação de casar imposta pela família da *“menina”*? A aceitação de Januária não estaria ligada à sua produção em um contexto onde as mulheres aprendem a se bastar, e, mesmo que amem seus homens, como parece ser o caso desse namorado *“o único que eu gostei”* aprendem a abrir mão, *“sabendo”* que darão conta? Muitas podem ser as questões, mas o fato é que, novamente, Januária se vê às voltas com suas crianças, agora três, tendo que buscar

⁷⁴ Todos os capítulos do livro referenciado, escritos por vários/as autores/as, tratam, de alguma maneira, dessas questões.

seus rumos. Entra em cena, Roberto, pai de Renato, com quem Januária saiu pelo mundo, história que já conhecemos um pouco, mas da qual ainda cabem algumas problematizações.

- **Januária:** “*Aí depois o pai do Renato né, mas eu tinha separado, tinha os meninos pequenos, aí eu conheci o pai do Renato. Foi com ele que eu saí pelo mundo [...] Aí ‘ah, vamos sair pelo mundo’, ‘vamos, vamos conhecer o mundo’. Aí eu fui. Mas assim, gostei, mas não foi uma paixão sabe?! Foi mais fugir...*”
- **Eu:** “*Uma aventura?*”
- **Januária:** “*Uma aventura né... A gente vive a aventura, mas os problemas estão sempre com a gente...*”

A saída “*pelo mundo*” foi uma tentativa de fuga de seus problemas. De certa forma, Januária não se sentia feliz com a vida que levava. Quis aventurar-se em outras vidas, buscar a construção de outra história e dizia:

- “[...] ‘*ah! Tenho nada a perder mais, já perdi tudo que tinha*’, porque o pai dos meninos já tinha casado e eu tinha perdido uma menina antes do Mateus também, que era dele. Aí já tinha perdido minha mãe, já tava chateada com essa situação toda, comecei a pensar, comecei a ficar meio perturbada, analisando as coisas né... Queria ir na casa da minha vó, que eu sinto falta, a gente ia sempre lá quando era pequena. Aí eu disse ‘*como é que eu vou lá? Eles vão descobrir meu pai, vão matar meu pai*’. Ficava naquela dúvida, nunca fui.” (Januária)

A fala de Januária traduz a solidão e a falta de apoio. Já tinha perdido a mãe e o companheiro, estava longe da família materna, não podia contar com o pai e não se dava bem com a madrasta. Estava só com seus filhos e filha, vendo somente problemas. E ainda tinha os irmãos e irmãs, por quem se responsabilizara. Quis tentar, porque sentia que não tinha nada a perder. Mas ela mesma sabia que “*A gente vive a aventura, mas os problemas estão sempre com a gente...*”. E veio um dos problemas no caso da irmã que havia levado consigo e acabou sendo levada para outra cidade por Roberto: “[...] *Ele fugiu com a minha irmã. Me deixou na rodoviária, pegou ela, falou que eu já tinha ido pra outra cidade e ela tinha 14 anos. Aí ele ficou com ela, eu fiquei desesperada, procurei e tudo, não achei. Aí foi quando eu voltei pra cá [...]*”. Nesse caso, Januária ainda relata que, depois de algum tempo, voltou para Roberto, ficou mais um tempo com ele para ver se descobria pistas de sua irmã, sem, no entanto, obter sucesso. Mais uma vez, cabe à Januária decidir: “*Aí eu falei ‘ah, eu vou embora que esses meninos têm que estudar’. Ele não tinha paradeiro, ele morava um mês aqui na cidade, outro mês ele queria morar em outra. Ele não sossegava e eu queria sossegar*”. Além disso, Januária dizia se sentir cansada de fazer sexo com ele sem ter vontade e fingindo. E continua:

- *“Aí eu separei, fiquei... A Malvina⁷⁵ me deu o pedaço lá pra eu morar, fiz um cômodo, um mês fiquei catando papel com os meninos, descia com eles, catava papel, juntei dinheiro, comprei mil lajotas, cimento e telha, fiz um cômodo, fiz um banheiro de plástico do lado de fora só com plástico cercando assim, só pregado no pau. E fui trabalhar. E deixei eles, dali foram pra escola, aí eu comecei a minha vida”.* (Januária)

Pela terceira vez, Januária se vê sozinha tendo que “se virar” para manter os filhos e filha. Não recebia nenhuma ajuda dos ex-namorados e pais de suas crianças. Cabia a ela construir seu “cômodo”, trabalhar, educar, sustentar... Segundo ela, ficou assim até que Renato completasse 4 anos, quando, então, resolve tentar outro relacionamento.

- *“Aí depois, o Renato já com 4 anos, eu fui com fogo de arrumar o pai das meninas, aí ficava no meu pé enchendo o saco, enchendo o saco. Eu falei ‘ah, os meninos estão pequenos, né, ainda tô nova, vou tentar’, tentei mesmo, arrumei mais dois filhos que foi a Rita e a Regina...”* (Januária)

O pai de Rita e Regina é aquele que gostava de andar de carrinho de rolimã e chamava Januária de “parabólica”, a quem ela mandou “caçar sua turma”. Esse foi o último homem com quem Januária tentou um relacionamento próximo do que se conhece como conjugal.

- *“[...] mas a Rita mamando, eu trabalhando, lutando. Nossa, eu quase fiquei doida né, quase fiquei doida quando eu soube que tava grávida da Regina. O que que eu vou fazer? Mas eu já tava separando do pai dela, quando ela nasceu, a Regina, eu já tava separando do pai dela, porque eu não aguentava. Trabalhava, saía de um serviço, ia pro outro, limpava o escritório, passava roupa, lavava casa dos outros, tudo depois do horário do trabalho. Cada dia eu fazia uma coisa, subia a pé pra juntar dinheiro pra comprar leite, porque era difícil, não tinha ganho de nada, tinha a CAPS⁷⁶ mas era uma burocracia danada e não tinha tempo de levar as crianças pra creche e nem pegar porque eu tinha que desdobrar, eles ficavam em casa sozinhos. Aí ele ficava na rua à toa, aí eu disse: ‘Ah! É?’. Aguardei uns dois anos e meio, três... Chega, não quero isso pra minha vida não. Aí a gente custou a separar, mas separamos. Aí eu fiquei com meus filhos sozinha. Depois eu tive outros namorados assim... na rua né?”* (Januária)

Em cada homem, uma esperança e o desejo de uma mudança que não acontecia: o encontro com um homem carinhoso e companheiro, como várias vezes sinalizou. Em cada relacionamento, mais filhos/as para Januária cuidar. Quatro homens e nenhum deles

⁷⁵ Presidente da Associação Pró-Melhoramentos “União de Moradores Posseiros e Amigos do Bairro”. Conhecida por todos/as como “presidente do bairro”, foi a responsável por dividir e distribuir os lotes em que se alojaram pessoas que moravam às margens de um rio próximo e outras que apareciam, inclusive D. Olívia e Januária. O nome fictício “Malvina” foi dado pelos/as adolescentes que fizeram parte de minha pesquisa de Mestrado e resolvi assumi-lo também nesta pesquisa.

⁷⁶ Centro de Atenção Psicossocial, órgão da Prefeitura de Juiz de Fora.

assumiu responsabilidades junto a Januária. Será que seria mesmo falta de sorte de Januária, como ela costuma dizer? Seria falta de juízo, como algumas pessoas podem julgar? Ou podemos ver aí um perfil de masculinidade e também de feminilidade comuns na periferia? O caso de Januária não é exclusivo. Vejo muitos que se assemelham. Aproveitando-me um pouco mais de suas falas, vamos ouvir que

- *“A Regina tá repetindo a minha história, o pai dos gêmeos não dá nada a Regina, nada. [...] Ela que se vira, ele não dá nada e eu ajudo né... Os meninos falam: ‘Mãe para de trabalhar!’ , mas como? As crianças ainda tão pequenas, tão precisando, tem que ajudar porque eles não têm culpa.”* (Januária)

Regina, com 26 anos e Rita, com 27, filhas de Januária, são mães de 6 filhos/as, cada uma. Ambas criam seus/suas filhos/as sem a ajuda paterna. Januária é quem assume com elas o sustento das crianças e toma conta em caso de necessitarem. Januária é quem correu para conseguir as ligaduras de trompas que ambas fizeram há pouco tempo. Vemos somente as mulheres no cuidado e no sustento. Como já pensamos antes, no seu último relacionamento, Januária conseguiu romper com muitas representações que tinha, mas vê continuidade em suas filhas caçulas. Por tudo isso, arrisco-me a dizer que a periferia em que pesquiso é, de forma quase que generalizada, uma sociedade de mulheres. Elas sustentam a vida, elas se amparam umas às outras, Elas criam. E em que medida os homens participam? Participam engravidando-as, ajudando nas suas produções enquanto mulheres e mães.

Quando assistimos ao filme “Antônia” tivemos a seguinte discussão em torno do sofrimento das mulheres em seus relacionamentos amorosos na periferia:

- **Ana:** *“[...] Porque a mulher daqui sofre tanto, que ela acredita muito no amor, então eles vêm, vêm igual uma naja, vem te enrolando assim...”*
- **Vânia:** *“Mas e quando vê que não é amor? Por que que você aceita?”*
- **Ana:** *“Mas aí você já está enganada que é amor.”*
- **Rhuana:** *“Quando não é amor eu meto o pé, meu filho...”*
- **Januária:** *“É dependente do sexo, não sabe viver sem sexo, é dependente. Enquanto elas pensam com a cabeça de baixo, (*)...”*
- **Ana:** *“Não dá certo!”*
- **Januária:** *“Eu pensava com a cabeça de baixo! É ué! Eu vivi esse tempo todo, um dia eu parei e falei assim ‘não, uai, é a minha cabeça de cima que tem que funcionar, não é a de baixo, não, uai!’ O sexo é bom e tudo...”*

A busca por um amor e a necessidade da satisfação dos desejos sexuais leva a mulher a se submeter aos caprichos masculinos que ainda ditam as regras e estabelecem relações desiguais. Analisando estudos sobre o comportamento sexual e reprodutivo sob a perspectiva dos gêneros, Sandra Mara Garcia diz que

[...] percebe-se que os discursos masculino e feminino estão articulados de maneira a demonstrar que a construção social de gênero determina as características, os atributos e comportamentos de homens e mulheres, onde quem tem [eu diria “exerce”] um poder de negociação e decisão maior sobre a forma e o ritmo das relações sexuais ainda é o homem (GARCIA, 2001, p.34)

Nesse caso, parece que Januária percebe que ao pensar “*com a cabeça de baixo*”, está se entregando ao domínio de seus desejos prescindindo dos cuidados consigo mesma (FOUCAULT, 2005, 2007, 2011), situação que privilegia o exercício masculino do poder na relação. Mas, ao admitir que a “*cabeça de cima que tem que funcionar*”, entende a provisoriedade característica da posição de quem exerce o poder, assumindo também a possibilidade de se governar na tentativa de buscar outras formas de existir na relação, mesmo que sendo pondo nela um “fim” e *metendo o pé*, como Rhuana diz fazer ao descobrir a inexistência de amor. De qualquer forma, a satisfação dos desejos femininos é, na maioria das vezes em que pude observar, carregada de muitas responsabilidades, restrições e compromissos que, de longe, se colocam para os homens.

Mas nem só de desejos se constituem as relações entre homens e mulheres. Existem outros motivos, trazidos por Januária em sua entrevista individual.

- **Eu:** “*O que você gostaria de encontrar em um homem Januária?*”
- **Januária:** “*Ah! Companheirismo que não tem. Esses que eu arrumei, nenhum. Esperava eu trazer, não tinha aquilo... Companheirismo em tudo, uma parceria né... Eu sempre pensei ‘Será que é por que não é filho deles?’ ou igual o pai das meninas... ‘Por que só tem essas duas comigo?’ e os outros não se sentem na obrigação de por as coisas dentro de casa? Então já que eu que tenho que por, eu que tenho que me virar, é eu que sofro por não ter, então...*”

Afetividade, desejo e companheirismo/parceria. Três lados do relacionamento que parecem ser importantes para essas mulheres. Januária parece ter insistido tentando por quatro vezes (re)organizar sua vida, mas não conseguiu e agora busca explicações. Quer entender os abandonos sofridos, a falta de apoio... Finalmente, e sem respostas, escolheu viver só.

- **Eu:** “*Então hoje você tá sem namorado?*”
- **Januária:** “*Eu tô, e tô feliz da vida!*”
- **Ana:** “*Mas não quer namorar? Não pensa...*”
- **Januária:** “*Quero! A hora que eu achar um mais do que eu! Tem que ser mais homem do que eu, porque...*”

Escolheu viver só, a não ser que encontre alguém “*mais homem*” do que ela. E o que é ser “*mais homem*”? Ter força e coragem? Trazer proteção? Atributos que a sociedade constrói como masculinos, mas que, em se tratando de contextos nas periferias, estão na

mulher que tem que vencer as dificuldades por si mesmas ou com a ajuda de outras mulheres. Januária quer alguém que assuma responsabilidades, que apresente soluções. Ela parece entender que há uma distonia entre as representações hegemônicas de masculinidade e as masculinidades com que se deparou em suas experiências. Por fim, lamenta: “*poxa vida, às vezes eu fico pensando, eu vou ficar velha sem ninguém?*” sinalizando a dificuldade dessa busca. Mas será que é impossível?

Pensando, agora, as histórias de Ana, Vânia e Jane, veremos que já se traçam outros caminhos. Considerando as experiências de Januária, vejo bastantes distanciamentos com relação às experiências dessas outras três mulheres, distanciamentos estes que também se configuram em aproximações interessantes entre as três: poucos relacionamentos considerados sérios – Vânia, 1, Jane e Ana, 2 –, companheiros mais envolvidos com a família, relacionamentos mais duradouros, mais proximidade com relação aos filhos e filhas, idades que se aproximam – Vânia, 29, Jane, 32 e Ana, 34 anos. Todas trabalham, mas contam com a participação financeira dos companheiros no sustento da casa.

Jane viveu 14 anos com André, o pai de seus filhos e filha. Ele foi seu primeiro namorado considerado “*sério*”. Jane e André foram morar juntos quando ela engravidou de seu primeiro filho, Artur. Essa gravidez foi planejada em conjunto e traz mudanças, dá novas identidades tanto para ela quanto para ele. Jane, com relação ao seu relacionamento com André, nutria a expectativa de “*que fosse duradouro. Meu sonho é que a gente pudesse criar os meninos, viver assim... Eternamente.*”. Segundo Jane, André era responsável por cozinhar em sua casa, já que ela *detesta* fazer isso. Ele era padeiro e gostava de fazer a comida. Conversando sobre a participação de André nas gravidezes, partos e cuidados com as crianças:

- **Eu:** “*E como foi a participação do pai dele [estava falando de Artur, o primeiro filho] na gravidez, no parto, no cuidado das crianças? Fala um pouquinho sobre isso...*”
- **Jane:** “*Sempre presente. No dia que eu internei, ele passou até a noite lá na maternidade e o Artur não nasceu. Ele sempre foi presente, sempre. Nas minhas gravidez ele sempre esteve junto.*”
- **Eu:** “*E ele te ajudava com as crianças?*”
- **Jane:** “*Ajudava.*”
- **Eu:** “*Dava banho... O que ele fazia com as crianças?*”
- **Jane:** “*Dava banho, dava mamá, trocava, cuidava mesmo. Cuidava em tudo.*”
- **Eu:** “*Ele era um bom pai, na sua opinião?*”
- **Jane:** “*Era!*”

André atua como um bom pai, na opinião de Jane. Diferente dos pais que apareceram até então, André é um pai “*presente*”, é aquele que planeja, junto com a mãe, ter um/a filho/a, dá atenção na gravidez e no parto, cuida das crianças “*em tudo*”. Comparece

também no sustento da casa. Sugere, assim, que é possível a constituição de outra paternidade, e, com isso, outra masculinidade na periferia em que mora, assunto que será discutido um pouco mais adiante.

Com relação ao sonho de que o relacionamento durasse “eternamente”, Jane se vê frustrada. A relação se desgastou e em sua última gravidez, pensou em abortar:

- *“Porque foi uma época que eu já tinha sofrido muito com o pai deles, questão assim... no nosso relacionamento. Entendeu? E eu tava morrendo de medo. Eu tinha muito medo de encarar o mundo com três. Com dois já tava difícil, tava com medo de encarar mais o mundo com três. Medo de ficar sozinha, medo de não dar conta, de não dar conta da minha vida, entendeu? E hoje eu vejo que não era nada disso.”* (Jane)

A diferença em André enquanto companheiro e pai não impediu que Jane sentisse medo. Medo de que a separação iminente a deixasse sozinha com os filhos e filha: *“Medo de ficar sozinha, medo de não dar conta”*. A separação do casal costuma deixar a mulher sozinha naquela periferia. O homem vai embora e se distancia, desobrigando-se também dos cuidados devidos às crianças que ficam com a mulher. Jane viveu isso como filha, via acontecer ao seu redor e *“tava morrendo de medo”* de vivenciar a mesma realidade como mãe. Mas, agora, Jane diz: *“hoje eu vejo que não era nada disso”*.

- **Eu:** *“Então hoje você viu que deu conta?!”*
- **Jane:** *“Hoje eu vejo que eu dou conta.”*
- **Eu:** *“E você dá conta por você, ou você atribui que você dá conta só porque você já tem agora outro companheiro que te ajuda?”*
- **Jane:** *“Não. Eu vejo que eu dou conta.”*

O segundo namorado “sério”, Léo, é o atual companheiro que ela considera ter “assumido” suas crianças como se fossem dele: *“A pessoa que hoje tá comigo, tá começando a abraçar a causa. É difícil uma pessoa assumir outra com três filhos. Ele me assumiu e assumiu meus filhos, tá ajudando a cuidar deles, igual pai. Conversa...”*. Nesse relacionamento atual, ainda muito recente, Jane mantém as esperanças de uma vida em clima de cooperação que já começa a acontecer e reconhece a raridade que envolve esse relacionamento marcado pela presença de um homem que *assume* uma mulher com três filhos/as.

- **Eu:** *“E quem é que é responsável por sustentar sua família, sua casa?”*
- **Jane:** *“Eu e o Léo.”*
- **Eu:** *“Vocês racham as despesas?”*
- **Jane:** *“Isto.”*
- **Eu:** *“E os cuidados da casa?”*
- **Jane:** *“Eu.”*
- **Eu:** *“Você que faz tudo?”*

- **Jane:** “*É. Ele me ajuda né?... Somos nós dois, em tudo somos nós dois. Dentro de casa, somos nós dois.*”
- **Eu:** “*Como é que ele te ajuda?*”
- **Jane:** “*Ele cozinha, o principal, que eu não gosto [risos]. Aí ele me ajuda, ele cozinha, se precisar arrumar alguma coisa... uma casa, uma cozinha, ele arruma.*”

Sandra Unbehaum (2001), pensando a desigualdade de gênero nas relações parentais, percebe que por mais que já haja envolvimento masculino no cuidado da prole e da casa, esse envolvimento não apresenta “alteração na divisão das tarefas familiares e domésticas. O trabalho em nossa sociedade é organizado por gênero e não prevê a participação masculina nas tarefas familiares” (p. 174). Podemos nos aproximar desse pensamento no caso de Jane, e como veremos mais adiante, também nos casos de Ana e Vânia. Jane e o novo companheiro dividem as despesas, mas a primeira resposta dada por ela quanto aos cuidados da casa vem na primeira pessoa: “*Eu*”. Em seguida, a participação do homem vem como ajuda e não como uma divisão de responsabilidades. Essa representação e prática são ainda muito comuns, não só nas periferias, mas em nossa sociedade. Quando o homem atua em qualquer cuidado com a casa, essa atuação vem no sentido da concessão, ele está apenas ajudando a mulher naquilo que seria uma obrigação feminina. Essa representação é reforçada quando Jane diz “*se precisar*”, marcando, assim certa eventualidade na atuação de Léo na arrumação de “*alguma coisa... uma casa, uma cozinha*”. Por outro lado, é Léo que se responsabiliza por cozinhar, como também era o caso de André. Isso aponta que, de qualquer forma e mesmo que timidamente, estamos diante de dois homens que rompem com alguns costumes antigos e ainda bem corriqueiros, começando, assim, a protagonizar outras histórias, mostrando-se mais companheiros e solidários.

No caso de Ana e Fernando, também encontraremos algumas rupturas, sem deixar, no entanto de presenciar algumas continuidades. Fernando também será o segundo namorado que Ana considera “*sério*”. O primeiro foi o homem com quem ela tentou ter filho/a desde os 15 anos, não obtendo, no entanto, sucesso com as gravidezes. Dialogando com Ana em sua entrevista individual, ela nos conta um pouco da dinâmica de sua relação no que diz respeito aos cuidados e sustento da casa.

- **Eu:** “*Hoje, você tem a sua casa, né? Com sua filha, com seu marido... É, como é que vocês se organizam, assim... quem sustenta... como que vocês dividem as atividades na casa...?*”
- **Ana:** “*Irmanalmente, para todos! Se eu lavo banheiro essa semana, o Fernando também lava... se eu estendo roupa, ele vem e estende... se eu faço janta, ele também... se eu faço almoço, ele também... a Vivian também... tudo irmanalmente. Todos trabalham, todos fazem as coisas! As contas da casa: O Fernando trabalha, é o provedor. Mas eu ajudo! Dou meu dinheiro também. Eu acho justo!*”
- **Eu:** “*Por que você fala que ele é o provedor?*”

- **Ana:** “*É o provedor porque ele trabalha, ele é o que mais faz as obrigações de dentro de casa!*”
- **Eu:** “*De dinheiro.*”
- **Ana:** “*É! Financeiro.*”
- **Eu:** “*Mas você também coloca seu dinheiro?!*”
- **Ana:** “*Coloco meu dinheiro. Meu dinheiro é investido na casa, na família!*”
- **Eu:** “*Mas é menos? Cê acha que é menos?*”
- **Ana:** “*É menos, igual... depende do que e pra quê!*”
- **Eu:** “*Ham ham... Eu acho interessante vocês falarem do provedor, e cês dando o duro que cês dão*” [risos]...
- **Ana:** “*Não, mas assim, provedor é ele. Nós dá duro, mas é, nós dá duro pra nossas coisas, né? Muita coisa, mulher gasta muito!*”
- **Eu:** “*Ah! Com mulher, né? Pras coisas de mulher!* [Ana: ‘É!'] *Você gasta bastante pra coisas de mulher?*”
- **Ana:** “*Às vezes! Ainda mais que eu tenho uma menina lá, de 13 anos que gasta bastante também. Aí é assim: roupa, eu que compro. O Fernando não compra ou compra muito pouco. Eu compro mais. Tênis, eu compro, essas coisas tudo eu compro. Com meu dinheiro, porque tenho que ajudar ele, porque ele também não dá conta de fazer isso tudo sozinho. Eu acho que eu não posso sobrecarregar ele se eu posso trabalhar, se eu... sempre trabalhei, se eu tenho condições pra isso, entendeu?*”

Ana diz dividir as tarefas de casa “*irmanalmente*”, sugerindo uma igualdade nessa divisão. Em outros momentos, nos encontros coletivos, ela mantém essa afirmação, mas às vezes deixa escapar outras falas ou outras práticas, como no dia – já relatado anteriormente – em que fui ao baile funk no bairro. Naquele dia, ela tocou todo o serviço da casa, se dizia cansada e ele assistia à televisão deitado em sua cama. Em outra fala, Ana diz que Fernando é pintor e “*fica em casa, de manhã, só vai de tarde. A gente briga. Porque eu detesto ficar em casa e ver homem deitado. Se eu ver homem deitado, me irrita.* [riso] *Entendeu?*”. Ana resiste e rompe algumas vezes, mas também, em outras, se vê capturada por antigas representações e aponta para uma situação em que as mulheres, embora estejam trabalhando fora de casa, ainda precisam organizar-se para conciliar as atividades domésticas com as assumidas de forma remunerada fora do lar (UNBEHAUM, 2001, p.170). Mesmo trabalhando como diarista e manicure, de segunda a sábado e dizendo: “*Meu dinheiro é investido na casa, na família!*”, para Ana, Fernando “*é o provedor porque ele trabalha, ele é o que mais faz as obrigações [financeiras] de dentro de casa!*”. Nesse caso, parece que Ana considera que pagar “*as contas da casa*” tem maior peso para a qualificação de provedor do que a compra de “*roupa [...] tênis [...] essas coisas tudo*” pela qual ela se responsabiliza e caracteriza como “*coisas de mulher*” e que talvez sejam de menor importância. Em seus estudos sobre desigualdade de gêneros nas relações parentais, Sandra Unbehau (2001) pensa que “*embora homens e mulheres sejam, hoje em dia, muitas vezes, ambos responsáveis pelo sustento do grupo familiar, socialmente espera-se que o homem seja o principal provedor*” (p.170). O que Ana

nos incita a pensar é que, da mesma forma que o homem é aquele que “*ajuda*” nos afazeres de casa, a mulher apenas “*ajuda*” na questão da provisão. Ambas são responsabilidades que ainda têm dona e dono, o que novamente me reporta a Unbehaum (2001) quando nos diz que “o trabalho em nossa sociedade é organizado por gênero” (p.174). Ana deixa escapar por várias vezes que quando está em casa junto com Fernando, em folgas do trabalho remunerado, ela cuida da casa enquanto ele se dá o direito de descansar. Talvez a ideia de que ele seja o provedor principal também favoreça a ideia da necessidade do descanso para ele enquanto ela ainda precisa desempenhar as tarefas socialmente atribuídas à mulher que, nesse caso, não terá direito ao descanso, pois as atividades de casa são diárias. Essas questões pensadas para as relações de Ana e Fernando, também estão presentes quando se trata das relações de Jane e Léo e, como ainda pensaremos, estarão presentes em Vânia e Felipe. Essas questões apontam para uma dificuldade ainda insistente na redefinição da divisão dos trabalhos domésticos que Sandra Unbehaum (2001) pensa que pode estar vinculada a obstáculos culturais ou mesmo a uma necessidade de manutenção do exercício do poder feminino no âmbito doméstico. Em suas palavras,

[...] a conquista pelas mulheres de uma relativa igualdade na esfera do trabalho, se mantém ao lado da desigualdade de gênero na esfera privada. Essa aparente contradição é reveladora de um foco de tensões: o desejo feminino em compartilhar com os homens as responsabilidades familiares se mescla ao desejo de não abrir mão de um dos poucos espaços de poder que as mulheres dispõem. (UNBEHAUM, 2001, p. 170-171)

Aproveitando um pouquinho mais da conversa com Ana, trago ainda um fragmento que dá o que pensar:

- **Eu:** *Vocês falam muito desse provedor, né? Cês tão sempre falando desse provedor.*
- **Ana:** *Ah! Depende muito!*
- **Eu:** *Mas assim, será que vocês realmente estão pensando nisso? Que tem o homem que provê a casa... a mulher...*
- **Ana:** *Não sei...Nunca pensei nesse lado não. Eu acho que o homem... Não, assim, tem coisa que você fala assim: “Ah, isso é coisa de homem, né? Isso é coisa de mulher...”*
- **Eu:** *Tipo... [riso]*
- **Ana:** *Ah, estragou o chuveiro! Isso é coisa de homem! As panelas que cozinha, é coisa de mulher! É eu que escolho! [riso]*
- **Eu:** *Cê só escolhe! Quem cozinha? [risos]*
- **Ana:** *Ah! Eu... Nós dois! Não, lá em casa o Fernando também cozinha, **tadinho**, faz isso com ele não! Meu marido cozinha, gente! Faz comida! Faz café da manhã! [...], ele busca o pão, quando acordo o café tá na mesa... Não, ué... Faz a janta, **quando eu chego atrasada!** Hoje ele tá feliz, nem em casa ele não tá hoje. Hoje é dia dele fazer janta e ele não vai fazer, **porque eu tava em casa cedo! Mas eu gosto dessa parte.** Aí que que acontece? **Também tem essa coisa de, de você ser criada pra isso! Eu gosto dessa coisa de chegar em casa, cozinhar, eu gosto de fazer bolo, eu gosto de fazer isso... eles tudo sabem fazer, a Vivian sabe, o***

Fernando sabe... Se eu não fizer, ele chega e faz, mas eu gosto de fazer. Eu acho que essa é a parte da mulher, gente!

- **Eu:** *Cê acha isso, mesmo?*
- **Ana:** *[riso] Não... acho... acho, mesmo! De verdade! Divido as tarefas, mas eu acho, de verdade! Lavar banheiro, por exemplo, eu não gosto de lavar. Eu falo pro Fernando lavar. Mas eu acho que a coisa é da mulher lavar. Porque ela que é a dona de casa! Eu não faço porque eu trabalho também. Mas se eu ficasse em casa o dia inteiro, eu ia lavar. Porque eu acho que é coisa da mulher.*
- **Eu:** *Então o fato de cê trabalhar fora, acaba também fazendo com que você se organize pra dividir a casa...*
- **Ana:** *A tarefa é de todos!*
- **Eu:** *... por causa disso!*
- **Ana:** *Isso! É! Porque se eu ficasse em casa, eu ia fazer! Porque eu acho uma sacanagem eu tá o dia inteiro dentro de casa, o homem chegar em casa e ter serviço pra ele dividir. Porque se eu fiquei em casa o dia inteiro, dá pra eu fazer tudo sozinha. Mas por isso que eu prefiro trabalhar. Pra eu não ter que fazer, eu prefiro dividir. Porque trabalhar de graça, eu tô fora!*

Quanta coisa podemos pensar aqui! Inicialmente, minha provocação faz com que Ana pense por um lado que “nunca” havia pensado, o que caracteriza esta pesquisa como um espaço de problematização. Creio que o que virá em seguida é a construção desse pensar “nunca” pensado. Ana afirma: “Não, assim, tem coisa que você fala assim: ‘Ah, isso é coisa de homem, né? Isso é coisa de mulher...’” exemplificando com “chuveiro” e “panelas”, respectivamente. Ana mostra-se capturada por discursos e representações que dividem funções masculinas e femininas. Ao mesmo tempo, admite a mistura dessas funções, no entanto, usa condicionantes para isso, como quando diz que Fernando “faz a janta, **quando** eu chego atrasada”, ou sugere que aquilo pelo que ele se responsabiliza em casa realiza-se apenas em sua ausência, pois se está presente, a obrigação é dela: “Hoje é dia dele fazer janta e ele não vai fazer, porque eu tava em casa cedo!”. Mas Ana ainda diz: “Mas eu gosto dessa parte”. Será que gosta mesmo? Nossos gostos são unicamente nossos ou são também produtos de uma criação/educação como a própria Ana chega a admitir quando diz: “Também tem essa coisa de, de você ser criada pra isso!” e completa mais adiante: “Eu acho que essa é a parte da mulher, gente!”? Interessante é que Ana mostra que, mesmo sendo regra, ela pode transgredir: “Lavar banheiro, por exemplo, eu não gosto de lavar. Eu falo pro Fernando lavar. Mas eu acho que a coisa é da mulher lavar. Porque ela é a dona de casa!”.

No pensamento de Ana, marcado por muitas heranças de uma sociedade em que a divisão do trabalho entre cônjuges ainda se situa num nível de desigualdade⁷⁷, percebemos posições de sujeitos bem definidas: homem: “*provedor*”; mulher: “*dona de casa*”, mas também transgredidas por ela não gostar de lavar banheiro. Das funções marcadamente femininas, Ana escolhe as de que gosta e dispensa as de que não gosta. Será que tal transgressão não se faz possível pela abertura dada por esse tipo de masculinidade que caracteriza Fernando? Se Fernando se coloca na relação de uma forma mais aberta e flexível, Ana amplia suas possibilidades, exercendo sua feminilidade também de forma mais flexível, pela própria condição relacional na construção dos gêneros. (SCOTT 1995; LOURO, 2011). Ana ainda acha “*uma sacanagem eu tá o dia inteiro dentro de casa, o homem chegar em casa e ter serviço pra ele dividir*”, mas como não quer assumir a casa sozinha, diz “*eu prefiro trabalhar. Pra eu não ter que fazer, eu prefiro dividir*”. Sair para trabalhar justifica a mistura de funções, pelo que entendo da visão de Ana. Justifica-se, dessa maneira, romper com as coisas de mulher e coisas de homem, modificam-se, assim, as posições de sujeito.

Elisabeth Badinter (2011) nos provoca a pensar que estar em casa, responsabilizar-se pelos afazeres domésticos e cuidados com os filhos e filhas possa ser uma opção de muitas mulheres, apontando para uma ressignificação dessa condição com relação à tradição patriarcal. Em suas palavras: “optar pela divisão tradicional das tarefas com o companheiro não significa uma volta ao modelo patriarcal. Muitas dessas mulheres se consideram ‘sócias’ deles, no sentido pleno do termo” (p.36). Identifico algo parecido nas falas de Ana quando traz a ideia da mulher que gosta dos afazeres domésticos “*Eu gosto dessa coisa de chegar em casa, cozinhar, eu gosto de fazer bolo, eu gosto de fazer isso... eles tudo sabem fazer, a Vivian sabe, o Fernando sabe... Se eu não fizer, ele chega e faz, mas eu gosto de fazer*”. Nesse caso, poderia até haver a opção por se produzir na divisão tradicional de tarefas. Porém não é isso o que ela faz ou quer “*porque trabalhar de graça, eu tô fora!*”. Nessa conclusão, Ana parece entender que a falta de remuneração torna a divisão generificada de funções algo desinteressante. Em seus estudos, Lurdes Fidalgo (2003) nos ajuda a entender que, além do aspecto cansativo e não remunerado das tarefas domésticas, esse tipo de separação gera a submissão feminina e, ainda, a sua invisibilidade. Tira da mulher a vivência no espaço público, aquele considerado o lugar dos protagonismos, lugar que “calcula, pensa e

⁷⁷ Elisabeth Badinter (2011) considera que essa desigualdade ainda se encontra em todos os países, inclusive nos escandinavos, onde políticas de governo têm promovido diversos incentivos para que os homens se envolvam nas tarefas familiares a fim de que se possa aumentar a taxa de nascimentos.

sabe” em detrimento do ambiente doméstico onde as tarefas exercidas estão muito mais na ordem das “funções naturais” do que na ordem de “atividades em si mesmas”, não necessitando, assim, de remunerações (FIDALGO, 2003, p.97). A mulher dependerá do homem para comer, morar, ter suas contas pagas e ainda para comprar aquelas “*coisas de mulher*” e terá que se manter em funções que remetem ao apoio e ao cuidado – da casa, do marido, dos filhos e filhas –, entendidas como próprias da natureza feminina, ideia que está nas bases da tradição patriarcal e dão ao homem o direito de mandar, proibir, limitar, definir, subjugar. O que Ana traz de sua relação com Fernando me autoriza a pensar que a consolidação de uma “sociedade” entre cônjuges ainda é bem distante e que o modelo patriarcal ainda não foi satisfatoriamente superado em seu contexto, mesmo que estejamos tratando de masculinidades já diferenciadas em vários pontos como os que temos discutido.

Com relação ao seu relacionamento com Fernando no tempo em que esteve grávida de Vivian, Ana fala de conflitos.

- *“Mas o período da gravidez foi meio tumultuado, foi conturbado, porque: minha sogra doente, era o único chão, único alicerce, aí ele ficou doido, bebia... e tudo, aí eu não tinha paciência, né? [...] Usou droga! Um tempão! A gente separou, ficou separado uns dois anos, aí voltou depois, né? Quando não bebe mais, não usava mais. E até hoje, não bebe mais, não, não usa mais.”*

A doença da mãe de Fernando provocou nele a reação de fuga nas drogas e bebida alcoólica, afastando-o de Ana e sua filha. Aqui observo algo interessante e que vejo como comum naquela periferia: ao enfrentar um problema, a tendência do homem é “cair” apelando para as substâncias tóxicas e alcoolismo, agravando a situação de seu próprio problema e da família. Embora eu também veja acontecer com mulheres, posso dizer, inclusive considerando falas desta pesquisa, que elas, muito mais, tentam se fortalecer para vencer a situação de dificuldade. Unem-se, organizam-se e tentam buscar superação ou algum tipo de amenização. No próprio caso de Ana, quando a sogra adoeceu, ela se mudou para sua casa na tentativa de ajudar a cuidar: *“Porque a mãe dele deu derrame, na época que eu fiquei grávida da Vivian. Aí, era ele, de 17 anos – minha cunhada, de 11, [...] e a mãe dele! [...] Aí, eu fui pra lá, morar lá pra ajudar, essas coisas, tive a Vivian, e tal!”*.

Tendo Fernando superado os vícios, voltaram a se relacionar e ele se mostrou um pai responsável e cuidadoso: *“Ajudava, dava banho, levava na escola, no médico... até hoje! Sozinho! Sempre foi assim. O único problema mesmo foi esse período.[...] Que foi mais conturbação mesmo. Mas sempre foi paizão!”*.

Vamos deixando Ana para começarmos a pensar em Vânia propondo uma prática que considero interseção em suas formas de se relacionarem com seus companheiros.

- *“Lá em casa o Fernando recebe, o pagamento tá na minha mão! A Vânia, o Felipe recebe, o pagamento tá na mão dela! A Raquel, o Diego recebe, chega na mão! Então a gente teve essa postura de... na verdade a gente teve essa postura dentro de casa, masculinizada! Aí eu não sei se, aí você vai falar “por quê?”. Porque na minha casa sempre foi assim! Minha mãe sempre foi o homem e a mulher da casa.”* (Ana)

Minha proposta, agora, é pensar o quanto Ana e Vânia foram subjetivadas em um clima de desconfiança com relação aos sujeitos masculinos e numa comunidade de mulheres que se assumem sem homem, acostumando-se ao acúmulo de funções. Têm dificuldades em romper com esses comportamentos. Viam a mãe como *“o homem e a mulher da casa”*, já que seus companheiros não a ajudavam financeiramente, deixando, assim de cumprir a *“parte do homem”*, como costumam dizer. Suas experiências se deram nessas circunstâncias e *“são as experiências que concretizam as subjetividades e dão vida aos processos de subjetivação”* (FERRARI, 2010a, p.10). Dessa forma assumem *“essa postura dentro de casa, masculinizada”*, tendo como principal ação o exercício do governo financeiro movidas pela desconfiança com relação à capacidade de seus companheiros. Esse tema foi muito enfatizado por Vânia em sua entrevista. Em um dos momentos em que traz o assunto, ela diz:

- *“Bom, eu sou bem desorganizada. Eu... eu falo assim, a gente, financeiramente, a gente tem dinheiro, mas não tem organização. A gente é muito bagunceiro pra essas coisas. O Felipe, nem tanto. O Felipe é mais centrado. **Mas como eu sempre tive visão, assim, de mulher organizando tudo, eu não dou muita confiança pro Felipe, não!** [...] Não, eu que faço tudo! Ele recebe, ele me dá o dinheiro. Eu é que vou pagar as contas, eu que vejo o que sobra, o que não sobra, e, com isso, ao mesmo tempo que eu consigo controlar, eu bagunço muito o nosso orçamento. Mas, assim, eu não permito ele também... não é que ele não participe. Como é que eu poderia falar? Eu penso assim, vamos supor: se eu deixo ele com o salário dele, ele não sabe assim: ‘Vou tirar o da casa, tem isso pro mercado’. Não! Eu acho que se eu deixar ele controlar, ele seria pior que eu, entendeu? Eu acho que ele encontraria com amigos, iria pra rua... não seria comprometido com o dinheiro da casa.”* (Vânia)

Mesmo se reconhecendo como *“desorganizada”* e ao Felipe *“nem tanto”* e *“mais centrado”* com relação ao uso do dinheiro, Vânia prefere assumir essa responsabilidade a deixar por conta de seu companheiro. Isso porque ela foi subjetivada vendo uma *“mulher organizando tudo”*. Não aprendeu a confiar nos homens, não vivenciou essa confiança junto de sua mãe e por isso, hoje, não dá *“muita confiança pro Felipe”*. Ele participa no sustento da casa, mas entrega seu salário para Vânia gerenciar. Vânia assume a postura de mando. O

verbo “deixar” está bem presente em sua fala, assim como se faz presente a incerteza de que Felipe fracassaria: “*Eu acho que se eu deixar ele controlar, ele seria pior que eu, entendeu? Eu acho que ele encontraria com amigos, iria pra rua... não seria comprometido com o dinheiro da casa*”. Vânia desconfia. E desconfia devido às suas experiências, associando o homem às preferências pelas atividades da rua. Penso que por mais que Felipe e Fernando se mostrem em masculinidades diferentes, Ana e Vânia – e, se quisermos, sua irmã, Raquel – não conseguem romper as amarras com as representações que constituíam as masculinidades com as quais conviveram na infância e adolescência. Talvez, pela desconfiança que as coloca em estado de alerta, pela necessidade de controlar, de manter a segurança que não tinham no passado, por medo que as coisas se repitam, elas não se exponham às experiências dessas outras masculinidades. E “o sujeito da experiência é um sujeito ex-posto. [...] Por isso, é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se ex-põe. É incapaz de experiência aquele [...] a quem nada o ameaça” (LARROSA, 2004, p.123-124). Se livrando da ameaça, fogem da experiência e não se transformam continuando, assim, se subjetivando a partir de representações que as constituíam nas experiências do passado, quando, aí sim, estavam expostas. Jane, por sua vez, não apresentou essa questão, em contrapartida, ela responde em sua entrevista que sua casa era sustentada pelo pai e pela mãe. Circunstâncias diferentes, experiências diferentes produzindo diferentes formas de sujeitos.

Felipe e Vânia vivem numa relação diferenciada se comparada à das outras mulheres e muito mais ainda se formos considerar a maioria das relações que se dão naquela periferia. Como já disse em outra oportunidade neste texto, Felipe tem certa dificuldade em se manter em empregos com registro em carteira, em compensação se esforça na música, que no entanto, financeiramente, rende muito pouco.

- *“Igual lá em casa, quando eu e Felipe, a gente começou, a criação dele também era assim, né? Fica em casa, essa coisa de trabalhar, não se tinha compromisso com essas coisas. E no início eu achava tudo lindo, ‘não, a pessoa vai mudar, e tal’, aí como não vai mudando, né, você chegava e fazia. Lá em casa eu chegava, eu sempre trabalhei mais de carteira assinada, ele fazia os biscates dele e a música, que é o que ele gostava.”* (Vânia)

A postura de Felipe vai constituindo Vânia destacando dois sentidos dessa constituição. O primeiro é a Vânia que sai para trabalhar buscando o sustento da casa e diz não contar muito com a ajuda financeira do companheiro para realizar seus projetos. O segundo é a Vânia que cria estratégias para “educar” Felipe no contexto da casa. Na relação, um constitui o outro:

- *“E eu já chegava em casa, e se já tivesse as coisas fora do lugar eu já saía tampando, gritando, se as coisas não tivessem com organização. Igual a Januária tinha já esse pensamento ‘ah, no momento de ter um envolvimento sexual’, ‘ah que eu tenho que servir’, eu já era totalmente ao contrário! Eu não! Se me procurasse eu pensava assim, ‘poxa, a pessoa... você ficou o dia inteiro fora, trabalhou, a pessoa ficou em casa, não teve...’ [...] E eu ficava pensando... às vezes eu até tinha vontade, mas eu falava ‘não!’’. Porque ele não tá pensando em mim, como assim... como casal, como mulher, por que ele não me respeita do outro lado! Ele atende de um lado mas do outro não. Por que que eu tenho que servir a ele, se ele não pensa, né? E assim, ‘não, poxa, tem que ser completo. Se financeiramente eu não estou podendo ajudar em casa, mas eu vou ajudar em todos os outros sentidos né?’ . E eu não cedia, igual eu brinquei, achei engraçado, você falou [dirigindo-se à Januária] ‘ah, eu servia’, eu não servia! E isso passava semanas! E eu não... eu achava que não era, que não tinha jeito!”* (Vânia)

Vânia não se conformava, como Januária, em chegar em casa depois de um dia de trabalho e ter que cuidar das tarefas domésticas sendo que Felipe esteve lá o dia todo. Também não concordava com a obrigação em servi-lo sexualmente, negando mesmo quando também sentia desejos. Vânia pensava que Felipe tinha que merecer e negava o contato sexual como forma de levá-lo a mudanças. Vânia, ao seu modo, educa Felipe. Em outros momentos, Vânia escolhe a conversa, também na tentativa de fazê-lo mudar, entendendo que há falhas na educação que Felipe recebeu de sua mãe – e, novamente, entra a mãe como responsável pela educação dos filhos.

- *“[...] a mãe dele não ensinou a ele ter isso que eu tenho, né? Eu me sinto assim, às vezes, chateada... justamente por isso, porque... eu falo com ele assim... Eu tô sempre querendo mais, e ele é muito estagnado, então, às vezes eu acho que assim... não sei se seria uma ofensa, eu não sei qual que seria o termo certo, mas eu falo com ele, eu queria mais. Igual eu falo com ele. Ele, intelectualmente, é uma pessoa assim, brilhante, surpreendente. Tudo que cê fala com ele, ele consegue resolver, ele sabe fazer... só que ele é muito acomodado, ele é comodista. E eu falo com ele: ‘eu queria a sua inteligência!’ . Porque eu sou ágil, eu faço, eu resolvo as coisas, mesmo com os meus estabanos, e tudo, mas eu pego e resolvo. Mas eu não tenho o lado intelectual.”* (Vânia)

Esse tipo de conversa com Felipe é recorrente o que, por vezes, faz com que Vânia se sinta mal: *“mas eu sinto que eu poderia ter feito mais, ajudado ele mais, ter dado uma outra estrutura, enquanto mulher, pra ele, entendeu? Não a de julgar, de ficar criticando...”*. Falas com esse teor ocorrem por quatro vezes durante sua entrevista e assinalam a preocupação de Vânia com o cuidado com o Felipe. Ao pensar assim, Vânia se problematiza, olha para si mesma, estabelece consigo uma relação de autocrítica. “O narrar-se como autocrítica adota decididamente essa função de ‘prestar conta’ de si mesmo segundo a lógica de critérios de valor que servem de padrão da contabilidade’ (LARROSA, 2002b, p. 74). Os critérios que Vânia adota são os que constituem uma mulher que ela não foi para Felipe, por ter feito pouco, por ter julgado e criticado. Ao dizer que *“poderia ter feito mais,*

ter dado uma outra estrutura, enquanto mulher, para ele”, Vânia se julga: comportou-se de uma forma que poderia ser outra – e nesse caso, penso que entende que a outra forma seria melhor. Nesse processo, Vânia se experiencia, no sentido foucaultiano do termo, vai se constituindo.

Desse ponto de vista, a experiência de si, aquilo que a pessoa vê de si mesma quando se julga e aquilo que a pessoa ‘expressa’ de si mesmo no ato de enunciação de seu juízo, é algo que se constitui e se determina na operação mesma do juízo, naquilo que os sistemas criteriosos que possibilitam o juízo produzem como seu campo de aplicação. (LARROSA, 2002b, p.77)

Os critérios usados por Vânia estão por aí, nos discursos e representações aos quais ela vai tendo acesso e com os quais, de alguma forma se identifica. O julgar-se leva ao caminho da transformação de si (LARROSA, 2002b), sendo assim, esses pensamentos de Vânia podem fazê-la outra em suas relações com o companheiro.

As críticas de Vânia com relação a Felipe, muito direcionadas às questões do comodismo que encontra nele nas ações práticas e financeiras, cessam quando se trata de pensá-lo como pai. Quanto à participação dele na gravidez Vânia lembra: *“sempre foi muito amoroso, sempre carinhoso... ele sempre fazia muito carinho na minha barriga... eu, assim, nesse ponto, eu não tenho o que reclamar. Sempre participativo...”*. Com relação à criação e acompanhamento da filha, Vânia diz:

- *“Então, assim, ele sempre cuidou muito da Malu, no entanto, que a Malu, até 4 anos, eu não lembro nada da infância da Malu. Porque ele que cuidou. Ele que ficava com ela e eu sempre trabalhei. Trabalhava e estudava à noite. Então, quando eu chegava em casa, à noite, ela já tava cansada da rotina do dia, eu praticamente dava mamá, ela dormia. Então, assim, ele foi muito participativo, é muito pai. Quando é coisa de escola, ele vai... eles são muito agarrados, até mais com ele do que comigo. Nesse ponto eu não tenho o que reclamar.”* (Vânia)

Pai *“sempre participativo”*, *“muito pai”*, Felipe não deixa nada a desejar com relação à filha, segundo as impressões deixadas por Vânia. Nas várias oportunidades que tive em estar com ele e Malu, pude perceber o afeto, a amorosidade, a amizade, a cumplicidade que envolve sua relação. *“O ‘pai afetivo e amoroso’ insere-se no movimento que vem sendo denominado de ‘nova paternidade’”* (SCHWENGBER; SILVEIRA, 2011, p.96). Sandra Unbehaum (2001) nos diz que vários estudos apontam para homens que se encontram nas camadas médias da população aderindo a esse tipo de paternidade ressignificada.

Na prática, podemos observar um número significativo de homens assumindo as mais diversas tarefas com as crianças e com a casa. No cinema, nos parques, nos restaurantes é sempre possível encontrar homens sozinhos com seus filhos, enfrentando situações de indisciplina, preocupados com o filho menor que não quer comer, perdendo o fôlego no jogo de futebol ou ainda ensinando os filhos a andarem de bicicleta. Outros levam os filhos ao pediatra ou ao dentista sem nenhum constrangimento, enquanto suas mulheres estão no trabalho ou estudando. (UNBEHAUM, 2001, 167)

A autora destaca a camada média, mas vejo esse tipo de homem e de paternidade de forma bem acentuada em Felipe e de forma mais amena, mas não menos importante, em Fernando, companheiro de Ana e também em André e Léo, respectivamente ex e atual companheiros de Jane. A “nova paternidade” está chegando, mesmo que de forma bem tímida, àquela periferia.

Podemos encontrar nas falas de Vânia muitas referências a certo tipo de masculinidade necessária em detrimento de outra que se dá em Felipe. Se, por um lado, ele não é o provedor que Vânia esperava, se mostrando “*estagnado*” e “*acomodado*” nesse sentido, por outro, é “*muito pai*” e, da maneira dele, acaba dando conta do serviço da casa. É ele quem cozinha e procura fazer o jantar para o horário próximo de Vânia chegar. Várias vezes que lhe dei carona até à sua casa, ao chegarmos ela dizia algo do tipo: *Vamos entrar e jantar? A janta deve ter acabado de sair. O Felipe faz sempre pra hora que eu chego.* Isso nos possibilita pensar nas dificuldades em se admitir um homem dentro de casa enquanto a mulher trabalha para sustentar. Esse tipo de masculinidade ainda é percebida como falta. Isso aparece nos conselhos que Vânia recebia de suas amigas, mãe e irmãs. Já ouvi Ana dizer: “*porque o Felipe não gosta de trabalhar, tá na hora dele começar a pensar nisso*”, não reconhecendo como trabalho o cuidado que ele dispensa à casa e à filha.

- “[...] teve uma fase do meu casamento que eu pirei, porque todo mundo ficava assim comigo: “*Cê é bonita! O que que você faz com o Felipe? Manda esse homem ir embora da sua vida! O que que ele te dá? O que que ele tem pra você? O que que ele te oferece? Ele resolve o que na sua vida?*” (Vânia)

Pode ser que essas falas e conselhos, herdeiras de discursos sexistas, tenham influenciado Vânia a ponto de deixá-la *pirada*, conforme ela mesma afirma. A situação se agravava em consequência da precária situação financeira vivida pelo casal e de constantes “cantadas” que levava de outros homens, principalmente quando trabalhava nas ruas do centro da cidade, no controle de estacionamentos rotativos de responsabilidade da prefeitura local:

- “E quando eu trabalhava na rua, eu lembro que os homens passavam... tinha um homem que eu tinha pavor dele, porque ele chegava, ele abria a carteira assim, oh, ‘Eu te dou isso daqui! Só pra você sair comigo. Cê não precisa fazer nada comigo!’. E às vezes, eu chegava em casa, eu não tinha leite da Malu! Então, cê olhava aquilo... eu falava: ‘Gente! O Felipe também não resolve!’ Eu lembro que, na época, ele trabalhava no XYZ⁷⁸, ganhava 50 reais no mês. Eu ficava doida! Nada, nada, eu sempre... Eu tinha um salário a mais que o dele. Não tinha jeito. Eu falava: “Gente, o que que eu faço da minha vida? Como é que eu vou resolver isso? Eu aqui, passando aperto, e eu posso chegar lá na rua e ter o dinheiro pra fazer compra, fazer o que eu quiser. Mas assim, nessa fase, eu já consegui não me deixar seduzir por isso, e tal...” (Vânia)

A representação do homem como provedor é forte. Vânia está capturada, não consegue vislumbrar outra possibilidade para Felipe. Une-se a isso o assédio sofrido no trabalho. Vânia trabalhava na rua e lá não é lugar de mulher “honesta” (RAGO, 2008; 2009). Tal concepção ainda paira nos ares atuais, portanto, estando na rua, Vânia pode ser assediada, provocada, seduzida, violentada, pois “quando [a mulher] se afasta do que se espera como [mulher], a discriminação e a agressão parecem autorizadas, uma vez que essa [mulher] está num local que não é o seu” (FERRARI, 2009, p.137). Vânia resiste aos assédios, mesmo diante de todas as dificuldades financeiras por que passava. Mas essa situação cria condições para mais conflitos com Felipe, chegando a provocações humilhantes. Continuando sua narrativa:

- “Mas assim, eu fazia disso, tipo assim, como se eu fosse o poder maior da minha casa e ele não tivesse direito de nada, eu não dava direito a ele a nada! Então, assim... quando eu explodia, que eu não tava me aguentando, aí eu só humilhava, eu só xingava... [...] Eu sempre me achei: ‘Não, eu resolvo, então eu posso tudo. Eu posso pisar, eu posso humilhar, eu posso maltratar.’. Entendeu?”.

Essa é a lógica do poder e Vânia age como alguém que assume a posição de domínio. Se sai para trabalhar, traz dinheiro para casa, *resolve tudo*, então pode se considerar “o poder maior” com direito a “humilhar” e “maltratar”. Assume a posição do sujeito “cabeça do casal”, mantendo Felipe na subalternidade não dando a ele “direito de nada”, posição muito conhecida pelas mulheres em modelos sexistas. Nesse momento de sua constituição, Vânia se encontra entre as muitas mulheres que “apenas reproduzem as estratégias masculinas de ação, copiando as tecnologias de poder de um mundo já muito criticado” (RAGO, 2009, p.35). No entanto, chega a outro momento em que já vai pensando sua relação, entra em negociação consigo mesma, tentando constituir-se de outra forma:

⁷⁸ Nome de uma entidade filantrópica de Juiz de Fora. Nessa época, Felipe era aprendiz de marceneiro e recebia uma bolsa mensal de R\$50,00. Permanecia na instituição por meio expediente.

- *“Então eu acho que foi nisso que eu me perdi. Eu fui ouvir muita opinião, e... era muita coisa junto, e eu não sabia como lidar com isso tudo. E eu pensava: “Será que é se separar?”. Mas aí eu falava: “Gente, não é se separar!”. Se eu quisesse separar dele, eu acho que era a primeira coisa que eu ia fazer. Porque eu sempre fui uma mulher independente. Eu sempre aprendi isso com a Ana. A Ana sofreu. Apanhou anos e anos do namorado dela. Perdeu 5 gravidez... Então, assim, eu sabia que ficar sofrendo, não é o que eu queria. Não! Eu queria estar com ele e ensinar ele a ser um homem diferente. Mas aí, também eu comecei a ver: ‘Não, eu também não posso fazer dele uma coisa que às vezes ele não tem capacidade pra isso. Não é o momento dele agora!’. Hoje, eu entendo isso. Não é o momento dele! **Ele vai ser o que ele é e eu vou ficar com ele se eu quiser, por uma opção minha! Dentro do que ele pode me oferecer. Aí eu consegui ficar mais calminha.**” (Vânia)*

Podemos ver, nessa fala, a transformação de Vânia no exercício que fez de si mesma, pensando sua conduta na relação com Felipe, mudando seus conceitos, sua forma de pensar e de agir. Experiência de um pensar a si transformador – experiência de si (LARROSA, 2002). Vânia “*hoje*” entende a importância da liberdade na relação, respeita tempos e opções – as dele e as dela – saindo de uma tendência de domínio para se situar em uma condição de maior flexibilidade. Um poder mais suave se exerce, agora, entre Vânia e Felipe. A relação é ressignificada.

Todo esse esforço de Vânia, porém não apaga dela uma sensação de insatisfação com sua forma de conduzir a maternidade. Vânia, constantemente, se julga em sua relação com Malu. Enquanto Felipe supera, e muito, as expectativas em sua paternidade, Vânia sente não atender à sua parte, a ponto de, em alguns momentos, não se sentir mãe.

- *“Então, assim, às vezes, eu ainda hoje não me sinto mãe, mãe! **Eu faço meu papel na medida do possível, eu converso muito com ela... quando criança, nunca destratei. [...]mas assim, sentir mãe: “Você se sente...?”, não me sinto mãe! Eu abraço a Malu, eu faço carinho... mas sabe aquela coisa que vem do fundo? Eu acho que isso, em mim, eu não tenho! Eu não sinto isso. Eu cuido o máximo que é possível, eu sou uma mãe que a minha mãe não foi pra mim, mas, assim, me sentir mãe, acho que não! Acho que eu ainda não sei o que é isso. [...] E isso eu não posso questionar ele. Às vezes eu acho que ele tem isso, eu não tenho. Ele é pai! Ele não é financeiramente... é... resolvido, na vida dele, ele tem os defeitos dele, mas isso, ele já é! E eu não consigo ser. Eu sou resolvida, né? Eu vou, trabalho, faço o que eu tenho que fazer, mas em questão de sentimento, eu acho que eu não sou. **Eu sou fria, eu acho que eu ainda sou gélida... pra essas coisas!**” (Vânia)***

A condição de se tornar mãe, de passar por mãe, faz com que as mulheres tenham o desejo de se adequar a modelos socialmente prescritos, o que faz deste acontecimento um lugar onde a reprodução social tem peso significativo, com repercussões importantes na vida das mulheres. (FIDALGO, 2003, p.121)

Será que o que Vânia sente é realmente frieza? Poderíamos dizer que o que há é uma falta de sintonia com o papel socialmente atribuído às mães? Será que ela não está naquele lugar que não atende aos endereçamentos (ELLSWORTH, 2001) e não se forma um

sujeito esperado para a maternidade? O amor materno é um amor que tem funções e clama por uma “natureza” que não existe na mulher (Badinter, 1985; 2011). Uma “natureza” exigente, que submete a mulher a uma maternidade em tempo integral, a um cuidar permanente e culmina na redução da mulher à identidade de mãe (FIDALGO, 2003). Não corresponder a essa expectativa de amor materno poderia levar a não se sentir mãe? Fazer o seu “*papel na medida do possível*” não é suficiente para atender aos ditames dessa maternidade essencialista e redutora. Assim, Vânia, julgando-se por esses critérios, sente-se “*fria*”, “*gélida*” e não se sente mãe. “[...] os movimentos feministas procuraram desmistificar a maternidade ideal imposta às mulheres como um modelo, particularidade salientada como indutora de culpa que faz com que cada mulher sinta que não é tão boa mãe como as outras” (FIDALGO, 2003, p.122). Nesse sentido, poderíamos dizer que, além de “*fria*”, “*gélida*” e não-mãe, Vânia se sente, também, culpada?

Porém, ao mesmo tempo em que diz não se sentir mãe, diz também ser uma mãe que a mãe dela não foi. Reconhece-se como uma mãe diferente, assim como bastante diferente do que se encontra em seu contexto é a paternidade de Felipe, que dá conta da maior parte das necessidades apresentadas por Malu. Continuo pensando que há nessa relação de Vânia com Felipe, e agora Malu, muita dificuldade em se entender e, talvez, até mesmo, em aceitar as novas posições de sujeitos que se formam. Vânia se sente menos mãe porque mede com Felipe os esforços para cuidar de Malu. Nessa comparação ele ganha por estar mais tempo com ela, por acompanhá-la mais em suas atividades. Talvez Vânia não esteja se dando conta de que estão quebrando com antigos paradigmas com bases naturalistas (FIDALGO, 2003) e exercendo uma maternidade diferente, mas, não por isso, pior ou menos valiosa ou importante. Dão-se, assim, ao mesmo tempo, muitas rupturas e muitos aprisionamentos a tais paradigmas, assim como às experiências sofridas por Vânia no passado, quando muitas dores ganharam sentido com a ausência da mãe, uma ausência, contudo, movida pelas necessidades impostas pela ausência do pai, o que não acontece com Malu.

- “*No meu caso, eu não tive esse pai! A gente não tinha pai. Era só a minha mãe! Hoje é diferente, igual hoje com a minha filha, com a Malu. Às vezes eu chego do serviço cansada, ela: ‘Mãe, eu não fiz esse trabalho da escola.’, mas o pai dela fez com ela. É igual hoje: eu saí pra trabalhar, mas ela tem que fazer uma pesquisa sobre religião aqui no bairro [...]. O pai dela ia sair com ela pra fazer. Se você conversar com ela, é uma história diferente. O pai dela é presente pra ela e eu não sou. Eu acho que às vezes falta isso pra gente: o pai. Eu não tinha pai!” (Vânia)*

E com essa fala de Vânia, fica a questão: que marcas são acionadas e a constituem assim, nesta insegurança quanto à sua maternidade? Talvez as marcas de uma

maternidade que experienciou no passado e com a qual quer romper. Talvez as marcas de ausências que não gostaria de sentir. Talvez a possibilidade de dar à filha aquilo que a ela faltou: *“Eu morria pelo meu pai! Então, assim, se eu posso dar um pai pra minha filha, nunca que eu vou deixar de dar” (Vânia)*. Talvez...

As problematizações em torno das experiências dessas mulheres nos relacionamentos com seus homens nos possibilitam, ainda, visualizar o esforço que elas fazem para manter um sentido de família. Esta é uma atribuição que tem sido designada à mulher, por ser ela a responsável pelo lar, pela manutenção da ordem e da moral, por suas responsabilidades com o cuidado e o cultivo do amor e da união dos membros familiares. Januária fez as tentativas de encontrar o companheiro que sonhava dividir com ela a responsabilidade com os/as filhos/as e nesse sentido, dava oportunidades, tentava compreendê-los, perdoá-los, agradá-los, deixar a casa arrumada e limpa, a comida pronta... para que não reclamassem. Entendia-se, ainda, na obrigação de servi-los sexualmente. Vânia investe na “educação” de Felipe e na compreensão de que ele também tem seu tempo e ela precisa esperar tentando se adequar à situação que se estabelece, mesmo diante de críticas que recebe de irmãs e amigas. Ana assume as responsabilidades da casa enquanto o marido descansa em seu dia de folga, entendendo-se como a “dona de casa” e a ele, como o provedor. Procura adiantar tarefas, deixar a marmita de Fernando sempre pronta, cuida do que pode para que a semana transcorra com certa tranquilidade. Jane elogia o companheiro que assumiu seus filhos e filha, relação que quer cultivar. Nesses comportamentos, investem em uma família e assumem o governo do lar, cuidam das relações, torcem e esforçam-se para dar certo.

Ainda com base nessas relações, poderíamos dizer de um único modelo de mulher na periferia? Observo que muitas experiências as aproximam enquanto outras tantas as distanciam umas das outras. São, então, singularidades. E quanto aos homens? Existe um padrão de homem naquela periferia? Não! Também são singularidades que envolvem aproximações e distanciamentos.

Tenho notado, no decorrer da pesquisa, que naquela periferia os sujeitos ainda assumem a lógica binária do masculino/feminino, das “coisas de homem” e “coisas de mulher” em universos distintos e separados. Tal lógica dá lugar à hierarquização entre os gêneros em que o feminino é subjugado e inferiorizado com relação ao masculino e precisa ser vencida porque colabora na construção das desigualdades sociais (SCOTT, 1995; LOURO, 2011). Convivem, ainda que idealmente, com modelos hegemônicos de masculinidade encerrando no homem os deveres para com o sustento da família através de sua

atuação nas esferas públicas (SILVEIRA; ANDRADE, 2013). Na prática, no entanto, sobressaem-se as ocasiões em que essa lógica é subvertida, sem, no entanto, se perder. São mulheres que assumem “coisas de homem” e acabam sentindo-se empoderadas – “*o poder maior*”, como diz Vânia –; são homens que não arcam com os papéis sociais a eles atribuídos e são subjugados quando assumem aquilo que seria visto como pertencente ao universo feminino reafirmando a inferioridade histórica que marca as atividades atribuídas à mulher na sociedade (SCOTT, 1995; RAGO, 2011; LOURO, 2011). São, dessa forma, subjetividades que subvertem as normas, mas, curiosamente, continuam “acreditando” nelas, julgando-se a partir delas, atribuindo-se valores, dando sentido às suas experiências atravessadas por significados criados socialmente (SCOTT, 1995). Constituem-se, assim, naquilo que são. É nesse sentido que Januária diz *ser o homem e a mulher da casa, pai e mãe dos seus filhos e filhas* e Vânia cobra de Felipe uma postura menos “acomodada”, mesmo que ele desempenhe, do seu modo, as tarefas dentro de casa quando ela sai para o trabalho. Repete a mesma lógica quando se sente menos mãe, se incomodando com isso, julgando-se por pensar que seu amor por Malu não é satisfatório e sentindo-se meio por fora da vida da filha. É também nesse sentido que Ana entende que ela e as irmãs se constituíram de forma “masculinizada” e, por isso, querem, elas próprias, tomar as rédeas da casa no governo da questão financeira. Em situações em que mulheres sentem que se masculinizam, ao assumirem os papéis que entendem ser do homem, constitui-se um processo de fortalecimento das feminilidades enquanto as masculinidades podem se fazer frágeis. Estar no comando da casa, dar as ordens para que se cumpram as tarefas, controlar as despesas, resolver as situações difíceis, cuidar dos familiares, trabalhar fora e dentro de casa são ações que exigem força e coragem e estão no cotidiano dessas mulheres. Sobra muito pouco para os homens. Assim, eles se constituem na falta, enquanto elas, no excesso. Isso me ajuda a pensar nas representações que trouxeram em nosso primeiro encontro para a pesquisa, ocasião em que solicitei que respondessem à pergunta: “O que é ser mulher” em que sobressaíram as ideias que trazem o sentido de força, coragem, sofrimento e abnegação. São aquelas representações que, de certa forma, prevalecem nos seus processos de assujeitamento e/ou subjetivação.

Januária, em suas relações ainda vivenciou muito machismo. Ana chega a comparar seus relacionamentos com os de sua mãe que “*mesmo tendo homem, foi casada, igual, com o pai da Vânia. Era a mesma coisa da Januária. Saía, trabalhava, chegava em casa tinha que servir, do mesmo jeito, e sem muitas reclamações!*”. Essa fala poderia sugerir um pensamento em torno da categoria “geração”, já que Januária e D. Olívia são praticamente da mesma idade. Mas é ainda Ana que vai desconsiderar essa ideia ao dizer

- “com certeza você conhece um caso por aqui mesmo em que o marido bate, a mulher é submissa, o marido anda com outra mulher e traz pra dentro de casa, e continua submissa! E a mulher sabe. E não é mulher dependente não! É mulher que sai pra trabalhar todo dia, é mulher que se bobear o homem fica em casa e a mulher que sustenta, e isso existe!”(Ana)

Ao citar exemplos de casais que ainda constroem suas relações dentro da lógica exposta em sua fala, Ana situa seu bairro nesse contexto de pensamento. Ali, muitas mulheres – quase que posso me arriscar em dizer “a maioria”, inclusive pelas minhas próprias observações – ainda sofrem o domínio masculino, a violência doméstica, o abuso sexual e a exploração financeira. Podemos, assim, considerar o machismo e o sexismo ainda muito presentes e bastante ativos na constituição de homens e mulheres naquele contexto.

Notamos, no entanto, que Felipe e Fernando, assim como André e Léo, se situam em posições muito aproximadas no que diz respeito às suas constituições subjetivas, enquanto já se distanciam, notadamente, dos homens de Januária e D. Olívia entre outros tantos que encontramos por lá. Os quatro subvertem a imagem, tão comum na periferia, do homem violento que maltrata e explora a mulher e não se envolve com os cuidados com a casa e filhos/as. Também não pertencem à categoria de homens que vivem encostados nos muros ou sentados nas escadas dos becos com uma arma sob a roupa e os bolsos cheios de drogas esperando o próximo freguês. São outros homens, outros sujeitos que correm bastante risco, tendo em vista que “aqueles homens que se afastam da forma de masculinidade hegemônica são considerados diferentes, são representados como o *outro* é, usualmente, experimentam práticas de discriminação e subordinação” (LOURO, 2011, p. 52). Mas os quatro são possibilidades que se abrem naquela periferia e nos autorizam a concordar com os vários/as autores/as dos estudos de gênero que nos dizem que a masculinidade não é fixa e nem única, mas existem várias e móveis masculinidades. Elas, assim como as feminilidades, se constroem nas relações sociais, a partir de regras e valores postos que precisam ser discutidos e ressignificados através de novas/outras linguagens que possibilitem novas/outras realidades.

No trabalho

Quando discutimos questões de gênero, a ênfase, na maioria das vezes, recai sobre as relações de poder que ocorrem entre o relacionamento homem e mulher, como tenho feito neste texto. Tal ênfase, nesse caso, define-se pela diferença que se encontra no sexo biológico situando as pessoas em determinadas posições no interior das relações de poder (LOURO, 2011). Minha pesquisa possibilitou-me, no entanto, pensar outros aspectos

produzidos em outras relações vivenciadas pelas mulheres e que, não necessariamente, envolvem distinções entre os gêneros masculino e feminino, mas se localizam no interior mesmo do gênero feminino. Essa questão apresenta-se nas relações entre mães e filhas – em que, poderíamos dizer, acontece também um atravessamento de geração – e faz-se forte nas relações de trabalho. O local de trabalho é onde raça e classe se distinguem com relação às mulheres que as empregam, que são brancas⁷⁹ e de condições financeiras mais abastadas. Guacira Louro vai nos lembrar que

A diferença entre as mulheres, reclamada, num primeiro momento, pelas mulheres de cor⁸⁰, foi, por sua vez, desencadeadora de debates e rupturas no interior do movimento feminista. Com o acréscimo dos questionamentos trazidos pelas mulheres lésbicas os debates tornaram-se ainda mais complexos, acentuando a diversidade de histórias, de experiências e de reivindicações das muitas (e diferentes) mulheres. (LOURO, 2011, p.49)

A discussão que proponho aqui foi iniciada no título *"Quando gênero, raça e classe se atravessam"*, quando trago minhas intenções em trabalhar com as categorias gênero, raça e classe, por julgá-las como componentes importantes na subjetivação das mulheres que pesquiso. Naquele momento, trouxe uma situação não comum entre as experiências das mulheres: nosso encontro na pizzaria, em que questões de raça e classe sobressaíram-se às questões de gênero. A representação que fizeram foi a de que eu era a *"patroa"* que junto, com minha filha⁸¹, levava as *"empregadas pretas"* para jantar na intenção de *"fazer uma média"*. Mulheres-patroas-brancas são diferentes de mulheres-empregadas-pretas. As diferenças enfatizadas estão nas classes sociais a que pertencemos e nas cores de nossas peles.

Para pensar essas temáticas, assistimos ao filme *"Histórias Cruzadas"*, que nos propiciou momentos muito ricos. Tão ricos que não darei conta de trabalhar com os assuntos que ele suscitou, pois precisaria me dedicar aos estudos que discutem as relações de trabalho incluindo a legislação trabalhista, os movimentos de lutas pelos direitos das empregadas

⁷⁹ Segundo suas respostas, nenhuma das mulheres da pesquisa teve uma negra como empregadora.

⁸⁰ Em nota, Guacira nos diz que "a expressão 'mulheres de cor' – ainda que problemática – pretende traduzir *colored women*. Na verdade, o termo não é adequado, pois implica que se toma como referência as mulheres brancas, das quais as *outras (colored)* se distinguiram. As mulheres brancas – que se constituem na 'norma' – não teriam cor. Além disso também me parece que a expressão 'de cor' acaba por se constituir num dos disfarces mais comuns do racismo no Brasil. Uma outra tradução para a expressão tem sido 'mulheres não brancas' que, como se percebe, também não se constitui numa boa solução" (LOURO, 2011, p. 60). Concordo com Guacira e, na necessidade de me referir a essas mulheres com relação à sua diferença racial, utilizo o adjetivo "negra" que elas mesmas assumem e, atualmente, possui um sentido político e afirmativo.

⁸¹ Referiam-se à Ana Paula, uma de minhas companheiras nas atividades do Centro Espírita.

domésticas entre outras questões que implicam o assunto. Isso daria outra tese e constitui uma lacuna deixada nesta. Penso, porém que posso trazer algumas representações que as mulheres fazem de suas relações específicas, das quais narram suas experiências e subjetivações. Começo trazendo do meu diário de campo um pouco daquilo que registrei no dia do encontro:

Havia pensado que elas não gostariam do filme, que iam se cansar. Mas me enganei. Elas adoraram, assistiram atentamente. No final, Januária pediu desculpas por chorar. O filme tem duração de duas horas e vinte e seis minutos, então a conversa ia se estender muito. Deu a hora do jogo da final da Copa⁸². Perguntei o que queriam: ficar para discutir ou ir embora e discutir em outro dia. Ana falou que queria discutir. Diante da possibilidade do Haroldo⁸³ querer assistir ao jogo, sugeri que se fosse o caso, poderíamos, então ir para minha casa. Lá discutiríamos e tomaríamos um cafezinho. Elas toparam na hora e o Haroldo queria mesmo assistir à final, então fomos para minha casa. Chegando lá, sentamos na sala e começamos a discutir. Foi uma hora e meia de discussão. Elas contando as histórias que viveram e ainda vivem nas casas em que trabalham. Pensando na situação da mulher negra, discutindo pontos de vista... Foi muito legal. Em nossos encontros para a pesquisa observei o quanto elas gostam de falar de si. Fica difícil eu entrar na conversa para perguntar alguma coisa. Elas vão se completando, concordando umas com as outras, na maioria das vezes, e discordando em outras. Quando encerramos a conversa, fomos tomar um cafezinho preparado pela minha filha e meu filho mais novo. Elas admiraram a mesa prontinha para o café, gostaram. Sentiam-se descontraídas. Conversaram comigo e com meus filhos e filha, muito alegremente, curtiram um pouquinho mais, andaram pelo quintal. Januária colheu umas rosas brancas dizendo que era para fazer chá. Combinamos de um dia nos reunirmos lá para fazermos uma comidinha gostosa. Haroldo e eu as levamos em casa por volta das 20 horas. Foi um dia bem bacana. Vânia foi conosco porque precisava pegar sua filha e seu marido. Depois voltamos e a deixamos em sua casa. Ela convidou para que víssemos a reforma que está fazendo, se mostrando muito feliz por isso. Depois, nos despedimos e voltamos para nossa casa, Haroldo e eu.

⁸² Era o dia 13/07/2014. Alemanha e Argentina disputavam o título de país campeão do mundo em futebol no Estádio do Maracanã, Rio de Janeiro.

⁸³ Nesse dia o meu marido estava conosco. Eu havia esquecido um equipamento em casa e liguei pedindo a ele que trouxesse até o sítio. Ele resolveu ficar por lá, corrigindo umas provas, enquanto assistíamos ao filme.

O filme fez Januária chorar. Ela identificou-se com situações, cenas, histórias. Viu a ela mesma e a tantas outras nas personagens da trama. Ana e Vânia também se viram lá, se envolveram, experienciaram.

- **Januária:** “*Já melhorou muito, no início... não! Eu peguei aquela época do filme, lá! Minha irmã pegou! Minha mãe pegou!...*”
- **Ana:** “*Hoje a gente responde, vira as costas, dá de bico...*” [ri]
- **Januária:** “*... Hoje a gente pode conversar, a gente tá vendo que tem lei pra gente. Não tinha lei pra gente!*”
- **Vânia:** “*Não tinha nada!*”
- **Januária:** “*Não tinha lei nem pra gente trabalhar de carteira assinada no tempo que eu comecei! Não tinha, então, é aquilo do filme, mesmo. É aquilo mesmo!*”
- **Vânia:** “*E eu nem me imagino passando por isso que essas meninas passavam no filme, porque assim, todas as minhas clientes são muito tranquilas.*”
- **Ana:** “*Não, mas tinha uma lá que é igual eu, gente...*”

Os filmes são artefatos culturais e “mais do que contar a trajetória de uma personagem o filme fala de nós mesmos” (FERRARI, 2009, p. 119). O filme assistido é forte em marcar as discriminações sofridas por mulheres negras que trabalhavam em casas de mulheres brancas responsabilizando-se por todo o serviço doméstico, inclusive o cuidado com as crianças. A identificação das mulheres com as personagens implica em uma identificação com a própria condição social e racial presente na trama fílmica. Embora reconheçam que o filme diz de um época que passou e que atualmente “*já melhorou muito*”, os costumes daquela época se aproximam das experiências de Januária e das atitudes de Ana em relação a discriminações sofridas, o que indica que não é um passado muito distante.

Das situações narradas pelas mulheres nas várias casas em que trabalharam e nas que ainda trabalhavam na ocasião dessa conversa, a discriminação aparece em vários contextos. A alimentação é um deles.

- **Januária:** “*[...] Igual assim, eu já trabalhei em casa... quando fui trabalhar na primeira casa de família, era gente muito rica. Sabe o que que a mulher fazia? O restinho que ficava no prato, ela chegava perto de mim e falava assim: ‘Aqui, tá limpo, oh, pode tirar esse aqui que dá pra comer!’*”
- **Ana:** “*Procê comer!*”
- **Januária:** “*É, pra mim comer!*”
- **Ana:** “*Porque pra ela, no outro dia, não dava!*”
- **Januária:** “*‘Oh, isso aqui, nem mexeu!’. Dentro do prato, mesmo, entende? Igual a Ana falou, não sobrava... se sobrava um... se comprava uma carne, um peixe caro...*”
- **Vânia:** “*Uma coisa diferente...*”
- **Januária:** “*... escondia aquilo, a gente comia o que tinha... uma verdura, um feijão...*”
- **Ana:** “*Não! Mandava fazer dois tipos de carne, uma carne moída e aquele, vamo contar, um salmão, hoje, né? Ia ter um salmão. Ela mandava fazer uma carne moída. Cê botava os dois na mesa. Chegava lá, o salmão não tava e a carne moída tava.*”
- **Januária:** “*É, cê... eu... eu trabalhei muitos anos, eu precisava de trabalhar. Mas eu já sofri isso. Já aconteceu isso comigo.*”
- **Vânia:** “*Comer resto!*”

- **Ana:** *“Fazia almôndega e só tava só o molho, lá!”*
[...]
- **Januária:** *“[...] e eu que fazia a comida pra eles! Isso que é pior, né? Cê fazer a comida e depois cê comer resto!”*

Se a comida se diferencia entre os membros da família e elas, os tempos e espaços também se definem de forma diferenciada.

- **Januária:** *“Antigamente... eu sou velha! Hoje eu tenho 55 anos, então, é lógico, essas meninas, elas tão começando agora, mas eu já peguei aquela época do filme, lá! Que a gente só podia chegar na porta... chegava lá, servia a comida, ficava parada lá, olhando eles comer, conversar... depois que cê ia comer, lá pras 3, 4 horas da tarde, tinha que esperar... porque cê tinha que servir café, servir sobremesa... até acabar de servir aquilo tudo, pra você comer, já tava aquilo frio...”*
- **Ana:** *“Não podia esquentar!”*
[...]
- **Vânia:** *“Eu nunca passei, não!”*
- **Januária:** *“E assim, tinha que ir em banheiro lá longe também, no banheiro lá longe, fora de casa! Lá longe, também! Fora de casa! E usava muito isso!”*
- **Vânia:** *“Hoje as pessoas tentam disfarçar, eu também percebo muito isso. Às vezes fico olhando...”*
- **Ana:** *“Até a construção de um prédio novo, né? Sempre tem um banheiro da empregada!”*
[risos]
- **Januária:** *“Não, mas hoje ainda tá dentro de casa, mas antes...”*
- **Ana:** *“Não é dentro de casa, não!”*
- **Januária:** *“... era fora da casa, lá longe!”*
- **Ana:** *“É fora da casa, porque é numa área de serviço!”*

Comer o que sobra na mesa ou até o resto do prato de alguém, comer mais tarde uma comida já fria, manter-se em determinados ambientes da casa, não podendo acessar outros são ações significadas como discriminatórias e humilhantes pelas mulheres. A isso, junta-se a discriminação que sentem por terem que separar utensílios em que comem e bebem: *“Ainda tem lugar que você tem que separar o copo, seus talheres, então, por que que faz isso? É triste!”* (Januária).

Observamos que Januária sente as discriminações e os preconceitos, mas acaba sendo bastante passiva nas relações com suas “patroas”, inclusive, para evitar sofrê-las, assumindo comportamentos esperados. Reconhece-se assim, numa posição de sujeito inferiorizado e subalterno em suas relações de trabalho:

- **Januária:** *“É! Às vezes têm pessoas que vai... Eu já deixo minhas coisas separadas mesmo, porque se fizer uma gracinha comigo...”*
- **Ana:** *“Eu não separo, não!”*
- **Vânia:** *“Também não separo, não!”*
- **Januária:** *“Ah! Eu deixo, porque eu sei que eles não gostam! Eles fazem com os outros, não vão fazer comigo?”*
- **Ana:** *“Ai, não! Tá igual minha mãe!”*
- **Januária:** *“Eu já sei disso, então não vou deixar!”*

- **Ana:** *“Minha mãe faz isso na casa dos outros. Minha mãe separa o copo dela... Minha mãe não usa!”*
- **Januária:** *“É, eu separo! Eu separo! Há muito tempo!”*

Assim como Januária, D. Olívia também separa seus utensílios, conforme o relato de Ana. Não sinto que haja uma naturalização dessas regras, já que elas estão falando delas num momento em que discutimos discriminações e preconceitos, sinalizando que as entendem como tal. Mas, também, não sinto que haja resistências, pois elas – Januária e D. Olívia – acham mais “fácil” cumpri-las. Vânia relata uma situação vivida pela sogra em que o respeito foi colocado como o motivo para não resistir. Nesse caso, a sogra de Vânia não voltou a trabalhar na casa, mas ficou lá por todo o dia de trabalho, mesmo depois de ter sofrido a discriminação.

- *“A minha sogra foi numa casa... ela não ficou! Deu a hora do almoço, ela falou: ‘Vânia, não peguei as minhas coisas e fui embora, em respeito, porque era um casal de idoso’. Porque ela chegou pra almoçar, eles almoçaram... o que tinha na mesa, não era o almoço dela, tava na geladeira, que era o resto da comida... a mulher mandou ela esquentar e almoçar no quartinho. [...]”* (Vânia)

A fala de Vânia provoca a reação de Ana. Ela se coloca no lugar, se pensa na situação narrada e naquilo que poderia fazer. Experimenta-se, lembrando-se de ocorrências semelhantes que se deram com ela.

- *“Se na hora do almoço, a mulher vira pra mim e fala comigo que é pra eu esquentar a comida que tá lá na geladeira, que não é a mesma que ela tá comendo, e pra mim comer no quartinho, eu ia falar com ela: ‘Minha filha, a senhora me desculpa, mas pega essas vasilhas aí que cê tá comendo, que cê tá sujando, porque do mesmo nojo que cê tá de mim, eu tô docê! Tô indo embora! Me dá meu dinheiro, minha metade do meu dia que eu tô indo!’ . Sabe por quê? Porque elas têm que levar um choque de realidade. Igual, tinha uma cliente da unha, [...] É uma senhorinha, [...]. Ela é muito rica, muito rica mesmo! Cheguei lá, gente, a mulher falou comigo que era pra mim tomar água da torneira... primeira! Primeira coisa! Da torneira... tinha que pegar uns copos que ficavam separados, assim, do lado da máquina, assim, tem a máquina e tem um deckizinho da máquina, em cima... queria que eu tomasse água naquele copo! De plástico! Que ela falou: ‘Aquele é o copo da funcionária...’. E queria que eu tomasse água ali. Eu falei: ‘Ah, não!’ , ‘Cê não quer mais, não, Ana?’ , ‘Não!’ , ‘Quanto que é a unha?’ , ‘Tanto!’ , ‘Então, até quarta, né, Ana?’ , Eu falei: ‘Não! Não volto aqui mais não!’ . Sério! A mulher com a cabeça branquinha! Falei: ‘Não! Eu não volto aqui mais, não!’ . Ela ficou me olhando... ‘Mas por que que você não volta?’ falei, ‘Não, minha filha! Vou te falar um negócio: primeiro, na minha casa eu não tomo água da torneira, só mineral. Na minha casa, que eu tô falando! E outra coisa, cê tem nojo de mim pra mim tomar água na sua casa, cê imagina eu pra mexer nessas cutículas suas! Isso aí também... tô morrendo de nojo, não volto aqui mais não!’ ”* (Ana)

As reações de Ana, suas respostas imediatas às situações em que se sente atingida por algum tipo de discriminação ou preconceito, me parece ser uma resistência a

essas representações, um momento em que ela se impõe e faz questão de mostrar que domina os códigos culturalmente assumidos por “*patroas*” ou “*clientes*” como unicamente delas. A água mineral, assim como a carta de vinho, da qual ela não abriu mão na pizzaria, são a forma que Ana tem de dizer que sua condição não é tão subalterna assim. Ana resiste em assumir o lugar indicado para ela – a água de torneira no copo de plástico da “*funcionária*”. Devolve o “*nojo*” do qual foi vítima. Ana também pode sentir nojo, por que não?

Importante salientar que, durante as discussões, por várias vezes Januária tentou situar algumas de suas experiências em uma época passada, mas parece que Vânia e Ana também as conhecem, se não por experiências próprias, por aquelas de pessoas que se ligam a elas, como por exemplo, a mãe ou a sogra que apareceram nas narrativas anteriores. Mesmo que de forma mais *camuflada*, como nos dirá Vânia, o preconceito ainda está agindo na sociedade.

- “*Mas assim, isso, que a gente viu no filme, acontece! Diferente... mais socialmente, mais educadamente, as pessoas tentam camuflar a vontade, né? às vezes, de chegar e tampar o pano assim e falar: ‘Faz isso aí direito!’. Elas não vão fazer. Ainda mais eu, que elas me conhecem e sabem que eu não vou voltar!*” (Vânia)

O que vemos configura o mito da democracia racial no Brasil que, conforme pensado por Lélia Gonzalez (1983), “exerce sua violência simbólica de maneira especial sobre a mulher negra” (p.228), tão exaltada na figura da mulata que encanta os olhos do povo no carnaval, sendo estampada e endeusada nas revistas nacionais e internacionais e ganhando a admiração mundial. Porém,

o outro lado do endeusamento carnavalesco ocorre no cotidiano dessa mulher, no momento em que ela se transfigura na empregada doméstica. É por aí que a culpabilidade engendrada pelo seu endeusamento se exerce com fortes cargas de agressividade. É por aí, também, que se constata que os termos mulata e doméstica são atribuições de um mesmo sujeito. A nomeação vai depender da situação em que somos⁸⁴ vistas. (GONZALEZ, 1983, p.248)

Mas elas podem dizer: “*Eu não vou voltar*”. Talvez aí esteja a maior resistência dessas mulheres na relação com suas empregadoras. Muitas falas levaram a essa ideia. Isso me lembra de uma leitura feita em meu curso de Filosofia. Trata-se de uma passagem de Hegel em “A fenomenologia do espírito”. Nela ele conta de uma luta entre dois homens. O

⁸⁴ Lélia Gonzalez se inclui nas análises que produz por se identificar como negra. Daí o verbo estar na primeira pessoa do plural.

que sai vencedor pode tirar a vida do vencido, mas este último oferece-se como servo do primeiro, a fim de ter sua vida poupada. Troca aceita, o servo passa a fazer tudo pelo seu senhor. Com o tempo, o senhor descobre que não consegue fazer mais nada e, em vez de dominar, é dominado pelo servo. O servo é, então, livre, enquanto o senhor é seu prisioneiro. Estaríamos diante de casos parecidos? Penso que sim. Muitas vezes surgiram falas que despertam esse sentido. Veja o que Januária pensa:

- **Januária:** *“Eu... mas a gente sabe... eu acho que nós somos muito mais inteligentes, né? porque, a gente começa a trabalhar, a gente quer crescer, a gente quer fazer melhor, procura fazer o melhor, sempre querendo agradar – não pra aparecer, porque você sabe trabalhar – e... e às vezes tem um lá, branco, que não sabe sair da cadeira!”*
- **Ana:** *“Isso!”*
- **Januária:** *“Só sabe ficar ali, sentado. E coisa que a gente sabe até resolver!”*

Mas, pensar assim não seria também uma forma de depreciação? Quando Vânia pensa que *“por isso que hoje elas tão mais espertas. Tem umas que tentam burlar, a falsidade, o preconceito e não consegue. Porque sabe que se a empregada sai, não volta mais!”*, não estaria assumindo um lugar de meio ao invés de fim? Como será pensar que alguém tenta me agradar apenas por interesse no que posso fazer por ela ou por medo do que eu possa deixar de fazer? Eu até já me senti assim, quem não se sentiu um dia? Mas conviver com isso diariamente deve ser diferente.

Pelo que trouxe até aqui, dá para perceber o quanto a condição material em que vivem, somada à sua condição racial situam essas mulheres em relações complexas e tensas. Porém, embora reconheçam as dificuldades das relações vivenciadas e mesmo podendo sair para outras atividades, elas estão lá na casas de famílias, em suas faxinas.

- **Januária:** *Pois é, hoje... Pois é, hoje, tem... cê pode ser manicure, cabeleireira...*
- **Ana:** *Toda profissão tem preconceito!*
- **Januária:** *Antigamente...*
- **Ana:** *Mas toda profissão tem preconceito!*
- **Januária:** *...tinha que ser doméstica, não tinha estudo, tinha que ser doméstica, não tinha outra escolha!*
- **Vânia:** *É, antes tinha que ser doméstica ou doméstica! É verdade!*
- **Ana:** *Hoje, cê faz sobancelha...*
- **Vânia:** *Só passa, só cozinha, só lava...*

Mas, como dizem, *“toda profissão tem preconceito!”*. Vânia tentou outros empregos. Trabalhando na rua, sofria assédio sexual. Tentando trabalhar como auxiliar em serviços de escritório, também sofreu discriminação, sendo lembrada a todo o momento que estava no lugar errado.

- **Vânia:** *“[...] Primeiro foi lá no escritório! Que as patroas chegavam, quando eu saí da faxina, punha a bandeja no meu balcão, e eu sentada, assim... ela chegava, depositava a*

bandeja, virava as costas e ia embora! Não falava um ‘A’ comigo. Aquilo me consumia! ‘Gente, eu não tô mais na faxina! Eu não vou fazer!’ . E às vezes não era querer! Eu não tinha condições de fazer aquilo!”

- **Januária:** *“Tempo, né?”*
- **Vânia:** *“E eu levantava ‘P’ da vida, ia, fazia... e daqui a pouco vinha mais uma bandeja, mais uma... [...]”*

Esse foi um momento muito difícil na vida de Vânia. Sofreu muitas discriminações. Vânia havia sido contratada pelo marido e sócio de uma dessas “patroas”. Sua função inicial era na faxina, mas foi se interessando por lançamentos contábeis, fez cursos para ajudar o aprendizado que desenvolvia na prática e foi inserida nos serviços de escritório, sem, contudo, deixar de ser cobrada com relação à faxina. Vânia, de certa forma, admite que ela é colocada em um lugar pelas “patroas”. E Ana suspeita:

- *“[...] Você não pode chegar no nível deles nunca!. [...] Cê não vê a Vânia? A Vânia entrou num escritório... de faxineira. Precisou num outro [cargo], ela foi, encaixou e deu certo. Precisou num outro, ela foi, encaixou e deu certo. Quando ela foi mudar prum nível maior na empresa, a patroa já começou a por ela pra baixo, lá de cima, pisar em cima, porque: ‘Não! Pera aí, uai! Daqui a pouco essa mulher vai sentar numa cadeira do meu lado, não pode!’”*
(Ana)

Mas, completando o episódio das bandejas no balcão a partir de uma conversa com o seu psicólogo, Vânia também nos narra:

- *“‘Por que que você lavou?’, ‘Porque tava no meu balcão! Ia chegar cliente, eu podia levantar, estabanada, quebrar...’, ‘Mas ela pediu pra você fazer?’, ‘Não!’ , Elas iam colocavam o copo na pia, o prato que comia na pia, aí ele me perguntava, toda sessão eu reclamava, toda sessão ele falava: ‘Ela te pediu?’, ‘Não me pediu!’ . O dia que eu fui lá e não lavei, ela chegou lá e lavou e não falou nada comigo.”* (Vânia)

Podemos suspeitar que o modo como Vânia se subjetivou fazia com que ela assumisse um lugar. O lugar da serva, da faxineira. Ela mesma não se enxergava de outra maneira, parecia sentir dificuldades em ocupar outros lugares e não precisava receber ordens para se sentir na obrigação de lavar as louças deixadas em seu balcão. Em sua entrevista individual, Vânia sinaliza nesse sentido dando a entender que o lugar que uma negra deve ocupar é posto pela sociedade, como se um destino estivesse traçado.

- **Eu:** *“Você acha que como faxineira, você é mais aceita do que em uma outra profissão que cê já tenha passado por ela? Por causa da cor? [...]”*
- **Vânia:** *“Sim! Sim! Sim! Eu acho que sim! Porque as pessoas já taxam. Eu falo com a Malu: ‘A sociedade já te taxa, o que você vai conseguir fazer profissionalmente. Você é empregada doméstica ou essas outras áreas.’ Mas, igual a gente fala: ‘Hoje eu sou por opção. E porque, financeiramente, é o que me resolve’. Antigamente eu ficava sentada, de terninho, muito bonita, muito elegante, não sujava minha mão, unha sempre feita, mas às vezes tava faltando as coisas no meu armário.”*

Antonia dos Santos Garcia afirma que “entre as ocupações femininas, é importante lembrar [que] o trabalho doméstico remunerado, de origem na casa grande [...] é uma dimensão fundamental da divisão racial e sexual do trabalho [...]” (2012, p.148). Nesse sentido, pergunto: será que Vânia não estava e, de certa forma, ainda está sendo capturada por discursos sexistas e racistas em relação ao exercício de suas atividades profissionais?

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por que? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. [...] Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. (GONZALEZ, 1983, p.226)

Não estaria Vânia se produzindo num lugar dado a ela pela sociedade e, de certa forma, aceitando a “naturalidade” construída para esse lugar? É comum que fale algo como se deu em sua entrevista: “*Eu falo, às vezes eu quero fazer uma faculdade, eu quero estudar... e eu não vou, porque eu tenho vergonha de passar vergonha na frente dos outros por eu não saber muita coisa, assim – negócio de leitura, de saber escrever...*”. Assumindo-se dessa maneira, Vânia sente “*vergonha*”. Essa vergonha não poderia interferir em sua luta por um outro espaço profissional fazendo-a assumir, hoje, com todos os problemas que a convivência na casa de alguém possa impetrar, que é faxineira “*por opção*”?

E todas elas estão lá nas casas de família, algo que me intrigou por sentir, diante das dificuldades que narraram, que elas poderiam, sim, buscar outras alternativas. Perguntadas dos motivos que as fazem continuar em trabalhos domésticos mesmo diante de tudo o que expuseram, percebi nelas algo que poderia ser chamado de solidariedade de gênero. Suspeito que por serem todas mulheres, de certa forma, preferem ficar unidas. “*Minha patroa começa a chorar, gente! [...] Eu fico com pena dela!*” (Ana); “*Ninguém para lá! Eu saio e acabo voltando! Não tenho coragem...*” (Januária). Além disso, Vânia e Januária reconhecem que há outras formas de relação patroa/empregada doméstica:

- “*Eu tenho outras clientes, igual a Angélica... Nossa! A Angélica pra mim, é uma pessoa... ela me ajuda muito! Ela não tem essa coisa que você é empregada, você cobrou o preço da faxina, eu te pago, você trabalha! A gente trabalha junto! Ela tem o que eu preciso financeiramente e eu posso ajudar ela materialmente. É uma troca!*” (Vânia)
- “*Mas também, eu já trabalhei em casa de gente... assim, eu gosto muito! Que me respeitava, me ajudava...*” (Januária)

Vânia chega, inclusive, a problematizar o tratamento discriminado que recebem nas casas onde trabalham: “Ah, não tem nada a ver... é uma questão de privacidade! Não sei, também acho que depende da forma como você interpreta! Mas...”. Enquanto isso, em outras relações, podemos encontrar certo tipo de “espírito de vingança”:

- **Ana:** “Por isso que quando cê sobe no ônibus, de ônibus, no ônibus que só vai empregada, no horário da empregada, a empregada fala...”
- **Januária:** “Todo mundo mete a língua, né?”
- **Ana:** “... que cuspiu na comida da patroa...”
- **Januária:** “Não, mas isso tem mesmo!”
- **Ana:** “Que fez a comida... cozinhou o feijão na água que lavou o pano de chão... por que que tem isso? Igual a menina! [Vânia diz: “do filme”]⁸⁵ Por isso que tem! Ela... Essas mulheres tão tudo vendo esse filme! Porque é tanta raiva...”
- **Vânia:** “Eu não faço não, mas tem gente que faz!”

Observei na discussão que a dinâmica dessas relações é muito complexa. Penso que a presença de uma pessoa estranha na intimidade do lar acaba por trazer muitas tensões e conflitos. A empregada doméstica está em um lar que não é dela, mas é lá que permanece por várias horas do dia, às vezes mais do que em sua própria casa. Profissionalismo e intimidade se confundem. Embora muitas pessoas, em ambos os lados – empregadora e empregada – possam pensar que estão ali num grau de neutralidade, isso é praticamente impossível. Elas envolvem-se nas tramas familiares. Mesmo que não queiram, vivenciam experiências em comum, criam suas afinidades, seus gostos e desgostos: “Ah, eu... quando, assim, tem emprego... pessoas que eu lembro com carinho, que eu gosto, entende?” (Januária). Em alguns casos, é como se a família fosse sua. Ana tem o filho da patroa como se fosse seu filho. Cuida dele desde o nascimento, há 16 anos. Conversa, discute, ensina, participa das atividades de casa, relações que construíram afinidade e apreço. Ana é a “mãe preta” (GONZALEZ, 1983):

- “Mas, eu conheço mais o menino que eu tomei conta, do que minha filha! [...] De... de afinidade muito grande! Se você falar comigo assim: ‘Ana, você ama ele tanto quanto a Vivian?’. Gosto dele tanto quanto a Vivian! [...] e assim, é recíproco também. Ele gosta de mim tanto quanto! Cê entendeu?” (Ana).

⁸⁵ No filme em questão, uma das empregadas domésticas, para se vingar da filha da patroa que a humilhou em razão de ter usado o banheiro da casa em dia de muita chuva, faz uma torta e leva como presente para ela. Um dos ingredientes da torta eram suas fezes.

Muitas vezes acabam se tornando amigas, aconselham...: *“Eu vou te falar um negócio, esses dias eu falei com ela uma coisa, sentada, na mesa do café.[...]”* (Ana). Suas vidas se confundem, se entrelaçam:

- *“Isso eu já tenho... até por, não é só por isso! Por tomar conta... não sei se é por tomar conta, se quando eu fui tomar conta dele, eu tinha aca... pouco tempo eu tinha perdido um filho... Então, o que acontece? Ele entrou num lugar na minha vida, onde, assim... ele é encaixado, entendeu?”*. (Ana)

Por tudo isso, o que elas vivem em seus empregos são experiências que as constituem. As casas pelas quais circulam são lugares que, muitas vezes, podem reproduzir discursos e representações racistas, que reforçam posições de sujeitos subalternos, mas também podem ser lugares potentes onde entram em contato com outros discursos e representações. Dessa forma, são lugares em que se submetem ou se afirmam, colocam-se em luta, experimentam o poder, resistem ou são capturadas, subjetivam-se. O que presenciam ou ouvem pode tocá-las e transformá-las. *“Eu acho que eu era um pouco boba ainda, né? A convivência assim, de eu trabalhar, conversar com outras pessoas... aí a gente vai aprendendo, né, eu era meio bobinha mesmo! Era mesmo! Fiquei esperta agora!”* (Januária). Suas relações no trabalho abrem espaços para se pensarem a si mesmas e seus relacionamentos a partir dos relacionamentos das patroas com seus familiares:

- *“[...] eu tenho muitas clientes, assim, cada uma tem um problema... igual eu tenho uma cliente, ela não trabalha fora, ela fica só com os meninos. O esposo dela que trabalha. Ele viaja muito... então, assim, ela fica com a casa, com os filhos, mas ela não tem o direito de respirar pra nada. Eu fico pensando assim, se eu tivesse um marido que me deixasse em casa, só cuidando dos meus filhos, eu ia estudar... Imagina, cê não ter que preocupar com dinheiro, cê vai lá, faz a faculdade, ele paga. Então assim... e ela já acomoda. É só isso mesmo, elas cuidam só do filho e da casa. Elas não pensam num a mais. Igual, eu tô com uma, agora, que ficou 8 anos casada, vai separar... Aí, tipo assim, ela não estudou, não tem profissão nenhuma... Ela fica: ‘E agora, o que que vai ser, que que eu vou fazer se ele me por pra fora da casa?’”*

Numa fala carregada de representações de gênero, Vânia se constitui como aquela que não se contenta “só” com o que a casa lhe oferece. Vânia quer sair, quer sonhar, quer fazer faculdade – apesar da “*vergonha*” que possa sentir da sua intelectualidade. E um marido que pudesse cumprir a função de provedor poderia lhe propiciar essas oportunidades. Pensando a situação das “*clientes*”, Vânia se pensa também. Estranha a acomodação encontrada nelas e parece-me que não gostaria de se perguntar, como uma delas o fez: *“E agora, o que que vai ser, que que eu vou fazer se ele me por pra fora da casa?”*.

Encerro esse tópico grata por essa tarde de domingo ter acontecido em minha vida. Coincidentemente a conversa se deu em minha casa e tivemos a oportunidade de ter a experiência relatada a partir do recorte do meu diário de campo. Para mim foi muito instigador. Deu a pensar. Por muitas vezes, em minha cabeça passavam situações que vivenciei como a “*patroa*” e me lembrei de situações vividas por minhas irmãs que um dia já estiveram na condição de empregadas domésticas⁸⁶. Que assunto importante, este! Eu, que na pizzeria tinha sido representada por elas como a *patroa branca e rica que fazia média com as empregadas pretas*, tive a oportunidade de passar o dia de domingo em suas companhias. Almoçamos, lanchamos, convivemos em família sentindo-nos à vontade juntas. Éramos apenas mulheres... amigas.

Entre elas

“São os estilos de vida, sempre implicados, que nos constituem de um jeito ou de outro.”

(DELEUZE, 2010, p.130)

E por falar em amizade, o que pretendo, agora, é trazer um pouco do que pude observar no relacionamento entre as mulheres na pesquisa, mas também na audição do que elas narraram de suas vidas, de suas histórias individuais e de suas relações com outras mulheres de seu parentesco e vizinhança. Vivências e narrativas que me sugerem a existência, entre elas, de um estilo de vida, uma estética de existir composta pela amizade que nutrem umas pelas outras, pela implicação recíproca na criação de suas vidas. Muitas foram as situações em que anotava essas impressões em meu diário de campo e início com um trecho que lá se encontra registrado, vivenciado na ida à feira de domingo.

Fico pensando. Cadê esses homens? Por que não se fala nada das responsabilidades deles? As mulheres não contam com eles e deles nada é cobrado. Elas contam consigo mesmas. Elas se organizam, e acabam contando umas com as outras. As filhas recorrem

⁸⁶ As quatro irmãs que eu tenho já estiveram nessa condição um dia e passaram por muitas experiências semelhantes. Minha mãe lavava roupas para fora e, não tendo como sustentá-las e ao meu irmão mais velho, teve que arrumar casas que as empregassem ainda muito novas. Essas dificuldades se deram em seu primeiro casamento, cujo marido era alcóolatra e morreu por esse motivo. Do segundo matrimônio nascemos eu e meu irmão mais novo. Não precisamos passar pelas mesmas situações.

às mães e avós para ajudarem a solucionar seus problemas, ajudar ou até assumir a criação de seus filhos e filhas. [...]

Uma coisa que tem me chamado a atenção é como as mulheres da pesquisa se relacionam. Existe uma rede que as une de alguma forma. [...] Sinto que entre elas as histórias se entrecruzam, se relacionam, se misturam. Há encontros e desencontros. Conhecem bem as vidas, umas das outras, emitem opiniões, interferem. E como um dia a Vânia disse, não se preocupam com “verniz”. Falam o que querem ou precisam, resolvem seus problemas, às vezes até se desentendem, mas há uma preocupação que perpassa suas relações. Uma amizade que as envolve e faz com que se cuidem mutuamente, como se todas fossem irmãs. É muito interessante!

Vânia e Ana, que tanto sentiram a ausência materna, encontravam nas vizinhas o apoio em horas difíceis. Foi a uma vizinha que Ana recorreu para buscar ajuda pela violência sofrida com o padrasto. Também foi uma vizinha que mostrava preocupações com Vânia com relação à sua vida sexual e a possibilidade de uma gravidez indesejada:

- “Eu lembro, que logo quando eu comecei a namorar com o Felipe, que eu comecei a ter relação sexual com o Felipe, eu tinha uma vizinha, que ela me levava pra fazer direitos reprodutivos. Ela falou: ‘Cê vai começar a namorar, mas você não vai engravidar. Eu vou te levar no posto, tem reunião de direito reprodutivo, lá ensina como por camisinha, como tomar anticoncepcional...’. E assim eu fiz.” (Vânia)

Em situações como essas, que iam aparecendo em diversos momentos na pesquisa, lembrava-me de Foucault na construção de seu pensamento a respeito da amizade e resolvi investir algum esforço para pensar a amizade existente entre elas.

A amizade é a forma de existência considerada por Foucault quando pensa numa possível atualização da estética da existência, apesar de limitar a sua análise, quase exclusivamente à cultura homossexual, falando assim de um ‘estilo de vida gay’ – o que, por outro lado, não exclui uma ampliação a outros grupos. (ORTEGA, 1999, p. 154 – destaque do autor)

Buscando, então, ampliar essa forma de entender a amizade, arrisco-me a pensar em um estilo de vida entre mulheres na periferia com a qual me envolvo na pesquisa. Uma parceria, uma amizade solidária acontece entre elas, tanto no âmbito familiar quanto em suas relações com vizinhas. Entre elas, parece não haver segredos e nem “verniz”, como diz a Vânia. Falam umas das outras e umas com as outras sinalizando (pre)ocupações mútuas e tentativas de buscar outras formas de existir. Explorando um pouco mais as anotações do

diário de campo no dia da feira, trago algumas situações pelas quais Januária passava naquele momento.

Para chegar à feira gastamos uns trinta minutos de caminhada. No percurso, vários cumprimentos e brincadeiras. Ia um pouco mais à frente com Januária, conversando. Januária dizia estar cansada da vida que vem levando, sustentando a casa, cuidando dos/as netos/as enquanto suas mães, Rhuana e Rita, não se preocupam nada. Dizia estar cansada com a rotina dura do trabalho e de chegar em casa encontrando tudo por fazer e as crianças sem os devidos cuidados. Dizia, ainda, que queria por um fim nessa situação. “Hoje vou rodar a baiana, vou falar pra Rhuana juntar as coisas e ir embora. Ela acha que eu tenho obrigação de cuidar das crianças. A Rita chegou em casa de manhã e foi dormir no porão que ela morava, no meio da bagunça, pra não me acordar. Mal sabia que eu nem tava dormindo. Se ela chegar vindo pra mim, hoje, nem sei o que vou fazer. Tô cansada de carregar tudo nas costas. Fico preocupada com os meninos maiores na rua, andando com gente que só ajuda a levar pro mal caminho. Nem durmo direito. Escuto um barulho e vou olhar o que é, com medo de ser um tiro e eles tarem no meio. Não tenho sossego. A Rhuana veio de São Paulo com um cara que eu nem conhecia. Deixei ficar lá em casa, mas ele só abusava. Ela trabalhava pra sustentar o vício dele, comprar perfume... dei a barraquinha pra ela trabalhar, vender umas coisinhas, mas ela dava tudo que conseguia pra ele. E ele batia nela. Um dia ele bateu na Andréa, aí eu não admiti e mandei ele embora. Agora ela tá com outro cara. Some, vai pra casa dele e deixa todo mundo comigo. A Andréa tá muito malcriada. Antes da mãe chegar de São Paulo ela ainda me obedecia, mas agora... Deixa o menino jogado, não tem dinheiro pro leite... Eu mando ela cuidar dele, mas quem dá a comida sou eu. Tenho meus filhos, mas não quero meter eles nessa história, não. Os meninos da Rita ficam com vontade de comer as coisas. Eu compro porque tenho pena e não tenho coragem de deixar faltar. A Rita tá andando com umas companhias que influenciam muito mal. Não sei como que pode seguir a cabeça dos outros assim. Fica indo pra esses bailes... Tenho medo que ela se envolva com essas porcarias. Eu não devia fazer isso, eu devia fazer elas passarem aperto, mas eu acabo fazendo. Só que não tô aguentando mais. Nem penso em mim, deixo tudo de mim pra último plano. Primeiro penso neles.”

Januária é, como ela mesma diz, a “*mãezona*” das filhas, dos filhos e de todos/as que buscam seu auxílio. Ela tem colo para todas/os, dá abrigo, comida, conselhos... Por mais que prometa por um fim em algumas de suas atitudes com relação às filhas e nora, como vimos no recorte do diário de campo, acaba voltando atrás porque não suporta vê-las sofrer e sabe que elas não podem contar com o apoio dos homens que têm. Então, é ela, Januária, o arrimo que a todas sustenta material e emocionalmente, abrindo suas portas para que todas se confortem.

O que Januária e eu conversamos no caminho para a feira esteve presente em uma conversa anterior com Vânia, nesse mesmo dia, quando juntas, íamos para o bairro encontrar as outras mulheres. No diário, anotei:

No domingo, dei carona para a Vânia, que agora é quase minha vizinha (comprou uma casa num condomínio popular bem próximo à minha casa), e fomos para o bairro encontrar as outras mulheres. No caminho íamos conversando sobre o esforço da Januária para manter a casa. É a única provedora e abriga sua filha Rita com seus cinco filhos, já que a sexta, a caçula e única menina, é praticamente criada pela madrinha [...]. Cuida também da Rhuana, que teve um filho e uma filha com seu filho que morreu assassinado já há 14 anos e tem mais um filho com outro homem. Rhuana já é avó de um menino de 2 anos, filho da filha, Andréa, de 14 anos. Todas/os morando sob o teto de Januária, sem muito se movimentarem para qualquer mudança de situação. Rita se separou de seu companheiro que está envolvido com drogas e teve sua casa incendiada devido a um curto circuito, perdendo todos os móveis e roupas. Rhuana tem um namorado e costuma ficar na casa dele, deixando a responsabilidade da criação e sustento das crianças com a sogra. Januária, desde então, se desdobra para manter a casa e não deixar faltar nada. Vânia tem uma visão bastante crítica da situação. Entende a posição da Januária como mãe que não quer ver os/as filhos/as e netos/as em sofrimento, mas pensa que, fazendo o que faz, Januária acaba facilitando as coisas e mantendo a acomodação de todos/as que ficam em constante dependência.

Mais adiante, no diário, anoto:

Na volta para casa, Vânia observa: “Sua conversa com a Januária foi no mesmo assunto que a gente veio conversando no carro. Viu como ela também tá achando que não tá muito certo? Já dando muita moleza pras meninas. Coitada, se mata de

trabalhar e chega em casa, nem o mínimo tá feito. Agora ela vai chegar, ter que fazer almoço pra todo mundo. Se ela ficasse com a parte grossa, do sustento da casa, mas as meninas dessem um jeito na arrumação, adiantassem um almoço, deixassem tudo arrumadinho... mas nem isso elas fazem. Devem estar dormindo até agora e a Januária vai chegar e ter que cuidar de tudo!”

Ao pensar no assunto, Vânia, não concordando com a “moleza” que Januária dá para as filhas, aponta caminhos. Em seu modo de ver a situação, Januária poderia ficar com o sustento da casa, desde que as meninas cuidassem dos afazeres domésticos. E Vânia diz isso tomando por base sua própria vida. Como já discutimos anteriormente, Vânia atribui sua situação mais independente à pressão feita por sua mãe. Quando D. Olívia se opõe à compra das fraldas que faltavam para Malu, Vânia viu-se na necessidade de buscar por si própria resolver sua situação. Ao contrário, na opinião de Vânia, Januária acaba ajudando na acomodação das filhas. Isso mostra o quanto a história de uma se reflete na história da outra. O quanto podem problematizar suas vidas, umas com relação às outras. O quanto se constituem na transparência de suas histórias e na intimidade de suas relações. Ao falar da situação vivida por Januária, Vânia mostra preocupação com ela e, ao mesmo tempo, vai se constituindo na memória de sua própria história.

Ao conversar comigo, longe de Januária, Vânia não está se eximindo de dizer a ela o que pensa, pois entre elas, não sinto que exista esse tipo de convenção. Costumam falar o que pensam em falas, muitas vezes provocadoras e até irônicas, mas que carregam um tom educativo e problematizador. Elas são mestres umas das outras. Não fogem de dizer o que sentem ser verdade, mostrando intenções ou expectativas de fazer com que a outra mude sua conduta, enxergue de outra forma alguma realidade constituída ou em construção.

- **Eu:** “E a Rhuana? Não tem nada a dizer, Rhuana?”
- **Januária:** “Muito! Pode começar! Dispara aí, Rhuana!”
- **Eu:** “Ela tá acanhada!”
- **Rhuana:** “Tô nada! Já falei já!”
- **Eu:** “Já falou?”
- **Januária:** “Já falou... Outro dia ela bem tava vivendo um momento aí. Com um doido aí! Juntou com um doido aí que não fazia nada! Ela que tinha que bancar, ela que tinha que pagar...”
- **Ana:** “Que abençoado! Não é doido não, é abençoado!” [Ana ironiza]
- **Vânia:** “(*) nada, Rhuana! Nem acredito!”
- **Ana:** “Fala com ele ‘tá puxado, hein meu filho?’! Só chegar em casa e falar assim ‘tá puxado, hein meu filho?’”
- **Rhuana:** “Ele estava tentando levantar a mão pra mim, levou também!”
- **Januária:** “É, ele quis... bateu nela, bateu na Andréa.”
- **Ana:** “Ó, esse daí é forte hein!” [Ana ironiza]

- **Januária:** “Exigia as coisas, exigia as coisas dela, ela ficava ali, né, igual uma louca, trabalhando, pra sustentar os vícios dele, e ele à toa, de frosô, bonitinho...”
- **Ana:** “Quem que é seu namorado, Dani?”
- **Januária:** “Um louco que ela apareceu com ele aqui, que...”
- **Ana:** “Ah, não mora aqui em Juiz de Fora não?”
- **Januária:** “Graças à Deus, não! Mas a Rhuana tinha que estar ali, ó... tudo bonitinho, passadinho, engomadinho, bonitinho pra ele! É, ela andava... era capacho dele! Até pouco tempo! Isso que eu tô falando, tô concordando com ela [Ana], que ainda existe homem assim.”
- **Ana:** “Existe, existe sim! Existem homens e mulheres assim! Então a gente fica “ah, não existe!”. Existir, existe! Não precisa de ir longe. Aí, um caso. Entendeu? [...]”

Situações assim foram várias na pesquisa, algumas até já trabalhadas em outros momentos neste texto. Vê-se que Januária conhece a vida de Rhuana, interfere nela, diz dela com franqueza, sem medo. Fala por Rhuana, num dizer verdadeiro que escancara sua vida ao mesmo tempo em que expõe sua crítica. Januária sente-se livre para isso. E Rhuana não reprova a ação de Januária, pelo menos, não senti qualquer reprovação. Rhuana entra no jogo de dizer essa verdade, mesmo que numa tentativa de mostrar sua resistência à situação apresentada: “Ele estava tentando levantar a mão pra mim, levou também!”. Ao mesmo tempo, Ana e Vânia não se sentem acanhadas em entrar na conversa. Trazem falas irônicas, em tom de brincadeira, mas atuam na constituição do problema no qual Rhuana passa a se situar. Pelos modos como tratam o tema, Januária, Vânia e Ana podem estar acionando em Rhuana, mas também nelas mesmas, nas interseções de suas próprias histórias, pensares que possam transformar seus comportamentos diante do que entendem como uma vida em que a mulher seja “capacho” de um homem.

Foucault nos apresenta um conceito interessante para se pensar essa situação, entre outras semelhantes, vivenciadas pelas mulheres na pesquisa. Para Foucault (2011, p. 153) o conceito de *parrhesía* – encontrado na vivência entre os gregos antigos – é muito importante nas práticas que o sujeito aplica sobre si mesmo, nos seus modos de subjetivação. A *parrhesía* (FOUCAULT, 2011; 2014) é um dizer franco, um dizer livre, um dizer a verdade sem medo; um dizer a verdade comprometido com a verdade que se diz. O sujeito da *parrhesía* precisa de coragem, pois o exercício do dizer verdadeiro não se dá sem risco tanto para quem diz quanto para quem ouve. Ao dizer a verdade, o locutor precisa se comprometer eticamente com ela, procurando guiar seu próprio comportamento pela verdade dita. Assim também, a verdade dita visa à transformação daquele que a ouve que, por sua vez, deve construir as práticas para guiar-se por ela (a verdade recebida).

Portanto, a *parrhesía* (a *libertas*, o franco-falar) é essa forma essencial [...] à palavra do diretor: palavra livre, desvencilhada de regras, liberada de

procedimentos retóricos na medida em que, de um lado, deve certamente adaptar-se à situação, à ocasião, às particularidades do ouvinte; mas, sobretudo e fundamentalmente, é uma palavra que, do lado de quem a pronuncia, vale como comprometimento, vale como elo, constitui um certo pacto entre o sujeito da enunciação e o sujeito da conduta. O sujeito que fala se compromete. No mesmo momento em que diz ‘eu digo a verdade’, compromete-se a fazer o que diz e a ser sujeito de uma conduta, uma conduta que obedece ponto por ponto à verdade por ele formulada. É nesse sentido que não pode haver ensinamento da verdade sem um *exemplum*. (FOUCAULT, 2011, p.365)

Atualizar na relação dessas mulheres o conceito de *parrhesía* não significa tomá-lo fielmente ao que acontecia aos gregos antigos e conforme pensado por FOUCAULT (2011; 2014), mas podemos, sim, pensar as aproximações que, a meu ver, ele sugere. O que Januária diz da vida de Rhuana pode estar relacionado com um saber construído em suas experiências, um saber que a transformou. No passado, Januária já viveu como Rhuana, mas rompeu com isso, transformou-se e não se sente mais o que poderia ser considerado o “*capacho*” que um dia pode ter se sentido e vê, atualmente, em Rhuana. Tem, hoje, autoridade para dizer o que disse, por ser esta a sua verdade.

- **Januária:** “*Porque é bom né? Tem hora que faz falta a gente (*), mas esses homens é tudo da mesma coisa, gente! Pelo menos eu já to escaldada desses homens já, eu já risquei eles da minha vida, que eu falei assim “eu só quero homem se ele for mais homem do que eu”, eu não vou achar!*”
- **Vânia:** “*É, aí a gente não acha!*”
- **Januária:** “*Porque eu sou forte, eu sou forte! Eu não vou achar, então eu não vou ter, porque esses homens, pra mim lavar meia e cueca, não vou mais não! Já fiz isso muito e não tive valor, então...*”

Falam sem medo, com coragem, sem retórica sem adulação, como nos diria Foucault (2011; 2014)

- **Vânia:** “*[...]... eu acho que minhas irmãs são muito assim, não de uma forma negativa, mesmo educando, igual a Ana, a Ana é assim, ela é muito positiva quando eu dou uma opinião, igual assim, eu, financeiramente, eu sou muito bagunceira. Ela já é mais centrada. Mas as vezes assim, o jeito de falar. Eu acho que podia ser de outro jeito, eu sempre falei isso com ela, assim, direto, que na hora dela dar opinião, dela mostrar que a gente tem que fazer outras coisas, e ela não é carinhosa, ela fala assim... é...*”
- **Ana:** “*Rude!*”
- **Vânia:** “*Estupidamente!*”
- **Ana:** “*Rude!*”
- **Vânia:** “*Com crítica, assim, machucando, às vezes até diminuindo! Tipo assim, “já cansei de falar”, sabe?”*”
- **Ana:** “*Rude!*”
- [...]
- **Ana:** “*A Vânia acredita na Cinderela, tá? Ela acredita na Cinderela!*”

Será que não é isso que Vânia entende por “*sem verniz*”? Sendo assim, a *parrhesía*, que constituía a amizade entre os gregos, não nos inspira a pensar a amizade entre essas mulheres? Não nos lembráramos desse conceito em vários momentos desta escrita, nos vários diálogos aqui já apresentados? No comportamento de Ana quando decidiu ser “*exemplo*” para as irmãs e não levar tantos namorados para casa e, dessa forma, poder aconselhá-las nesse sentido? Nas provocações que se fazem mutuamente em nossos encontros coletivos? No jeito “*rude*” de se dirigirem umas às outras em algumas ocasiões? Podemos dizer que essas mulheres constituem-se em meio a essas verdades ditas e vividas? Não seria isso que Vânia sinaliza quando diz “*a gente não quer ouvir a opinião do outro, a gente tem a certeza de que aquilo ali é o certo, para mim, mas às vezes a pessoa te mostra outras coisas, de outro modo, aí quando a gente aceita a gente consegue perceber essas coisas.*”?

Ao mesmo tempo em que essa rudeza se faz presente entre elas, no dizer a verdade, uma outra característica se faz notar. Retomo meu diário quando escrevi:

Percebia a preocupação de umas com as outras quando encontravam um produto interessante, na distribuição do peso das sacolas que carregavam, na espera para que uma delas terminasse de comprar... A solidariedade que já venho observando estava presente ali também. [...]

Observações assim recorreram durante toda a pesquisa e também ocorrem em atividades do Centro, inclusive quando outras mulheres participam. São cuidadosas umas com as outras quando escolhem produtos do bazar ou do minimercado⁸⁷, preocupando-se com as que têm mais filhos/as e precisam adquirir mais produtos ou com aquelas que, por algum motivo, se fazem ausentes. Estão sempre atentas às necessidades umas das outras e se dispõem a ajudar, de forma direta ou indireta. São corteses. Ajudam-se mutuamente na amizade que nutrem em suas relações.

A amizade constitui uma nova sensibilidade e uma forma diferente de perceber a realidade, baseada no cuidado e na encenação da boa distância [...]. Deste modo, a amizade se vincula a outra forma de relação com o outro, de afinidade eletiva, desvalorizada em nossos dias mas que exatamente hoje deveria ser repensada: a cortesia. (ORTEGA, 1999, p.27)

⁸⁷ Momentos oferecidos nas atividades do Centro para que os/as frequentadores/as comprem roupas ou mantimentos e produtos de higiene e limpeza a preços simbólicos. Nosso Centro não é adepto a doações de alimentos e roupas, o que só acontece em situações extremas.

Minha participação no chá de bebê dos gêmeos de Regina proporcionou momentos de algumas observações interessantes quanto a isso que passo a chamar de cortesia e me ajuda a pensar no estilo de vida nessa coletividade feminina. Um chá de bebê é, comumente, uma reunião entre mulheres que se acercam da gestante ao final de sua gravidez para trazer alguns presentinhos para a criança que está por chegar e comemorar o momento com alguns petiscos. Uma situação interessante neste dia se refere à presença de Bia. Bia fez parte das atividades do Centro, participou da primeira turma com a qual trabalhei logo que me inseri como voluntária, mas, já há alguns anos, assumiu a religião evangélica e afastou-se de nossos encontros. Está na faixa dos 30 anos, portanto, idade aproximada das filhas de Januária. No meu diário, registro:

Foi interessante ver sua atuação. Logo que chegou assumiu a fatura e a distribuição dos salgados. “Colocou a mão na massa” e ao sair deixou a cozinha arrumada, o chão varrido, tudo em ordem. Quando estava varrendo o chão da cozinha, Regina comentou: “Nossa, a Bia tá dando uma geral mesmo!”. E ela respondeu: “Ah! Eu gosto de ajudar porque sei o quanto é ruim a gente dar uma festa e todo mundo ir embora e a gente ter que cuidar sozinha daquela bagunça que fica!”. Uma fala que traz um misto de solidariedade e solidão. Atitudes que mostram a união entre essas mulheres da periferia.

E Bia deixou tudo arrumado e limpo. Para esse encontro, todos os salgadinhos foram feitos pela Januária. Além disso, Regina contou com a ajuda da cunhada para a organização do ambiente. Eram poucas pessoas, mulheres e apenas um homem, o namorado de uma das netas de Januária. Continuando com as anotações do diário:

No decorrer do encontro fui ouvindo as conversas e observando os movimentos. Conversaram sobre filhos/as, sobre anticoncepcionais, sobre ligaduras de trompas, gravidez e licença maternidade... conversas que se encaixavam no tema daquele encontro. Ninguém falava de seus companheiros, maridos e namorados. Estávamos todas na laje. Crianças entravam e saíam. Filhos e filhas das que estavam ali, mas também as outras crianças cujas mães não se encontravam conosco. Todas as crianças que entravam eram imediatamente alimentadas e acolhidas, ficaram por alguns minutos para logo voltarem para a rua. Lembrei-me de um sábado, ainda neste ano, quando algumas mulheres se organizaram para o desfile de uma banda no carnaval, [...]. Eu estava saindo do Centro,

por volta do meio dia, quando elas estavam comprando uma cerveja num bar próximo. Brinquei com elas perguntando:

- *Eu*: Pra onde são tão animadas?
- *Uma delas responde*: Pra banda, Rosinha!
- *Eu*: Mas já? Já na hora?
- *Outra diz*: Já na hora de começar, agora, quando acaba, não tem hora não. Pode ser só daqui a quatro dias!
- *Eu*: É mesmo? E as crianças? Vão também?
- *Respondem*: Não, né? Ficam aí!
- *Eu*: É? E quem vai ficar com elas?
- *Resposta*: Ninguém! Ficam aí! O morro cuida! O morro cria!

Naquela hora, naquele chá de bebê, entendia aquela fala! O morro cuida! O morro cria! As crianças de uma são crianças de todas. O morro é a casa delas. Aquelas mães não são tão capturadas pelas representações de mãe cuidadora, que abdica de tudo para estarem com seus/suas filhos/as. [...] Ao mesmo tempo, exercem um amor por todas as crianças, que, de certa forma, adotam como filhos/as na ausência de suas mães. Não é preciso pedir para que cuidem, elas, simplesmente, cuidam.

E esse cuidado pode começar a ser aprendido desde muito cedo. Do dia do baile funk, trago o registro:

Chegamos à casa da Ana. Estava fazendo o almoço. Seu companheiro assistia TV deitado na cama do casal, no quarto, cuja porta estava aberta. Da cozinha, eu podia ver o banheiro e os dois quartos da casa. No banheiro, sua filha Vivian e sua afilhada e sobrinha Jéssica tomavam banho. Com a porta do banheiro aberta, dava para ouvir o que se passava lá dentro. Vivian (13 anos) dava banho em Jéssica (2 anos), cantavam algumas músicas de funk. Malu entrou no banheiro, brincou com a Jéssica, perguntou se ela ia ao funk... Enquanto isso, fui conversando com Ana na cozinha. [...] Enquanto a conversa ia acontecendo, o movimento da casa se dava. Fatinha, mãe de Jéssica, chegou com a roupa para colocar na filha. Um conjuntinho de blusa preta e saia também preta com estampas. Na saia uns babadinhos. Uma roupinha de funkeira. Fatinha enrolou Jéssica na toalha e levou para o quarto de Vivian. Vivian

saiu logo em seguida, também enrolada na toalha, em direção ao seu quarto. Malu já estava lá e logo assumiu os cuidados com Jéssica. Enxugou, cuidou do cabelo... Colocou uma atenção especial para os pesinhos, enxugando entre os dedos dizendo: “*Tem que ficar enxutinho pra não dar friteira*”. Vivian veio ajudar. Ambas foram atentas aos detalhes. Fiquei à porta do quarto observando e brincando com a Jéssica que se mostrava animada para a festa. As outras meninas iam incitando para que ela acompanhasse as músicas que estavam sendo tocadas na rua. E Jéssica cantava e dançava, já dominando os passinhos de funk. Enquanto isso, sua mãe almoçava, em pé, na cozinha, olhando orgulhosa para a filhinha. Depois, lavou seu prato e talheres, e saiu dizendo que ia tomar banho e se arrumar para o baile. Jéssica ficou lá, sob os cuidados de Malu e Vivian, que acabaram de vesti-la e deram seu almoço. Vânia a pegou no colo para lavar a boquinha. Depois de pronta, Jéssica colocou a mão na cintura e falou, rebolando e com um sorriso: “*Vamo, gente?*”. Não pude deixar de admirar a cena e perceber o quanto essas meninas já estavam subjetivadas no cuidado com a criança. Já sabiam como e o que fazer. Sentiam prazer e interagem com a criança. Ajudavam-se e faziam acontecer, num processo muito parecido com o das mães e que tenho visto recorrer em suas relações: uma amizade interessante, de ajuda mútua, de preocupação umas com as outras.

A atenção/cuidado/cortesia de umas para com as crianças das outras é também corriqueiro nas relações que se firmam na rua. A rua daquele bairro é vida que transborda. Nela se dão encontros potentes.

- “*Quando a gente acende essa fogueira aqui, é pra gente aquecer. O povo não acha que é pra aquecer, porque é favela, tá queimando. Mas quando a fogueira é acesa ali, é pra pessoa se sentir quente. ‘Ah, mas por que que não compra cobertor e vai pra casa ficar coberto, né?’ Não, mas é porque ali, gosta de parar, gosta de conversar, ali as meninas bebem, ou não bebem, ou fica ali conversando, se encontra ali, entendeu? E a pessoa que não é da periferia não entende esse laço que tem na periferia.*” (Ana)⁸⁸

⁸⁸ As fogueiras acesas costumam indicar o local de venda de drogas no bairro. Mas, pelo visto, não é somente este o seu objetivo.

A rua faz parte do processo de subjetivação de todas/os. As mulheres têm vida intensa na rua, assim como as crianças e os/as jovens. Posso ver muitas relações acontecendo. A amizade entre elas se sobressai ali. Ajudam-se no tratamento dos cabelos e dourando os pelos de braços e pernas umas das outras. Conversam, tomam suas cervejas, aquecem-se nas fogueiras, ouvem suas músicas, dançam, riem, olham as crianças. Sentam-se à beira da calçada para conversarem. Fazem as unhas. A rua é uma extensão comum de suas casas, uma espécie de quintal pertencente a todas as famílias e, de certa forma, amplia a própria noção de família, pois ali estão os mais diversos membros do parentesco e sempre há interseções entre as diversas famílias com as relações afetivas que unem casais e geram os filhos e filhas do morro.

Sendo assim, os laços familiares se espalham entre todas/os. E mesmo que esses laços não existam entre algumas delas, isso parece não fazer importância. Elas são amigas. A rua possibilita, assim, incluir nas minhas observações muito além das quatro mulheres que estão comigo na pesquisa. Amplio o meu foco e posso dizer que a amizade entre as mulheres que moram ali cria um modo de viver belo, regado pela cooperação, pela solidariedade, pelo companheirismo, pela cortesia e pelo cuidado do/a outro/a, embora conflitos também ocorram. A amizade as fortalece. Não é à toa que Januária observou, ao discutirmos o filme “Antônia”: “[...] elas brigaram, se separaram. Não pode brigar por qualquer coisa assim, a gente tem que... como fez mal pra ela, separar, separar do grupo”, em alusão à separação ocorrida entre as integrantes do grupo “Antônia” que se inicia com a briga de duas personagens. Fortalecendo-as, a amizade pode ajudá-las a transgredir com muitas imposições que a vida na periferia pode proporcionar e pode servir como

Periferia

*Rua!
Sala de estar, jantar
Salão de beleza
Onde se senta pra conversar
... e se cuidar
Quintal
Campo de futebol
O fogo aquece quem chega
E não escolhe ninguém
Vida à mostra, sem esconderijo
Que ao olhar alheio é perigo
Perigo de morte
Perigo de vida
Vida não decifrada
Guardada
Escondida
De tanto se mostrar
E incomodar
Melhor não ver
E ir dormir em paz!*

(autoria própria)

[...] garantia de compensação e estabilidade diante das tendências individualizantes e subjetivantes da sociedade moderna. [...] No/a amigo/a encontramos um triplo apoio: emocional, cognitivo e material,

uma possibilidade de superação solidária dos riscos e proveito das oportunidades de nossa sociedade individualizada. (ORTEGA, 199, p.26)

Nas palavras de Foucault, ao pensar a amizade em Epicuro, “a consciência da amizade, saber que estamos rodeados de amigos e que esses amigos terão para conosco a atitude de reciprocidade correspondente à amizade que lhes dedicamos, é isso que constitui para nós uma das garantias da felicidade” (FOUCAULT, 2011, p.175). Na amizade, encontramos um “caráter transgressor”, e uma “arte” capaz de oferecer alternativas outras de se viver e de se constituir, tanto individual quanto coletivamente (ORTEGA, 1999). Isso me faz pensar que, com essas mulheres a periferia ganha um tom de beleza traduzida em suas falas que sigo transcrevendo de suas entrevistas individuais:

- **Eu:** “*Você falou que não sairia lá do bairro...*”
- **Januária:** “*Não.*”
- **Eu:** “*Por quê?*”
- **Januária:** “*Porque eu gosto de lá. Eu criei meus filhos lá, não tive problema nenhum e ali se formou uma família né... Os moradores antigos, a gente sente porque cresceu todo mundo junto com muita dificuldade e quase todo mundo venceu ali.*”

- “*Quando uma cliente minha que não mora na periferia vem na minha casa ser atendida, ela fala comigo: ‘Ana, por que você mora aqui?... Aonde você se encontra aqui?’. É... ‘Você não se encontra aqui!’. E eu me encontro aqui! Eu gosto de passar e falar “oi” com as meninas, eu gosto de quando elas passam e conversam comigo... eu gosto de quando elas passam, às vezes, de puxar a orelha delas. Eu gosto disso, de contato! Eu não gosto de... pessoa mora no... seu vizinho do lado, cê não conhece por nome! Não vou te falar que, às vezes, minha vontade é de morar lá no Linhares, 415, que o vizinho mais próximo é dois km de você! Cê olha a luzinha, pequenininha, lá no fundo! Mas isso é porque eu quero sossego, às vezes. Não é porque eu quero ficar longe de gente! Então, eu gosto, eu me encontro aqui! Eu, quando eu vejo uma menina, aí, essas meninhas novas... eu falo com elas, falo com a mãe delas, chamo a atenção da mãe delas: “Oh, cuidado! Fulana... Oh, eu vi Fulana com Fulano... Não deixa, tal... ah, não pode! Eu vi Fulana lá não sei aonde!” Eu ligo pra mãe de umas que eu sei o telefone, cliente minha: ‘Oh, seu filho tá aqui, oh! No meio do foco! Tô na frente dele, cê quer falar com ele... ou cê vai vim buscar ele?’. Então, assim, eu gosto dessa coisa de cuidado, né? Proteção! Eu acho que... que, assim, a gente tem muito disso quando a gente mora na comunidade! Se falta um arroz na sua casa, cê vai na casa do vizinho que tem. Entendeu? Eu vivi assim, eu cresci assim! Então, o que que acontece? É isso! A gente acaba trocando, né? Um faz por você, você faz pelo outro...Então, assim, hoje nem tem tanto, né? Mas, assim, não tem pra mim que, né, assim, graças a Deus, trabalho e tal. Mas eu vejo as meninas às vezes falar: ‘Ah, minha casa não tinha isso, fui na casa da Fulana, arrumei uma cozinha e ela me deu... ah, fui lá, fiz isso e ela me deu!’ Então, eu vejo isso. Eu gosto da periferia por isso, gosto da comunidade por isso! ‘Ah, Fulano caiu ali, passou mal!’. Cê vai, ajuda... Aqui tem essas coisas, e eu gosto daqui por isso!’ (Ana)*

- “*Considero, porque a gente de periferia, a gente vive mais assim... Na comunidade né... Você vive mais naquele centro de pessoas. As mulheres mais longe, perto do centro, são mulheres que vivem mais pra elas. A gente aqui não, a gente precisou, precisa de uma coisa, precisou de outra, você sempre tem aonde recorrer. Não é que as de lá não tenham, mas a gente, assim... vive mais juntas. Um probleminha, uma coisinha aqui, uma coisinha ali entendeu?! A gente está sempre todo mundo se ajudando, tentando se ajudar um ao outro, você olhando o filho de uma ou tomando conta... Entendeu? Se aquela criança está fazendo aquilo você sabe*

aonde ir, ‘ó, sai daí que isso aí não é bom’, ‘vou falar pra sua mãe na hora que ela chegar’, ‘tô falando pra você sair daí’. A gente está sempre tomando conta, você toma conta dos seus e acaba tomando conta dos outros, entendeu? Você acaba acolhendo todo mundo, então na periferia a gente tem muito a coisa de acolher e as do centro eu acredito que assim... Pelo pouco que a gente conhece é cada um no seu, cada um na sua vida, ali no seu canto, entendeu?.” (Jane)

A amizade é, para Foucault,

um convite, um apelo à experimentação de novos estilos de vida e comunidade. Reabilitá-la representa introduzir movimento e fantasia nas rígidas relações sociais, estabelecer uma tentativa de pensar e repensar as formas de relacionamento existentes em nossa sociedade, as quais, como observa Foucault, são extremamente limitadas e simplificadas. (ORTEGA, 1999, p. 26)

Por tudo o que as falas apresentadas nos trazem, suspeito estarmos diante de uma forma de vida, sentida como diferente na “*comunidade*” dessas mulheres e que tem a amizade como ponto principal. Um estilo que insiste em manter laços em um mundo onde as relações têm-se feito frágeis e voláteis, muitas vezes evitadas. Ali, o sentido de “*comunidade*” é mantido e em uma “*comunidade*” toda/os estão atentas/os a toda/os. Daí o cuidado, a cortesia o acolhimento, a necessidade do dizer verdadeiro e a possibilidade do governo das/os outras/os: “‘ó, sai daí que isso aí não é bom’, ‘vou falar pra sua mãe na hora que ela chegar’, ‘tô falando pra você sair daí’” (Jane); “‘Oh, seu filho tá aqui, oh! No meio do foco! Tô na frente dele, cê quer falar com ele... ou cê vai vim buscar ele?’”. Vidas que já não se ousam viver quando o “*verniz*” das convenções sociais ditam as regras, em que o polido é não se meter na vida das outras pessoas, mantendo-se ilesas e não afetadas. Vidas transgressoras, estilizadas, que cuidam de si e da/o outra/o, que acolhem. Vidas implicadas, que as constituem de um jeito, e não de outro, concordando com a epígrafe de Deleuze na abertura deste tópico de escrita. Vidas que acolhem, me acolheram desde que entrei no bairro pela primeira vez e garantem para mim um teto, caso eu apareça ali à noite, sem ter onde dormir: “Ah minha filha, se quiser ficar aí uma noite... sem dormir cê não fica, não!” (Ana). Sinto-me, assim, incluída nessa amizade e entendo todo o cuidado dispensado a mim durante a pesquisa, o que me faz ser também atenta e cuidadosa com relação a essas minhas amigas. Vidas belas!

Presenças! Este foi o momento da escrita em que me dediquei a pensar os encontros com os outros sujeitos. Encontros que fazem acontecer as relações que subjetivam as mulheres com quem pesquiso. Nesses encontros e relações, diversas foram as subjetividades e diversas as provas transformadoras de si (ORTEGA, 1999, p. 124) que dão as condições para que essas mulheres se constituam como são. Pais, mães, padrastos e madrastas, filhos e filhas, irmãos e irmãs, vizinhas e vizinhos, patroas... Encontros e relações nos quais acabo me inserindo, fazendo parte desses processos e me subjetivando também. Encontros e relações marcados por tantas presenças e ausências, violências, dores, sofrimentos, alegrias, cortesias, solidariedades, conflitos, resistências, rupturas, superações, capturas, paradoxos...

Em meio a vidas tão sofridas a beleza se faz. A periferia é bela! Belas são as vidas dessas mulheres que vivem ali.

"A gente cria todo dia, a gente cria vida!"

“Não posso dizer que a argila não chame para nós dominá-la. Mas tem horas que ela quer dominar nós. [...] Tem horas que você quer fazer as coisas de um jeito e... não consegue. Consegue de outra maneira. [...] Você quer fazer bem redondinho, mas não fica... Fica um redondo quadrado. Ou... fica triangular. [...] Exige que seja uma luta, quer dizer, você... e a argila. [...] A argila, ela tem um poder, sim. [...] Não é uma coisa que você domine ela, ela tenta dominar você de uma maneira. E isso, qualquer pessoa. E isso, qualquer pessoa que esteja fazendo um trabalho, se prestar atenção, pode prestar atenção que a argila, ela tem uma ligação com você, ela querendo dominar você por um lado. [...] Quase toda hora. Se estiver prestando a atenção, claro, ligado. Claro, fazendo por fazer ou fazendo por... pra brincar, é uma coisa. Mas se se ligar direitinho... Se medir o espaço que você tem e o espaço que a argila tem, parece que ela tem vida. É como eu esteja... pegando assim... na sua mão, e você pegando na minha, e você apertando a minha mão e eu apertando a sua, pra ver quem tem mais força. A argila tem isso, você tá apertando a massa de um lado, mas ela quer espichar pela outra. É a coisa como que acontece... [...] Tem que ter muito carinho pra fazer aquela peça direitinho, como você quer. [...] Tem que se entender com ela. Porque se não se entender, não faz, não.”

(Em Virgínia Kastrup, 2011, p.126-127 – recortes da autora)

Um texto, um encontro, uma provocação. A epígrafe é a fala de um integrante de uma pesquisa realizada por Virgínia Kastrup com o objetivo de “investigar a experiência de trabalhar com a cerâmica em pessoas com deficiência visual adquirida, examinando dois lados do funcionamento da atenção: a atenção à argila e a atenção a si mesmo no processo de criação” (KASTRUP, 2011, p.120). O texto foi uma sugestão de leitura dada pela Professora Margareth Rotondo em minha primeira qualificação⁸⁹ com a proposta de pensar a minha disposição para a pesquisa. Ao ler o texto, porém, fui tocada não só para pensar o meu processo como pesquisadora, mas também o título de minha tese e, não posso deixar de considerar, esta também foi uma provocação da Professora Margareth. Abraço, então dois

⁸⁹ O Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF, no caso de doutorado, possui dois exames de qualificação antes da defesa da tese, “o primeiro exame de qualificação deverá acontecer até o início do 5º período letivo e o segundo exame de qualificação até o início do 8º período letivo.” (Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF, art.49, §2º. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/ppge/files/2009/07/Regimento-Interno-aprovado-19-jun-2013.pdf>>. Acesso em: 16 fev.2015.

coelhos de uma “vezada” só!⁹⁰. Às propostas/provocações de Margareth, uno as de Foucault que nos diz da vida como obra de arte, marcando a importância desse investimento em nossos dias. “A partir da ideia de que o eu não nos é dado, creio que há apenas uma consequência prática: temos que nos criar a nós mesmos como uma obra de arte” (FOUCAULT, 1993b, p.262). Para se produzir uma obra de arte é necessário estar em um processo de criação. “A atividade de criação aciona processos de produção de subjetividade através da mobilização de uma certa atenção a si mesmo [...]” (KASTRUP, 2011, p. 123).

Aproveitando a generosidade do texto de Kastrup (2011) pensarei um pouco o título da minha tese, dado pela fala de Ana, num dia em que também criávamos pintando nossas caixinhas de MDF.

"A gente cria todo dia, a gente cria vida"

Convido então a uma nova leitura da epígrafe que abre esta seção de escrita. A fala é de alguém que cria peças de cerâmica e diz de um aspecto dessa criação. Sugiro, no entanto, substituir todas as palavras “argila” e a palavra “massa” pela palavra “vida”. Sinta como também faz sentido.

Como se dá a vida dessas mulheres na periferia? Inspirada na fala de Ana e também na epígrafe, respondo que se dá na criação. No domínio da vida que tenta dominá-las nas grandes dificuldades que se lançam, nas ausências sofridas, nas dores vividas, na solidão que enfrentam, nas violências que sofrem... nas “horas que você quer fazer as coisas de um jeito e... não consegue”, quando é preciso, então, criar na imanência do que vivem e ver se “consegue de outra maneira”. A criação se dá num formato aproximado “você quer fazer bem redondinho, mas não fica... Fica um redondo quadrado”. Mas tem horas em que o formato tem que mudar de forma mais radical, e aí, “fica triangular”. Nesse caso, proíbe-se a entrada de namorados da mãe em casa, como Ana fez, ou manda o namorado ir “caçar sua turma” como foi o caso de Januária... Mas o que fica é a necessidade de luta, “exige que seja uma luta, quer dizer, você... e a

A vida

*A vida tem vida própria
Não é a toa que se chama vida!
Movente, nunca igual, parecida
Quando à deriva, nos arrasta
E nos ensina a criar
Quando calma, nos descansa
Ensina a continuar
Quanto quente, é ardente
Quando fria, arrepia
Quando morna, morna está
Mas pode esquentar...
... ou esfriar
O resultado da vida?
Não se sabe! É pra saber?
O tom da vida é viver!
E no viver, se fazer!*

(autoria própria)

⁹⁰ Prefiro abraçar os coelhos a matá-los “com uma cajadada só”, como diz o ditado popular.

[vida]”. Porque “a [vida], ela tem um poder, sim” é só “prestar atenção”. Na vida dessas mulheres, as forças se movimentam, e as envolvem, podendo arrastá-las. E isso acontece a “quase toda hora”, o que faz com que a vida precise ser criada “*todo dia*” como nos diz Ana. Mas isso acontece “se estiver prestando atenção, claro, ligado” porque “fazendo por fazer ou fazendo por... brincar, é uma coisa. Mas se se ligar direitinho...”. Talvez aproximando-se desse pensamento é que Ana diz: “*Só os vivos [atentos] sobrevivem aqui!*”. “A [vida...], parece que ela tem vida” e exige coragem “como você apertando a minha mão e eu apertando a sua, pra ver quem tem mais força”. Vida que foge ao controle, pois “a [vida] tem isso, você tá apertando a [vida] de um lado, mas ela quer espichar pela outra”. A força é necessária, mas ao mesmo tempo, “tem que ter muito carinho” e o carinho aparece no cuidado. Cuidado com os filhos, filhas, netos, netas, mães, pais, irmãos, irmãs, sogros, sogras, vizinhos, vizinhas, filhos e filhas de outras mulheres... Cuidado com elas próprias, preparando-se para serem exemplos e se sentirem bem na relação que se dá consigo mesmas. Força e carinho, para “se entender, com [a vida]. Porque se você não se entender, não faz, não”.

A vida, porém, como a argila, precisa ser flexível, moldável. No texto de Kastrup (2011), Clara Fonseca, coordenadora da oficina em que se desenvolve o trabalho com a argila, dá o seguinte depoimento:

A argila dá flexibilidade, pois é um material plástico. Você vai trabalhar perda, porque o processo termina com a mão, mas continua no forno [...] Trabalha também expectativa. Você tem que moldar, mas não vai sair exatamente do jeito que você queria. Se você adota uma atitude rígida, controle do material, o sentimento é de frustração. (KASTRUP, 2011, p.123)

Pensar o processo do viver dessas mulheres é vê-las também com essa flexibilidade, com essa abertura para o que vier. Januária sai pelo mundo sem saber no que vai dar. Vânia assume quase que sozinha as prestações de uma casa, sabendo que sobrariam apenas vinte reais de seu salário diante de tal compromisso, incerta do que viria a enfrentar. Jane enfrenta a gravidez na iminência de uma separação, mesmo sentindo “*muito medo*”. Ana, ao conversar sobre uma doença até então incurável e muito dolorosa diagnosticada em uma de suas irmãs disse, certa vez, logo que soube da notícia: *Não gosto de chorar, mas chorei quando eu soube, fiquei remoendo, chorei muito esta semana. Mas esse foi o caminho que Deus abriu pra gente e é nesse caminho que vamos seguir, até ver onde vai dar!*. Mulheres artistas da vida. Duras e fortes, são “*rocha*”. Flexíveis e moldáveis, são argila. Ao mesmo tempo em que definem posições mais rígidas e lutam bravamente para vencer os obstáculos, buscando soluções para os problemas – o que, para Kastrup (2011, p.124), não deixa de ser

“um dos aspectos mais interessantes da cerâmica” –, também têm a capacidade de aceitar a vida como ela vem. Rocha e argila, no final, ambas podem produzir belas esculturas.

Mas, e quanto aos seus filhos e filhas? Vidas criadas em seus ventres e que continuarão se criando fora dele? Ora, o que são os/as filhos/as, senão expectativas? E não seriam os filhos, parte da própria vida que se cria? Ser mãe, seria também uma forma de fortaleza e, ao mesmo tempo, de abertura?

É assim que, em meio às hostilidades experienciadas por essas mulheres, em meio à atenção – ao cuidado – que dispensam à vida, a si mesmas e aos outros e outras, mas também em meio à abertura e flexibilidade com que também compõem as veredas de suas existências elas podem mesmo dizer junto com Ana: “*A gente cria todo dia, a gente cria vida!*”.

Não chegando ao fim

Momento difícil este o de se tentar colocar um ponto final em uma pesquisa em que vidas se narram em todo seu movimento. Momento difícil, mas necessário. As histórias destas páginas constituem a tese que escrevi com tantas mãos e palavras de tantas pessoas que estiveram comigo, porém, estas páginas estão longe de dar conta de uma vida sequer. O que temos, então, são aproximações opacas a realidades que continuam em processo. Nenhuma clareza, nenhuma certeza. Mas foram muitas palavras. Palavras que disseram de mim, disseram de Ana, Vânia, Jane e Januária e das pessoas que delas se acercam. Palavras que contaram suas histórias e construíram suas vidas na narrativa da tese. E a essas histórias narradas, tantas outras se assemelham e, também, tantas outras se fazem tão diferentes ali, na periferia em que moram e em outros lugares por aí.

Possíveis respostas para a questão que guiou minhas investigações – **“Como vão se constituindo as subjetividades de mulheres mães na periferia?”** – foram se construindo no decorrer da escrita, nas histórias que foram narradas por elas e nas análises subjetivas que produzi. Contam agora com o seu olhar de leitor ou leitora que, lendo, junta outros elementos, ajuda a compor outras possíveis respostas e suscita novas questões.

Retomando um pouco das discussões já feitas, destaco que, nas relações mais enfatizadas pelas mulheres na pesquisa, houve predominância de uma paternidade ausente e não correspondente aos pressupostos oferecidos por discursos que representam o pai provedor e atencioso com a proteção e ordem familiar, embora seja esse o referencial a que recorriam por diversas vezes. São pais que se ausentam e, quando presentes, propiciam momentos de tensão, conflito e, muitas vezes, de violência, incluindo a violência sexual, o que pode se potencializar quando se trata de um homem que convive com uma mulher mãe de filhas/os que não são seus. Foi o que aconteceu com Ana e é o que vez por outra ouvimos de outras bocas, trazendo outras personagens destacando as meninas como alvo preferido.

Dos relatos sobre a convivência com os pais, somente uma das mulheres, a Vânia, trouxe boas recordações. A predominância da ausência paterna faz com que o mínimo de presença produza grande sentido a ponto de provocar admiração. É o que pude entender da

relação de Vânia com o pai que ela diz adorar. Por ter sido o que mais tempo conviveu com sua mãe e, mesmo depois de ter saído de casa indo viver como mendigo, vinha visitá-la, trazia-lhe bichinhos de pelúcia e bonecas encontrados/as nas latas de lixo, tornando-se, de alguma forma, presente para ela e sendo valorizado por isso. Mas esse mesmo homem produziu muitos sofrimentos em sua irmã, Ana, fazendo-me pensar em barulhos e silêncios produtores das marcas que as subjetivam.

Da ausência paterna, percebi a decorrência de alguns desdobramentos, a começar pela ausência da própria mãe que deve cumprir todas as obrigações com os filhos e filhas permanecendo fora do lar por muito tempo. Segue-se a ausência de familiares paternos, o desconhecimento de irmãos e irmãs que estão nas outras famílias constituídas pelos pais.

Nesse contexto aparece a sobrecarga lançada sobre as mães, que além de ocuparem-se ou preocuparem-se com os cuidados da prole – buscando alguém que possa cuidar ou providenciando condições mínimas para que as crianças passem o dia sozinhas em casa –, deve também sair para providenciar o sustento da família. Por não conseguirem salários satisfatórios em um único emprego, precisam buscar várias fontes de renda, ampliando o tempo em que se afastam e deixam as crianças e adolescentes sozinhas/os correndo vários riscos – desde pequenos acidentes domésticos à vulnerabilidade das relações com os homens que ficam em casa ou na vizinhança. Daí, pude perceber situações distintas: ou uma constante insatisfação acompanhada de muitos conflitos – já que a ausência materna produz a falta de conversas e conselhos, não consegue suprir a escassez material, proporciona tratamento rude para com as filhas e, até mesmo, muitos momentos em que a violência toma conta da relação –, ou a mãe aparece como o exemplo por tanto se desdobrar para dar o melhor para sua prole. Sendo assim, as mulheres vão constituindo suas maternidades, umas se esforçando por romper com as representações que trazem de suas mães enquanto outras as têm como modelos a seguir. De qualquer forma, nas quatro mulheres percebi adesões, resistências e rupturas no que respeita àquilo que experienciaram em sua infância e adolescência com suas mães e, em qualquer caso, considero que, nessas experiências, muitos aprendizados se produziram. A mãe é, então, um importante agente subjetivador em se tratando das mulheres que se envolveram comigo na pesquisa.

Na ausência da mãe, as meninas mais velhas vão assumindo os compromissos com os irmãos e irmãs mais novos/as, tornando-se mães-irmãs, limitando seus sonhos e privando-se de viver a infância, tamanhas as responsabilidades que lhes são conferidas. Já os irmãos, vão se isentando dessas responsabilidades. Daí, vemos, desde cedo, feminilidades e masculinidades sendo constituídas de forma que à mulher cabe o quase tudo e, ao homem, o quase nada. Isso se potencializa no fato de que é comum as meninas acompanharem as mães em seus empregos – na maioria das vezes domésticos ou relacionados a limpezas em empresas –, começando desde cedo a aprender a trabalhar, também, para o sustento, enquanto os meninos são deixados soltos nas ruas. Eles não acompanham as mães por não corresponderem à qualidade dos serviços maternos, sempre relacionados ao “universo feminino”. Por outro lado, não podem contar com um pai que os leve para o mesmo tipo de acompanhamento. Nesse sentido, podemos dizer que vão-se reproduzindo histórias, masculinidades ausentes e isentas, feminilidades sobrecarregadas, ou seja, as desigualdades entre os gêneros vão se perpetuando e, nesse sentido, essas desigualdades se produzem dentro e fora do lar.

Pensando suas relações, vejo paradoxos. Sinto que ainda se subjetivam dentro de discursos e representações vinculados/as ou herdeiros/as de uma estrutura de poder que tenta subjugar as mulheres e favorecer os homens. Discursos e representações sexistas, cheios de regras que definem as funções masculinas e femininas na sociedade. O homem provedor e a mulher dona de casa e cuidadora dos/as filhos/as são representações corriqueiras em suas conversas, porém elas não vivenciam isso em suas relações. Paradoxalmente, no entanto, fazem essas cobranças, dispensam cuidados aos homens, mantêm a casa, fazem a comida, deixam a roupa pronta para uso, cuidam das crianças... e quando não conseguem se organizar dessa forma, sentem que estão fugindo às regras de um jogo posto, não fazendo aquilo que se espera de uma mulher. Da mesma forma sentem que seus homens também fogem, vindo daí os incômodos em vê-los dormindo durante o dia, acomodados ou se divertindo pelas ruas enquanto elas trabalham fora e dentro de casa. Há os casos em que olham para eles com olhares desconfiados, preferindo, por isso, ter para si a responsabilidade pela organização das despesas de casa, por não terem o hábito de ver um homem fazê-lo. Essas questões, no

entanto, se dão de formas e intensidades diferentes para cada uma das mulheres. Enquanto para Januária elas se apresentam a ponto de ter mandado o homem “*caçar sua turma*”, para Vânia fazem com que ela pense em outra forma de se relacionar com o companheiro. Por sua vez, Jane e Ana afirmam que suas relações são boas, deixando, às vezes, de problematizar algumas situações em que o binarismo, com suas definições de papéis, se faz presente. É assim que, mesmo dividindo as despesas da casa com os companheiros, aparecem apenas como ajudantes e mantêm as tarefas da casa desempenhadas pelos companheiros como ajuda que muitas vezes só acontecem em sua ausência. Presentes em casa, as obrigações são assumidas como delas e os homens são isentos, podem descansar.

Ainda vinculadas a essas representações e discursos sexistas, existe grande dificuldade em entender e aceitar outras formas de masculinidade, como se dá, por exemplo, com Felipe. Atento aos cuidados com a filha e assumindo as atividades de casa em maior proporção que Vânia, Felipe provoca nela sentimentos de insatisfação quanto à sua atuação na esfera doméstica, ao ponto de Vânia não se sentir mãe. Ao mesmo tempo, por não se firmar em empregos remunerados e priorizar sua atuação como músico – o que não traz muito dinheiro para o sustento da casa – cabe a Felipe a classificação como acomodado.

Vemos, então, nas relações de gênero, um binarismo ainda muito acentuado, favorecendo, dessa forma, as desigualdades nesse âmbito, desigualdades que às vezes são problematizadas e, por outras, naturalizadas.

Binárias, também, são as relações entre raças e classes sociais. Nesses aspectos, as mulheres sentem a presença de preconceitos que as afetam na convivência com a sociedade determinando ambientes que possam/devam frequentar ou não, excluindo-as da escolha de profissões que não estejam no escopo daquelas que sejam socialmente atribuídas às mulheres negras e dificultando as relações produzidas com as patroas e em diversos ambientes que frequentam para compras e lazer, por exemplo.

Homem/mulher, riqueza/pobreza, brancura/negritude, centro/periferia, são, então, polaridades constantes em suas vidas, produzindo-as no viés da subalternidade na qual por vezes se sentem, sendo, assim, capturadas. Mas é interessante vê-las subvertendo essas mesmas ordens binárias com estratégias de resistências, fugas e rupturas que também as

produzem como subjetividades que tomam suas rédeas e governam suas próprias vidas. Frente aos discursos e representações que dizem da mulher, da mãe, da negra e da periferia e que se entrecruzam, vindos de várias instâncias de poder, vejo essas mulheres na criação de formas de vidas que rompem com tudo isso ou, pelo menos, com boa parte disso tudo.

Na solidariedade que nutrem umas pelas outras, na amizade que as une numa rede de cooperação e cuidado mútuo, criam uma sociedade feminina que movimenta a periferia, ajudando-as em suas subversões. “Toda amizade é, por conseguinte, um ponto de resistência em potencial” (ORTEGA, 1999, p. 157). Suas vidas, assim, ganham estilo próprio, um estilo que as aceita em sua multiplicidade. Assim, na sobrecarga de suas responsabilidades, na isenção masculina, na luta empreendida a cada dia, encontram apoio umas nas outras – mães, irmãs, vizinhas, primas, cunhadas... mulheres – para que os sofrimentos que produzem tantas marcas possam também ser tomados como força para comporem outras formas de existir em meio às adversidades que as rodeiam. Assim, vão produzindo suas verdades e a *mulher forte, guerreira, com pé firme, sabedoria, que cuida, luta, mantém o sorriso, tem bom coração, perdoa e ama, que é mãe e amiga, é admirada, busca respostas*, como elas diziam em nosso primeiro encontro, foram se produzindo ali, nos encontros da pesquisa, cada uma à sua maneira. Com seus jeitos e formas, com suas vozes agora ouvidas, posso vê-las no canteiro de suas lutas diárias como aquelas que guardam o “dom da vida posta na cadeia do sim que a todo instante renasce em improváveis recantos ante o choro inaugural que anuncia a alegria dançarina do existir” (Pedro Garcia)⁹¹. Assim, podemos desfrutar da visão dessas vidas belas, dessas mulheres mães, naquela periferia.

Não podemos pensar, contudo, que esta tese termina com um final feliz. Durante os 3 anos e meio em que estive ocupada com esta pesquisa alguns eventos atingiram mulheres e crianças/meninas naquele bairro. Além da violência banalizada dos tapas na cara nos becos e ruas e das surras que as atingem no âmbito doméstico, dos abandonos cotidianos e da exploração sexual pelo tráfico de drogas, tivemos dois casos de estupros vitimando menores e um caso de assassinato após violência sexual envolvendo Jade, uma das irmãs de Januária. A multiplicidade de mulheres na periferia trazem outras formas além de Januárias,

⁹¹ Em poema dedicado a esta tese.

Vânias, Janes e Anas. Mulheres que também trazem suas belezas, mas igualmente, carregam suas dores ainda, muitas vezes, aceitas como destino de mulher.

“Conhecer” tal realidade nos coloca no compromisso de, enquanto educadoras e educadores pensarmos em alternativas que apresentem outras e variadas verdades, diferentes daquelas que ainda circulam fortemente e que subjagam pessoas em função de seu gênero, sua raça, sua classe social. Problematizar a própria existência, criar espaços que ampliem discursos e fissurem representações ainda tão cristalizadas de papéis sociais que se naturalizam como único destino, favorecer o pensar em outros modos possíveis de existir, construir outras verdades, além de investir em outras formas de se formarem os homens e as mulheres são investimentos que podem se constituir nos maiores desafios em nossa tarefa de educar. Apropriando-me do pensamento de Foucault (2012c, p.285), “acredito muito na verdade para não supor que haja diferentes verdades e diferentes maneiras de dizê-la”. Quem sabe, no governo dos outros, tão próprio da

Jade

*É sábado! O Natal já passou
Um novo ano vem chegando.*

Jade faz aniversário.

Sábado, aniversário, funk... ideia!

Jade reúne a galera!

“Bora pro funk, comemorar!”

Jade, alegre, expansiva...

O morro abre seus braços, nos braços de Jade

E sorri no seu sorriso

E canta no seu canto

Jade, 27 anos!

E o funk rola,

O corpo dança!

Quase fim da festa

A galera volta

Jade quer um pouco mais

Dança, namora, comemora!

É domingo, Jade não voltou

*“Vai esticar um pouquinho,
comemorar um pouco mais”*

Segunda-feira:

“Delegado, minha filha não voltou pra casa”

Terça-feira:

Um corpo encontrado

Quarta-feira:

Morro desesperado

Quinta-feira:

Novo ano! Feriado

Sexta-feira:

O morro entristeceu

Jade não está mais lá

Não abraça, não sorri, não canta

Adeus, Jade

Descanse em paz!

Onde estão as mãos que tiraram Jade de nós?

Quem fechou seus braços? Tapou seu sorriso?

Calou sua voz?

⊗

educação, não possamos nós, educadoras e educadores suscitar em nossos/as estudantes moradores/as na periferia a confiança em sua liberdade, como nos diz Foucault (2012d, p.288), “mostrar às pessoas que elas são mais livres do que pensam, que elas tomam por verdadeiros, por evidentes certos temas fabricados em um momento particular da história, e que essa pretensa evidência pode ser criticada e destruída”? Talvez, nosso principal papel seja abrir possibilidades para que outros discursos e representações se apresentem e tragam a possibilidade de outras formas de vida que possam escolher ou não, no uso de sua liberdade.

Esta pesquisa abordou muitos aspectos das vidas das mulheres naquela periferia, mas também deixou muitas lacunas. Não podemos reduzi-las ao que foi escrito nem tomar o que foi tratado aqui como únicas formas de existir naquele lugar. Outras relações se estabelecem, outros aspectos se fazem presentes, outras possibilidades se constituem, outros fluxos, outros movimentos. Muitas questões ficaram em suspenso e são de grande importância para se construir conhecimentos que tragam novos olhares para aquela periferia e as pessoas que ali vivem. O próprio funk, que foi minha curiosidade primeira e se diluiu nos caminhos por mim trilhados, ainda está lá provocando formas de viver que merecem atenção. As religiões, principalmente as propagadas por igrejas evangélicas que já se espalham com intensidade por todo o bairro, tirando de circulação homens, mulheres e crianças que deixam de frequentar lugares comuns, mudando seus comportamentos e provocando transformações bastante visíveis, têm-se mostrado potentes nos processos de produção daqueles sujeitos. Questões mais ligadas ao direito reprodutivo suscitam atenção aos discursos médicos que controlam corpos e incitam a determinados comportamentos e responsabilidades, principalmente por parte das mulheres. Lembro-me do quanto foi difícil para Januária conseguir ligadura de trompas para suas filhas, ouço narrativas das dificuldades em convencerem seus homens ao uso de preservativos, vejo-as às voltas com gravidezes indesejadas e com riscos diversos incluindo abortos e o contágio pelo vírus HIV. Fica ainda a pertinente necessidade de problematização das relações trabalhistas que ainda se constroem de formas inadequadas e, muitas vezes, às margens da lei.

Quando iniciei a escrita deste texto, falei do desafio que tive, junto a outros/as companheiros e companheiras no programa de pós-graduação, em escrever um

testo experiência a partir de uma *pesquisa* experiência. Sinto que isto aconteceu. Não que eu tenha conseguido provocar, mas pelas forças que se movimentaram e compuseram a pesquisa. Em meio a tantas histórias, o sentido do não saber se tornando um saber outro, saber inventado na convivência que se fez e nos constituiu. Somos, sim, diferentes. Não sei em que ponto cada uma de nós foi tocada, mas não posso negar que nossos olhares e dizeres, expressões e silêncios foram sentidos e fizeram sentido em nós, mexendo e remexendo em experiências num ato mesmo de se fazer experiências. Experiências que nos passaram.

O falar do passado foi, muitas vezes, produzindo novos significados e novos sentidos foram se construindo para aquelas vidas que se diziam. Falando de si, participando na audição das experiências umas das outras, interferindo nas histórias que iam se produzindo, essas mulheres provocaram-se e mudanças aconteceram. Quanto a mim, ouvindo-as, ouvia também a mim mesma nas identificações com suas histórias e nas indagações que muitas vezes me fazia. Também sofri muitas transformações. E como!

E você? Como foi a sua experiência com esta leitura que aqui se encerra?

“De que valeria a obstinação do saber se ela apenas garantisse a aquisição de conhecimentos, e não, de uma certa maneira e tanto quanto possível, o extravio daquele que conhece? Há momentos na vida em que a questão de saber se é possível pensar de forma diferente da que se pensa e perceber de forma diferente da que se vê é indispensável para continuar a ver ou a refletir”.

Michel Foucault

Referências

Quebrando as regras deste espaço digo que aqui é o lugar da gratidão, mas da ingratidão também. Coloco os nomes daqueles que foram citados no texto, mas oculto outros tantos dos quais já me apropriei de expressões e provocaram mudanças em meus modos de pensar. Não se explicitam diversas leituras, as conversas com os(as) colegas dos grupos de estudos, com meu orientador, professores e professoras que deixaram tantas marcas em mim e possibilitaram a escrita deste texto. Esquecem-se, aqui, as convivências nas diversas instâncias da vida e que afetaram a minha constituição. Não havendo outro jeito, seguem os nomes que citei e fica a gratidão a eles e a todos os outros.

ANDRADE, Sandra dos Santos. **Juventudes e processos de escolarização**: uma abordagem cultural. 257f. Tese (Doutorado em Educação) – PPGGE, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://pct.capes.gov.br/teses/2008/42001013001P5/ TES.pdf>>. Acesso em: 02 dez.2013.

ANSART, Pierre. História e memória dos ressentimentos. In: **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). Campinas: Unicamp, 2004, p.15-36.

ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G., MEDRADO, Benedito. **Homens e masculinidades**: outras palavras. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2001.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à Filosofia. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Trad. Waltencir Dutra. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **O conflito**: a mulher e a mãe. Trad. Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. 2 ed. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira. **O Corpo Educado**: Pedagogias da Sexualidade. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p.151-172.

_____. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 4 ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2012.

CARROL, Lewis. **Alice**: Aventuras de Alice no País das Maravilhas; Através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. Ingrid Muller Xavier. Rev.tec. Walter Omar Kohan e Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CASTRO, Roney Polato. **Experiência e constituição de sujeitos docentes**: Relações de gênero e sexualidades e formação em Pedagogia. 256 f. Tese (Doutorado em Educação) – UFJF, Juiz de Fora, 2014.

CESAR, Maria Rita de Assis. **A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico**. São Paulo: Unesp, 2008.

CLARETO, Sônia M.. Na travessia: construção de um campo problemático. In: CLARETO, Sônia M.; ROTONDO, Margareth A.S.; VEIGA, Ana Lygia S. **Entre composições**: formação, corpo e educação. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p.18-32.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirinto da pesquisa, diante dos ferrolhos. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 105-131.

CORTÊS, Iáris Ramalho. A trilha legislativa da mulher. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M.. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 260-285.

COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em educação. In: _____ (Org). **Caminhos investigativos**: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 13-22.

CRUZ, Elizabete Franco *et al.* Meninas: gestando relações de gênero e cuidado de si. In: **Educação em foco**. UFJF, Juiz de Fora, v.1, n.2, p. 31-59, Mar-Ago/2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/09/Artigo-02-14.1.pdf>>. Acesso em: 19 jan.2015.

DELEUZE, Gilles. A imagem do pensamento. In: _____. **Diferença e repetição**. Trad. Luiz Orlando; Roberto Machado. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006, p.189-240.

_____. A vida como obra de arte. In: _____. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modo de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org. e Trad.). **Nunca fomos humanos**: nos rastros do sujeito. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-77.

FERRARI, Anderson; MARQUES, Luciana Pacheco. Silêncios e educação. In: _____. **Silêncios e educação**, Juiz de Fora: UFJF, 2011, p.9-26

FERRARI, Anderson. Ma vie en rose: gênero e sexualidades por enquadramento e resistências. In: **Educação em foco**. UFJF, Juiz de Fora, v.1, n.2, p. 117-141, Mar-Ago/2009. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/09/Artigo-06-14.1.pdf>>. Acesso em: 06 jan.2012.

_____. Apresentação: sujeitos, subjetividades e educação. In: _____ (Org). **Sujeitos, subjetividades e educação**. Juiz de Fora: UFJF, 2010a, p. 7-18.

_____. “Eles me chamam de feia, macaca, chata e gorda. Eu fico muito triste” – classe, raça e gênero em narrativas de violência na escola. **Instrumento**: revista de estudo e pesquisa em Educação, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 21-30, janeiro-junho, 2010b.

FIDALGO, Lurdes. **(Re)construir a maternidade numa perspectiva discursiva**. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Sobre discursos e a análise discursiva. In: _____. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 73-96.

FONSECA, Cláudia. Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 10, p. 58-78, Jan-Abr, 1999. Disponível em: <http://anped.tempsite.ws/novo_portal/rbe/rbedigital/RBDE10/RBDE10_06_CLAUDIA_FONSECA.pdf>. Acesso em: 02 jan.2015.

FOUCAULT, Michel. Tecnologias del yo. In: _____. **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Trad. Mercedes Allendesalazar. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990, p. 45-94.

_____. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vânia Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993a. p. 231-249.

_____. Michel Foucault entrevistado por Hubert L. Dreyfus e Paul Rabinow. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993b. p. 253-278.

_____. Silêncio, sexo e verdade. In: **Coletivo Sabotagem** (Org). Michel Foucault – por uma vida não fascista. 2004. p. 38-50.

_____. **História da Sexualidade III**: o cuidado de si. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rev J. A. Guilhon Albuquerque. 8 ed. São Paulo: Graal, 2005.

_____. **História da Sexualidade I**: a vontade de saber. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 17 ed. São Paulo: Graal, 2006.

_____. **História da Sexualidade II**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Tereza da Costa Albuquerque. Rev. J. A. Guilhon Albuquerque. 12 ed. São Paulo: Graal, 2007.

_____. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19 ed. São Paulo: Loyola, 2009a.

_____. Como nasce un “libro-experiencia”. In: _____. **El yo minimalista y otras conversaciones**. 3 imp. Buenos Aires: La Marca, 2009b. p. 9-17

_____. **Microfísica do poder**. Org. Int. e Rev. Roberto Machado. 27 reimpr. São Paulo: Graal, 2009c.

_____. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982); edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Trad. Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muachail. 3 ed. 2 tir. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. O uso dos prazeres e as técnicas de si. In: _____. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a. p. 187-211.

_____. Polêmica, política e problematizações. In: _____. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012b. p. 219-227.

_____. Uma estética da existência. In: _____. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012c. p. 281-286.

_____. Verdade, poder e si mesmo. In: _____. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012d. p. 287-293.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: _____. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012e. p. 287-293.

_____. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II: curso dado no Collège de France (1983-1984); edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

GALLO, Silvio. O pensador transversal. **Discutindo Filosofia**. São Paulo: Escala Educacional, Ano 1, n. 6, p.34-45, 2006.

GARCIA, Antonia dos Santos. Mulher negra e o direito à cidade: relações raciais e de gênero. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis: DP et Alii; Brasília-DF: ABPN, 2012, p. 134-163.

GARCIA, Pedro Benjamim. **Literatura e identidade**: rodas de leitura com jovens afrodescendentes inspiradas nos Griôs. Projeto apresentado à CNPq, 2007 (em execução de março/2008 a fevereiro/2011)

GARCIA, Pedro Benjamim; RITTI, Rosalinda Carneiro de Oliveira. Roda de leitura como instrumento de pesquisa. In: **Anais do 10º Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste**, 2011, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.fe.ufrj.br/anpedinha2011/anais/anais.php>>. Acesso em: 20 out.2014.

GARCIA, Sandra Mara. Homens na arena do cuidado infantil. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito. **Homens e masculinidades**: outras palavras. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2001, p.31-50.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais hoje**. Anpocs, n. 2, p.223-244, 1983. Cópia digitada disponível em: <<http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile>>.

php/247561/mod_resource/content/1/RACISMO%20E%20SEXISMO%20NA%20CULTURA%20BRASILEIRA.pdf>. Acesso em: 02 mar.2015.

GROS, Frédéric. Situação do curso. In: FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982); edição estabelecida sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana, por Frédéric Gros. Trad. Márcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muachail. 3 ed. 2 tir. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.455-493.

GUARISO, Meyre. Maternidade: contornos e desafios. **Filosofia**. São Paulo: Escala, Ano VII, n. 82, p. 36-43, 2013.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KASTRUP, Virgínia. O lado de dentro da experiência. In: CLARETO, Sônia M.; ROTONDO, Margareth A.S.; VEIGA, Ana Lygia S. **Entre composições**: formação, corpo e educação. Juiz de Fora: UFJF, 2011. p.119-141.

LAGE, Lana; NADER, Maria Beatriz. Da legitimação à condenação. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M.. **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 286-312.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a. p. 133-160.

_____. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 5 ed. Petrópolis : Vozes, 2002b. p. 35-86.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: GERALDI, Corinta Maria Grisolia *et al* (Org). **Escola Viva**. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 113-132.

_____. Tremores: escritos sobre experiência. Trad.: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Conhecer, pesquisar, escrever. **Educação, Sociedade & Culturas**, Porto Alegre, n.25, 2007, p. 235-245.

_____. **Gênero, sexualidade e educação**. 12 ed. Petrópolis : Vozes, 2011.

MARSHALL, James D. Michael Foucault: pesquisa educacional como problematização. In. PETERS, Michael A.; BESLEY, Tina (Orgs). **Por que Foucault?**: novas diretrizes para a pesquisa educacional. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 25-39.

MEDRADO, Benedito. Homens na arena do cuidado infantil. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito. **Homens e masculinidades**: outras palavras. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2001, p.145-161.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.16, n.3, p.809-840, set/dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v16n3/05.pdf>>. Acesso em: 02 jan.2015.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v.57, n.1, p.13-18, jan/fev. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n1/a03v57n1.pdf>>. Acesso em: 02 jan.2015.

_____. A politização contemporânea da maternidade: construindo um argumento. **Gênero**, Niterói, v. 6, n. 1, p. 81-104, 2. sem. 2005.

_____. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves.(Orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 47-61.

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas ou Sobre como fazemos nossas investigações. In: _____ (Orgs). **Metodologias de pesquisa pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza, 2012. p.15-22.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PALLONE, Simone. Diferenciando subúrbio de periferia. **Ciência e Cultura** (online), São Paulo, v.57, n.2, p.11, abr/jun. 2005. Disponível em: < <http://cienciaecultura.vs.br/pdf/cic/v57n2/a06v57n2.pdf>>. Acesso em: 25 mai.2015.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 47-61.

RAGO, Margareth. **Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890-1930**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. Ser mulher no século XXI: ou carta de alforria. In: RAGO, Margareth *et al* (Org). **A mulher brasileira nos espaços publico e privado**. São Paulo: Perseu Abramo, 2009, p. 31-42.

_____. **A aventura de contar-se: Feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Unicamp, 2013.

RATTS, Alex. Os lugares da gente negra: temas geográficos no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis: DP et Alii; Brasília: ABPN, 2012, p. 216-143.

RITTI, Rosalinda Carneiro de Oliveira. **Adolescentes de periferia: subjetividades construídas entre o poder e a violência**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UCP, Petrópolis, 2010. Disponível em: <<http://www.ucp.br/html/joomlaBR/images/MESTRA DO DISSERTA COES/2010/Rosalinda%20Carneiro%20Ritti.pdf>>. Acesso em: 10 fev.2013.

_____. Antônia: pensando as relações de gênero entre resistências, rupturas e capturas. In: FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato (Orgs). **Política e poética das imagens como processos educativos**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2012, p. 149-174.

_____. Reticências... In: FERRARI, Anderson (Org). **A potencialidade do conceito de experiência para a educação**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2013a, p. 159-176.

_____. “Todo dia eu penso: Meu Deus, onde foi que eu errei?”: os desafios de ser mãe na periferia. In: **Reunião anual da ANPED**, 36. 2013b, Goiânia. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt23_trabalhos_pdfs/gt23_2615_texto.pdf>. Acesso em: 25 out.2013.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v.1, n.2, p. 241-251, set./fev. 1993. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>>. Acesso em: 04 jul.2012.

ROSA, Thaís Troncon. Favelas, periferias: uma reflexão sobre conceitos e dicotomias. In: **Reunião anual da ANPOCS**, 33. 2009, Caxambu-MG. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1767&Itemid=229>. Acesso em 25 mai.2015.

ROTONDO, Margareth A. S.; DUTRA, Leandro Barreto ; MAROCO, Tamiris Tarocco . Um menino que servia para uma teia e uma teia que servia para um menino e um... que servia para a aranha... que servia.... **Revista Linha mestra**, p. 379 - 384, ago. 2013.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emile**. Project Gutenberg Ebook, 2004. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu005427.pdf>>. Acesso em: 10 fev.2015.

SALLES, Silvana. Indicadores sociais da população negra têm melhoras, mas condições de vida seguem inferiores às dos brancos. **Uol Notícias**. São Paulo, 09 set. 2008, Cotidiano. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/2008/09/09/ult5772u769.jhtm>>. Acesso em: 15 fev.2014.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Viver no feminino – uma mais sete histórias de vida. In: RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: Feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Unicamp, 2013.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, n.20, v.2, p.71-99, jul/dez, 1995.

_____. A invisibilidade da experiência. **Proj. História**, São Paulo, n.16, p. 297-325 fev, 1998. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Documents/Doutorado%20UFJF/2015/11183-27274-1-SM.PDF>>. Acesso em 13 jul.2015.

SILVA, Jailson de Souza; BARBOSA, Jorge Luiz. **Favela, alegria e dor na cidade**. Rio de Janeiro: Senac, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2 ed. 11 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 73-102.

SILVEIRA, Catarina da Cunha; ANDRADE, Sandra dos Santos. Homens-pais: o que as crianças têm a dizer sobre eles?. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10** (Anais eletrônicos). Florianópolis, 2013. Disponível em: < http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384197960_ARQUIVO_HOMENSPAISOQUEASCRIANCASTEMADIZERSOBREELES.pdf>. Acesso em: 20 jan.2015

SCHWENGBER, Maria Simone Vione; SILVEIRA, Catharina da Cunha. Paternidade em deslocamento: o caso do pai amigo e presente. **Revista da FAGED**, Salvador, n. 19, p.91-101, jan/jun, 2011. Disponível em: < <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/entreideias/article/view/5257/4302>>. Acesso em: 20 jan.2015.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de si?** A educação de corpos grávidos no contexto da *Pais & Filhos*. 192f. Tese (Doutorado em Educação) – PPGE, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8937/000591456.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 dez.2013.

UNBEHAUM, Sandra G. A desigualdade de gênero nas relações parentais. In: ARILHA, Margareth; UNBEHAUM, Sandra G.; MEDRADO, Benedito. **Homens e masculinidades: outras palavras**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2001, p.163-184.

VALLADARES. Lícia do Prado. **A invenção da favela: do mito de origem a favela.com**. 4 reimp. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

VAZ, Henrique C.L. **Antropologia Filosófica I**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1991.

VEIGA-NETO, Alfredo. Olhares.... In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 23-38.

_____. **Foucault e a educação**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

WOODWARD, Katryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 7-72.

Apêndices



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, documento de identidade número _____, concordo em participar da pesquisa que será realizada sob a responsabilidade da doutoranda Rosalinda Carneiro de Oliveira Ritti, sob a orientação do Prof. Dr. Anderson Ferrari, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Nesta data fui esclarecida/o de que:

1. O tema central da pesquisa se refere à constituição das subjetividades de mulheres que residem em bairros da periferia de Juiz de Fora.
2. A pesquisa será realizada por meio de gravações, anotações de conversas, filmagens, fotografias e outros meios que se fizerem necessários;
3. As informações obtidas nessas conversas serão usadas como elementos de compreensão de pesquisa da referida pós-graduanda, assim como, podem ser usadas, também, em futuros trabalhos acadêmicos;
4. Será resguardado meu anonimato através do uso de pseudônimo;
5. Caso as imagens produzidas durante a pesquisa sejam usadas, deverão preservar minha identidade através de efeitos que mantenham meu rosto no anonimato;
6. Não terei nenhum custo, nem receberei qualquer vantagem financeira, nem durante e nem depois da pesquisa;
7. Poderei ser esclarecida sobre a pesquisa em qualquer momento e sobre qualquer aspecto que desejar;
8. Poderei retirar meu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento;
9. A pesquisa apresenta risco mínimo, isto é, o mesmo risco existente em atividades rotineiras como conversar, caminhar, ler, etc.
10. Os resultados da pesquisa serão publicados na tese de doutorado da pesquisadora e estarão à minha disposição quando a pesquisa for finalizada;
11. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável pelo período que ela julgar necessário quando, então, poderão ser destruídos.

Declaro que, antes da assinatura deste termo, tive todas as minhas dúvidas sanadas e entendi todas as condições nele descritas, com as quais concordo.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pela pesquisadora responsável e a outra ficará sob meu poder.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 201__.

Assinatura da/o participante da pesquisa

QUANDO SE TRATAR DE PARTICIPANTE MENOR DE IDADE
TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA/O RESPONSÁVEL

Eu, _____, na qualidade de _____ e responsável legal por _____ autorizo sua participação na pesquisa que será realizada sob a responsabilidade da doutoranda Rosalinda Carneiro de Oliveira Ritti, orientada pelo Prof. Dr. Anderson Ferrari, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, sob as condições supramencionadas, ciente de que a qualquer momento poderei retirar minha autorização.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 201__.

Nome legível da/o responsável pela participante da pesquisa/Documento de identidade

Assinatura da/o responsável pela participante da pesquisa

Rosalinda Carneiro de Oliveira Ritti
Fone: xxxx-xxxx

Anderson Ferrari
E-mail: xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx



*UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO*

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE NOME PRÓPRIO

Eu, _____, documento de identidade número _____, consinto na utilização do meu nome próprio em qualquer publicação referente à pesquisa realizada sob a responsabilidade da doutoranda Rosalinda Carneiro de Oliveira Ritti, sob a orientação do Prof. Dr. Anderson Ferrari, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Declaro ser esta decisão de minha livre e espontânea vontade.

Juiz de Fora, _____ de _____ de 201__.

Assinatura da/o participante da pesquisa

TEMAS PARA ENTREVISTA INDIVIDUAL

- Identificações:
 - Nome:
 - Idade:
 - Considera-se negra? Por quê?
 - Estado civil:
 - Religião:
 - Profissão:
 - Naturalidade:
 - Escolaridade:
- Sobre a família em que foi educada
 - Sobre o pai:
 - Sobre a mãe:
 - Quantos/as irmãos/ãs?
 - Na sua infância, quem sustentava financeiramente sua família?
- Sobre o trabalho e provisão da casa:
 - Atualmente, quem é responsável pelo sustento de sua casa?
 - Com que idade você começou a trabalhar? Em que tipo de trabalho?
 - Por que sentiu necessidade de trabalhar?
- Sobre seus relacionamentos afetivos:
 - Quantos namorados?
 - O que atraía você para os relacionamentos?
 - O que você esperava?
 - Você já sofreu ou ainda sofre agressões? Se sim, de que tipo? Por quê?
 - Como você reagia/reage?
 - Você acha que homem e mulher têm papéis diferentes em uma relação? Fale sobre.
- Sobre a maternidade:
 - Idade em que se tornou mãe:
 - Ser mãe foi uma opção? Fale sobre.
 - Como foi a participação do(s) companheiro(s) na(s) gravidez(es), no(s) parto(s) e na criação dos/as filhos/as? Ele(s) quis/quiseram ser pai(s)?
 - Como era sua vida antes de ser mãe?
 - O que mudou com a maternidade?
- Sobre os/as filhos/as:
 - Quantos/as: Idades:
 - Quem cria/criou?
 - Quem ajuda/ajudou a criar?
 - Pensa em ter mais filhos? Por quê?
- Sobre o aprendizado e a prática:
 - O que aprendeu sobre o que é ser mulher? E sobre o que é ser mãe?
 - Como aprendeu? Quem ajudou a formar a ideia que tem de mulher? E de maternidade? Quem a influenciou? Quem dava conselhos? Você seguia ou segue os conselhos? Por quê?
 - O que você acha que seja tarefa específica da mãe?
 - O que você acha que seja tarefa específica do pai?

- Você vivenciou isso enquanto filha e enquanto mãe?
- Você tem alguém que considera um modelo de mãe? Como é essa pessoa?
- Como é educar menina? E menino?
- Como orienta suas filhas com relação à maternidade?
- Como orienta seus filhos com relação à paternidade?
- Sobre a rotina:
 - Como você concilia trabalho e maternidade?
 - Nas tarefas de casa você conta com a colaboração de alguém? Quem? Como se dá a divisão das tarefas?
 - Como é a sua rotina?
 - O que você faz nas horas livres?
- Sobre raça e classe:
 - Você se incomoda em ser negra?
 - Sente-se discriminada? Em que momento?
 - Gostaria de não ser negra? Por quê?
 - E quanto a morar na periferia? Como ficam essas mesmas questões?
 - Como é ser mulher, mãe, negra, na periferia?
- Sobre passado, presente e futuro?
 - Quando você olha para trás, se arrepende de alguma coisa? O quê?
 - E do que você se orgulha?
 - O que você mudaria na sua vida? Por quê?
 - Quais são seus planos?
- Gostaria de dizer mais alguma coisa?